ÍGOR LOPES

Luso-brasilidade musical

A influência da música
na ligação entre Brasil e Portugal

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

©Nuno Lages

Ígor Lopes é jornalista, escritor e *social media* entre Brasil e Portugal. CEO da Agência Incomparáveis, que atua na aproximação entre Brasil e Portugal — União Europeia e Mercosul, coordenador de redação do *Gazeta Lusófona* (Suíça), jornalista da agência e-Global (Lisboa), editor do *site 9idazoresnews* (Açores), professor convidado de MBA em *Hard News* — FACHA (Brasil), correspondente do programa *Assim é Portugal* e colunista da *Revista do Villa* e do jornal *Voz de Portugal*.

É doutorando em Ciências da Comunicação — Universidade da Beira Interior (Portugal), mestre em Comunicação e Jornalismo — Universidade de Coimbra (Portugal), especialista em Gestão de Redes Sociais e Comunidades — Universidade de Guadalajara (México), especialista em Princípios da Comunicação Mediática Contemporânea — Universidade de Santiago de Compostela (Espanha) e graduado em Comunicação Social — Jornalismo — Faculdades Integradas Hélio Alonso — FACHA (Brasil).

Vim para o Brasil ainda adolescente e estou convencido de que a musicalidade marcou profundamente a vida de pessoas que emigraram cedo para estas paragens. Ouvir a música portuguesa no Brasil, para mim, era uma forma de diminuir a saudade de minhas raízes, e entendo que nossos irmãos de Portugal deram corpo à afirmação do poeta: "Cantando espalharei por toda parte, se a tanto me ajudar o engenho e arte…".

E foi isso que tantos fizeram ao longo do tempo, seja por meio de letras e canções, seja de maneira mais forte ainda, influenciando também neste país a música local. Portanto, são fundamentais a presença e a passagem no Brasil de cantores como Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Maria Alcina, Roberto Leal, António Campos e tantos outros.

Os cantares ao desafio de origem lusitana foram passados para a cultura musical brasileira, e notamos essa presença no repente, essa forma tão bonita de cantar. Mas há outras formas de interação com a música, como no folclore gaúcho, no qual encontramos danças e cantos de que são exemplos aqueles oriundos dos Açores. E assim conseguimos ouvir no Brasil o fandango ou chamarrita.

A aproximação entre os dois países foi fortificada pela literatura, pela poesia, pela música, e as pessoas que citei deram um extraordinário testemunho de luso-brasilidade e de interação entre as culturas. Não me esqueci jamais dos cânticos da música do folclore, porque ele fala da alma da gente, e meu testemunho é para dizer sobre a importância, hoje, recíproca entre os dois países em nossa música, e a influência de nossos irmãos e antepassados que tanto contribuíram para essa mesma cultura comum que nos orgulha.

Alcides Martins

Subprocurador-geral da República Federativa do Brasil — português, natural de Vale de Cambra — distrito de Aveiro

Luso-brasilidade musical

Presidente da República
Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo
Carlos Alberto Gomes de Brito

Secretário Especial da Cultura
Hélio Ferraz de Oliveira

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — Funarte
Presidente
Tamoio Athayde Marcondes

Diretor Executivo
Marcelo Nery Costa

Diretor do Centro de Programas Integrados
Zé Alex

Gerente de Edições substituto
Carlos Eduardo Drummond

Para adquirir nossas publicações, envie e-mail para a
Livraria Mário de Andrade: livraria@funarte.gov.br

Alguns de nossos títulos estão disponíveis para download gratuito:
https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/edicoes-1

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

ÍGOR LOPES

Luso-brasilidade musical

A influência da música
na ligação entre Brasil e Portugal

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Equipe de Edições
Cristiane Marinho
Gilmar Mirandola
Júlio Machado
Maria José de Sant'Anna
Rosilene Alves da Rocha

Preparação de originais
BR75 | Aline Canejo

Projeto gráfico de capa
BR75 | Raquel Soares

Projeto gráfico de miolo
BR75 | Catia Soderi

Diagramação
BR75 | Catia Soderi

Revisão
BR75 | Valéria Prest e
André Sequeira

As imagens utilizadas são do autor deste livro ou foram cedidas pelos entrevistados e pelas instituições e entidades consultadas. Houve autorização prévia, e citaram-se as fontes e os devidos créditos. Há ainda material proveniente de divulgação por parte da imprensa e de assessorias de comunicação, além de imagens de domínio público.

Texto fixado conforme Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, preservando a forma escrita em Portugal e no Brasil, de acordo com o formato da citação dos entrevistados e das fontes consultadas. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização. As informações disponíveis não poderão ser apropriadas ou estocadas em sistema de banco de dados sem autorização. Trabalho concebido no formato livro-reportagem. Este projeto jornalístico baseia-se na livre criação artística e utiliza informações e imagens históricas de conhecimento e domínio públicos. Tem também como fundamento dados apurados com as fontes citadas, bem como informações da imprensa e documentos, utilizados de forma editada, além de entrevistas jornalísticas e pesquisas. As informações e opiniões contidas neste livro, fruto de entrevistas, depoimentos e apuração jornalística, são de inteira responsabilidade dos entrevistados e dos detentores dos dados publicados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Funarte/Coordenação de Documentação e Pesquisa

Lopes, Igor.
Luso-brasilidade musical: a influência da música na ligação entre Brasil e Portugal / Ígor Lopes . – Rio de Janeiro : FUNARTE, 2022.
256 p.

ISBN 978-65-5845-011-5

1. Música – Brasil – História e crítica. 2. Música – Portugal – História e crítica. I. Título

CDD 780.9469

Copyright © Funarte
Todos os direitos reservados.
Fundação Nacional de Artes — Funarte
Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911
Rio de Janeiro — RJ | livraria@funarte.gov.br
www.funarte.gov.br

Sumário

Prefácio.....9
Ricardo Cravo Albin

Mensagem do governo de Portugal.....15
Paulo Cafôfo

Espírito de cooperação cultural e musical.....17
Tomada 1 — Um show de fados no Rio de Janeiro, 19
Tomada 2 — "Portuguesando" no samba, 20
Tomada 3 — Evento de grandes dimensões com cantores do Brasil e de Portugal, 21
Tomada 4 — Sucesso imediato. O apelo de um refrão, 22

Influências marcantes 23
Quando vivemos a luso-brasilidade, 23

O poder do movimento associativo no Rio de Janeiro.....26
Percepção coletiva, 26
O papel das entidades regionais, 27
Um pedaço de Portugal no Rio de Janeiro, 27
Passado em evidência, 29
Problemas com a pandemia de covid-19, 46
E o caminho inverso?, 47
Trabalho valioso, 48
Folclore como tema central, 55

A cultura portuguesa no Brasil e no Rio de Janeiro — ontem e hoje.....56
João de Deus

Nomes que nos "soam" 61

Experienciáveis 66
Irmãos, sobrinhos, estrangeiros e únicos, 66
Dr. José Ricardo Carvalheiro

Impressões "indigitáveis": passado e futuro.....71

A escassez da divulgação da música portuguesa no Brasil..... 123
Sem desvios, 134

"A música atravessou o Atlântico" 137
José Andrade

Em defesa do fado 139

As guitarras, 140
"Sobrei eu para contar a história", 140
Fado vivo em São Paulo, 145

Memórias de uma pesquisadora: pesquisas fadistas..... 151
Thais Matarazzo
Saraus, 155
Coletividades luso-paulistas, 156
Fado Vadio, 157
Festas particulares, 158
Restaurantes típicos, 158

É Leal, é musical, era Roberto! 167

Rei "coroado", 177
Tocando juntos, 179

Os vilacetes populares 182
A música sacroprofana 186
João Morgado
A Corte portuguesa e a explosão musical em vários ritmos, 189

Alcino Correia: o homem do "Coração em desalinho"....193

O "encontro com o Brasil", 196
A estreia no samba, 199
Encontros de peso, 200
O segredo de uma boa parceria, 201
A carreira, 202
Os maiores sucessos, 203

A "Toca do Rato", 204
O samba em Portugal, 205
O regresso que nunca aconteceu, 205
A família e os amigos, 206
"Desalinho" total, 210
Recortes, 212
Reconhecimento, 212

De profissional para profissional 215
"Saudades do Brasil em Portugal" — relações musicais luso-brasileiras na opinião de Lopes-Graça e na análise de Castagna 223
Adélio Amaro

Por Carmen, um turbante e as canções 229
Um pouco de história, 230

Quando achamos que está tudo explicado... 235

Luso-afetividades musicais 239

"Talvez nunca tenha pensado em Portugal para concretizar este sonho de viajar através da música" 239
Bernardo Barreiros Cardoso

A música como elemento de integração e relações entre Brasil e Portugal 240
Luiz Nilton Corrêa

"Além de nossa irmandade" 243
Úrsula Corona

Tornando nosso mundo um pouco mais alegre 244
Manuel Magno

Ígor Lopes: o jornalista que utiliza as palavras para unir portugueses e brasileiros 246
Patrícia Carreiro

Agradecimentos, 249
Bibliografia, 251

Prefácio

Sempre considerei um tanto tímidas as contribuições dos estudiosos e historiadores para bem aparelhar o relacionamento e as interinfluências musicais entre Brasil e Portugal. Que não são, como se costuma dizer, países-irmãos. O apropriado historicamente, acho eu, seria nomeá-los com o relacionamento de pai e filho. A partir deste livro, Ígor Lopes supre lacuna ainda mais extensa, porque discorre sobre o papel da música na aproximação entre os dois países, e também reafirma os laços de amizade entre ambos.

Como sempre fui apaixonado pela cidade de Lisboa — que visito preferencialmente quando estou na Europa — e pelo seu braço musical mais ativo em meu coração, o velho fado, fico muito à vontade para declarar, de pronto, tanto meu apoio à realização do Ígor Lopes quanto meu enorme prazer de a ele me agregar neste prefácio.

Nosso imenso território foi colonizado pelos portugueses ao longo de 322 anos, o que implica necessariamente a transposição da cultura da metrópole para as Terras de Santa Cruz, logo batizadas com o nome de Brasil. O número de colonos de Portugal cresceu no século XVIII, época (invejada por toda a Europa) de nosso Ciclo do Ouro. Em 1808, nota-se um fator decisivo para a intimidade umbilical entre os dois países: a Corte de dom João VI fixa-se no Rio de Janeiro, o primeiro reino na América do Sul, a partir do Reino Unido de Portugal, Brasil

e Algarves. Esse evento capital para ambos os países assinala os rufares remotos da Independência do Brasil, cujos 200 anos se comemoram neste 2022, com saudações devidas ao nosso herói Pedro I, logo depois Pedro IV de Portugal.

O primeiro laço de fundamento musical do Brasil com Portugal e vice-versa? A obra do até então inesperado compositor Pedro de Alcântara, nosso Emancipador, aluno dileto do abissal compositor mulato padre José Maurício Nunes Garcia, cujo talento de imediato encantou a Corte portuguesa e seu príncipe regente, dom João VI.

Em atenção direta aos objetivos principais dos estudos expostos por Ígor neste livro, cabe-me assinalar que as duas festas musicais mais importantes do Brasil, o Carnaval e os folguedos juninos, foram introduzidas pelo nosso "avozinho", como o repórter e reconhecido letrista da MPB David Nasser se referia carinhosamente a Portugal, ao Pai Portugal. Observa-se aqui a capacidade do brasileiro de lhe retirar a eventual sisudez nos eventos de origem europeia e/ou medievais. Afinal, a fundamentação do comportamento dos brasileiros decorre de origens tão apropriadas a país jovem, literalmente miscigêneo, com fortíssimas heranças anímicas e temperamentais dos negros escravizados vindos d'África, além dos povos que habitavam nossas terras, os indígenas plasmados em território tão vasto por milhares de anos imemoriais.

Ao lado do Carnaval e aos folguedos juninos, ambas as festas produtoras de farta e extensa música popular, importa citar aqui várias referências folclóricas de essência na alma brasileira interiorana, como as cavalhadas, o bumba meu boi, o fandango e a farra do boi. Ainda no folclore brasileiro, quase sempre acolitado por música própria, devo mencionar a crença em seus fantásticos mitos, como a cuca, o bicho-papão e o lobisomem, além de lendas e jogos infantis como as necessárias cantigas de roda.

De maneira mais ampla, a sedimentação cultural portuguesa foi responsável pela introdução, desde o Brasil Colônia, dos grandes movimentos artísticos espalhados por toda a Europa: Renascimento, Maneirismo, Barroco, Rococó ou Classicismo.

Ninguém traçou ainda, em tão primorosa síntese, o conceito de nossa continuidade histórica como o ministro Oswaldo Aranha, estadista de escol, conselheiro de Getúlio Vargas e até hoje venerado no

Estado de Israel como defensor da criação do Estado judeu, na Assembleia das Nações Unidas, em representação do Brasil. A Aranha, devemos a lição de nacionalismo inteligente contida em seu célebre discurso de 10 de junho de 1940, que fixa, impecavelmente, o pensamento culto do Brasil:

> O povo que pretendesse orgulhosamente bastar-se a si mesmo, desprezando as tradições comuns com outros povos, faltaria ao mais elementar dever de lealdade em relação ao passado, e negaria a razão mesma do progresso, que pressupõe continuidade, pois toda a conquista não é senão o desdobramento de um esforço comum e conjugado de homens ou de povos.
>
> É essa a razão pela qual cada raça representa uma forma do espírito humano, uma contribuição do seu pensamento, da sua ação e das suas conquistas para a formação dos povos e do progresso da humanidade.
>
> É essa razão mesma da continuidade histórica dos povos.
>
> É por isso que os seres humanos, embora diversos por tantas maneiras, apresentam traços comuns de unidade, que são resultado e a síntese da consciência racional e social.
>
> Ser brasileiro significa, pois, ter sido português e cada vez mais português.
>
> Os povos são o que foram suas ações, o que são suas ideias e o que serão suas necessidades.
>
> Ser português quer dizer a redução dos romanos, a luta contra os mouros, a guerra contra os infiéis, a Independência, a Restauração; transformando a "pequena casa lusitana" em nação mater de continentes; ser português significa passar o Equador, dobrar o cabo da Boa Esperança, chegar às Índias, abrir as portas do Pacífico, enfim, encher uma era de descobertas, de conquistas, de grandezas, de novos mundos; ser português é lavrar a terra, os mares, batalhar, sofrer, descobrir e povoar, sorrir e cantar, construir um império imenso e na hora de desfalecer com o seu rei nos areais africanos, num por de sol encandecido de sangue e de dor, de desesperança e de lágrimas, ressurgir na época fremente e audaz da Restauração, com novos generais, novos políticos e até novos reis; ser português é ser forte, abnegado e trabalhador; é ser herói por todos os cantos

> da terra e distâncias dos mares; é ser criador de heróis anônimos e de santos plebeus e pobrezinhos que guardam ovelhas, semeiam terras, dormem nos eirados, e falam com os anjos; é ser cândido e cristão, amoroso, meigo e melancólico, impregnado da natureza e de Deus; é ter sido o Condestável, o Infante descobridor, o Infante mártir, Nuno Gonçalves e Fernão Lopes, Bartolomeu Dias e dom João II, Gama e Camões, São Francisco Xavier e Cabral, Magalhães e Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Soror Mariana, Pombal, dom João VI, Pedro I; ser português é tudo isso, e, para nós, mais a descoberta e a colonização, a língua, a lei, a casa, a família, a sociedade, a religião, a pátria; enfim, o vosso, o nosso Brasil.
>
> Ser brasileiro quer dizer tudo isso e mais as bandeiras, a Independência, o Império, a República, este vasto país de quase 200 milhões, falando a língua portuguesa, crescendo e multiplicando-se na sua unidade portuguesa, enriquecendo a raça e tradição portuguesas, profundamente cristão na sua maneira de ser e pacífico nas suas aspirações, tendo a consciência da sua força e da sua grandeza e, acima de tudo, irredutível em sua fidelidade a essas origens, amigo de todos os povos mas filho de Portugal.[1]

Quando o Brasil retoma a própria consciência, eleva o grau de sua instrução, esforça-se por restaurar sua cultura e torná-la digna de suas origens, voltamos ao intenso exame dos problemas históricos, de nossa arte tradicional, de nossas fontes de vida individuais e sociais.

A chamada diversidade da música popular brasileira deve muitíssimo às músicas tradicionais portuguesas. O fado, por exemplo, segmento de pura arte musical herdada dos mouros, com seu lamento e seu ar desesperador, conquistou todo o mundo.

Por aqui, o Rio Grande do Sul guarda o que os emigrantes açorianos trouxeram, como as danças gaúchas e a chula, nas quais quase sempre o ritmo alternando-se com os pulinhos é o mesmo das origens portuguesas plantadas lá atrás, com muitos séculos de sedimentação. Ainda de origem açoriana é a chimarrita, como também o fandango, a lembrar um Portugal medieval ou renascentista.

---

[1] Discurso escrito por Oswaldo Aranha no dia 10 de junho de 1940.

No Rio de Janeiro, capital do Brasil, a partir da época ou era do rádio e do disco, nos anos 1930, as composições mais românticas sempre tiveram uma pegada das canções portuguesas. Não à toa, a deusa da canção portuguesa Amália Rodrigues era recebida quase anualmente para temporadas no Brasil. A este prefaciador, apraz muitíssimo declinar a idolatria pessoal que sempre nutriu por Amália, pelo fado. Em especial sua liberdade tanto a receber nos anos 1960 em diante quanto o recepcionar intérpretes portugueses que aportam à minha cidade de paixão e moradia, o Rio de Janeiro. De Amália, por exemplo, colecionei paciente e regaladamente todas, ou quase todas, as gravações, desde os velhos 78 RPM aos elepês gravados em Portugal e no mundo.

Acode-me com emoção evocar que compareci a todas as estreias da diva na casa de shows Canecão, no Rio, onde sempre me acompanhava a cantora Elizeth Cardoso e a cronista Eneida de Moraes — e, por vezes, até meu amigo Vinicius de Moraes. Certa noite, saímos do Canecão para espichada noite no restaurante dos artistas, o Fiorentina, plantado no final da praia de Copacabana, no Leme. Lembro-me de que Amália, depois de todos ingerirmos várias garrafas de bom vinho português, manifestou subitamente estranho desejo: atravessar a rua para simplesmente molhar os dedinhos do pé no mar. Fomos todos. E ocorreu um clarão, como que provocado pelo inesperado banho dos pés da cantora. Ela inesperadamente cantou "Nem às paredes confesso", música preferida por mim e Elizeth. Ainda em lágrimas, em meio à solidão e ao lusco-fusco da praia, Elizeth tomou-lhe as mãos depois de lhe beijar os pés molhados e entoou "Eu sei que vou te amar", o clássico de Tom e Vinicius. Foi para mim o ponto culminante da conjunção de amor, afeto e admiração das músicas que poderiam unir a emoção mais aguda entre Brasil e Portugal.

Ricardo Cravo Albin
Presidente do Instituto Cultural Cravo Albin — Rio de Janeiro
Presidente do PEN Clube do Brasil

Mensagem do governo de Portugal

Inicialmente, gostaria de dizer que tenho um carinho muito especial pelo Brasil e pelos brasileiros, pois, além de termos uma grande comunidade portuguesa no Brasil, tenho primos e tios que vivem em São Paulo. Portanto, o Brasil sempre fez parte das minhas relações familiares e, consequentemente, da minha vida.

As relações entre Brasil e Portugal sempre foram excelentes, pois são incontornáveis os laços históricos e de amizade que unem os dois países. Entretanto, em relação às áreas econômicas e culturais, deveria haver maior interação e intercâmbio. Os dois países têm muito em comum, a começar por partilhar grande parte de suas histórias e em relação à língua que falamos.

Como secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, com responsabilidade no ensino do português no estrangeiro, por meio do Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, tive muita satisfação por termos celebrado em 5 maio de 2022 o Dia da Língua Portuguesa, com 142 atividades em 52 países, entre os quais o Brasil. A língua portuguesa é um orgulho partilhado por 260 milhões de pessoas em cinco continentes. Estima-se que, em 2050, serão quase 400 milhões de pessoas e, em 2100, mais de 500 milhões de falantes desse idioma, segundo previsões das Nações Unidas.

Atualmente, o português está entre as cinco línguas mais faladas no mundo e entre as cinco mais usadas pelos internautas. Tais números são possíveis graças ao Brasil, pois a língua portuguesa assume a liderança como o idioma mais falado no Hemisfério Sul.

Existe também uma herança cultural que une Portugal ao Brasil e a todos os povos que formaram este grande país, bem como em relação aos valores comuns que unem os dois países, como a amizade, a tolerância, a igualdade e a democracia. Ainda há de se considerar que, através de uma língua comum e de valores partilhados, temos um potencial econômico enorme e uma margem de crescimento geradora de oportunidades, considerando a grande riqueza cultural a ser explorada nessa relação, desde a música, passando pelo cinema, pela televisão, pela literatura, pelo conhecimento, pela investigação, pela criatividade e pela inovação.

Por fim, gostaria de saudar a todas e a todos os nossos valorosos compatriotas que ajudaram a construir este maravilhoso país, por meio de muito trabalho, muita honestidade e muita determinação, características estas da Diáspora portuguesa.

Paulo Cafôfo
Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas
Governo de Portugal

Espírito de cooperação cultural e musical

Ilustração de Mariana Ribeiro, portuguesa e *designer* gráfica industrial.

Brasil e Portugal contam com ligações históricas, sim. Mantêm um legado que é necessário alimentar a cada dia, e é exatamente este um dos papéis da emigração. Tanto os portugueses que vivem no Brasil quanto os brasileiros que vivem em Portugal têm um legado e uma imagem a defender. O combate comum é contra a saudade que sentem de seus países.

Deixadas de lado todas as diferenças possíveis, o fato de serem países-irmãos deve ser valorizado. E é este o papel deste livro-reportagem, que vai explicar, com a ajuda de dados concretos e com o auxílio da percepção de cada entrevistado, como a música e a sonoridade uniram e ainda unem os dois países.

Fado, samba, canções populares, cantores, compositores... Visitamos um pouco de cada mundo para demonstrar como essas duas nações dialogam no campo musical, que nomes são mais "cintilantes" nesse meio e o que podemos esperar do futuro. Será possível ainda conhecer um pouco mais alguns nomes, famosos ou não, que carregam no peito uma nacionalidade e abrem espaço na alma para amarem seu país de acolhimento, o local onde hoje vivem.

Alguns "atores" recebem aqui atenção especial, não por preferência, mas porque ficaram marcados na história e são hoje pontos assentes na aproximação Brasil-Portugal, como a fadista Maria Alcina, o cantor Roberto Leal, o compositor Alcino Correia (ou Ratinho) e a atriz e cantora Carmen Miranda. Mas não é só. Será trazida à tona a importância do movimento associativo português no Brasil e vice-versa e os casos mais marcantes. Foram entrevistados ainda brasileiros, portugueses e luso-brasileiros que, academicamente ou de forma autoetnográfica, vivenciam a conexão entre os dois países através da musicalidade e falam sobre ela. É a tal luso-brasilidade, que tanto defendemos, sendo esquematizada, tratada, abraçada, organizada em capítulos, agora, sonoros no papel, como se de uma partitura moral se tratasse.

Ficarão lacunas, decididamente. O tema é demasiado profundo para se tratar em pequenos "acordes" ou de forma mais intempestiva. Do antigo ao contemporâneo, do religioso ao profano, do sucesso ao anonimato. Iniciaremos esta viagem "sonora, sensorial e de afetos", porque é disso que é feita a ligação Brasil-Portugal em todos os níveis, com quatro momentos que foram por nós presenciados nos últimos anos e que são bons exemplos, ou símbolos possíveis, desse formato "melódico" que nos une, que nos aproxima e que nos move enquanto cidadãos de uma só nação: a luso-brasileira, que contém uma cultura muito própria e única, a luso-brasilidade. São resquícios necessários para um país que celebra 200 anos de Independência em 2022.

Tomada 1 — Um show de fados no Rio de Janeiro

A fadista Maria Alcina em concentração nos bastidores antes de uma apresentação.

2016. Imperator — Centro Cultural João Nogueira, Rio de Janeiro. A fadista portuguesa Maria Alcina, radicada há cerca de 60 anos no Brasil, aguarda ansiosa para entrar em cena. Na plateia, uma multidão de cerca de 500 pessoas que espera para ver a cantora em palco, eternizando, uma vez mais, o fado através da interpretação de grandes composições. O público era composto por nomes de vulto da comunidade portuguesa carioca, membros de entidades religiosas, fãs da fadista e curiosos da cultura lusa.

Nos bastidores, Maria Alcina recebe o apoio do amigo e também cantor Márcio Gomes. Ela entra num estado letárgico, em que existe um misto de concentração, oração e preparo da voz. Ao sinal da produção, a cantora, que promove Portugal no Brasil há muitos anos, dá o ar da graça ao microfone, inicia um fado nostálgico e arranca aplausos dos espectadores.

Esse show aconteceu no âmbito do projeto Encontro com as Estrelas, a convite do artista Márcio Gomes, que abre espaço no Imperator para a atuação de grandes nomes da música. E a vez da Alcina havia chegado. Ela que já atuou em vários países, em várias cidades, em grandes palcos.

Dona de uma voz doce e potente, Maria Alcina é um dos grandes nomes "vivos" de Portugal no Brasil. Divulga, através da música, seu amor pelo país que a viu nascer. Não por acaso, Carlos do Carmo, um antigo fadista português dos mais respeitados, falecido em 2021, apelidou Maria Alcina de "Imperatriz do Fado", publicamente, durante um

Festival de Fado, na cidade das Artes, na Barra da Tijuca, na Cidade Maravilhosa, que reuniu, em 2015, outros nomes portugueses como Raquel Tavares, Mísia e Cuca Roseta.

"Foi tudo muito lindo. Me senti nas nuvens. Cantar no Imperator era um sonho e, com esse público enorme, alegre e maravilhoso, não poderia estar mais feliz", revelou Alcina, na altura, à imprensa luso-brasileira. Alcina deixou Castro Daire, em Portugal, e venceu no Brasil.

Tomada 2 — "Portuguesando" no samba

Alcino Correia, o Ratinho, na praia Vermelha, no Rio.

2009. Toca do Rato, bairro de Todos os Santos no Rio de Janeiro. Alcino Correia, português de nascença, apresenta-se nos fundos da sua casa com o melhor do samba, rodeado de músicos e compositores, conhecidos ou não. Alcino, falecido em 2010, era conhecido como Ratinho e sempre foi considerado um dos grandes compositores de samba de todos os tempos. O famoso cantor Zeca Pagodinho gravou duas canções que deram grande projeção a ambos e que caíram na boca do povo brasileiro: "Coração em desalinho" e "Vai vadiar". Sim, essas duas grandiosas canções têm uma pitada elegante de um português bem carioca.

Numa das oportunidades, Ratinho contou sobre sua vida, as vitórias, os momentos menos bons, as músicas que gravou e as que ficaram por gravar. Ratinho fazia composições vencedoras e que chegavam ao coração das pessoas. Pouca gente sabia que ele havia nascido do outro

lado do Atlântico, tal era sua vitalidade na música tradicional do Brasil, o samba. Na Toca do Rato, Alcino Correia recebia também muitos fãs e admiradores deste gênero musical, gente que visitava o local para ver de perto os grandes compositores que deixavam um rastro de nostalgia nas rádios, na televisão.

Alcino Correia partiu sem retornar ao seu país natal, sem ser merecidamente homenageado em Portugal. No Brasil, era conhecido, respeitado, procurado. Várias reportagens mencionavam que havia "um português no samba".

Tomada 3 — Evento de grandes dimensões com cantores do Brasil e de Portugal

Parque da Bela Vista, em Lisboa, em 2022.

2004. Lisboa. A capital portuguesa recebia a primeira edição do Rock in Rio Lisboa. No cartaz, uma grande união musical entre Brasil e Portugal, além de um grande número de bandas internacionais. No local, brasileiros, portugueses e muitos turistas aproveitavam o evento e a facilidade da musicalidade para se comunicar e trocar experiências.

Entre as atrações estavam os brasileiros Gilberto Gil, Charlie Brown Jr. e a banda Sepultura, entre outros. Mas os dois nomes provenientes do Brasil mais aguardados eram Daniela Mercury e Ivete Sangalo, que, até hoje, ocupam um lugar de destaque na preferência dos portugueses.

No *backstage*, Daniela e Ivete eram cercadas pelas suas produções, enquanto o público, composto por milhares de pessoas, gritava seus nomes. Em palco, não houve decepção. As duas realizaram, em

seus respectivos dias, ótimas apresentações, bem avaliadas pelos críticos, e mencionaram, vezes sem fim, o nome do Brasil e a ligação necessária com Portugal, sobretudo em virtude da língua em comum.

Por meio desse festival, tradicional no Brasil e que já contabiliza nove edições em Lisboa, os dois países trocam experiências reais e valiosas do ponto de vista social, comportamental, cultural e musical. E que maravilha é ver uma multidão estrangeira elogiando a arte e a música brasileiras!

Tomada 4 — Sucesso imediato. O apelo de um refrão

2022. Ilha da Madeira, Portugal. Durante o programa de TV dominical *Somos Portugal*, do canal de TV luso TVI, um dos mais assistidos no país, toca a música "Acorda, Pedrinho", da então desconhecida banda brasileira Jovem Dionísio, no âmbito de uma emissão especial da Região Autônoma da Madeira, um dos dois arquipélagos portugueses, localizado a mais de 940 quilômetros da costa de Portugal continental.

Nessa emissão, foi possível ver que o público português consome a música brasileira muito rapidamente. Em coro, o público e os apresentadores, mesmo sem a presença da banda, cantavam de cor a letra e já sabiam o ritmo que embalaria o verão europeu em 2022. "Acorda, Pedrinho" havia estourado nas paradas de sucesso no Brasil havia poucos dias, tinha chegado à Europa com força e já estava conquistando espaço num dos programas de fim de semana de maior audiência em Portugal.

Influências marcantes

Estudiosos comentam que a música portuguesa surgiu com mais força nas bases, nas origens, por assim dizer, da música brasileira. Na segunda metade do século XX, a música brasileira ganhou uma força de tamanha independência, sobretudo por sua capacidade inventiva, em ritmos, letras, cantores e cantoras, que ampliou os sentidos de modo que deixou de carecer da influência portuguesa.

Todos esses aspectos, assim como outros, são importantes para a formação cultural do país, sobretudo nos últimos 200 anos, desde a proclamação da Independência. Atualmente, de acordo com nomes ligados ao mundo da música e da literatura no Brasil, "a música produzida e cantada no Brasil antes da Bossa Nova, aquela dos cantores operísticos, Vicente Celestino, Francisco Alves e outros, tem uma influência do fado, pois carrega uma carga emocional bem exacerbada".

Quando vivemos a luso-brasilidade

Brasileiros e portugueses mantêm laços históricos inegáveis, incontornáveis. Com o passar dos anos, os dois povos uniram-se. A afetividade tornou-se o aspecto central dessa conexão. Surge, assim, um conceito cada vez mais latente, abordado, defendido: a luso-brasilidade, uma "condição" capaz de traduzir a existência de um novo "povo" formado por brasileiros, portugueses, lusodescendentes e luso-brasileiros. As entidades culturais de raiz portuguesa no Rio de Janeiro ajudam a dar vida a essa característica tão única. E são muitos os exemplos que testemunham essa "comunhão". A cultura, a gastronomia, a língua portuguesa, mas também a música. Sim. Rimas, estrofes, versos, cantigas, cantores e bailadores movimentam o cenário promotor da conexão entre Brasil e Portugal, uma ligação que ainda hoje é tema de discussões que procuram apontar formas de possibilitar a integração cultural entre essas duas nações.

Certo é que, embora haja contornos e diferenciais concretos em vários níveis nas questões sociais e econômicas entre ambos os países,

as conexões culturais e as trocas, incluindo as musicais, tendem a crescer e são, atualmente, um bem precioso para suas populações. Festivais, eventos, iniciativas, projetos e apresentações isoladas são sempre utilizados para mostrar que brasileiros e portugueses são "musicais", combinam. É o famoso *match* sem a necessidade de aplicativos. E por que não?

No livro *De pai para filho:* imigrantes portugueses no Rio de Janeiro,[2] pode-se verificar que há conexões musicais importantes e históricas entre as duas nações-irmãs:

> Estilos musicais como o fado e o flamenco tiveram origem em ritmos e instrumentos mouros. Diz-se que do alaúde árabe derivam-se o violão, o bandolim e o cavaquinho, depois trazidos ao Brasil pelos portugueses. Até mesmo o canto improvisado dos repentistas e os versos da literatura de cordel brasileira teriam essa origem, aqui chegando através de músicos e poetas portugueses. Entre os colonizadores e, mais tarde, os emigrantes, vieram de Portugal anônimos menestréis e trovadores que traziam em sua arte a influência moura e deram origem à cantoria de viola tipicamente brasileira. Outros traços culturais ficaram enraizados em muitas expressões do folclore brasileiro, a começar pela representação da luta de mouros e cristãos, relembrando as comemorações dos portugueses após a reconquista de cada cidade. Depois de derrotar um forte contingente mouro na sangrenta batalha de Ourique, em 1139, dom Afonso Henriques tornou-se o primeiro rei de Portugal. O reconhecimento da independência, pelo Reino de Leão e de Castela, chegou somente em 1143, mas Afonso I já cuidava de ampliar o território português, combate após combate, aproveitando o motivo de empurrar infiéis de volta às suas terras de origem. A reconquista de Lisboa, em 1147, consolida o nascimento da nação portuguesa. [...]
>
> A fama do "Zé Pereira"[3] consolidou-se em 1869, quando foi tema de uma revista musical que associava os grupos Carnavalescos das

[2] Organização de Mozart Vítor Serra e Carlos Alberto Rabaça. Textos de Silvio Roberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa.

[3] "Zé Pereira" era o nome que os grandes tambores tinham no Norte de Portugal.

ruas do Rio de Janeiro com um sucesso teatral europeu. Os versos da canção-título da peça francesa *Les pompiers de Nanterre*, adaptados para o Carnaval carioca, eram repetidos...

Anos antes da fundação da Rádio Nacional, o sucesso de artistas portugueses no rádio chegou a influenciar a música popular brasileira. O jovem carioca Jacob Pick Bittencourt costumava passar na loja de instrumentos musicais Casa Silva, onde ficava dedilhando violões e bandolins. Ali estava numa tarde de 1943, quando foi abordado por um famoso intérprete de guitarra portuguesa, Antônio Rodrigues, que o convidou para tocar com ele no programa "*Horas Luzo-brasileiras*, na Rádio Educadora, e no Clube Ginástico Português. Durante algum tempo, a convivência com músicos e cantores portugueses que viviam no Rio de Janeiro deu um certo sotaque de fado ao estilo de Jacob do Bandolim, um dos maiores criadores e intérpretes do chorinho, ritmo típico do Brasil".[4]

[4] *De pai para filho*: imigrantes portugueses no Rio de Janeiro. Organização de Mozart Vítor Serra e Carlos Alberto Rabaça. Textos de Silvio Roberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa.

O poder do movimento associativo no Rio de Janeiro

Uma das formas mais bem-sucedidas para se defender e promover qualitativamente a ligação entre Brasil e Portugal acontece no campo afetivo, onde gerações procuram conexões humanas entre o passado e o presente de sua família. Hoje, é necessária essa integração e é cada vez mais visível que o que sentimos move nossa razão, faz-nos olhar para os dois lados do oceano de forma diferente, mas com perspectivas sentimentais assertivas e claras. Somos quase um só povo. Vivemos a luso-brasilidade. Existe um paradoxo intrínseco nesse sentimento íntimo que só vai no peito de brasileiros e portugueses que chegam ao topo da "montanha" e descobrem que, afinal, são uma só voz.

Percepção coletiva

A música, ou as canções populares, ajudaram a celebrar esse casamento. Foi por meio de cantores portugueses que atuavam no Brasil, desde meados do século XX, que os brasileiros conheceram a sonoridade do chamado sotaque português, as expressões características. Muitos nomes portugueses fizeram sucesso no Brasil, como Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Maria Alcina fadista, Roberto Leal, Manuel Monteiro e Francisco José, entre outros. No lado contrário, nomes como Fafá de Belém, Ivan Lins e Sandra de Sá, entre muitos outros, desbravaram Portugal e cantavam para acalmar os corações dos brasileiros emigrados na Europa. Enquanto isso, o lusitano que escolheu o Brasil para viver ensinou à "trupe" local o valor e a nostalgia do fado, a irreverência da desgarrada e o colorido das saias rodadas do folclore português.

No início de todo esse movimento, não eram os grandes palcos que acolhiam tais artistas, muitos ainda desconhecidos do grande público. Era nas instalações das entidades regionais portuguesas no Brasil que a mágica acontecia, que o som ecoava.

Tendo como foco, nesse momento, o movimento associativo português no Estado do Rio de Janeiro, pode-se dizer que muitas casas regionais foram capazes de ajudar na promoção, na divulgação e na perpetuação da cultura musical dos dois países, além de alimentarem a ligação genuína entre Brasil e Portugal, entre o passado e o futuro.

O papel das entidades regionais

Um dos principais eixos que norteiam a conexão afetiva e cultural entre nações são as entidades que, nos países de acolhimento, promovem a cultura das origens de suas raízes. No caso concreto luso-brasileiro, as casas portuguesas no Estado do Rio de Janeiro desenvolvem um papel fundamental na forma como brasileiros e lusodescendentes enxergam Portugal e suas tradições desde a América do Sul.

Em termos bem definidos, trataremos, a partir deste ponto, de ressaltar as principais casas portuguesas no Estado fluminense, tendo como critério as que concentram, ao longo do ano, o maior número de frequentadores, portugueses ou não, amantes da cultura portuguesa ou apenas curiosos. Está excluído aqui o período em que a pandemia de covid-19 afastou o público dessas entidades, pois tais dados não contribuem para a real percepção do valor do trabalho desenvolvido.

Um pedaço de Portugal no Rio de Janeiro

Desde já, importa frisar que todas as casas portuguesas no Rio de Janeiro, com raríssimas exceções, desempenham funções de promoção cultural lusa, como atividades esportivas, eventos sociais e encontros culturais, e interagem com o público por meio dos ranchos folclóricos, que chegam a ter apresentações nos dois países, apesar de contarem com integrantes que, por vezes, não têm nenhuma ligação com Portugal. A força do movimento associativo luso no Rio é prova de que a integração Brasil-Portugal está presente e auxilia na chamada luso-brasilidade.

Três entidades muito respeitadas no Rio são o Real Gabinete Português de Leitura (1837), o Liceu Literário Português (1868) e a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros Dom Pedro V (1868), que, durante muitos anos, funcionaram de forma "isolada", não conectada em termos governamentais. Para que o governo português pudesse garantir que essas instituições renomadas não tivessem o futuro ameaçado em virtude das ações dos seus gestores, aconteceu, no dia 10 de dezembro de 2018, nas instalações do Liceu Literário Português no Rio de Janeiro, a apresentação pública da Associação Luís de Camões (ALC), constituída a 14 de maio desse mesmo ano. Fundada pelo Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P., e por três instituições históricas de raiz portuguesa no Rio de Janeiro — Real Gabinete Português de Leitura, Liceu Literário Português e Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros Dom Pedro V —, a ALC tem o objetivo de "zelar pela proteção, preservação e valorização do patrimônio material e imaterial que compõem o acervo cultural, social, educacional e histórico lusitano" agregado às três instituições brasileiras.

No discurso de apresentação da ALC, o então presidente do Camões I. P., Luís Faro Ramos, hoje embaixador de Portugal no Brasil, destacou os propósitos da Associação: a agilidade com que ela se concretizou desde os primeiros contatos estabelecidos em 2016, tendo em vista a apresentação da ideia por Francisco Gomes da Costa, presidente dos três Associados Fundadores Brasileiros, ao então secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro; sua constituição legal a 14 de maio de 2018; e a apresentação pública, a 10 de dezembro de 2018.

Do lado de Portugal, além do presidente do Camões, I. P., estiveram presentes no evento o então cônsul-geral de Portugal no Rio de Janeiro, Jaime Leitão, a diretora institucional e representante do Camões, I. P., na ALC, Teresa Macedo, e a conselheira cultural da Embaixada de Portugal em Brasília, Alexandra Pinho.

Cada umas das três instituições desenvolve um trabalho diferente na manutenção do legado do nome de Portugal no Brasil. E também em algumas dessas entidades a música ganhou espaço, por diversos momentos, com apresentações e a disponibilização de locais para que artistas, músicos, cantores e grupo folclóricos pudessem mostrar seu valor e destacar seu trabalho.

Passado em evidência

Real Gabinete Português de Leitura: em 14 de maio de 1837, um grupo de 43 imigrantes portugueses no Rio de Janeiro — e deve-se sublinhar que isso ocorreu somente 15 anos depois da Independência do Brasil — reuniu-se na casa do doutor António José Coelho Lousada, na antiga rua Direita (hoje rua Primeiro de Março), 20, e resolveu criar uma biblioteca para ampliar os conhecimentos dos seus sócios e dar a oportunidade aos portugueses residentes na então capital do Império de ilustrar seu espírito. Entre esses homens, em sua maioria comerciantes da praça, estavam alguns que haviam sido perseguidos em Portugal pelo absolutismo e que tinham emigrado para o Brasil. Era o caso de José Marcelino Rocha Cabral, advogado e jornalista, eleito primeiro presidente da instituição.

Seguindo o exemplo dos "gabinetes de leitura" de raiz portuguesa, e ainda na segunda metade do século XIX, surgiram, impulsionados pela maçonaria e pela república positivista, em várias cidades do interior do Estado de São Paulo, instituições semelhantes que também eram denominadas "gabinetes de leitura" e foram transformadas depois em bibliotecas municipais.

De acordo com o que foi possível explorar em termos históricos nos documentos da época, é por essa altura que os dirigentes começam a pensar em construir uma sede de maiores dimensões e condizente com a importância da instituição. Para tal fim, adquiriu-se um terreno na antiga rua da Lampadosa. E as comemorações do tricentenário da morte de Camões, em 1880, foram o grande pretexto para motivar a "colônia" portuguesa e levar adiante o projeto. Portugal atravessava crises medonhas: eram os déficits da Corte e a ameaça das grandes potências às colônias da África; eram as mazelas de uma sociedade que não reagia às críticas e farpas dos "vencidos da vida"; eram os "escândalos do tabaco" e as lutas dos partidos; eram os "cortejos do bacalhau" na "baixa" lisboeta para depreciar a Epopeia quinhentista; era a falta de interesse pelas ideias novas que vinham da Europa, a apatia do zé-povinho retratado nas caricaturas mordazes de Bordalo Pinheiro. O projeto escolhido foi o do arquiteto português Rafael da Silva Castro, com seu traço neomanuelino evocando a epopeia camoniana.

Em 1900, o Gabinete Português de Leitura transformou-se em uma biblioteca pública — qualquer um do povo podia ter acesso aos livros de sua biblioteca. Em 1931, foi realizado no Real Gabinete o primeiro Congresso dos Portugueses do Brasil, em que se procurou imprimir uma certa unidade aos movimentos da colônia, com a criação da Federação das Associações Portuguesas. Seu primeiro presidente foi Carlos Malheiro Dias, e mais 80 associações de todo o Brasil passam a ficar integradas ao organismo federativo que se torna, por "tácito consenso", o porta-voz das aspirações e dos anseios coletivos.

O Real Gabinete Português de Leitura conta também com um Centro de Estudos que tem como finalidade "a realização de cursos, conferências, palestras, congressos etc., bem como promover o intercâmbio e a colaboração com universidades e institutos culturais e artísticos do país e do exterior". Criado em 1969, na presidência de António Saldanha de Vasconcellos, mas tornado realidade por António Pedro Martins Rodrigues, seu primeiro diretor foi António Gomes da Costa e seu principal dinamizador, Francisco da Gama Lima. Seus quadros, desde sempre, foram formados por colaboradores que eram professores universitários nas áreas da literatura, história, antropologia, sociologia, artes etc. Em seu âmbito, funciona o Polo de Pesquisas Luso-brasileiras, criado pela professora Gilda Santos em 2001, e que reúne dezenas de professores e pesquisadores. E um detalhe: em 15 de março de 1935, pelo Decreto nº 25.134, o governo português concedeu ao Real Gabinete o benefício de "receber de todos os editores portugueses um exemplar das obras por eles impressas". Esse estatuto permite uma atualização permanente da biblioteca em termos do que se edita em Portugal.

Liceu Literário Português: já o Liceu Literário Português foi fundado em 10 de setembro de 1868 por um grupo de portugueses, à frente dos quais estava o conde de Alto Mearim, com a finalidade de "difundir a cultura e promover o ensino e a instrução, principalmente junto aos portugueses mais jovens que chegavam ao Brasil com conhecimentos limitados e ainda sem uma profissão definida". Era a época dos Liceus de Artes e Ofícios. Além dos cursos do 1º e do 2º graus, ainda no século XIX, o Liceu também ministrou cursos de astronomia e arte náutica. O imperador dom Pedro II chegou a frequentar algumas aulas des-

ses cursos. O Liceu funcionou, inicialmente, na sede instalada na rua da Saúde, hoje denominada travessa do Liceu; em 1915, porém, sob a presidência de Faustino de Sá e Gama, adquiriu nova sede na rua Senador Dantas, que foi destruída por um incêndio em 1932. É, então, que se inicia no mesmo terreno a construção do edifício atual, com nove andares, inaugurado em 1938, sob a presidência do comendador José Raínho da Silva Carneiro, que foi o grande responsável pelo empreendimento. O Liceu Literário Português é uma instituição sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, reconhecida como de utilidade pública, e, hoje, seus objetivos principais são promover e manter o ensino e a pesquisa da língua portuguesa, através de cursos, palestras, conferências, edições de livros didáticos, apostilas etc.; desenvolver projetos culturais, científicos, técnicos e artísticos, sobretudo os relacionados com a lusofonia; colaborar no intercâmbio universitário e acadêmico entre os países de língua portuguesa; criar e manter cursos universitários ou de pós-graduação, especializados em língua portuguesa e história luso-brasileira; manter o Centro de Estudos Luso-brasileiros, que integra as unidades Instituto de Língua Portuguesa, Instituto Luso-brasileiro de História, Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto e Instituto Luso-brasileiro de Folclore; e editar periodicamente a revista *Confluência*, voltada essencialmente para temas linguísticos. O curso de pós-graduação *lato sensu* em língua portuguesa, mantido pelo Liceu, é reconhecido pelo Ministério da Educação do Brasil e ministrado sob a orientação pedagógica de vários especialistas e mestres universitários. A sede do Liceu está localizada na rua Senador Dantas, 118, Centro, Rio de Janeiro, e as atividades docentes são realizadas no Centro Cultural, inaugurado em 13 de dezembro de 2007, situado na rua Pereira da Silva, 322, Laranjeiras, na mesma cidade.

Caixa de Socorros Dom Pedro V: em relação à Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros Dom Pedro V, esta se destaca por ser uma associação filantrópica criada por imigrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro. Foi fundada em 1863 como entidade de auxílio geral para os cidadãos portugueses, a partir de uma ideia do escritor Reinaldo Carlos Montoro exposta quando da inauguração de uma estátua de Pedro V de Portugal no Real Gabinete Português de

Leitura. A proposta da sua criação era possibilitar a existência de uma "associação centrada nos socorros mútuos e não na fundação de hospitais, diferenciando-se assim da Beneficência Portuguesa". Inicialmente, documentos comprovam que se inscreveram 400 portugueses. Seus primeiros presidentes foram Joaquim José Duarte, o conde da Estrela, e Leonardo Caetano de Araújo (Parada de Gatim, Vila Verde, a 11 de maio de 1818 – Rio de Janeiro, 5 de junho de 1903), que iniciaram suas atividades a 11 de novembro de 1863. Sabe-se que, no primeiro mês, o número de associados subiu a 875. No início de suas atividades, a Caixa de Socorros "ocupou-se dos compatriotas em estado de extrema necessidade e abandono". A partir de uma reforma dos estatutos realizada em 1871, a Caixa passou a contar com consultório médico e farmácia, aos quais acorriam "pessoas de todas as nacionalidades". Uma nova alteração nos estatutos foi realizada em 1884 com o objetivo de diminuir custos, privilegiando-se a partir de então o socorro aos sócios frente aos não sócios. Os sócios da Caixa de Socorros eram, em geral, ligados ao comércio. Em 1871, a associação tinha 2.638 sócios, dos quais 57% eram caixeiros, negociantes ou artistas. Em 1897, recebeu o título de "Sociedade Benemérita", e o rei dom Carlos concedeu-lhe o título de "Real" em março de 1902. Sua sede inicial situava-se na rua Visconde de Rio Branco, 40, e foi inaugurada em agosto de 1907. Três anos depois, o edifício foi consumido por um incêndio. Após um período em que ocupou um sobrado alugado, a Caixa de Socorros instalou-se no edifício no qual se encontra até hoje, localizado na avenida Marechal Floriano, 185. Em 27 de julho de 1972, foi feita Membro-honorário da Ordem do Infante Dom Henrique de Portugal.

Todos esses detalhes são caso para se dizer que são "música" para nossos ouvidos, um par de cultura, um misto de musicalidade e literatura. Espaços que se completam e fazem com que a comunidade portuguesa no Rio de Janeiro tenha grande relevo social.

A par do trabalho desempenhado pelas instituições hoje pertencentes à Associação Luís de Camões (ALC), outras entidades estabeleceram-se no Rio de Janeiro com atuação em diversos segmentos e onde a música se fez e se faz presente, está viva e pujante durante festivais, eventos e apresentações nacionais e internacionais. Conheça-as mais a seguir.

Arouca Barra Clube: essa casa portuguesa defende a cultura da região de Arouca, em Portugal. O corpo social do clube é formado por imigrantes portugueses, seus descendentes e brasileiros, em geral "grandes" comerciantes e industriais, predominando os oriundos da região de Arouca. Por conseguinte, pertencer a tal associação "não passa exclusivamente pela origem regional e nacional do associado", mas pela disposição em "manter e divulgar as tradições arouquenses", assim como desenvolver uma série de relações políticas e econômicas com a sociedade luso-brasileira. Conforme descrito em seus estatutos, o Arouca Barra Clube tem como premissa básica a "manutenção e reinvenção constante de práticas culturais que evocam a sociedade local de origem reatualizando, em festas seculares e rituais religiosos, a memória de uma vida social passada que identifica os seus membros como pertencentes a determinada região, delimitando uma 'fronteira étnica'" (Barth, 1969). A diretoria da Casa explica que, "dos anos 1940 aos anos 1960, os arouquenses só se encontravam em alguns casamentos, funerais ou missas de sétimo dia, sendo que sempre se lamentavam da falta de convívio com os conterrâneos". Foi então que alguns arouquenses pensaram em se organizar e fundar uma agremiação para se reunir e, ao mesmo tempo, matar as saudades relembrando em conversas situações de suas infâncias e das pessoas que deixaram quando imigraram para esta tão grande terra que os acolheu, que é este imenso Brasil. Foi pelos anos 1960 que começaram a organizar um almoço no dia 7 de setembro de cada ano e que, algumas vezes, foi realizado na Casa da Vila da Feira. Depois, realizou-se em algumas churrascarias da cidade do Rio de Janeiro e numa pequena quinta do senhor Paulino Martins em Capivari. No começo de 1966, organizou-se um grupo de 13 pessoas que passou a ser conhecido como o Grupo dos Treze. Posteriormente, esse mesmo grupo, ajudado por outros arouquenses e pessoas ligadas a eles, organizou uma reunião em maio, ou princípio de junho, no Uruguai Tênis Clube, situado à rua Uruguai, 51, na Tijuca, e partiu para a fundação definitiva da Casa de Arouca. Após essa reunião, foram formados a primeira Diretoria Administrativa e o Conselho Deliberativo. Foi então que se pensou em ter uma sede social, adquirindo-se um prédio na rua Alzira Brandão, 355, também na Tijuca — local

com 600 m² de área total e onde se realizaram muitas festas. Nessa altura, instituiu-se então o almoço das quintas-feiras, que persiste até os dias de hoje, reunindo empresários, comerciantes, industriais e profissionais liberais em confraternização, de onde têm surgido "grandes negócios". E é também nas instalações do Arouca Barra Clube que se realizam grandes concertos musicais e apresentações folclóricas e de cantores portugueses que vivem no Brasil e em Portugal. Um tributo à fadista Amália Rodrigues foi realizado neste local, recordando os principais êxitos de uma das maiores fadistas de Portugal.

Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria: a ideia da fundação dessa casa, que defende a cultura da Vila da Feira, nasceu de uma visita que o comendador Manuel Lopes Valente fez à sua terra natal, freguesia de Sanfins, no Concelho da Vila da Feira, em 1951/52, depois de uma ausência de 24 anos. Logo que chegou ao Rio de Janeiro, contatou amigos, como Albertino Alves Ribeiro, José Tomaz dos Reis, José Manuel dos Santos Soares de Sá, Joaquim Marques de Sá, Antônio da Silva Campos e Manuel Correia de Sá, e pediu ajuda para fundar uma casa que funcionasse como uma espécie de "Consulado das Terras de Santa Maria da Feira". Nessa época, Manuel Lopes Valente era diretor da Casa dos Poveiros. Em reunião de diretoria, no dia 10 de abril de 1953, informou sobre seu desejo de fundar uma casa com o nome de sua Vila da Feira, sendo apoiado pelo presidente, Alípio da Silva Oliveira, e recebendo o aval dos demais diretores, que ofereceram as dependências de sua sede para o que fosse preciso. Animado, Lopes Valente resolveu convidar Albertino Alves Ribeiro, Antônio da Silva Campos, José Tomaz dos Reis, José Manuel dos Santos Soares para um encontro. Assim, em 4 de junho de 1953, realizou-se o encontro no tradicional Bar Luiz, na rua da Carioca, 39. Além dos já citados, a convite de Soares Sá, estava presente o radialista Domingos da Silva Santos. Deixaram de comparecer por motivos justificados José Tomaz dos Reis e Antônio da Silva Campos. Marcaram nova reunião, na rua Miguel Couto, 27, 5º andar, salas 505/6, ocasião em que, com maior número de feirenses, pudessem fundar a Casa da Vila da Feira. Assim, sua fundação foi concretizada em 12 de julho de 1953. É nessa casa que costuma ter lugar o Festival de Folclore do Rio de Janeiro,

o qual reúne ranchos folclóricos compostos por dezenas de componentes que recordam e valorizam as tradições das danças portuguesas.

Casa das Beiras: a Casa das Beiras do Rio de Janeiro é considerada uma das mais emblemáticas entidades de promoção da cultura portuguesa no Brasil. Está localizada no bairro da Tijuca, Zona Norte da cidade. Mensalmente, seu corpo diretivo organiza uma programação que conta com eventos que reúnem dezenas de visitantes e associados. Fundada em 19 de novembro de 1953, caracteriza-se por concentrar e perpetuar as "belezas beirãs, a referência da sacrossanta ascendência de Portugal, a lembrança da figura heroica e gloriosa de Viriato, que regou com o seu próprio sangue as atraentes e florescentes terras da Lusitânia". Além das inúmeras manifestações culturais, etnográficas e folclóricas alusivas à região das beiras, tem-se "um local apropriado, um lar beirão, onde se permite ter uma verdadeira embaixada construtora e cada vez mais alicerces da cultura luso-brasileira". Sua diretoria considera que a Casa das Beiras "sempre foi uma casa na comunidade de divulgação de cultura e arte, devido às suas parcerias com a Academia de Letras e Artes Paranapuã (Alap), entre outras. É a única casa fora do continente inaugurada por um presidente da República e onde se realizam comemorações do 21 de abril etc.". É nas instalações da Casa das Beiras do Rio de Janeiro que acontece, desde 1969, a cerimônia em comemoração ao Dia da Comunidade Luso-brasileira e onde se realizou, em setembro de 2018, o segundo Festival de Folclore das casas regionais portuguesas localizadas no bairro da Tijuca.

Casa de Portugal em Teresópolis: localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, a Casa de Portugal em Teresópolis tem sua origem ligada à criação, em 1936, do Grêmio Português de Teresópolis, entidade fundada para congregar a família portuguesa residente em Teresópolis. Após a recolha de informações com as famílias e os responsáveis nessa cidade, pode-se dizer que é

> bem provável e quase certo que a Casa de Portugal de Teresópolis tenha se formado pela união de brasileiros e portugueses, na sua maioria, oriundos do extinto Grêmio Português de Teresópolis. Pa-

> rece não residir nenhuma dúvida de que a fonte inspiradora para a criação da Casa de Portugal de Teresópolis remonta ao mencionado Grêmio. Esta importante agremiação localizava-se na avenida Delfim Moreira nº 411, em cima da Casa Castro, onde depois seria instalada a Coletoria Estadual. O prédio foi demolido em 1998. Na ocasião, o presidente do Grêmio era o senhor José Fernandes Braga, o velho Braga, vidraceiro de profissão e português de nascimento. Outros portugueses compunham a diretoria do Grêmio: Manoel Guedes, Boaventura Thomas Fagundes, Adriano da Cruz Pereira, João Monteiro (construtor da Capela do Convento das Carmelitas, no bairro do Alto), Manoel "Sloper" (jardineiro da família Sloper por mais de 40 anos), Elias de Souza Cavado, José de Souza Pinto e outros.

O Grêmio oferecia a seus sócios diversas atividades, mantendo em sua sede mesa de bilhar e pingue-pongue, além de um time de futebol, em cujo uniforme ostentava uma cruz de Malta. Realizava, ainda, em seu pequeno salão social, diversões noturnas para os sócios. O falecimento de diversos sócios, inclusive do animado diretor José de Souza Pinto, e com a ideia, já em andamento, de formar-se uma grande associação, determinou o fim do Grêmio que foi "com certeza" o embrião, o precursor da futura Casa de Portugal de Teresópolis. A importância da entidade para a comunidade lusodescendente e portuguesa local foi mencionada na imprensa. Esta destacou que "a Comissão eleita e empossada, em nome dos portugueses de Teresópolis, saúda a imprensa portuguesa do Brasil, as autoridades e, através deste jornal, todas as entidades congêneres espalhadas por este imenso e hospitaleiro Brasil". Durante esta pesquisa, encontramos textos que dizem, em contraponto ao que está demarcado historicamente, que,

> embora o professor Antônio Osíris Rahal, em livro da sua autoria denominado *Os 40 anos da Casa de Portugal e os 500 anos do Descobrimento do Brasil* procure associar a origem remota da Casa de Portugal de Teresópolis ao extinto Grêmio Português de Teresópolis (1936), não encontramos nenhum registro ou testemunho que possa ser indicativo dessa associação. Contudo, apenas em respeito

> à sua convicção de que tal associação existiu, transcrevemos acima, o texto extraído de seu livro.

Também em Teresópolis, muito da música portuguesa chega à região serrana carioca através de grupos musicais que valorizam Portugal.

Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro: fundada em 1923 como "Centro Trasmontano" e com o ideal de congregar os filhos da província de Trás-os-Montes, "divulgando a pátria, difundindo essa história por meio de palestras, conferências, publicações e organizando uma biblioteca constituída de autores trasmontanos, assim nasceu a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro". A Casa teve em sua história sedes em oito endereços pelo Centro do Rio e, finalmente, chegou à avenida Melo Matos, na Tijuca, onde se encontra até hoje com sede própria e onde nomes da comunidade portuguesa utilizam a musicalidade para recordar a terra natal.

Casa do Distrito de Viseu: "em julho de 1966, durante uma festa de casamento, um grupo de naturais do Concelho do Sátão idealizou ter um local onde pudessem se reunir. Assim, surgia a Casa do Distrito de Viseu, cujo primeiro prédio começou a ser edificado em dezembro daquele ano. Depois, antes de completar um ano, surgia, durante a presidência do fundador, comendador Manuel Gomes, no dia 11 de junho de 1967, o seu Rancho Folclórico. Em dezembro daquele mesmo ano, lançava a pedra fundamental da sua sede social e realizava a sua primeira festa, à qual estiveram presentes autoridades e boa parte da comunidade luso-brasileira". Desde sua fundação, a Casa do Distrito de Viseu

> sempre se apresentou como uma verdadeira embaixada da região que representa e inúmeras foram as suas conquistas desde então: em 1973, passa a contar com um parque aquático; em 1978, passa a ter seu Rancho infantil; em 1981, inaugura a sua nova sede social e o seu ginásio polidesportivo; em 1983, adquire a "joia da coroa", a Sede Campestre, com mais de 150 mil m²; em 1990, inaugura a sua capela de Nsa. Sra. da Conceição; em 1995, em 1999 e em 2003, expande o seu patrimônio. Em 1981, já na presidência do sr. João

> Pereira Queiróz, o seu Rancho definitivamente adotava as danças, trajes e cantares do folclore do Distrito e, em 1989, a autenticidade conservada e solidificada fez com que fosse reconhecido e aceito como membro efetivo da Federação do Folclore de Portugal.

Adquirida na gestão do presidente Manuel H. Guimarães, a Sede Campestre está situada no município de Guapimirim, distante 60 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro.

> Na sua entrada, que faz-nos lembrar a de um castelo medieval, o visitante se depara com uma agradável atmosfera com ar de montanha, e de muita tranquilidade. [...] Desde o início das suas atividades, a partir da sua sede social, sempre pode contar com o espírito de preservação das encantadoras tradições lusitanas por parte da sua diretoria, tendo representado desde então um formidável elo entre as duas pátrias irmãs: Brasil e Portugal.

A Casa do Distrito de Viseu "recebe agrupamentos nas suas instalações: incontáveis grupos de folclore, de teatro, bandas de música, orfeões e tunas universitárias têm vindo de Portugal, de Estados brasileiros e até de outros países. E, ainda, desempenha ininterruptamente diversas atividades esportivas e algumas conquistas como no futebol de salão, na natação e nas lutas marciais". Suas sucessivas diretorias sempre lutaram pela manutenção e pela ampliação dos patrimônios material e imaterial e, por fim, devem ser lembrados aqueles que presidiram a instituição: Manuel Gomes, João Pereira Queiroz, Manuel H. da Costa Guimarães, Joaquim Taveira, Manuel Pires, António Silva, Domingos Martins, Felisberto Cardoso, António de Almeida Cardão, José Lino, Alberto Roque, António da Fonseca Lopes, José Marinho, Flávio Alves Martins e, agora, Alcídio Augusto Tome Morgado. Um dos momentos altos da importância da música nessa entidade foi quando a fadista Amália Rodrigues se apresentou no local, naquele que foi seu primeiro show numa casa portuguesa no Brasil.

Famosos "gigantones" utilizados no folclore do Alto Minho, em Viana do Castelo, e valorizados no Brasil no seio das casas regionais portuguesas.

Casa do Minho: considerada "uma casa genuinamente portuguesa, pronta para receber a todos de braços abertos", a Casa do Minho do Rio foi criada com a missão de "divulgar a tradição minhota e a gastronomia portuguesa". Nas atividades desenvolvidas pela Casa, "são valorizados os mais diversos aspectos dos povos da tradicional Região do Minho, como a cultura, língua, religião, costumes, folclore etc.". Essa entidade está localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Cosme Velho, que tem o privilégio de receber a estação do trem que leva moradores e turistas ao morro do Corcovado, onde o "Cristo Redentor também recebe a todos de braços abertos". A Casa ocupa um imenso terreno e tem logo na entrada uma estátua em bronze fundido de Afonso Henriques, construída em Portugal e inaugurada em 2018 com a presença de membros do governo do país. Fundada em 8 de março de 1924, a Casa do Minho destaca-se por ser uma sociedade civil autônoma, de direito privado e sem fins lucrativos. Tem por objetivo: promover a fraternidade luso-brasileira; desenvolver a prática de atividades desportivas, recreativas, culturais e sociais; difundir o culto à comunidade lusíada; lutar pelos interesses da região do Minho, ao norte de Portugal, que compreende as cidades de Minho, Braga, Viana do Castelo, Barcelos e Guimarães, tornando conhecidas suas histórias e belezas naturais e divulgando também seu folclore; manter vivas as tradições daquela região de Portugal, por meio das atividades dos três ranchos folclóricos, que são: o Rancho Maria da Fonte, o Rancho dos Veteranos e o Rancho Juvenil; e valorizar a gastronomia portuguesa, oferecendo pratos e doces típicos no restaurante Costa Verde. E não só: em seu Salão Nobre, além de peças de teatro, são realizados shows de fado e de música

popular portuguesa, apresentações dos ranchos folclóricos da Casa e convidados e a tradicional "Festa de Santoinho", com a valorização das tradições minhotas da Quinta de Santoinho, oriundas de Darque, em Viana do Castelo, Portugal, e da Costelada Gaúcha, com o folclore da região Sul do Brasil. Um encontro que vale uma imersão na cultura dos dois países.

Casa dos Açores: uma das principais características do povo açoriano é a emigração. Foi no século XX que alcançou suas maiores taxas, principalmente para os Estados Unidos, mas também em grande número para o Brasil. Na década de 1950, já havia no Estado do Rio de Janeiro mais de 30 mil açorianos, concentrados sobretudo na capital, sendo empresários e comerciantes. A intenção de reuni-los num grêmio ou clube para preservar as práticas e a cultura açoriana já existia, mas faltava uma figura que os reunisse e incentivasse. Essa pessoa foi o escritor e intelectual, de origem açoriana, Vitorino Nemésio, que se destacou como romancista. Em sua primeira passagem pelo Brasil em 1952, deixou sua marca na história do povo açoriano em solo fluminense e dos cariocas ao incentivar a formação de uma casa regional que congregasse os açorianos e suas práticas culturais. Em 17 de julho de 1952, reuniu-se no Centro Tramontano, então tradicional casa portuguesa estabelecida na Tijuca, um grupo de açorianos com esse fim e lá a ideia transformou-se em fato.

> Com um brilhante discurso patriótico de Vitorino sobre o encanto das Ilhas e sobre o sentimento de solidariedade que deveria unir o povo açoriano nascia à Casa dos Açores. Futuramente, os 26 presentes nesta reunião se tornariam Sócios Iniciadores, como consta no Estatuto da Casa dos Açores, e Vitorino Nemésio se consagraria Presidente de Honra.

O próximo passo era fundar uma sede própria, algo que foi buscado com afinco. Graças a diversas doações, festas e churrascos, a diretoria da Casa dos Açores conseguiu adquirir em leilão sua tão sonhada sede e em tempo recorde pelos açorianos associados, apenas quatro meses após a fundação. Localiza-se na avenida Melo Matos, 25, ao lado

do Centro Trasmontano, hoje Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, sobre a qual falamos anteriormente. A partir disso, todo o trabalho passou a ser dedicado à reforma do prédio da sede, e paralelamente as festas continuavam a ser realizadas na Casa de Trás-os-Montes. A inauguração da sede própria da Casa dos Açores ocorreu menos de dois anos depois de sua fundação, em 24 de abril de 1954, e foi noticiada em vários jornais, inclusive nos Açores. "Após a reforma da Casa, o Salão Nobre ficou intitulado Vitorino, em homenagem ao nosso presidente de honra, idealizador e realizador desta Casa". O folclore açoriano é o ator principal em muitas das atividades culturais realizadas nessa entidade, promovendo muito do que se faz em termos de musicalidade e danças nas nove ilhas desse arquipélago português.

Casa de Portugal de Volta Redonda: em 1980, a comunidade portuguesa em Volta Redonda, município brasileiro do Estado do Rio de Janeiro, "se fazia presente na figura de vários imigrantes que mantinham vivas as lembranças e as tradições da Terra Natal". Sempre que se reuniam, "ao sabor de um bom vinho português, ao som de violas e concertinas recordavam num fado, numa rusga, numa cana-verde ou num vira, um passado saudoso e marcante". Nessas reuniões, surgia constantemente a ideia de fundar uma entidade em que pudessem cultivar e manter as tradições lusitanas, na cidade de Volta Redonda. Essas confraternizações eram realizadas na tradicional Churrascaria JK, de propriedade do entusiasta minhoto natural de Covide, freguesia portuguesa no Concelho de Terras de Bouro, o senhor Manuel Fernandes Pires da Silva, que contou com a força de outro minhoto de Sobradelo da Goma, o senhor Adelino Corrêlo, e do entusiasta senhor José Marques, natural da Freguesia de Candosa, que juntos idealizaram e propuseram a criação da Casa de Portugal de Volta Redonda. No dia 22 de abril de 1980, "o desejo transformou-se em realidade e de fato foi fundada a Casa de Portugal de Volta Redonda, registrada em cartório nesta data e o seu primeiro estatuto constituído". Para a sua fundação foram admitidos 45 portugueses natos e sócios-proprietários. Mais tarde, o quadro social tomou corpo nas categorias de sócios: fundadores grandes beneméritos; proprietários fundadores; proprietários natos; contribuintes e honorários.

> Portugueses, brasileiros e os cidadãos de bem se uniram, edificaram e fizeram parte desta entidade onde não se discrimina raça, cor, opiniões políticas e crenças religiosas. [...] A Casa de Portugal tem por princípio fundamental congregar cidadãos dignos de elevada reputação moral e social, tornando-os conhecidos e irmanando-os nos princípios da solidariedade humana. Também visa à preservação dos costumes portugueses, através da dança, da música, da gastronomia e da cultura portuguesa. A Casa de Portugal é um privilégio de todos.

Real Sociedade Clube Ginástico Português: fundado em 1868 por imigrantes portugueses, está sediado num edifício em estilo *art déco* na avenida Graça Aranha, 187, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. O clube tem como objetivo "dinamizar as atividades esportivas, artísticas, culturais e sociais, promovendo a integração da comunidade luso-brasileira". Foi criado por iniciativa de dois irmãos portugueses, João José Ferreira da Costa e António José Ferreira da Costa. A data escolhida para a fundação, 31 de outubro de 1868, coincidiu com o aniversário do rei dom Luís I de Portugal. Criou-se o primeiro estatuto da sociedade no ano seguinte; e a primeira sede, localizada num sobrado na rua do Hospício, foi inaugurada a 31 de outubro de 1872, quando o clube comemorava seus quatro anos de existência. À inauguração, em que foram feitas exibições musicais, de ginástica e esgrima, assistiram 1.500 pessoas. No dia 13 de setembro de 1883, o clube recebeu a visita do imperador do Brasil, dom Pedro II. O clube teve uma segunda sede, que foi inaugurada em 1911 e consumida pelo fogo em 1934. Encomendou-se então um novo edifício-sede, erguido na avenida Graça Aranha com projeto de Raul Penna Firme e Enéas Silva. O edifício "é um caso raro de clube urbano na cidade, incorporando nos seus espaços internos um salão social, piscina, salões de desportos e um teatro. A fachada, de composição pouco comum, reflete essa diversidade interna. A nova sede foi inaugurada em 20 de agosto de 1938, tendo a primeira piscina elevada da América do Sul. Em 1983, foi criada uma segunda unidade — a Sede Barra —, localizada no bairro da Barra da Tijuca".

Clube Português de Niterói: fundado em 2 de fevereiro de 1960, concentra boa parte dos portugueses e lusodescendentes que se instalaram na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Entre as opções de lazer da cidade de Niterói, aos associados do Clube Português são oferecidas variadas atividades esportivas e festividades, destacando-se bailes e festas tradicionais. O sonho de seus 23 fundadores tornou-se realidade nos anos 1960.

Grêmio Português de Nova Friburgo: está localizado na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro. Fundado em 1933, o Grêmio Português sublinha estar comprometido em valorizar a cultura portuguesa no meio da sociedade friburguense. A ideia é

> manter viva a cultura portuguesa, especialmente daqueles que colonizaram as terras do morro Queimado e buscar novas orientações para guiar os portugueses, os seus descendentes e a comunidade a uma nova era. O Grêmio possui como principal motivação o incentivo cultural, o intercâmbio de ideias e práticas que possam auxiliar Nova Friburgo no objetivo de superar os anos de crise econômica, política e social e fomentar as boas práticas portuguesas, sem jamais perder o foco no vasto conteúdo histórico. [...] O Grêmio Português segue firme e forte e promete desafiar os novos tempos com a mesma firmeza e altives daqueles que desbravaram essa terra.

Casa dos Poveiros: a ideia da criação de uma "Casa dos Poveiros" no Rio nasceu em 1929 na casa do alfaiate João Figueiras.

> No início, pensou-se em criar grupos pró-Póvoa, tal como acontecia em Manaus, interligando os grupos de poveiros espalhados pelos estados do Brasil. Seria uma forma de unir as colônias poveiras e fazer propaganda da sua terra no Brasil. Dada a sua imensidão e a dificuldade em contatar os poveiros residentes nos mais recônditos lugarejos do país-irmão, a ideia abortou. Na altura, era grande o surto de emigração para o Brasil.

Nessa avalanche de jovens emigrantes poveiros, fervilhava uma "sadia rivalidade desportiva" entre o Varzim e o Sporting Clube da Póvoa, dois clubes que traziam colados ao coração. Habituados a conviver alegremente com suas derrotas e vitórias, não podiam desabafar o fervor clubista por falta de lugares de convívio.

> Havia que se topar um local certo para se falar da Póvoa, dos amigos e dos clubes. Numa palavra faltava uma sede própria para matar saudades. Por outro lado, o caso do repatriamento dos pescadores poveiros chocou a jovem colônia emigrante. Se muitos pescadores regressaram a Póvoa para não se naturalizarem, outros por lá ficaram "vegetando" pelas praças com dificuldades econômicas. Era necessária e urgente uma instituição que lhes fizesse o cadastro e lhes tratasse das suas preocupações e necessidades. Estes dois itens, um local mata-saudades e uma instituição que zelasse pelos pescadores menos afortunados, foram o gatilho para a criação da Casa dos Poveiros no Rio de Janeiro.

As reuniões passaram a ser diárias, João Figueiras desdobrava-se em contatos e os poveiros interessados multiplicavam-se. Por fim, em 8 de janeiro de 1930, era criada a Casa dos Poveiros do Rio de Janeiro, tendo como patronos o herói "Cego do Maio" e o escritor "Eça de Queirós". Os estatutos aprovados zelam por: promover a união entre poveiros; fazer a máxima propaganda da Póvoa como a mais bela praia do Norte de Portugal e por ela trabalhar em todos os setores; prestar assistência aos nossos irmãos mais necessitados e concorrer para o progresso do Brasil, dignificando assim Portugal. Para começar, a Associação dos Empregados do Comércio do Rio cedeu seu Salão Nobre. Seguiram-se salas na rua da Misericórdia, no Mercado de São José e na Constituição. Finalmente, no Conselho Diretor de Álvaro Silva, foi adquirido o palacete da rua do Bispo, na Tijuca, atual sede. Muitas apresentações folclóricas são realizadas no local, que sempre juntou um grande público ávido por reviver ou conhecer a cultura portuguesa.

Casa do Porto: fundada em 2 de agosto de 1945, tem o objetivo de "manter vivas as tradições da Cidade do Porto e as suas freguesias,

através da cultura portuguesa. A Casa do Porto, com as suas fulgurantes atividades sociais, foi, pela Prefeitura da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, como Governo, considerada de Utilidade Pública". Imensos momentos musicais e apresentações folclóricas dão o ar necessário a essa entidade portuguesa no Rio.

Orfeão Português: segundo nomes ligados ao clube, os registros sobre o surgimento da instituição remontam a 25 de julho de 1915, quando foi fundado o Recreio Dramático Juventude Portugueza, com o intuito de "promover a arte dramática". No mês de agosto desse mesmo ano, criou-se um coral que funcionou como incentivador musical, com apresentações no Theatro Municipal do Rio e no de São Paulo. O sucesso de tal iniciativa garantiu a alteração do nome da entidade para Orfeon Club Juventude Portugueza, passando mais tarde a se chamar Clube Orfeão Português.

> O local recebia autoridades portuguesas e brasileiras. Em 25 de junho de 1922, o clube recebeu a visita dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, após a viagem pioneira da travessia do Atlântico. Em 13 de julho de 1925, aconteceu a primeira apresentação do Rancho Folclórico da Casa, que vestia trajes oriundos de Viana do Castelo, para um público que contava com o embaixador Marinho de Melo, o ministro da Fazenda, José Costa, e o ministro da Educação, Gustavo Capanema. Essa data é conhecida por marcar a criação do folclore português no Brasil.

A primeira sede do clube foi no Centro do Rio, deslocando-se mais tarde, em 1964, para o bairro do Maracanã, na Zona Norte, por meio do esforço de Manuel Francisco, então presidente da Casa. Fontes defendem que o "clube deu origem a diversas casas regionais no Rio de Janeiro".

Clube Social Camponeses de Portugal: tudo começou em 1973 com o grupo Os Lusitanos de Caxias. Em 1974, o grupo foi rebatizado com o nome de Camponeses de Portugal. Era o mês de junho na comemoração da Festa do Arraial do Pico Nico. Seus organizadores pensaram em trazer para o Rio um Rancho Folclórico Português para abrilhan-

tar os festejos, mas, devido às dificuldades, três entusiastas portugueses, Constantino da Silva Ramos, António Oliveira Corrêa e Carlos Marques Almeida, decidiram formar um grupo local para se apresentar na festa. Em 24 horas estava formado Os Lusitanos de Caxias, composto por dez moças, dez rapazes e quatro componentes de orquestra. A bandeira desfraldada tinha a cruz de Malta no centro e foi feita de saco de farinha. Apesar de terem iniciado suas atividades num modesto galpão, os Camponeses de Portugal tinham programações que repercutiam na comunidade. Arraiás, festas juninas e a famosa Casa da Tia Mariquinhas sempre com a presença dos Rapazes do Tiro Liro, que atraíam a visita de autoridades brasileiras e portuguesas, jornalistas, radialistas e membros da comunidade em geral. A sua repercussão era tão grande que 15 dias antes da realização da festividade os ingressos já tinham se esgotado. A finalidade da criação dos Rapazes do Tiroliro, um conjunto de baile, era associar as atividades festivas com o repertório musical, para enfatizar o folclore português. Assim, foi criado o Conjunto de Baile Típicos Rapazes do Tiroliro, que abrilhantava os eventos e as festividades.

Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca: destaca-se por ser uma escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, originada a partir de diversos morros da Tijuca e cuja sede durante muitos anos foi no morro do Borel. Atualmente, dispõe de uma quadra comercial localizada na avenida Francisco Bicalho, no bairro do Santo Cristo, próximo à Rodoviária Novo Rio. É liderada por membros da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro e já entrou no Sambódromo, durante o Carnaval carioca, defendendo temas da cultura portuguesa. A fadista Maria Alcina chegou a dar o "grito de guerra" da escola e a iniciar seu desfile cantando o samba-enredo numa dessas oportunidades, algo até então inédito nesse meio. A escola tem quatro títulos de campeã do Grupo Especial do Carnaval carioca, conquistados nos anos de 1936, 2010, 2012 e 2014.

Problemas com a pandemia de covid-19

Apesar do protagonismo das entidades de raiz portuguesa no Rio, conforme vimos, e com o apoio de declarações, documentos e en-

trevistas, a pandemia de covid-19, que teve início no fim do ano de 2019, acarretou enormes prejuízos financeiros às casas e aos clubes lusitanos no Brasil, afetando as atividades sociais e musicais. Muitos shows foram cancelados, e muitos artistas interromperam boa parte de suas carreiras. Atividades foram canceladas, eventos sofreram alterações e várias dessas entidades ficaram perto de anunciar falência.

Se por um lado a parte econômica mostrou fragilidade, já que o número de frequentadores pagantes diminuiu drasticamente, em 2020 e 2021, em virtude das medidas das autoridades brasileiras que sugeriram o distanciamento social e proibiram aglomerações, o que impactou os grandes eventos nessas entidades, a vertente cultural mostrou-se mais ativa do que nunca. Apesar de não existirem eventos presenciais, diversas apresentações foram levadas para o ambiente digital, sem constrangimentos. Mudou-se o meio, mas a intenção de se promover Portugal no Brasil continuou, embasada por *lives* e publicações, muitas delas com foco na música genuína portuguesa.

E o caminho inverso?

E se no Brasil a cultura portuguesa é perpetuada e valorizada por portugueses, lusodescendentes, luso-brasileiros e brasileiros, do chamado outro lado do Atlântico, em solo português, faz sentido que a cultura tupiniquim, ou mesmo a luso-brasileira, seja também tema suscetível de "defesa e empoderamento" por meio de associações, entidades e afins que queiram demonstrar que, também em Portugal, o Brasil tem uma cultura apreciada, capaz e bem capaz de ser preservada, difundida. É esse o objetivo que fez nascer, em 2020, a Casa do Brasil — Terras de Cabral, com sede na Covilhã, Portugal, que visa funcionar não como "uma associação de brasileiros para brasileiros, a falar num circuito fechado, mas com a presença de portugueses também, a formar um elo entre as duas nações".

No dia 7 de setembro de 2020, data que assinala a Independência do Brasil, a recém-criada entidade reuniu seus órgãos sociais e outros participantes num jantar para convívio. O evento foi apadrinhado

pelo então embaixador do Brasil em Portugal, Simas Magalhães, que enviou uma mensagem em vídeo na qual exortou os compatriotas radicados na região a não perderem de vista "o que portugueses e brasileiros construíram juntos". O presidente de tal entidade é o escritor João Morgado, que mantém ligações com entidades brasileiras.

A entidade avalia que "o trabalho central da associação é promover a conexão entre brasileiros e portugueses, reforçar a interação sociocultural entre Brasil e Portugal e promover a região em torno da região da Cova da Beira, berço de Pedro Álvares Cabral, figura que oficializou as terras do Brasil para o reino de Portugal".

Trabalho valioso

O sentido de nacionalidade perde, no trato entre Brasil e Portugal, a espécime "solitária" de figura meramente legal, dotada de aspectos jurídicos que apresentam os cidadãos de uma característica identitária, pura e simples. Brasil e Portugal, por toda a história que une essas duas nações, precisam manter as fronteiras morais e intelectuais abertas, acessíveis, desprovidas de adjetivos. Portugueses, brasileiros, lusodescendentes, todos dão forma a um só sentimento: a luso-brasilidade, expressão, termo ou "retificação" histórica que afirma que existe um só povo, com características, hábitos, semelhanças intelectuais únicas, capaz de viver num "limbo" melódico, muitas vezes traduzido em partituras descompassadas.

Convém entendermos que a luso-brasilidade não é uma classificação. É antes, e por fim, uma condição, que move histórias, que desafia a geografia, que nivela pontos cartesianos até que pensamentos, ações e, sobretudo, motivações possam ser traduzidos numa forma única, própria de quem faz parte dessa lista "seleta" e cada vez mais contemporânea que integra, junta ou agrega, muitas vezes em um ambiente de bastidor, brasileiros em Portugal e portugueses no Brasil.

Não basta ter nascido num desses dois países e manter relações com o outro. É fundamental sentir os alicerces culturais, e por que não pedagógicos, que fazem a luso-brasilidade estar cada vez mais

evidente no dia a dia entre União Europeia e Mercosul. Um só povo. Assim são os luso-brasileiros e assim se deve sentir a população que conhece e vive a luso-brasilidade.

Eduardo Artur Neves Moreira, luso-brasileiro, exerceu em Portugal cargos políticos de relevância junto das comunidades portuguesas no Brasil e no mundo, como deputado da Assembleia da República Portuguesa (2002/2005); presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Portugal-Brasil (2002/2005); presidente mundial do Conselho Permanente das Comunidades Portuguesas (1997/2001) e, no Brasil, vice-presidente do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (1994/2002); vice-presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-brasileiras (1990/2001); e vice-presidente da Academia Luso-brasileira de Letras (titular da cadeira número 34); entre outras funções. Esse responsável reitera que

> sobre o papel que as entidades representativas da comunidade portuguesa do Brasil desempenham na recepção de artistas portugueses, tenho a testemunhar que essa importância já foi muito mais destacada, quando a comunidade portuguesa do Brasil era muito mais numerosa e tais associações (clubes e casas regionais) funcionavam como verdadeiros pontos de encontro, proporcionando aos artistas portugueses, em digressão pelo território brasileiro, uma oportunidade real de se tornarem mais conhecidos, divulgando o seu repertório. Atualmente, com a redução substancial de portugueses no Brasil, tais associações já não têm a mesma influência. Prova disso é a constatação de que os artistas portugueses que estão mais difundidos atualmente em terras brasileiras são aqueles que se apresentam diretamente ao povo brasileiro, com patrocínios empresariais, apesar do apoio que as associações portuguesas sempre lhes proporcionam.

Eduardo Moreira acrescenta que

> a presença de artistas portugueses no Brasil é sumamente importante, visando à divulgação das músicas, dos ritmos e dos talentos que Portugal possui e que são pouco conhecidos no Brasil.

No entanto, devemos considerar que quando esses artistas apenas se apresentam nas associações portuguesas, o público brasileiro praticamente desconhece a sua presença no país. Acredito que se houver presença em festivais da canção, em programas televisivos e shows populares, a sua influência para o intercâmbio luso-brasileiro será muito mais visível e produtiva. Há que considerar o grande sucesso que a maioria dos artistas brasileiros desfruta em Portugal e a recíproca deveria ser estimulada.

É até difícil declinar nomes de pessoas que proporcionaram uma ligação mais profunda e efetiva entre as duas nações, mas até previamente pedindo desculpas por possíveis omissões, no período após o meu nascimento, devo destacar, no campo político: Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Marcelo Caetano, Carlos Lacerda, Negrão de Lima, Luiz António da Gama e Silva, José Aparecido de Oliveira, Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Médici, Collor de Mello, Mário Soares, Durão Barroso e Marcelo Rebelo de Sousa. No campo artístico, não podemos deixar de mencionar Amália Rodrigues, Francisco José, Carmen Miranda, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Daniela Mercury. Nas relações comunitárias luso-brasileiras, devo destacar a figura ímpar de António Gomes da Costa, que durante décadas esteve à frente da Comunidade Portuguesa do Brasil, conseguindo aproximar, em inúmeras programações, brasileiros e portugueses. Muitos outros também se destacaram e continuam contribuindo eficazmente para a comunidade luso-brasileira, mas não quero mencionar mais nomes para não cometer injustiças ao omitir dezenas ou até centenas de personalidades que se dedicaram durante grande parte das suas vidas ao intercâmbio luso-brasileiro. [...] No que diz respeito à recepção dos artistas portugueses pela comunidade lusa no Brasil, esta sempre foi coberta por uma elevada dose de saudade, fazendo-os relembrar o seu local de origem e os seus familiares que ficaram em Portugal, trazendo emoções fortes a esses portugueses. Lembro-me de shows que marcaram de forma delirante a nossa comunidade do Rio de Janeiro, como a apresentação de Amália Rodrigues e de Francisco José, no Canecão, posteriormente, a presença de Marco Paulo, Quim Barreiros e Augusto Canário, junto

> às nossas associações e junto ao público em geral (português e brasileiro) na atualidade, as presenças, com bastante sucesso, de Mariza, Carminho e António Zambujo. Mesmo assim, ainda é muito reduzida a reciprocidade, comparativamente com o sucesso dos artistas brasileiros em Portugal.

António Arruda, diretor cultural da Casa dos Açores de São Paulo, menciona que existem

> uma língua em comum e uma história de cinco séculos que nos mantêm unidos, Brasil e Portugal. Ao longo dessa jornada, cada um dos portugueses emigrados para o Brasil, trouxe consigo a cultura da sua terra, em todas as suas vertentes, incluindo a musical. Um exemplo pitoresco da influência portuguesa na cultura musical brasileira são as antigas cantigas de roda, bastante comuns naquele país e que marcaram a infância de tantas crianças brasileiras. Quem não se lembra de "Escravos de Jó", "Atirei o pau no gato", "Roda, Pião", "Ciranda, cirandinha" e o "Bota aqui o teu pezinho"?. A música erudita ganhou força e dimensão no Brasil com a vinda de dom João VI e a sua Corte, acompanhados por cerca de dez mil pessoas. Esse fato provocou desdobramentos intensos na cultura e nos costumes da época, inclusive e naturalmente na dimensão musical. Juntamente com a Corte chegaram o piano, o violino, a viola, o violoncelo, o contrabaixo, a clarineta, a sanfona, a flauta, o violão, o cavaquinho etc. Dom Pedro I completou no Brasil a sua esmerada formação musical. Tocava clarineta, fagote e violoncelo. Tinha especial inspiração para a composição de hinos, entre eles o "Hino da Independência do Brasil".

Arruda considerou que

> a influência musical portuguesa é percebida de norte a sul do Brasil, caldeada com os ritmos indígenas e africanos, que dão sabor e singularidade à música popular brasileira, tão apreciada e respeitada no mundo todo. No Nordeste, se reflete no repente nordestino, cantando em duplas, estilo musical que também se

manifesta fortemente no arquipélago dos Açores — o cantar ao desafio. Afirmam que o próprio baião teria como matriz a música portuguesa, adaptada ao estilo da região. Assim também ocorre nas Minas Gerais e em São Paulo, mormente no interior, cuja música, denominada sertaneja, remete à música portuguesa de outros tempos. Grandes cantores brasileiros do passado, especialmente no Rio de Janeiro, manifestavam a influência portuguesa no seu cantar, a exemplo de Orlando Silva, Francisco Alves, Noel Rosa, Sílvio Caldas, Nelson Gonçalves, Vicente Celestino e a própria Carmen Miranda, ela que, nascida portuguesa, brilhou como uma das maiores intérpretes da música brasileira, dentro e fora do país. No contraponto é de se recordar Angela Maria, ela que, nascida no Brasil, por meio do seu repertório e interpretação, nos remetia às grandes fadistas portuguesas, por meio do seu repertório e da sua voz e interpretação. No sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, a influência do cantar e do bailar português, de raiz açoriana, é visível no seu folclore e nas suas tradições. Esse legado se deve aos açorianos que ali se instalaram há cerca de 270 anos. Exemplo disso é a "shula", assim escrita pelos gaúchos, e "chula" pelos açorianos; da "chimarrita", assim chamada pelos gaúchos, e chamarrita pelos ilhéus; do "xote" e mesmo do "fandango", que nos lembra a música tradicional de um Portugal distante, no tempo e no espaço, mas tão próximo da maneira brasileira de viver e de sentir. Já a música brasileira ganha destaque em Portugal ao longo do século XX, motivada pela expansão das indústrias fonográfica e do audiovisual e, também, pelas trocas intensas entre músicos brasileiros e portugueses. Também contribuiu a intensa emigração brasileira para aquele país, a partir dos anos 1980.

Esse responsável da Casa dos Açores de São Paulo referiu que,

nos dias atuais, é bastante comum ouvir-se nas rádios, nos bares e nas ruas a música brasileira tocando em Portugal. O inverso não ocorre. No Brasil não é comum ouvir-se a música portuguesa: seja a moderna, seja a tradicional. Há algumas iniciativas

> louváveis com esse intuito, mas, por certo, deveria haver mais espaço para a música portuguesa no Brasil. Há em Portugal toda uma nova geração de artistas que transitam em gêneros musicais modernos e descolados das raízes tradicionais. A música tradicional, por sua vez, é mantida ou revisitada por cantores e cantoras de muita qualidade. Nessa ponte musical entre Portugal e Brasil, merece destaque Eugénia de Melo e Castro, cantora portuguesa que privilegia no seu repertório a música brasileira, interpretando em especial e, de forma muito saborosa, a obra musical de Chico Buarque. Também há nos Açores nomes de expressão e de muita qualidade musical, tais como Zeca Medeiros e Helena de Oliveira. Vale muito a pena ouvir e conhecer essa gente, já que tudo é facilitado na atualidade, pela tecnologia e pelas novas mídias. Num clique podemos ouvir rádios locais em qualquer lugar do planeta ou recorrer aos aplicativos dedicados ao assunto, que nos oferecem milhares de opções musicais de todo o planeta. Os meios de comunicação, as mídias, os governos, a iniciativa privada e, mesmo as pessoas por sua iniciativa deveriam investir nesse intercâmbio musical que, já entrelaçado nas suas origens, evolui, floresce e se expande, com novas propostas, interpretações e sonoridades. Não há dúvida de que a música constituiu uma excelente forma de aproximar ainda mais os dois países e as suas gentes: brasileiros e portugueses.

Já na Cidade Maravilhosa, João Leonardo Soares, presidente da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, revela que

> as diversas Casas Regionais Portuguesas situadas na cidade do Rio de Janeiro sempre tiveram os seus palcos abertos aos artistas portugueses. Sejam eles vindos de Portugal ou de outras partes da diáspora. Fadistas, cantores românticos, cantores populares, bandas de variados estilos desfilaram nestas Associações o seu talento e amenizavam a saudade da pátria-mãe. De cantores famosos a outros nem tanto — todos que aqui chegaram tiveram a oportunidade de mostrar seu trabalho. Não posso deixar de citar os diversos grupos folclóricos e improvisadores populares que

traziam e mostravam as tradições de um povo. Após os shows, aproveitavam estes espetáculos para fazer a venda de LPs, fitas cassetes e CDs e algumas músicas estão na memória afetiva de muitos lusodescendentes porque tocavam nos lares normalmente aos domingos. A simples divulgação da vinda destes artistas era sinônimo de casas cheias e de bom retorno financeiro. Especificamente na comunidade açoriana, a minha memória traz lembranças da felicidade que era receber os cantadores e os tocadores de viola, as danças de Carnaval e os agrupamentos de folclore. Nesses grandes grupos era constante a vinda de algum parente de açorianos radicados no Rio de Janeiro. Isso era motivo de convívio e de matar saudades.

Ele adicionou que

esse grande intercâmbio teve seu auge nas décadas de 1990 e 2000, pois, com o envelhecimento da comunidade, a situação financeira das casas regionais e a própria renovação da música portuguesa, a presença desses artistas foi drasticamente reduzida. Não se pode negar a importância dos antigos artistas na aproximação Brasil-Portugal. Eram verdadeiros embaixadores de Portugal e que traziam ao país-irmão seu talento acalentando através da música o imigrante aqui radicado. Os novos artistas também têm uma enorme importância nesse papel. É responsabilidade deles apresentar o novo Portugal, como a música portuguesa evoluiu e conquistou os lusodescendentes. É um caminho difícil, pois o Brasil é um rico celeiro de ritmos e de mistura única. As casas regionais hoje já não abrigam esses grandes shows, pois os grandes cantores da atualidade têm público fiel e lotam as casas de shows mais famosas da cidade com preços de ingressos bem altos. Esporadicamente, as casas regionais recebem os grupos de folclore, cantores ao desafio ou cantores populares das regiões que representam. Mantém-se, dessa forma, a ligação às regiões de origem e apresentam-se às novas gerações as tradições musicais de Portugal.

Folclore como tema central

Detalhes dos trajes minhotos utilizados nas festas folclóricas portuguesas no Brasil.

Durante muitos anos, e até com recorrência atual, grupos folclóricos portugueses estabelecidos no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, deslocavam-se para Portugal para apresentações nas regiões "defendidas" culturalmente nas casas regionais de onde eram provenientes na Europa, num intercâmbio de ideias e culturas. Isso também ocorre com grupos folclóricos portugueses que viajam para o Brasil para se apresentarem e desfrutarem do que o movimento associativo português tem de melhor para oferecer neste país da América do Sul. Um detalhe singular é que, por muito tempo, alguns ranchos folclóricos portugueses no Brasil, quando viajavam para Portugal, contavam com o apoio de empresas aéreas, como a extinta Varig, do Brasil, e a TAP Air Portugal, de bandeira portuguesa, prova da força e do protagonismo do movimento associativo português no Brasil em épocas passadas. Ao final dessas apresentações em solo português, que mostravam como eram tratadas as danças folclóricas lusas, havia uma miniapresentação de samba, no estilo brasileiro, com passistas, porta-bandeira, bateria como as que conhecemos nas escolas de samba, entre outros elementos ligados a esse estilo musical famoso em todo o mundo.

A cultura portuguesa no Brasil e no Rio de Janeiro — ontem e hoje

Quem hoje se desloca à Cidade Maravilhosa, vindo de Portugal, por curto período de tempo ou para residir por alguns anos, encontra no Rio de Janeiro muita, tanta Lusitânia. Tem sido essa minha experiência diária, ao longo dos últimos quase cinco anos.

Se cariocas e portugueses são naturalmente diferentes, em seu jeito de ser e de estar, é inegável e incontornável o vasto, tradicional e reconhecido patrimônio de origem lusa espraiado pelo Rio e acarinhado pelos seus habitantes. São as conhecidas "casas regionais", ou os tantos restaurantes e botecos de "portugas". São marcos arquitetónicos icônicos, como o Real Gabinete Português de Leitura, o Liceu Literário Português ou a Confeitaria Colombo.

Também, as calçadas de pedra portuguesa que decoram as mais belas praias urbanas do mundo. Por fim, e sobretudo, o sangue luso que corre nas veias de boa parte da população carioca.

Mas esta presença lusitana constrói-se simultaneamente e cada vez mais através de uma contemporaneidade cultural que atravessa o oceano amparada pela imagem de modernidade que o país tem vindo a conseguir impor ao longo das últimas duas décadas, deixando em definitivo no domínio das memórias um Portugal cinzento e saudoso embalado ao ritmo do magnífico mas malfadado fado "Barco negro" (na inconfundível voz de Amália Rodrigues, claro). Ecos de nossa atualidade chegam-nos assim, hoje, com regularidade, do outro lado do Atlântico pela via da literatura, da música, da arquitetura, da gastronomia ou mesmo — seria inevitável, tratando-se do Brasil — do futebol (a tão cobiçada escola lusitana de treinadores ou *misters* parece ter chegado para ficar).

Ora, a verdade é que nem sempre foi assim.

Durante o século XX de um Portugal pobre, periférico e amarrado por uma ditadura empenhada em manter a todos orgulhosamente sós, se alguma portugalidade sobreviveu neste continental Brasil de influências múltiplas, é forçoso reconhecer que tal se deveu em larguís-

sima medida à ação das muitas "casas regionais" que foram nascendo e prosperando, nomeadamente e em particular no Rio de Janeiro.

Numa verdadeira epopeia digna do nome, foram anos, décadas, em que milhares de portugueses vieram encontrar em terras de Vera Cruz um novo rumo de vida, muitos dos quais, partindo de patamares de grande humildade, alcançaram o topo em seus setores de atividade, da restauração aos transportes públicos, dos grandes supermercados ao comércio de materiais de construção, entre muitos outros. Foram eles os mecenas, os "sócios beneméritos", os "comendadores" que ergueram e sustentaram as instituições que passaram a representar seu local de origem, numa espantosa multiplicidade de "casas regionais" que ao mais ignaro daria a crer que Portugal e Brasil rivalizam em dimensões geográficas. Com o gradual desaparecimento dos portugueses-natos, seguindo as inexoráveis imposições das leis da vida, o associativismo entrou num período de declínio que hoje conhece um capítulo particularmente difícil e em que a união de esforços, mais do que nunca, é crucial.

No século XXI, sopram de Portugal outros ventos, trazendo ao Brasil as facetas várias de um país moderno, urbano, tecnológico e inovador, orgulhoso como sempre de seu glorioso passado, mas empenhado como nunca em construir um futuro que permita evitar o êxodo de tantos milhões dos seus, que no século anterior esvaziou aldeias e regiões inteiras. A ausência de vagas migratórias significativas, nomeadamente para o Brasil, nos dias de hoje, evidencia o caminho que está a ser percorrido, não sem dificuldades e desafios, naturalmente, mas com uma vontade coletiva inquebrantável.

Por suas características, poderíamos arriscar recorrer ao tradicional binômio "cultura popular *versus* erudita" para caracterizar o último século e meio de cultura portuguesa no Brasil. Refutando intenções de qualquer snobismo, referiríamos assim que a primeira se cumpriu no século XX, umbilicalmente ligada ao fortalecimento do fenômeno associativo, enquanto a segunda, fruto de um refinamento que existia, mas sem canais de acesso, cumpre-se agora.

As "casas regionais", embaixadas múltiplas de toda uma nação durante tantas e tantas décadas, visaram, como sabemos, ao duplo desígnio de apoio logístico aos novos imigrantes, mas também divulgação de suas respectivas culturas de origem, consubstanciada na promoção

de eventos e instrumentos próprios, como sejam as festas tradicionais — religiosas e profanas —, os ranchos folclóricos, os espetáculos de fado, os grupos de canto e outros.

Dessa maneira, e enquanto o pobre e deprimido pequeno retângulo lusitano se mantinha do outro lado do Atlântico manietado por um regime anacrônico e desconectado dos novos e implacáveis ventos da História, pelo Brasil as instituições do associativismo mantinham viva a chama da essência de Portugal, de suas raízes e tradições, nomeadamente nas badaladas festas e nos bailes de nossa comunidade que tanto fizeram para a miscigenação de sangues na origem da vastíssima comunidade luso-brasileira, nas mãos da qual repousa hoje verdadeiramente o futuro da portugalidade por terras de Vera Cruz.

A liberdade chegou a Portugal em 1974; à Europa, em 1986. Em 1998, nas vésperas do novo milênio, a Exposição Universal de Lisboa — da qual tive o privilégio de participar — afirmou-se como marco de um novo país aberto ao mundo, no mesmo auspicioso ano em que a língua portuguesa recebia, por via de José Saramago, seu primeiro (e, até à data, único) Prêmio Nobel.

Estava dessa forma aberto o caminho para uma alteração qualitativa muito significativa da imagem de Portugal, nas duas décadas iniciais do novo século.

Desaguando nos dias de hoje, viver no Rio em 2022 é juntar o melhor destes dois mundos. O da história e o da tradição. Da gênese da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro à do próprio país, com a vinda da Corte de dom João VI. Do percurso marcante, de grande coragem, das sucessivas vagas de emigração lusa, após a Independência. Das festas tradicionais que hoje continuam a honrar, com singela dedicação, as origens de um pequeno país que soube lançar-se ao mundo dando-lhe novos mundos. Mas também um país cujos artistas contemporâneos, atores, escritores, intérpretes, compositores, arquitetos e outros marcam presença diária nos palcos da cultura local, em contraste com épocas em que só os clássicos dos clássicos — ainda reverenciados — conseguiam uma luz na ribalta.

O plano da literatura fornece-nos um bom exemplo. Por todo o século XX, poucas figuras além de Eça de Queiroz e Fernando Pessoa alcançaram um destaque verdadeiramente transversal nas bibliotecas da sociedade brasileira e carioca, e autores de idêntica estirpe que lhes foram sucedendo

ao longo do século acabaram remetidos quase exclusivamente ao mundo acadêmico, como os poetas Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca, Sophia de Melo Breyner Andersen, Alexandre O'Neill e Herberto Hélder ou romancistas do nível de Miguel Torga, Agustina Bessa-Luís (que escreveu o denso *Breviário do Brasil*), Vitorino Nemésio (com diversas obras inspiradas em longas estadias brasileiras e que chegou a lecionar literatura brasileira na Universidade de Lisboa), José Cardoso Pires, Lídia Jorge e António Lobo Antunes. Sina então inevitável na relação forçosamente desequilibrada entre um pequeno, isolado e apagado país e seu desmesurado e exuberante primogênito tropical. A assimetria de considerações ditava então que o Brasil (e muito em particular o Rio de Janeiro) inspirasse gerações de escritores portugueses, com profusas referências ao país, mas acesso muito estreito, quando não vetado, ao mercado editorial brasileiro, quando em simultâneos autores brasileiros venciam e vendiam em Portugal, alimentando um coletivo olhar imaginário que ainda hoje sobrevive.

O Prêmio Nobel de José Saramago veio agitar as águas, e a profunda redefinição da imagem de Portugal permitiu inverter o estado de coisas, com novos autores portugueses, como José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe, editados e vendidos deste lado do Atlântico, habitualmente numa interessante e feliz sintonia (na promoção e no alinhamento das livrarias) com novos autores de países africanos de língua portuguesa. Resta esperar que estes fenómenos literários contemporâneos possam fazer jus ao gênio dos autores que os antecederam, promovendo o interesse do leitor brasileiro por mestres da pluma que, cada um à sua maneira, retrataram a evolução, a transformação e o renascimento de Portugal no difícil século XX.

Em suma, vivem-se hoje tempos de maior equilíbrio nas relações culturais luso-brasileiras, que não se podem naturalmente furtar às condicionantes de dimensões e recursos diferenciados. Mas dizem-me minha experiência e as vitrines das principais livrarias do Rio que o interesse por Portugal é genuíno e já não meramente "antropológico", isto é, ancorado na procura das raízes, mas antes movido pelo desejo de descoberta de um novo panorama de cultura numa língua comum, mas de influências diversas. Tal como sucede, aliás, no sentido inverso.

João de Deus
Ex-cônsul adjunto de Portugal no Rio de Janeiro

Nomes que nos “soam”

Há vários “personagens” reais que regeram e regem a conexão Brasil-Portugal pela música. Manuel Monteiro foi um deles. Foi inclusive considerado o pioneiro da música portuguesa no Brasil. Nasceu em Cimbres, Concelho de Armamar, distrito de Viseu, em Portugal, em 15 de maio de 1909. Veio para o Brasil como imigrante, onde conheceu o sucesso. É recordado por ter passado e cantado nas principais emissoras de rádio do Brasil, gravou diversos discos de 78 rotações. Realizava festivais no Teatro República, na avenida Gomes Freire, no Centro do Rio de Janeiro, que duravam dias, com a necessidade de força policial para organizar as imensas filas. O próprio teatro contém um contexto histórico, pois foi construído por “um português apaixonado por teatro e dono de uma grande fortuna, João de Oliveira, [...] considerado na época o maior do Brasil porque contava com 2.756 lugares...”. Esse local foi inaugurado em 1914, no dia 31 de julho, e funcionou como Cinema República de 1927 a setembro de 1932. Após a morte de seu proprietário, o português João de Oliveira, o Teatro República passou a ser de responsabilidade de seu filho e herdeiro, Eduardo de Oliveira.

Fontes ligadas à comunidade portuguesa no Rio de Janeiro consideram que Manuel Monteiro “fazia parte da maior casta de cantores da época, como Sílvio Caldas, Orlando Silva, Vicente Celestino etc.”. O cantor português teria ganhado “muito dinheiro”, sendo considerado o

artista com o cachê mais alto da época. Infelizmente, pesquisas sugerem que Manuel Monteiro morreu "muito pobre", tendo que contar com a ajuda da já renomada fadista portuguesa radicada no Brasil, Maria Alcina, e do seu parceiro, o também português António Campos, além do comendador Modesto Lopes, que organizaram "uma festa que rendeu o seu conforto com dignidade até ao seu fim de vida. António Campos cuidou de Manuel Monteiro até ao fim dos seus dias". Outros nomes, como a brasileira Irene Coelho e as portuguesas Maria Amado, Maria da Luz, Esmeralda Ferreira e Dina Teresa, também marcaram época.

O escritor regional português, Isaac Reis Proença, de Tarouca, no distrito de Viseu, Portugal, publicou, em 2007, o livro *Cimbres, o passado e o presente*, que "pretende perpetuar todo o patrimônio histórico e cultural daquela freguesia" portuguesa. Em suas páginas, o autor relata que "Manuel Monteiro, emigrante no Brasil, contribuiu para a divulgação da música popular portuguesa em terras de além-mar".

Manuel Monteiro, de seu nome completo Manuel dos Santos Monteiro, nasceu a 15 de maio de 1909, em Cimbres, no Concelho de Armamar. Emigrou em 1923 para o Brasil, onde veio a divulgar a música popular portuguesa, gravando centenas de canções, muitas delas com enorme sucesso. Eis alguns dos seus êxitos, no rádio e em disco: "O ceguinho", "O meu barquinho", "Cantiga da rua", "Fado de marinheiro" e "Minha mãezinha". A partir de 1933, teve um bem-sucedido programa radiofônico. Foi a Cimbres nos anos de 1939 e 1975. Muitas de suas canções eram dedicadas à mãe e à terra que o viu nascer. Eis um trecho de uma das suas canções dedicadas ao seu "berço":

De Cimbres eu sou filho
Em Portugal beirão
Com justo orgulho e altivez
Mas longe desse torrão natal
Eu sou apenas isto, português

Faleceu em 26 de novembro de 1990, com 81 anos, no Rio de Janeiro. Cimbres não esqueceu esse filho dileto. A uma das ruas foi dado seu nome para perpetuar tal grande vulto da música popular portuguesa, em terras d'além-mar. A monografia do Concelho de Armamar,

de 1999, editada pela Câmara Municipal, da autoria de J. Gonçalves Monteiro, dedica duas páginas (292 e 293) ao distinto cimbrense, na rubrica "Figuras ilustres".

Marco Paulo é um cantor português ídolo dos portugueses e dos brasileiros. Esteve no Brasil a convite de Benvinda Maria, empresária e responsável pelo emblemático *Jornal Portugal em Foco*, com sede no Rio de Janeiro, e que trabalha com o objetivo de informar e conectar a comunidade portuguesa na Cidade Maravilhosa. Até hoje, Marco Paulo é uma referência. Nasceu em Mourão, no Alentejo português, em 21 de janeiro de 1945. Recebeu já 140 galardões de platina, ouro e prata — e até um de diamante — por vender mais de 1 milhão de cópias, um recorde em Portugal. Marco Paulo é um dos músicos recordistas de vendas em Portugal, superiores a 5 milhões de cópias.

Manuel Taveira nasceu também em Armamar, Portugal. Durante 46 anos divulgou o fado no Brasil. Aos 15 anos de idade, mudou-se do Douro para Lisboa, onde começou a cantar em conjuntos da época, razão pela qual, quando decidiu emigrar para o Brasil, já levava consigo uma grande bagagem artística. Radicou-se em São Paulo, cidade na qual cantou nas melhores casas noturnas, participou das novelas *As pupilas do senhor reitor*, *Meu rico português* e *Antônio Maria*, entre muitos outros programas da TV Tupi. Realizou temporadas na Argentina, no Uruguai e em outros locais da América do Sul. Anos depois, Taveira escolheu o Rio de Janeiro para viver e trabalhar, sendo contratado pela casa de fados A Desgarrada, em Ipanema, liderada pela fadista Maria Alcina, onde encerrou sua carreira de sucesso.

Francisco José Galopim de Carvalho foi outro dos nomes portugueses que marcaram época no Brasil. Nasceu em Évora, no Alentejo, em Portugal, em 16 de agosto de 1924, e faleceu em Lisboa, no dia 31 de julho de 1988. O cantor chegou ao país para realizar uma temporada apenas, mas acabou por viver em solo brasileiro. Conquistou portugueses e os nacionais do Brasil com sua "voz romântica e suave". Fundou sua Adega de Évora na rua Santa Clara, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Fez sociedade com a cantora Maria da Graça, que, com sua simpatia, ajudou a lotar o espaço todos os dias. Francisco José mantinha também um programa de TV no canal 9. Teve grande sucesso com a balada romântica "Olhos castanhos", lançada em 1961. Em 1973,

voltou a ter um grande sucesso com "Guitarra toca baixinho". Já em 1983, lançou o *single* "As crianças não querem a guerra".

Já na obra *Evocação a Francisco de Sá Noronha*, de autoria de Paula Anjos, editado pela Câmara Municipal de Viana do Castelo e publicado em 2021, pode-se conhecer um pouco mais sobre esse violinista e compositor português do século XIX que nasceu em Viana do Castelo em 1820 e morreu no Brasil em 1881. Paula Anjos escreveu que:

> Para os músicos portugueses, o Brasil tinha-se popularizado como destino, desde a partida da corte, em finais de novembro de 1807. Muitos deles permaneceram em terras brasileiras até 1822. Entre os que por lá ficaram, o mais célebre compositor português da época foi Marcos Portugal. Em 1838, Francisco Noronha partiu para o Brasil, no navio *Oliveira*, onde conheceu durante a viagem o conde de Carvalhal que ficou admirado ao ouvi-lo tocar. Quando chegaram à Madeira, o distinto senhor convidou o jovem tocador de violino para se apresentar num teatro do Funchal onde foi, calorosamente, aplaudido.

A autora investigou ainda que,

> no ano de 1838, Francisco Noronha chegou ao Rio de Janeiro, encontrando uma cidade com cerca de 200 mil habitantes: uma mistura de brasileiros, portugueses, franceses, italianos e outros emigrantes europeus. A animação musical e teatral da cidade carioca tinha estagnado, devido à partida do rei dom Pedro IV de Portugal, dom Pedro I do Brasil, que abdicou do trono brasileiro, em 1831, a favor do seu filho que tinha apenas 5 anos de idade. Os anos que se seguiram ficaram marcados pela instabilidade política e constantes rebeliões. Em 1840, o parlamento brasileiro decidiu declarar a maioridade de dom Pedro II, aos 14 anos. Mas o novo imperador só foi aclamado e coroado em 18 de julho de 1841. A subida ao trono e o casamento do legítimo monarca trariam estabilidade ao governo. Um erudito, dom Pedro II desempenhou um importante papel no desenvolvimento das artes, da ciência e do ensino, no Brasil [...].

> O movimento da cidade crescia extraordinariamente à noite. À hora de começarem os teatros, de borla[5] ou não, o fato é que o público se interessava e assistia entusiasticamente aos espetáculos. A partir desta data, verifica-se um acentuado desenvolvimento do meio cultural. O Brasil, terra de muita riqueza, passou a estar nos roteiros de muitos artistas e companhias que ali quiseram ganhar fama e fazer fortuna. Como qualquer emigrante, o jovem violinista encontrou grandes dificuldades, num país desconhecido. Sem amigos, terá sido apoiado por alguns conterrâneos que lhe "abriram portas" para se apresentar em casas nobres e burguesas. Dom Pedro II fundou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional e o Colégio Dom Pedro, apoiou e consolidou a Imperial Escola de Belas Artes, financiou a criação do Instituto Pasteur e atribui diversas bolsas às universidades para estudantes brasileiros.

Após idas e vindas, e demasiadas tentativas, esse português emigrante afirmou-se artisticamente não na música, mas no meio teatral carioca, onde viveu durante o período de consolidação do reinado de dom Pedro II. Como violinista, viajou pelas Américas e regressou à Europa e a Portugal, onde era um quase "desconhecido". [...] "Depois de 1860, fixou-se durante uma larga temporada entre Lisboa e Porto e lutou obstinadamente para conseguir levar à cena as suas óperas. No final da vida, regressou ao Rio de Janeiro, onde viria a morrer".[6]

---

[5] "De borla", em português europeu, refere-se à expressão "de graça", em português sul-americano.

[6] Disponível em: https://correiodominho.pt/noticias/viana-do-castelo-municipio-lanca-livro-evocacao-a-francisco-de-sa-noronha/133717. Acesso em: 10 jun. 2022.

Experienciáveis

Nas páginas do livro *Caetano — uma biografia:* a vida de Caetano Veloso, o mais doce bárbaro dos trópicos, lançado em 2017 pela editora Seoman, no Brasil, os autores deixaram claro que "a música portuguesa sempre teve grande valor para Caetano Veloso. Desde pequeno, ele ouvia fados e tinha especial apreço pelo sotaque lusitano, que gostava de imitar. Ele endeusava Amália Rodrigues, que classificava de 'extraordinária cantora de fados'". Naturalmente, o ecletismo do artista baiano não o deixava limitado à música portuguesa. Na verdade, não o limitava à música. Toda forma de arte e conhecimento, de valor para ele, era degustada e admirada. Mas especialmente a música portuguesa e Portugal tiveram papel importante em seu cancioneiro e sua biografia. Basta lembrar, por exemplo, que Caetano compôs o belíssimo fado "Os argonautas", que ele gravou (em certos trechos) com o sotaque que tanto admirava desde criança. Ele sempre valorizou a língua portuguesa, da qual fez (e faz) uso com maestria, na escrita e na fala, como bem afirmou em um de seus versos mais icônicos da música "Língua": "Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões". Nos anos 1980, Caetano fez shows nos principais teatros de Portugal, que lotavam em suas apresentações. Muitas vezes esteve acompanhado de Sônia Braga, sua namorada na época, que fez um sucesso estrondoso com a novela *Dancin' Days*. Até hoje, nas turnês de Caetano, Portugal é parada obrigatória.

Irmãos, sobrinhos, estrangeiros e únicos

Uma coisa é a relação e o imaginário histórico e cultural entre Portugal e o Brasil, outra coisa são as migrações entre os dois países. Convém não as confundir. Ou, como dizia alguém, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

Não tenhamos ilusões. As relações entre brasileiros e portugueses são especiais (pois são realmente diferentes de outras), mas não são garantidamente harmoniosas. E o grosso dos movimentos migratórios

entre os dois países não se orienta por atrações culturais nem vínculos históricos, mas sobretudo por dinâmicas dos mercados de trabalho e pela percepção de oportunidades socioeconômicas por parte dos que migram. Isso também depende, em grande medida, das políticas do país de destino, sobretudo nas fases em que tem interesse em receber imigrantes.

As migrações entre Portugal e Brasil, em ambos os sentidos, têm sido contextuais, flutuantes, em parte reversíveis. Os que migram têm tido de conviver com preconceitos, estereótipos e obstáculos nas sociedades de "acolhimento". Têm sido estrangeiros, por mais ou menos tempo, quando não definitivamente. No entanto, por mais difíceis ou fluidas que sejam, essas migrações também forjaram, e continuam a forjar, novos mundos socioculturais, feitos de finas misturas no dia a dia, com agruras e alegrias. Pouco a pouco vão construindo seus muitos próprios hifens, desde que o tempo corra e mesmo que os outros e os próprios preferissem manter a pureza da identidade.

A história moderna das migrações entre os dois países começou no século XIX com um fluxo prolongado de Portugal para o Brasil. Antes disso, os portugueses iam para a (ex-)colônia participar de funções de enquadramento e administração de uma economia assente em trabalho escravo. Foi com a necessidade de substituir esse tipo de trabalho por trabalho assalariado que o Brasil começou a atrair imigrantes europeus, sobretudo mediterrânicos, que constituíam mão de obra excedentária em economias pouco industrializadas de muitas regiões de Portugal, Espanha e Itália.

A história dessa migração portuguesa, que teve seu auge nas primeiras décadas do século XX, foi a história de uma emigração largamente clandestina, usando documentos ilegais, não para iludir as autoridades brasileiras, que incentivavam e facilitavam a entrada de imigrantes que lhes interessavam (e que iam trabalhar barato, e muitos seriam hoje considerados crianças), mas para contornar a política (oficialmente) restritiva que Portugal tinha em relação à sua emigração. Esse fluxo maioritariamente camponês, que se inseriu diversamente nas multifacetadas realidades regionais do Brasil, veio a marcar durante muito tempo o imaginário brasileiro sobre os portugueses, com base sobretudo nos que se instalaram em comércios e ofícios nas metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, criou-se uma imagem anedótica da qual ainda per-

manece, em certa medida, uma herança, que não estava completamente desligada de um clima de tensão face aos ex-colonizadores alimentado por correntes sociopolíticas antilusas que se desenvolveram no Brasil de novecentos e de que também existe hoje um claro legado.

Se Portugal e Brasil são "países-irmãos", a verdade é que muitas vezes a ida de migrantes de uma nação para a outra tem-se parecido mais com a chegada de sobrinhos distantes e estranhados do que com o acolhimento natural numa família comum. (Em Portugal também se costuma classificar os espanhóis como *nuestros hermanos*, numa relação totalmente diferente da que existe com o Brasil e que mostra como é sobretudo de retórica — política e diplomática — que se trata nessas supostas irmandades.)

Enquanto o movimento de portugueses para o Brasil praticamente se dissipou na década de 1960 (depois de ter transferido mais de um milhão e meio de pessoas ao longo de um século), a imigração brasileira para Portugal é um fenômeno tardio (mesmo dentro da relação pós-colonial), que só ganha alguma expressão a partir da década de 1980, não por acaso acompanhando o período de integração europeia.

Nesses relativamente recentes anos 1980, com a globalização cultural a acelerar, havia já um novo chão simbólico para acolher brasileiros em terra portuguesa, um fundo de reconhecimento prévio composto por materiais densos e variados, desde as telenovelas que depois de 1977 paralisavam e a fascinavam o país todas as noites, até ao escrete canarinho, pelo qual noventa e tal por cento dos adeptos lusos vibravam nos mundiais de futebol televisionados e onde a seleção portuguesa não punha os pés. Mas uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa. O fluxo cultural do Brasil para Portugal, a familiaridade e a simpatia dos portugueses enquanto público são uma coisa. O cotejar com imigrantes brasileiros no trabalho, no prédio ou nos transportes é outra coisa.

E há a língua, a mesma e outra, que nos une e separa e se funde e contamina, e depois o acordo ortográfico que condensa tensões e ambições, e as políticas pós-coloniais da lusofonia de que o ex-colonizado bem desconfia, mas isso também é outra coisa diferente da vida do migrante brasileiro em Portugal no dia a dia. Aí, ele pode constatar que ao abrir a boca é estrangeiro, e até pode colher simpatia, ou não: também se depara com resistências, depreende xenofobias.

Se tudo fossem números era mais fácil. Os dois fluxos migratórios encontram-se neste momento preciso à esquina da história. Hoje há 185 mil pessoas nascidas em Portugal a viver no Brasil e 184 mil cidadãos brasileiros a morar em Portugal. Estatísticas oficiais, sem contar naturalizados e descendentes. É um espelho falso, evidentemente.

No Brasil, os imigrantes portugueses — 0,1% da população — são hoje uma gota de água no oceano (mas há todo o lastro de gerações anteriores). Na última década e meia (2005-2020), migraram para o Brasil não mais de 13 mil portugueses, oscilando entre apenas 1% e 4% do total de estrangeiros a entrarem no país anualmente.

No mesmo período, o número de brasileiros em Portugal passou de 31 mil para 184 mil, sendo que existem, além desses, os que se naturalizaram portugueses (só entre 2008 e 2016, mais de 50 mil, que já residiam no país), beneficiando-se da maior abertura da política portuguesa para a aquisição de nacionalidade a partir de 2007, relacionada com a baixa natalidade que assombra a nação. Em Portugal, a comunidade brasileira tem atualmente grande peso e expressão visível a toda a hora, das ruas aos *media*. Entre estrangeiros e naturalizados, são pelo menos 230 mil, o equivalente a toda a população do Porto, a segunda cidade do país.

Não parece que a existência de comunidades migrantes tenha um impacto certo na aproximação dos dois países. O que certamente causa impacto é a criação de terceiras identidades, espaços culturais intermédios e híbridos que articulam elementos variáveis das duas nações. E assim como um século de migração portuguesa criou uma luso-brasilidade (ou várias) no Brasil, com suas associações, seus hábitos, suas redes e suas misturas tão profundamente imersas no quotidiano do país que por vezes já quase não se dá por elas; também, se lhe derem tempo, uma nova (e completamente diferente daquela) luso-brasilidade se irá formando em Portugal, no imperceptível fluir dos dias ou talvez com estrondo em alguns episódios.

Dr. José Ricardo Carvalheiro
Professor da Universidade da Beira Interior (UBI) — Portugal
Investigador sobre *Media* e Diáspora

Impressões "indigitáveis": passado e futuro

E que tal conhecer a opinião de quem conviveu com esses artistas, mais novos ou menos contemporâneos, os conheceu, assistiu aos seus shows ou os ajudou a atuar no Brasil e a promover a cultura portuguesa também na América do Sul? Ricardo Souza, ex-diretor do jornal *O Mundo Português*, que tinha sede no Rio de Janeiro, abordou a forma como os artistas portugueses chegavam ao Brasil e como suas carreiras eram tratadas.

> Com o passar dos anos, a música portuguesa começou a ser difundida com mais peso dentro das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Na comunidade luso-brasileira, a imprensa, nomeadamente jornais e programas de rádio luso-brasileiros, foi a principal responsável pela sua difusão entre a nossa comunidade. Radialistas, donos de jornais e a imprensa em geral começaram este intercâmbio musical luso-brasileiro e se tornaram empresários de diversos artistas portugueses, como Carlos do Carmo, Paco Bandeira, António Mourão, Jorge Ferreira, Carlos Rocha, Ilda de Castro, Quim Barreiros... Apenas para citar alguns dos inúmeros artistas que aportaram em terras de além-mar. As casas portuguesas no Rio, em São Paulo

> e Santos, e demais cidades, eram alvo de turnês de grande sucesso. Entre meados dos anos 1980 até aos anos 2000 eram frequentes as vindas de artistas portugueses para apresentações na comunidade luso-brasileira. Na sua maioria, sem o apoio institucional devido do governo português. Infelizmente, esses empresários — radialistas e jornalistas — foram desaparecendo, como o meu pai, Américo Campos de Souza, ou Camarão, e o intercâmbio musical entre as duas pátrias-irmãs sofreu um sério revés nos últimos anos. Sem o apoio governamental, bem hajam que apareçam novos abnegados para restaurar este intercâmbio cultural que tanto dignifica as duas pátrias-irmãs: Brasil e Portugal.

Ivany Flora, jornalista correspondente do canal português SIC no Brasil, reitera que, mesmo profissionalmente, não vê "realmente a música como elo entre Brasil e Portugal".

"Como jornalista cobri muito pouca coisa, porque a música que vem de Portugal é de eventos patrocinados por Portugal. Alguma coisa comemorativa. Trazem a Mariza... Trazem a Carminho... São eventos específicos. E com público muito restrito, ao contrário do que acontece com a música brasileira em Portugal. O brasileiro não consome as músicas portuguesas. Nos ranchos, os imigrantes estão mais ligados à música tradicional... enfim. Essa é a percepção que eu tenho", comentou Ivany Flora. Ela citou, no entanto, que "durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento, em 2000, houve vários eventos", mas patrocinados.

Foi nas ondas do rádio que muitos artistas portugueses e diversas canções da cultura portuguesa se propagaram no Brasil. Cyro Neves, radialista brasileiro, comenta que

> o rádio abriu e continua abrindo espaço para a colônia portuguesa. Várias emissoras começaram a produzir conteúdo. Programas focados no país foram feitos em diversas emissoras, e a música portuguesa teve papel importante nisso. A música proveniente de Portugal foi ganhando cada vez mais espaço. Lembro-me do programa da jornalista Cláudia Ferreira, na Rádio Tupi, que falava do futebol português, dos acontecimentos e sempre dava espaço para as can-

> ções, assim como os demais programas, que, até hoje, continuam sendo produzidos nas rádios. A música portuguesa tem a sua peculiaridade, e um dos artistas que mais se destacaram no Brasil foi o cantor Roberto Leal, que faleceu em 2019.

Joaquim Felipe Mendes é hoje o responsável pelo *Jornal Portugal em Foco*, no Rio de Janeiro. Mantém grande ligação com a comunidade portuguesa, por ter acompanhado, desde cedo, os passos da mãe, a empresária Benvinda Maria. Ele sempre frequentou todas as casas portuguesas, sobretudo no Rio, mas também grupos etnográficos e de folclore em solo português. Felipe Mendes garantiu que

> a música portuguesa no Brasil fez imenso sucesso nos anos 1950, 1960 e 1970; foi mesmo de arrepiar, Joaquim Pimentel, Francisco José, Tristão da Silva, Maria Alcina e outros artistas maravilhosos. Posso dizer que acompanhei, nos anos 1960, parte dessas vitórias incontestáveis. Os meus pais, Benvinda Maria e Marques Mendes, participaram de muitas dessas histórias. Tudo começou com o Tristão da Silva, que fez muito sucesso no Brasil no final dos anos 1950. [...] A partir daí, pelas mãos da minha mãe, que já estava dentro da colônia, passaram a vir uma série de artistas portugueses; por exemplo, Beatriz da Conceição, uma fadista de primeira linha, com um temperamento difícil, mas ficaram amigas para sempre. Outro cantor que a Benvinda trouxe foi o Marco Paulo, que era um sucesso em Portugal e fez a sua parte no Rio enchendo várias casas, trazendo a música romântica portuguesa nos anos 1970. Um sucesso incontestável: Quim Barreiros, festas fantásticas naquele tempo, enchiam as casas por onde se apresentava e esteve no Brasil várias vezes. Já mais recentemente, nos anos 1990, Benvinda trouxe também o Tristão da Silva Filho, que fez sucesso dentro da colônia. A ligação de Benvinda com o maior de todos os artistas portugueses no Brasil, o nosso eterno Roberto Leal, também foi fantástica, pois ele a chamava de mãe, e eu não ficava com ciúmes. É verdade... Uma amizade que deve estar fazendo sucesso na casa do papai do céu. De 1981 a 2006, Benvinda levou do Brasil para Portugal, pelo seu Rancho Folclórico do

> Rio de Janeiro, para lá se apresentarem, um número de artistas grande. Foram com ela, entre artistas e cantores, Neusa Amaral, Maria Alcina, Ellen de Lima, Mário Simões, Hugo Gross, Narjara Turetta, Bete Castro e outros tantos. Dessa forma, entendemos que o relacionamento entre a arte portuguesa e a brasileira se misturaram de uma maneira muito forte, houve uma troca de experiências realmente maravilhosa. O que podemos avaliar ainda hoje, sem a Benvinda, é que a mistura e convivência ainda estão presentes, com artistas brasileiros fazendo sucesso em Portugal e portugueses fazendo sucesso no Brasil. Isso faz bem a todos os portugueses e brasileiros, pois são dois povos que são uma nação.

Wylma Guimarães é jornalista, radialista, escritora e poeta. Lidera o programa *A Voz da Mulher*, na Rádio Bandeirantes, no Rio. Defende que "o rádio é o meio de comunicação mais popular e querido no Brasil e em Portugal". Grandes nomes utilizaram esse meio, segundo Wylma, para disseminar a cultura portuguesa no Brasil:

> Dentre muitas artistas da época destacamos a portuguesa Carmen Miranda, mulher guerreira, talentosa, competente e determinada, que promoveu mudanças nos hábitos e costumes da sua época. Ela sempre esteve à frente do seu tempo, trouxe avanços para o *Mundo das Mulheres*, enfrentou desafios, preconceitos e discriminação, quebrou tabus e se posicionou no enfrentamento das atitudes machistas da sociedade que não a aprovava conseguindo ultrapassar e contribuir para mudar a nossa história. É em nome da voz dessas mulheres que me encanto com a trajetória de Carmen Miranda, que se destacou por estar muito à frente de seu tempo. [...] Foi considerada a primeira artista multimídia do Brasil por trabalhar em rádio, cinema, televisão e teatro de revista, cantando e dançando. [...] Tivemos outras notáveis, como a fadista portuguesa Maria Alcina, nascida em 1939, na Aldeia de Cetos, em Castro Daire, Portugal. Mudou-se para o Brasil ainda jovem, com apenas 15 anos de idade. No Rio de Janeiro, começou a cantar fado e fez do estilo musical mais característico de Portugal uma autêntica forma de vida com sucesso. [...] Destacamos a fadista mais famo-

> sa do século: Amália da Piedade Rodrigues, que nasceu em 1920, Lisboa e faleceu em 1999. Foi uma fadista, cantora e atriz portuguesa, considerada o exemplo máximo do fado. Esta linda mulher era comumente aclamada como a voz de Portugal e uma das mais brilhantes cantoras do século XX. Amália tinha um carinho especial pelo Brasil e, no início da década de 1950, a fadista gravou um conjunto de temas de autores brasileiros como "A coroa do rei", "Saudades de Itapoã", "Falsa baiana" e "Nega maluca".

Responsável pelo programa de TV luso-brasileiro *Assim é Portugal*, José Carlos Pereira mencionou que

> sempre tive um sonho de fazer a música portuguesa ser reconhecida e divulgada no Brasil, como a brasileira sempre foi em Portugal. Por mais trabalho de divulgação que tenha feito ao longo de 35 anos, através do rádio, TV, internet e produzindo shows, confesso que ainda não consegui. É verdade que já alcançamos um bom estágio, até pela diferença da dimensão dos dois países, mas ainda falta muito, diferente de outros mercados, onde a língua é diferente e nem por isso impede o sucesso de algumas estrelas portuguesas. Com o mundo globalizado, estamos presenciando mudanças na música através dos novos talentos que surgem a todo momento, sejam autores, cantores, produtores, músicos, entre outros profissionais e os intercâmbios culturais. É principalmente no fado, com outros instrumentos musicais além das tradicionais guitarras portuguesas, letras com diferentes conteúdos, não com as que predominavam, como, por exemplo, saudade e tristeza, que vejo acontecer, juntamente com as novas plataformas que fazem chegar mais rápido e a mais pessoas em todo o mundo a música portuguesa.

Marcelo Reis é filho do locutor português Antônio Reis, imigrante nascido em Herdade, São Vicente de Pereira, em Ovar, Portugal, que, para fugir da guerra na África, foi com apenas 18 anos para o Rio de Janeiro. Marcelo conta que "iniciou profissionalmente o programa de rádio, ao lado do pai quando tinha apenas 14 anos de idade, mas, desde os 5 anos, já ia para a rádio com ele".

Naquela altura, eu não tinha a dimensão da herança que o meu pai e mestre estava me entregando. Os patrocinadores do meu programa de meia hora na Rádio Metropolitana, aos sábados das 16h às 16h30, chamado *Roberto Leal e seus Convidados* eram a empresa aérea Varig, BarraShopping, Coca-Cola, Massas Belprato, Cerveja Schincariol e os Supermercados Guanabara, entre outros. A minha primeira entrevista fiz com apenas 14 anos sob o olhar do meu pai, do outro lado da técnica de som, através do vidro, com nada mais nada menos que Carlos do Carmo. Não me esqueço da mistura de nervosismo e de excitação. Afinal, era a minha primeira entrevista no ar e ao vivo. Sempre ao lado do meu pai até aos meus 23 anos de idade, passamos por algumas rádios, como Rádio Continental, Rádio Guanabara (hoje Rádio Bandeirantes), Rádio Imprensa e a de maior relevo das nossas vidas, a Rádio Metropolitana AM do Rio de Janeiro, onde chegamos ao quarto lugar de audiências em todo o Rio de Janeiro, perdendo para a Rádio Globo, a Tupi e a Rádio Nacional. Um feito histórico, tendo em vista que era um programa português para a comunidade portuguesa. Quantas lembranças maravilhosas! Não esqueço o som dos telefones da Rádio Metropolitana tocando incessantemente para os concursos que o meu pai fazia, onde oferecíamos um almoço ou jantar na Casa do Bacalhau, no Méier, compras no Supermercado Guanabara, discos, ainda de vinil, de artistas portugueses, peças inteiras dos queijos Planalto, entre outros; aquele telefone pegava fogo. Mas o mais emocionante era sentir o calor humano dos ouvintes quando se deslocavam ao nosso escritório na Penha e, depois, no Méier, para terem acesso aos prémios. Quanta felicidade naqueles abraços, era uma grande família!

Tudo começou quando o meu pai, motorista de táxi no início dos anos de 1970, pegou um passageiro que pediu para levá-lo à Rádio Metropolitana em Inhaúma. De imediato, o meu pai reconheceu a voz. Era Jota Pimenta, renomado radialista português do qual o meu pai era ouvinte assíduo. Ao chegar à Rádio Metropolitana, o meu pai pediu para assistir ao programa nos estúdios. António Reis estava naquele momento realizando o seu sonho de menino: estar dentro de um estúdio de rádio. Imagino a emoção daqueles minutos. Ao terminar o programa, António Reis perguntou a Jota Pimenta o

que seria preciso para trabalhar em rádio. Jota Pimenta respondeu que, se ele arrumasse um patrocinador, poderia ter uma participação no programa, como locutor. Eufórico com a ideia, conversou com um locutor que estava naquele momento na rádio, Gláucio Muniz, o também mágico "Mister Zino", grande parceiro do meu pai para o resto da vida. Foi, então, que o Gláucio deu a dica de que havia uma fábrica de móveis em Inhaúma chamada Brasilformi, do imigrante italiano Orfeu Fraguas, que apostava em publicidade. António Reis, motorista de táxi, na altura em que os motoristas tinham que andar uniformizados de camisa branca e gravata preta, foi visitar a Brasilformi, deixando o seu táxi bem longe para não saberem que era um simples motorista. Trocou a gravata, colocou um terno (o único que tinha) e lá foi aquele imigrante português que nunca tinha saído para vender nada, ao encontro do seu destino. Ao chegar às instalações da Brasilformi, encontrou Orfeu, que o recebeu rindo. Pois deveria estar em um dia muito feliz. Depois de apresentar a proposta de patrocínio, tremendo por todos os lados e gaguejando, afinal não tinha nenhuma experiência, pediu Cr$ 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros) para o patrocínio, e depois de uma conversa demorada, Orfeu, vendo o seu nervosismo e tremedeira, perguntou se era a primeira vez que ele estava vendendo e o que fazia na vida. E o meu pai abriu o seu coração: disse que era motorista de táxi e que tinha um sonho desde menino que era ser locutor de rádio. Então, Orfeu, sorrindo, disse: "Português, você é pobre até pedindo... Vou te dar Cr$ 1.000,00 (mil cruzeiros)", que era quatro vezes mais do que ele pedia. Porém, com uma condição: se fosse o meu pai a ler as notícias dos clubes portugueses. Ao chegar em casa, a minha mãe, Lucília Reis, a mulher que o meu pai, eu e a minha irmã, Suzana Reis, devemos tudo, nem acreditava. Pois o aluguel da nossa casa era de Cr$ 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros), e só de comissão o meu pai ganhou Cr$ 300,00 (trezentos cruzeiros) na rádio. Começava aqui a mão de Deus escrevendo a grande virada na vida do imigrante português, motorista de táxi, pobre, com apenas o quarto ano primário. A minha mãe, não esqueço, pediu emprestado uma máquina de escrever e, lembro-me como se fosse hoje, eu e a minha irmã, sentados na mesa, o meu pai e a minha mãe, sem ne-

> nhuma experiência, fazendo os textos para os patrocinadores. Era tudo muito difícil. O meu pai trabalhava à noite e de madrugada no táxi e, de dia, saía para vender publicidade. Vale dizer que, atrás de um grande homem, existe sempre uma grande mulher. A minha mãe, quantas vezes, com roupas muito simples, saía para comprar ternos, camisas e gravatas para o meu pai poder se apresentar bem. Que grande mulher sempre foi e é a Lucília Reis, e eu tenho a felicidade e a honra de ser o seu filho! Ao chegar à rádio com o patrocínio fechado da Brasilformi, Jota Pimenta não acreditava. Pois era o maior patrocinador do programa, com aquele valor, e então, António Reis começou a fazer o quadro "Agenda da vida associativa dos clubes portugueses do Rio de Janeiro", na Rádio Metropolitana. Obrigado pela minha mãe, o meu pai foi estudar à noite no colégio Moreira Filho, em Vicente de Carvalho, no Rio de Janeiro; depois, formou-se pela Suam em Direito. António Reis continuou o seu trajeto de muito esforço, trabalhava dia e noite, deixou o táxi e se dedicou 100% ao rádio.

Marcelo enfatizou ainda que, anos mais tarde, consagrou-se como um dos locutores de maior sucesso do rádio carioca, com três programas: *Programa António Reis*, aos sábados das 16h às 18h na Rádio Metropolitana; *Isto é Portugal*, na Rádio Imprensa FM, aos sábados, das 6h às 9h; e seu programa favorito e de maior sucesso, *A Comunidade Portuguesa em Marcha*, em que, ao lado dos parceiros Nereides Martins e Raul Caseiro, apresentava o "Momento da culinária", quadro que os três faziam rolando de rir.

> Em 1989, com 23 anos de idade, me formei em Direto na Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro e advoguei até abril de 1990, período em que tive um problema muito sério e fui internado de urgência no Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, com oito úlceras nervosas, vomitando sangue. Fui aconselhado pelos médicos a fazer uma pausa na minha vida profissional, pois, nesta altura, era o advogado responsável por toda a parte de administração de imóveis na A. Reis imóveis, de segunda a sexta, e, aos fins de semana, nas rádios com o meu pai. Cheguei em Portugal

para umas férias previstas de três meses, onde fui morar na praia do Furadouro, em Ovar. E já com experiência de dez anos de rádio, aconselhado pelo meu pai para não ficar parado, fui apresentar um programa em uma rádio local, de segunda a sexta, das 8h às 10h, em que não pagava o horário nem recebia salário; era só para passar o tempo. Certo dia, logo nos primeiros dias em Portugal, fiz um passatempo na rádio. Dei 10 LPs da novela *Tieta* na rádio, no último dia da novela *Vale tudo*; e, começando a novela *Tieta*, fiz a pergunta: "Quem matou Odete Roitman?" Na altura que não existia internet e quem tinha um LP das novelas brasileiras tinha uma preciosidade. Neste dia, recebi, em aproximadamente duas horas e meia, 156 chamadas telefônicas com apenas uma linha de telefone fixo, sozinho para fazer o programa e atender às chamadas. Um verdadeiro sucesso neste dia. Ao sair da rádio, vejo um carro da Portugal Telecom, empresa portuguesa de telefones, com dois funcionários procurando a rádio. Eu estava saindo do prédio, disse que era ali mesmo e perguntei se poderia ser útil. Ao começar a falar, um dos funcionários perguntou: "O senhor é o brasileiro que faz programa aqui na rádio pela manhã?" Respondi: "Sim, sou eu." Então, disseram-me que o engenheiro Renato precisava falar comigo e que eu estava proibido de fazer mais passatempos na rádio pelo telefone. Surpreso, perguntei o porquê... Ele respondeu que eu havia travado todo o sistema de telefones da cidade de Ovar. A rede era analógica e não suportava tantos números ligando ao mesmo tempo para o mesmo número de telefone. Com os telefones disparando desde o primeiro programa, pensei: "Vou vender qualquer coisinha..." Segui o exemplo do meu mestre. Terno e gravata, pasta na mão e saí para vender publicidade para o meu programa que, a princípio, só iria durar no máximo três meses. Em 15 dias de venda, sem ninguém me conhecer, em maio de 1990, já havia fechado contratos no montante de €2.500,00 (dois mil e quinhentos euros), em apenas 15 dias. Fiquei animado. Comprei três horas de segunda a sexta na Rádio Antena Vareira, em Ovar, das 9h ao meio-dia. Foi uma loucura. Em três meses eu tinha 32 patrocinadores em três horas, e a rádio tinha apenas quatro patrocinadores nas restantes 21 horas do dia. Com a faturação absurda, onde cheguei a faturar sozinho €10.000,00 (dez

mil euros) em câmbio de hoje. Comprei em apenas três meses um automóvel Renault Chamade 19, vermelho, novo, espelhando e deixando a direção da cooperativa da rádio espumando de inveja. Pois em Ovar não se falava de outra coisa a não ser do programa do "brasileiro". Informei nesta altura ao meu pai que queria ficar em Portugal, pois financeiramente era muito melhor. Ele ficou surpreso, mas entendeu e me apoiou.

Apesar do sucesso, Marcelo viveria uma reviravolta.

Depois de insustentável clima com a direção, saí da rádio em dezembro de 1991, fui dirigir uma rádio em Braga. Foi só azar... Caíram dois raios, um na antena, queimando o transmissor e as antenas, e outro raio no poste, onde, pelo fio do telefone, a descarga do raio fechou um curto-circuito em todo o equipamento dos estúdios, queimando todo o equipamento da rádio. Em 1992, aluguei três horas de segunda a sábado na Rádio Regional de Arouca, onde vivi a minha fase mais próxima do meu pai. Pois era o maior orgulho para ele, o seu filho, agora imigrante brasileiro em Portugal, ser o primeiro lugar de audiências entre 38 rádios locais, no distrito de Aveiro, e o décimo lugar de audiência entre todas as rádios locais em todo Portugal, repórter, representante da Rádio Nacional de Brasília, no programa *Revista Nacional*, do grande mestre da rádio, Walter Lima, para mais de 200 rádios no mundo inteiro. Nesta altura, o meu pai, Roberto Leal e o senhor Calçada, ex-presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama, tentavam comprar algumas rádios em Portugal e eu ficaria na direção delas. Depois de pouco mais de dois anos na Rádio Regional de Arouca, surge a oportunidade de arrendar 100% do espaço da Rádio Clube da Feira em Santa Maria da Feira em Portugal. E é aqui que começa a minha devoção à rádio, à honra e à memória do meu pai. Descia a serra de Arouca e estava agoniado para dar a notícia ao meu pai que poderia ficar com a Rádio Clube da Feira toda sob o meu comando. Quando cheguei na altura de Santa Maria da Feira, o meu celular já tinha rede. Parei o meu carro e dei a notícia ao meu pai que iria fechar negócio com a RCF. Ele deu aquele sermão típico de pai: vai trocar o certo pelo

duvidoso... Vai ter que contratar pessoal... Uma coisa é fazer programa alugado, outra coisa é gerir uma rádio inteira... Veja bem... Enfim, depois de um sermão à António Reis, ele falou o seguinte: "Feche o negócio. Se precisar de dinheiro, pegue na minha conta o que precisar. Assim, vou para Portugal de abril a setembro e você vem para o Brasil para o meu lugar e eu vou para Portugal para o seu." Comecei a rir e disse: "Engraçado, o senhor vai ficar atrás do sol no verão em Portugal e no Brasil, e eu fico com o pé molhado na chuva e no inverno. Entretanto, cheguei à minha casa no Furadouro, almocei e fui apresentar um show em Braga. Ainda na autoestrada, a minha irmã, Suzana Reis, liga para o meu celular e pede para eu parar o carro. Impossível, pois eu estava no meio da autoestrada, em direção a Braga. Suzana, a minha irmã, estava com uma voz trêmula e disse que tinha uma notícia ruim e que eu me preparasse para ouvir. Suzana disse que o nosso pai, António Reis, fora assaltado, voltando da inauguração de um supermercado e tinha levado dois tiros, mas estava tudo sob controle. Um tiro foi na perna e outro no braço. Ela mentiu para me acalmar. Foi grave. O tiro no braço atravessou o corpo do meu pai, passando a milímetros do coração, ficando com a bala alojada, e o outro tiro, na perna, pegou bem no meio do fêmur, estourando a sua perna. A situação era muito grave. Fui apresentar o show da Catarina Furtado, patrocinado pelo óleo Fula no estádio em Braga, muito tenso, nervoso e preocupado. Voltei para casa e encontro a minha mulher chorando, sentada no canto do nosso quarto. Perguntei se ela sabia sobre o meu pai e ela disse que não. Então, perguntei por que chorava. Ela respondeu que a sua avó acabara de falecer... Que dia... Liguei para a TAP Air Portugal e peguei o primeiro voo para o Rio de Janeiro, sozinho. Pois a minha esposa já não iria a tempo para o enterro da avó. Entretanto, o negócio da Rádio Clube da Feira estava por aqueles dias. Deixei três cheques assinados, três folhas em branco assinadas para uma eventual procuração e parti para o encontro do meu pai, que estava internado no CTI do hospital, em Niterói. Encontrei o meu pai sedado e intubado, no hospital. Ao chegar com a minha mãe e a minha irmã ao lado dele na cama, ele acordou, meio anestesiado. Ao me ver ficou muito nervoso e olhou para mim e para a minha irmã,

levantou devagar a sua mão direita, apontou para mim e para a Suzana e, depois, juntou os dois dedos e, sem falar nada, deixou a sua última mensagem unindo os dedos, como sinal para que eu e a minha irmã estivéssemos sempre juntos. O meu pai começou a se sentir mal, os enfermeiros mandaram-nos sair, levaram-lhe de emergência e, sem dar tempo de agradecer por tudo aquilo que ele me proporcionou, foi o nosso último olhar, a nossa despedida. Dois dias depois, recebemos uma chamada do hospital para ir algum familiar do senhor António Reis até lá. A minha irmã, como sempre trabalhou em hospital, nos preparou para a pior notícia. Pois era este o procedimento dos hospitais, em casos de óbito. Ao chegar ao hospital, um médico nos chamou em um canto no corredor e deu a notícia que o meu pai não havia suportado o incidente; eles fizeram de tudo, mas ele havia partido naquela madrugada. O mesmo médico nos informou que, se quiséssemos nos despedir do meu pai, com mais privacidade, o corpo iria sair para ser levado para o Instituto Médico Legal, pela parte de trás do hospital. Então, eu, a minha mãe e a minha irmã nos dirigimos à porta de saída do hospital e, ali mesmo, enrolado em um lençol cor-de-rosa, destapamos o rosto do meu pai e, neste momento, o celular tocou. Era a minha esposa ao telefone. Ela perguntou como o meu pai estava e, para não dar a notícia ali, disse que agora ele estava bem. A minha esposa, na altura que o meu pai estava morto na minha frente, e eu com a minha mão direita no peito dele, me disse que estava na frente do advogado, se poderia passar o cheque e que a rádio seria nossa. Dei autorização a ela e rapidamente desliguei o telefone. Naquele momento, caí em um pranto desesperado. Pois havia realizado o sonho do meu pai no exato momento em que ele havia partido. Naquele instante, com a minha mão no peito do meu pai, jurei que iria fazer a melhor rádio de Portugal em sua homenagem e que o seu sonho não havia morrido, pedi ali que ele estivesse sempre comigo. No dia 1º de junho de 1995, menos de uma semana depois do falecimento do meu pai, nem tive tempo de ir à missa de sétimo dia com a minha mãe e a minha irmã: estava de volta à Portugal, estreando a Rádio Clube da Feira, onde estive 11 anos à frente daquela estação e, neste tempo, em primeiro lugar de audiências em todo o distrito de Aveiro e

em oitavo lugar de audiências entre todas as rádios locais em Portugal. Passados cinco anos, aproximadamente, retornei ao Rio de Janeiro e fui visitar outro grande comunicador, António Vieira, na Rádio Metropolitana. Ele me entrevistou relembrando os momentos maravilhosos que havia passado ao lado do meu pai sentado naquele mesmo estúdio. Ao final do programa, recebi uma chamada de um senhor, com uma voz de bastante idade, me dando os parabéns e dizendo que a maior alegria dele era ouvir o programa do meu pai, até hoje, todos os domingos, enquanto lavava o seu carro. Enlouqueci de raiva e xinguei muito aquele homem, pensando ser um trote no telefone. Por fim, o senhor se explicou. Disse que gravava o programa do meu pai para ouvir durante a semana e que tinha muitas fitas cassete. E, que depois da sua morte, continuava durante aqueles cinco anos lavando o seu carro e ouvindo o programa do meu pai. Chorei desesperadamente, pedi um milhão de desculpas. O senhor, chorando também, me parabenizou por ser filho daquele que alegrava as suas manhãs de domingo durante muitos e muitos anos, aproximando Portugal através das canções. Até hoje, cheguei a dirigir três rádios ao mesmo tempo, fui diretor-geral de um canal de televisão por cabo em Portugal e Espanha e coordenei as campanhas de cinco hipermercados da rede E. Leclerc. Fiz 72 aberturas e mais de 200 aniversários de grandes superfícies em Portugal. Fui apresentador de televisão; acertei e errei muito na vida... Em 2010, voltei para o Brasil e montei a Rede Rama de Televisão. Vendi o negócio e hoje sou diretor comercial e locutor na Rádio Popular FM em Lisboa. Tudo isto começou com um sonho de um imigrante português, ao volante de um táxi.

Fabiano de Abreu é um cidadão luso-brasileiro que, após construir uma vida sólida no Brasil, deixou para trás o *status quo* e decidiu viver na terra de seus antepassados, hoje seu país de acolhimento. Ele mantém residência na pacata vila de Castelo de Paiva, no distrito de Aveiro, em Portugal, onde vive com a família, apesar de ter origens na Ilha da Madeira. Conta ainda com uma gigantesca bagagem profissional e pessoal e é detentor de um recorde: sua dupla nacionalidade lhe confere o título de ser o português com "o maior nível de Quociente de Inteligência (QI)

do País". Fabiano é PhD em Neurociências, também doutor e mestre em Ciências da Saúde nas áreas de Neurociências e Psicologia; mestre em Psicologia; mestre em Psicanálise, biólogo, historiador, antropólogo, filósofo, jornalista e escritor, com Formação Avançada em Nutrição Clínica, especialização em Inteligência Artificial e programação em Python. São mais de 50 títulos acadêmicos no Brasil, em Portugal, nos Estados Unidos, na França e na Ásia. Perguntado sobre a conexão entre esses dois países através da música, Fabiano recorda: "Os artistas portugueses alimentam as casas portuguesas. Eu, por exemplo, como filho de português, adorava ir ao Cadeg-RJ — Mercado Municipal do Rio[7] ou à Casa do Distrito de Viseu do Rio para escutar as músicas e danças tradicionais. Mesmo não tendo nascido em Portugal, me sentia em casa. Era muito familiar. A música faz liberar hormônios da recompensa e felicidade; logo, seria impossível não unir. Ela é essencial." Esse neurocientista luso-brasileiro afiança que o caminho contrário também acontece: "Os músicos brasileiros promovem, sim, o Brasil em Portugal, mas vejo-os muito mais para os brasileiros do que para os portugueses. É o caminho inverso das casas portuguesas no Brasil. Os músicos brasileiros de sucesso já fazem shows em Portugal. Ao contrário dos músicos portugueses de sucesso que não vão ao Brasil."

Sobre nomes importantes nesse cenário no Brasil, Fabiano de Abreu é direto: "Como o Roberto Leal nunca teve ninguém."

> O Roberto Leal foi uma referência na história e trouxe não só alegria aos portugueses, mas também aos brasileiros que gostavam da música dele. Tem que levar em consideração que eu sou uma pessoa que nasceu no Brasil, filho de portugueses. Nasci num bairro em que todos os meus amigos eram filhos de português. Ou seja, eu não lembro na minha história de vida de conviver com tantos brasileiros assim. Eu vivi muito com português, eu fui de dentro de uma cultura portuguesa, isso acontece no Brasil. Eu era pequeno e já sentia aquele arrepio. Eu não vejo isso nos brasileiros em Portugal, pois os brasileiros

[7] Local com grande concentração de comércio de bens, mercadorias e alimentos movimentado por portugueses e onde existe um evento musical e cultural com grupos de indivíduos que tocam concertinas apostando no folclore português todos os fins de semana.

> que conheço não amam Portugal, "o brasileiro raiz" descendente de brasileiros... Eles não têm amor por Portugal... Não têm cultura portuguesa. Vivem em Portugal porque dá uma condição de vida melhor, qualidade de vida, e pronto. Então, os laços Brasil-Portugal para mim são mantidos por causa dos descendentes portugueses.

Fabiano de Abreu enfatizou também que "a luso-brasilidade vai muito além da música. Está também nos produtos portugueses e brasileiros que fazem parte da cultura. Eu vejo muito mais a luso-brasilidade como uma lembrança da cultura portuguesa no Brasil para as colônias. Ainda há muitos portugueses, filhos e netos no Brasil, e esses não só mantêm a cultura, como os laços entre os países".

Paulinho Mocidade, brasileiro, cantor, compositor e intérprete de samba-enredo, com sua história musical e profissional muito conectada ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel do Rio de Janeiro, tradicional no Carnaval carioca, salientou que

> a conexão Brasil-Portugal vem, desde o nosso Descobrimento, feito pela Coroa portuguesa. Somos povos amigos, festeiros, hospitaleiros, entre tantos detalhes, riquezas e belezas naturais e temos uma culinária extremamente apetitosa e maravilhosa. O Brasil, com dimensões continentais, talvez tenha a maior concentração cultural do mundo, porque, além do folclore imenso, temos muitos gêneros musicais, ritmos, danças e músicos de uma qualidade de que só nos orgulhamos. Essa junção dos artistas portugueses e brasileiros fez com que fosse descoberta uma musicalidade agradável, rica, e porque não dizer que ainda existem muitos talentos em busca de uma oportunidade e, com certeza, encontrarão. O samba a cada ano faz uma mistura muito gostosa entre ambos, haja vista o crescimento do samba e das escolas de samba em Portugal. Irão surgir muitos sambistas em terras lusitanas.

Ainda no campo do samba, Bruno Gutman é, ao lado de Pedro Lício, fundador do Bloco Minho de Janeiro, com sede em Braga, e que tem o objetivo de levar a alegria do Carnaval do Brasil para terras

portuguesas, sendo o primeiro bloco de Carnaval de Braga. De acordo com Bruno Gutman,

> é inegável que Brasil e Portugal possuem uma gigantesca identidade cultural, e a música desempenha um papel extremamente importante na aproximação entre os dois países. O fado vem caindo no gosto do público brasileiro. Um bom exemplo é o sucesso que a fadista Carminho tem em suas turnês pelo Brasil. Por outro lado, o funk e o samba conquistaram os portugueses. Nos últimos anos, a emigração brasileira para Portugal acentuou-se e, com isso, os hábitos, valores e gostos passaram a fazer parte do dia a dia desses brasileiros e, por extensão, de grande parte dos portugueses. As músicas brasileiras são tocadas nas rádios, nos diversos meios de comunicação, nas discotecas, enfim, têm uma ótima audiência. Na região do Minho, em especial, onde o número de emigrantes brasileiros é proporcionalmente o mais elevado de Portugal, os músicos brasileiros têm ocupado um espaço importante, contribuindo não só para a divulgação dos mais diferentes estilos musicais, mas, principalmente, na diminuição da distância entre Brasil e Portugal.

Esse luso-brasileiro informou que, "em 2019, dois brasileiros, ele e Pedro Lício, fundaram o primeiro bloco de Carnaval de Braga, o Minho de Janeiro, que, na sua primeira edição, contou com mais de dois mil foliões, entre brasileiros e portugueses. O samba-enredo 'O Brasil descobriu o Minho' exaltou as belezas de Braga, das suas tradições e personagens, mas, num dos seus versos diz que "vai revelar ao Minho as belezas do meu Carnaval". [...] O Carnaval é uma das principais festas brasileiras e um excelente produto de exportação. Com o crescimento da comunidade brasileira em Portugal, passa a ser uma das principais formas de aproximar os países. Segundo o entrevistado, "além disso, como é uma festa de cunho familiar, sua aceitação é ampliada".

Sérgio Borges é outro bom exemplo dessa ligação. Músico brasileiro, enveredou pelo fado como forma de exprimir sua arte.

> Entrei no universo da música portuguesa há 32 anos, primeiramente no folclore e, logo em seguida, no fado. Confesso que, an-

> tes disso, não conhecia o fado em si. Inicialmente, comecei com a música instrumental participando do Trio Manuel Marques, formado por guitarra portuguesa, com o maestro Manuel Marques; violão, com Bonfim; e, no meu caso, contrabaixo. A partir daí fui adentrando nesse universo da música e da cultura portuguesa. Comecei a acompanhar todos os fadistas residentes em São Paulo, alguns nativos de Portugal e outros brasileiros, como eu. Apaixonei-me por esse gênero e por essa cultura. Comparo o fado a todas as canções regionais que falam das suas alegrias e tristezas, do amor à sua terra, da saudade e, também, de protestos. Aprendi muito com o convívio de fadistas e músicos, tanto os radicados no Brasil quanto os portugueses com os quais fiz amizades, como Manuel Mendes, Jorge Fernando e José Manuel Neto, entre outros. Percebi a importância de manter viva essa cultura em nosso país, até por que faz parte das nossas raízes também. Tive a oportunidade de acompanhar alguns artistas brasileiros a cantar fado como Roberta Miranda, Fafá de Belém e Edson Cordeiro. Acho muito bacana também a mistura de estilos entre o fado e a música brasileira, assim como a guitarra portuguesa com outros instrumentos solistas. Tenho um trabalho com um guitarrista brasileiro, Wallace Oliveira, onde fazemos essa junção e que tem sido muito bem aceito em Portugal. Enfim, sinto-me privilegiado e feliz por poder contribuir para que a música portuguesa continue a ter o seu espaço aqui no Brasil.

Zé Amaro, cantor, autor e compositor português, diz-se "apaixonado pela música e pela vida". É conhecido por ser um artista que "inovou a música portuguesa", implementando seu próprio estilo, com ritmos country mais conhecidos na música norte-americana e brasileira. Como cantor country "pioneiro em Portugal", Zé Amaro necessitou disponibilizar "muito trabalho e dedicação para conseguir cativar os portugueses com o seu estilo de música diferente" e, hoje, ser o caubói mais conhecido de Portugal.

Esse cantor tem o Brasil na rota permanente das suas apresentações; por isso, conectar os dois países, através da música, faz parte das suas apresentações:

Eu sou cantor desde muito cedo, embora tivesse alguns projetos anteriores; no entanto, estou com 15 anos de carreira como Zé Amaro. Implementei um estilo novo, no qual existe uma lacuna muito grande em Portugal da música country, ou sertaneja, se quiser, e não havia em terras lusitanas, digamos, com sotaque absolutamente português, como é lógico, ou sem sotaque, neste caso com português direto e, no entanto, sou apreciador de tudo aquilo que se faz no Brasil porque me identifico absolutamente com o estilo, com as pessoas, com a forma de trabalho, de vida e, acima de tudo, com o estilo musical, que é o mais importante neste caso. Tenho feito uma carreira em Portugal baseada no estilo novo, diferente do que as pessoas se identificam muito e isso me permite viajar pelo mundo, inclusive no Brasil, onde fiz algumas apresentações na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, no bairro da Tijuca, no Rio. Nesta mesma cidade brasileira, estive no Arouca Barra Clube. Não tive ainda a possibilidade de ir a outros locais do Brasil, por motivos de agenda. Estou sempre muito ocupado em Portugal, onde, durante o verão, faço cerca de 100 shows e, depois, faço muitas apresentações no exterior, em países como os Estados Unidos, Austrália, Canadá, França, Suíça e toda a Europa, e, claro, tem sido mais difícil também me apresentar muito no Brasil no qual eu gosto imenso. Mas tudo aquilo que eu fiz em solo brasileiro tive a possibilidade de perceber que as pessoas também se identificam muito, ou consomem mesmo muito música portuguesa e consomem muito acima de tudo as vivências; tudo aquilo que é a nossa alimentação, as nossas tradições. Estamos altamente em sintonia neste sentido, pois as pessoas gostam de Portugal e que Portugal visita o Brasil. Neste caso, tive a possibilidade de ter algumas salas repletas de pessoas que gostam do meu trabalho. Sempre que vou ao Brasil, sou muito bem recebido e é realmente um privilégio para mim, porque somos um povo-irmão e, acima de tudo, existe um respeito imenso entre a cultura do país. E, quando assim é, tudo corre melhor. Tive a possibilidade de estar também numa apresentação privada onde estiveram muitos artistas brasileiros de televisão e de novelas e empresários portugueses e luso-brasileiros que se identificavam e gostavam imenso daquilo que eu fazia. Tratou-se de um show em um condomínio no bairro da Barra da Tijuca, no Rio.

Zé Amaro sublinhou ainda ter

> quinze trabalhos editados, gravados com alguns artistas e também o grande Eduardo Araújo,[8] que é realmente um cantor excelente, com uma carreira invejável. O Eduardo fez também duas canções minhas no Brasil, em São Paulo, e que é para mim é um privilégio muito grande ter gravado com ele porque, para além de ser um cantor exímio, é alguém dono de uma carreira fenomenal. Como pessoa, foi fantástico, porque aprecio imenso o trabalho que o Eduardo tem feito. Tenho gravado com outros artistas, incluindo espanhóis e muitos portugueses, mas foi um privilégio para mim gravar com Eduardo, pois me identifico totalmente com tudo aquilo que ele faz. Já gravamos algumas músicas em Nashville juntos. Temos feito trabalhos incríveis. Quando ele vai a Portugal, é um privilégio enorme recebê-lo em salas esgotadas, além de que ele participou em shows e engrandeceu ainda mais os concertos. Fiz outras parcerias; no entanto, com o Eduardo tive convites para cantar em São Paulo, mas a minha agenda é bastante complicada. Por isso, quando está inverno em Portugal, vou para o exterior.

O artista mencionou que as suas apresentações no Brasil foram sempre "incríveis, pois sou muito bem recebido e continuo com muitos amigos que estão no país. Sempre que é divulgado que vou me apresentar no Brasil, as salas estão cheias, contando com a presença de entidades e de inúmeras pessoas importantes, também do governo e empresários".

Lucca Lima é um cantor luso-brasileiro que aposta também no estilo sertanejo para aproximar Brasil e Portugal. Nascido em São Paulo, mais precisamente em Mogi das Cruzes, esse profissional sugere que "a facilidade da língua ajuda demais a ter essa relação mais próxima entre os dois países, não só na música, como nas artes, nas novelas e filmes. Esse intercâmbio é fundamental para o crescimento e a troca de conhecimentos entre os dois países. Temos instrumentos musicais, como a sanfona e o acordeom, que são instrumentos fundamentais nas

[8] Cantor e compositor brasileiro que integrou a Jovem Guarda e fez sucesso com a canção "O bom", gravada em 1967.

músicas sertanejas, assim como o vira, a chula e o malhão são para a música portuguesa".

Neste trabalho literário, conversamos também com Carlos Manuel Moutinho Paiva dos Santos, conhecido por Camané, um fadista português que costuma deslocar-se ao Brasil para apresentações com a presença de um grande público. De acordo com Camané, atuar no Brasil "é um enorme prazer, a identificação da língua torna os concertos e o contato muito cúmplice". Esse fadista diz acreditar que "a música ajuda a conectar o mundo inteiro", incluindo Brasil e Portugal. Perguntado sobre se a música fortalece os laços de amizade entre os dois países, Camané é enfático: "Claro que sim, apesar de achar que a empatia dos portugueses com a música brasileira é maior que o seu contrário. [...] Todos os artistas são a soma das suas influências e eu não sou exceção. Gosto muito de Chico Buarque, Tom Jobim, João Gilberto e tantos outros. Podemos utilizar a música para aproximar Brasil e Portugal de muitas formas, como cruzarmos canções para tornar a comunicação mais fácil."

Augusto Canário é um cantor popular português que faz muito sucesso durante as tradicionais festas em Portugal, com grande aproximação à diáspora portuguesa, ou à comunidade portuguesa espalhada pelo mundo. Augusto de Oliveira Gonçalves é seu nome de batismo. É também artista e tem o Brasil no mapa dos seus destinos de shows internacionais, inclusive o Rio de Janeiro. Sobre a aproximação entre os dois países através da música, Canário é irredutível:

> Muita da música que nós tínhamos em Portugal terá sido levada e, por consequência, influenciado o Brasil. Depois, as músicas e as sonoridades nativas do Brasil. Portanto, isso num tempo mais remoto. Consta-se que foi com uma gaita de foles que Cabral e os seus marinheiros tiveram palavra com os nativos quando chegaram ao Brasil. Consta-se porque a gaita de foles era um instrumento musical, e isso serviu para animar um pouco, para quebrar o gelo de um primeiro embate, de um povo que vai à conquista.

Augusto Canário confessou que existe um grande esforço da comunidade portuguesa no Brasil para promover a cultura lusa.

Os portugueses residentes e emigrantes para o Brasil sentiram a necessidade de chamar alguns cantadores, alguns cantores, alguns artistas, alguns grupos para essas mesmas comunidades, por forma a matar algumas saudades. Mas, também, digamos, a justificar, a certificar que a forma como faziam para manter as tradições das suas terras em Portugal no Brasil eram boas, eram bem-feitas. E, então, numa primeira vaga, terão ido alguns grupos de folclore. No segundo momento, alguns grupos e alguns artistas. Estamos a falar de Quim Barreiros e estamos a falar de outros grupos e de outros artistas que foram para fazer a animação. Nem sequer vou entrar no fado e noutros modos de cantigas, porque isso tem a ver com salões, com outros públicos, digamos assim. Mas os lusodescendentes e os que foram de Portugal e os seus filhos, os lusodescendentes no Brasil, passaram a valorizar muito, por exemplo, cantadores como eu e outros amigos, músicos, tocadores de concertina, embaixadores, gente dos grupos de folclore. E, isso, não há dúvida nenhuma, que serviu e serve ainda hoje para unir os povos, para até promover um certo turismo, mas, acima de tudo, para unir os povos. São essas situações que foram desenvolvidas de tal forma que passou a haver nas comunidades grupos também formados por lusodescendentes, por pessoas que se apaixonaram pela concertina, pelos cavaquinhos, pelos cantares, e replicaram no Brasil aquilo que nós tínhamos já há mais tempo em Portugal, para além do que já faziam com os grupos de folclore, com os arraiais, como o Santinho. É uma coisa espetacular que se faz, por exemplo, na Casa do Minho, mas também em outras regiões do país, como na Casa de Viseu, no Arouca, na Casa de Trás-os-Montes, nas casas dos Açores, onde se canta a moda dos Açores. Tudo isso tem uma importância para unir os povos. Não falo aqui só num contexto da minha experiência de alto-minhoto, mas daquilo que sei que é prática comum hoje em dia de atividades culturais nas casas no Rio de Janeiro e em São Paulo, especialmente porque é o que eu mais conheço. [...] Estes são, em termos gerais, aquilo que eu penso, algumas das vantagens da música ou como através da música podemos interagir, podemos criar sinergias e amizades e partilhar convivências com as pessoas que vivem em Portugal e

com os portugueses mais velhos que foram para o Brasil, dos seus filhos e amigos, porque são cidadãos brasileiros que passaram a gostar, apaixonaram-se e querem vir ao continente português e às ilhas conhecer este país de onde foi aquela cultura, aquele bocadinho de cultura, aquela língua falada de outra maneira, cantada de outra maneira, balada improvisada. [...] É através da música que se podem criar movimentos e amizades. [...] Eu tive o prazer e a sorte de conhecer alguns repentistas brasileiros do Ceará, nomeadamente, um dos maiores, que é Geraldo Amâncio Pereira. O Guilherme Nobre, o Jovem, mas também o Jorge Macedo, também Pinto Marreco, já tinha conhecido Caju e Castanha e, portanto, passei a interessar-me muito pelo repentismo brasileiro. [...] Então, com esses cantadores do Ceará, temos vindo a estabelecer intercâmbio e contatos para promover em Portugal o canto de improviso do jeito brasileiro, do jeito do Ceará, que, tanto quanto sabemos, foi levado para o Brasil por portugueses e implementado primeiro na cidade de Teresina. [...] Um outro aspecto importante, ligado de certa forma à cantoria que é o da literatura de cordel no conceito do cordel propriamente dito, que é o livrinho pequenino que em Portugal se pendurava num cordel para ser vendido como folheto, como panfleto, ou então era vendido de porta em porta e nas feiras por cegos e outras pessoas com algumas dificuldades. Especialmente a música e especialmente o improviso têm servido nos últimos anos para estreitar os laços de amizades, para estreitar os relacionamentos culturais muito importantes em torno da língua, em torno da poética e em torno das sonoridades e das formas poéticas muito interessantes. E, hoje, em Portugal, já se conhece mais um bocadinho do repentismo brasileiro. E, no Brasil, também tenho a certeza que já se vai conhecendo um pouquinho do repentismo português, seja através das nossas comunidades, seja através destas instituições e destas pessoas que cantam de improviso no Ceará.

Rancho Folclórico Maria da Fonte, da Casa do Minho do Rio de Janeiro, durante apresentação em Portugal.

Já Quim Barreiros, nome artístico de Joaquim de Magalhães Fernandes Barreiros, artista e cantor popular português, renomado no seio da comunidade portuguesa no Brasil e no mundo, mencionou que

> a primeira vez que eu tive contato com a comunidade portuguesa no Rio de Janeiro foi em 1976. Confesso que, nessa altura, e diante de tudo o que vi, fiquei admirado quando estive na Casa do Minho carioca e assisti à apresentação do Rancho Folclórico Maria da Fonte, um grupo folclórico autêntico, que parecia estar à vontade em Portugal, com homens e mulheres que emigraram há muitos anos, perpetuando uma tradição que passa de pai para filho. Foi impressionante ver o amor que essa gente tem pelo grupo, que, nessa época, era comandado por Benjamin Pires, sem falar do trabalho da sua linda esposa Fernanda. Recordo-me que, a todo o momento, eu dava os parabéns ao Benjamin, porque o Maria da Fonte era um grupo que se apresentava e parecia praticar um verdadeiro bailado. Foi magnífico ver vivas todas aquelas tradições portuguesas e tudo o que eu já havia visto no Minho estava no Grupo Folclórico da Casa do Minho do Rio de Janeiro. Sei que existem várias casas portuguesas no Rio, mas, realmente, de tudo o que eu presenciei no Brasil, não há nada comparado ao que faz a Casa do Minho da Cidade Maravilhosa, com o intuito de manter as tradições portuguesas nesse país. Tenho ótimas recordações dessa entidade e do seu Rancho. Aliás, já cantei na famosa "Festa de Santoinho", na Casa do Minho, há muitos anos.

A opinião de Quim Barreiros, acerca da Casa do Minho do Rio, é corroborada por Flávio Alves Martins, luso-brasileiro, presidente do Conselho Permanente do Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP) e decano do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CCJE/UFRJ):

> Conheço a Casa do Minho, onde tive e tenho bons amigos, desde a década de 1970. Desde a Quinta de Santoinho, ao Costa Verde, a pular o Carnaval em sua quadra ou a assistir aos jogos de futsal ou de hóquei em patins. Também faço referência aos seus dirigentes, desde a fundação, especialmente a um minhoto por adoção, de coração, o viseense Agostinho dos Santos, que esteve há décadas junto de outros baluartes do solar minhoto. Mas a melhor memória que guardo foi uma longa conversa, em 1991, transformada em entrevista para o jornal *Portugal em Foco*, com o senhor Benjamin Pires, ao lado de sua esposa, dona Fernanda, quem deu a mudança de paradigma para tornar o Rancho Maria da Fonte, com os seus anos de glórias, em uma referência do folclore, especialmente do Alto Minho. Sempre será uma oportunidade mágica e enriquecedora conversar com quem traz consigo estórias e a história das nossas Comunidades.

O casal português João Manuel Ribeiro Coelho e Yannah Soares Raslan Coelho vive em Brasília. João Coelho mantém ligações entre Brasil e Portugal, incluindo iniciativas empresariais, sociais e no seio do movimento associativo luso local, como presidente da Associação Amigos da Praça Portugal em Brasília. Esse casal relata como, em sua visão, a música conecta os dois países.

> O ano era 2017. Em Brasília (DF), começou a ser anunciado um show do português António Zambujo cantando Chico Buarque na Companhia de Roberta Sá e banda. A data do evento era 26 de novembro. António Zambujo já era um cantor conhecido mundialmente, com várias turnês de sucesso na carreira, inclusive pelo Brasil. Revelou ele em entrevista concedida ao programa *Volta ao Mundo*, da rede TFS.PT, que o primeiro lugar onde tocou no Bra-

sil foi em Pirenópolis, uma linda e bucólica cidade goiana que serve de refúgio de fim de semana para muitos brasilienses. Agora, ele viria tocar no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, um espaço lindíssimo, moderno e preparado para grandes eventos em Brasília. Roberta Sá é uma potiguar, radicada no Rio de Janeiro, que se revelou no programa *Fama*. Não saiu finalista, mas ali se alicerçava uma carreira sólida e um presente àqueles que gostam de música, dança, potência de voz, um gingado tipicamente brasileiro, tudo isso numa figura elegante e doce. Ao ver o anúncio deste show em Brasília, e tendo um restaurante que vendia não só comida portuguesa, mas que também era divulgador de cultura luso-brasileira, pensei: "Ah, quero que a produção tenha um momento aqui conosco." Descobrimos que quem havia trazido o espetáculo ao país era a Lux Produções. E que a Adriana cuidava da parte de comunicação. Mandei e-mail, entramos em contato, fomos estreitando relações e, no dia 26 de novembro de 2017, lá estava na Tasca da Vila, António Zambujo, Roberta Sá e toda a sua equipe. Restaurante cheio, mesa farta, bebida boa... Histórias de Beja, de Nordeste, histórias de Chico, de Ney Matogrosso... História de aqui e de além-mar, nesse vaivém que permite trocas e engrandecimento das duas culturas, da satisfação de estar ali ao lado de grandes músicos e grandes vozes, gigantes em cima de um palco, apenas humanos em volta de uma mesa. Foi uma tarde agradável e única. Um prelúdio do show que nos aguardava mais tarde. Exaustos pela labuta do dia, lá fomos nós para o grande show *António Zambujo canta Chico Buarque*, com participação especial de Roberta Sá. Espetáculo batizado de *Até pensei que fosse minha*, dirigido por Marcello Gonçalves, que, no espetáculo também ficou à frente do violão, instrumento no qual é doutor e mestre pela UFRJ. Chico Buarque, músico brasileiro, melhor do que ninguém, fez a ponte musical e literária entre Brasil e Portugal, nos piores anos da ditadura salazarista instalada lá e a ditadura militar instalada aqui. Com os seus versos rebuscados e cheios de crítica e contestação social, alcançou sucesso nos dois países, sendo ainda hoje cantado até por pessoas que sequer viveram naquele sombrio tempo. Para chegar, tivemos que vencer uma chuva tropical, típica

> dos verões brasileiros. Sala lotada. Um palco lindamente simples, ornado por músicos de qualidade ímpar. E, eis que surge António Zambujo, telespectadores, brindados com a poesia de Chico com um repertório composto por "Futuros amantes", "Injuriado", "Cecília", "Geni e o zepelim", "Sem fantasia", "Folhetim", "Cálice", "Joana francesa", "Até pensei", "Januária", "João e Maria", "O meu amor", "Morena dos olhos d'água", "Nina", "Tanto Mar", "Valsinha", "Qualquer Canção", "Tatuagem", "Todo Sentimento", "Terezinha" e "Mambembe", acompanhado por sua incrível banda e a majestosa Roberta Sá, cheia de despretensioso charme e em completo entrosamento. A plateia em êxtase, atenta e participativa. Vozes em uníssono. A cada música uma salva de palmas. Ao final, uns cinco minutos de aplausos, todos de pé, nós e eles, emocionados e realizados. Fecham-se as cortinas do palco. Baixam-se as portas da Tasca da Vila. Apagam-se as luzes. Passado um tempo, eis que todos surgem com novos projetos... Zambujo com o autoral *Voz e Violão*, Roberta Sá com o trabalho *Giro*, cantando músicas de Gilberto Gil, Yannah com o projeto Confeitaria da Torre, João Manuel fazendo um resgate histórico de genealogia judaico-sefardita/luso-brasileira, sempre levados pela irmandade e partilha que nos une, mas que nos permite sermos diferentes.

Antônio Alves Serapicos é um empresário português que atua no ramo dos supermercados. É folclorista, toca concertina no Rancho do Arouca Barra clube e diz "gostar muito de cantar à desgarrada", que une versos de improviso numa "batalha" cultural. Serapicos, como é chamado pelos mais íntimos, fala sobre a relevância da influência musical lusitana no seu país de acolhimento.

> Um dos primeiros artistas portugueses que eu tive contato no Brasil foi o António Mourão; a seguir, foi Roberto Leal; aí veio Delfim, Quim Barreiros, Celeste e Carlos Ribeiro, Canário, Cláudia Martins com os Minhotos Marotos etc. Entre os artistas portugueses com quem eu já cantei e que moram em Portugal, e com quem tive mais contato, Cláudia Martins se destaca, pois cantei com ela na Casa do Minho do Rio e no Arouca Barra Clube e em

> várias outras festas no Brasil. Também cantei com ela em Guimarães, Castro Daire, Arouca etc. Com a Celeste também fiz muitas farras e apresentações no Brasil e em Portugal; o mesmo ocorreu com Delfim e Carlos Ribeiro. Não posso me esquecer da nossa rainha do fado no Brasil, a nossa amiga Maria Alcina, com a qual eu canto as desgarradas em todas as festas que nos encontramos, inclusive na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.

Fernando Lemos, mais conhecido no Brasil como DJ Português, é um cidadão lusitano que chegou ao Brasil ainda criança. Esse artista confessa que o material musical português que sua mãe gostava de ouvir e que trouxe de Portugal

> virou uma referência muito forte para mim; eram os fados, no estilo de Amália Rodrigues. Na época, a minha mãe tinha diversas fitas cassete da própria Amália e de outras cantoras que interpretavam as suas músicas e tocavam o fado. Ainda muito pequeno, já no Brasil, a nossa referência musical portuguesa era o Roberto Leal, uma figura muito conhecida pelos brasileiros. Ele participou de vários programas de TV e popularizou a música de Portugal. Tenho três discos (LPs) dele, incluindo aquele em que ele gravou as músicas portuguesas de sucesso na época cantando no Cassino Estoril. Tanto as animadas que agradam os brasileiros quanto as românticas, muito bem-vistas, marcaram-me.

Fernando Lemos justifica que

> a musicalidade que eu sempre acompanhei de Portugal, e tenho como referência, também inclui o Quim Barreiros, um cantor português que toca a sanfona (em Portugal, conhecida como concertina), e o seu estilo se assemelha ao de Luiz Gonzaga. Ele tem uma raiz boa no Brasil e é muito conhecido pelas suas músicas de duplo sentido. Os descendentes portugueses também ouvem muito Saul Ricardo, cantor da música popular portuguesa, desde criança. Ele era quem cantava aquela música do "bacalhau quer alho", que, cantando muito rápido, se torna uma piada, e o brasileiro adora isso.

Por eu ter chegado muito pequeno no Brasil, ainda com sotaque, tinha o apelido de "Português". Eu nem gostava muito desse apelido e queria ser o DJ Lemos, mas os amigos e os clientes só me chamavam de DJ Português e esse nome virou minha marca. Não tinha como fugir disso. Estou há 30 anos trabalhando com esse nome e marcando a vida de muitas pessoas com a minha capacidade de animar os eventos. O que deixo para os meus irmãos portugueses é a alegria de divulgar as minhas referências lusitanas.

Isaura Milhazes é portuguesa e chegou ao Brasil aos 2 anos de idade. Em solo brasileiro, acabou por se aproximar das raízes de sua terra natal através do folclore, sendo, anos depois, folclorista e cantadeira na Casa dos Poveiros do Rio de Janeiro. Sempre que se celebra o dia 10 de junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, iniciativa liderada pela vereadora Teresa Bergher, também portuguesa, natural de Penalva do Castelo, no distrito de Viseu, e com funções de vereadora na Cidade Maravilhosa, Isaura Milhazes, assim como outros folcloristas, devidamente trajados, participam de um momento musical que privilegia o som das concertinas e o canto de músicas populares provenientes de Portugal. Esta cidadã portuguesa lidera o "cortejo" cantando "Duas pátrias bem-amadas", do Rancho Português do Rio de Janeiro, organizado pela falecida empresária Benvinda Maria, e que juntava um casal de cada rancho folclórico das casas regionais portuguesas no Rio. Esta canção, que fala sobre a união entre os dois povos, foi gravada em um LP chamado *Recordação do Rancho Folclórico Português do Rio de Janeiro*, em 1986.

A seguir, temos parte da letra da canção "Duas pátrias bem-amadas", composta por Benvinda Maria:

Olha que lindo jardim
Olha que belo canteiro
É o rancho português
Lá do Rio de Janeiro

Somos filhos de imigrantes
De uma raça sem igual
Que mesmo em terras distantes
Nunca esquecem Portugal

O Brasil que tanto amamos
É a nossa terra natal
Por isso, nos orgulhamos
Do seu pai, que é Portugal...

Isaura Milhazes conta, saudosista:

> Penso que a influência da música portuguesa no Brasil veio ampliar o mundo musical da nossa língua. O folclore português veio com os imigrantes para matar a saudade, e a resposta dos brasileiros foi uma perfeita interação. Os Orfeões vieram com o canto. O Orfeão Português é a instituição mais antiga. Depois, as Casas Regionais de fora, trazendo o seu folclore, trajes, influências em todos os sentidos. Foram divulgados os modos de bailar, cantar e os trajes que encantaram, sobretudo, a juventude e as crianças nascidas no Brasil que se enquadraram perfeitamente. Tudo isto é um trabalho de amor e é recebido com amor. Durante muitos anos, fui cantadeira da Casa que representa a minha terra, Póvoa de Varzim. Em alguma época, ensaiei crianças nos passos do vira, senti o interesse da garotada. É gratificante ver o interesse da juventude em aprender o nosso folclore. As bandas de música também foram influências de valor, das nossas tradições. O fado é o carro chefe da saudade. Penso que já vieram guitarras e fadistas nas caravelas de Cabral, será?

Ela recordou ainda que "Brasil e Portugal se fundem com tanto amor" e têm "um só povo, unido pela língua e pela história".

Jorginho Portugal é um dos nomes mais populares no seio da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro, sobretudo no meio do folclore. Esse amante da promoção da cultura do país de Camões relata o seguinte:

Com 25 anos de idade, cheguei ao Brasil em 8 de abril de 1975, e pouco tempo após, com a alegria de me sentir feliz no Rio de Janeiro, iniciei, timidamente, a minha vida no campo artístico, como cantor e compositor. Em Portugal tinha sido músico desde os 8 anos de idade, tocando em várias bandas de música, porque o meu pai era músico e maestro, mas também cantei em conjuntos pop no meu tempo de estudante e professor, aprendendo violão antes de ir para a guerra em Moçambique, onde cantei para os meus camaradas, com outros colegas músicos e cantores da minha Companhia de Comando e Serviços do Batalhão de Caçadores nº 3.851. Fiz as minhas primeiras composições no Brasil. Com o incentivo de alguns componentes e diretores do Bloco Carnavalesco Unidos do Catete — que eu frequentava com certa assiduidade por morar bem perto, e que a seus pedidos cantava músicas portuguesas com aquele sotaque bem lusitano — fiz dois sambinhas. Para que essas letras tivessem um conteúdo sambista, forneceram-me palavras que aparecem frequentemente nos sambas e que eu ainda desconhecia, com a promessa de me levarem no programa do João Roberto Kelly (pianista, compositor e produtor musical) na extinta TV Rio, o que realmente aconteceu. Eles me acompanharam, e confesso que foi muito divertido, tendo sido cercado de imenso carinho. Completamente contrário ao que jamais poderia imaginar, pouco tempo depois entrei na Comunidade Portuguesa através do folclore português — que na época nem gostava —, visitando e ficando no Rancho Folclórico do Arouca Barra Clube, por incentivo do então presidente Abílio de Almeida Azevedo, um ser humano extraordinário, que mais tarde seria o meu padrinho artístico. No Arouca, acabei sendo secretário executivo, fiz muitas amizades e desenvolvi imenso o meu lado artístico fundando um conjunto, no qual coloquei o nome de Conjunto Arouquense, numa sincera homenagem a este clube.

Sem quase notar, comecei a ser chamado de Jorginho Portugal, e este nome pegou de tal forma que não o pude mais alterar. Passei a fazer muitos shows com o meu conjunto, só com as minhas composições, que, embora fossem completamente desconhecidas, agradaram ao público da comunidade. Logo em seguida fui

> o vencedor do concurso À Procura de um Artista, representando o Arouca Barra Clube, além de outros concursos que se sucederam, em que, felizmente, sempre conquistei o primeiro lugar. O sucesso veio muito rápido, tanto que, logo depois, estava fazendo espetáculos em Portugal com o meu Conjunto Arouquense! Ao fazer um show em Abrantes, fiz uma canção para esta linda cidade ribatejana, que, para a minha surpresa, passou a ser como um hino desta segunda capital do Ribatejo, após cantá-la na minha segunda apresentação nesta maravilhosa localidade. A composição Abrantes ficou conhecida como "A canção de Abrantes", tendo que regravá-la em Lisboa, Portugal, em 1985, num *single*, para que fizesse parte do acervo da Câmara Municipal de Abrantes e da Rádio Antena Livre, bem depois de já ter gravado o meu primeiro LP que continha esta canção. Para a minha surpresa, a gravadora K-Tel do Brasil convidou-me para ser o seu artista e gravar o meu primeiro LP, *Contagiante*, no ano de 1981.

O músico ressalta também que não escondeu a saudade de outros tempos e os projetos futuros.

> No Brasil, frequentei muitos programas de rádios e TVs brasileiras e portuguesas, sendo capa de algumas revistas portuguesas e de várias matérias em famosas revistas brasileiras e portuguesas. Foi aí que comecei a notar o universo da música portuguesa no Brasil, e quanto carinho os brasileiros tinham pela música portuguesa, com enorme destaque para o Roberto Leal, que mais tarde passaria a ser meu amigo (chegamos a dividir o palco em programas de TV, com alguma frequência). Comecei a conhecer os meus colegas, cantores portugueses do Rio de Janeiro, e a fazer boas amizades. Estes belíssimos cantores praticamente só eram conhecidos na Comunidade Portuguesa e nos programas de rádio de radialistas portugueses, que abnegadamente, com imensas dificuldades e com inegável coragem, comandavam, e ainda comandam estes patrióticos programas, mas que pelos seus altos custos são realizados nas rádios cariocas de menor expressão. Poucos brasileiros ouvem, infelizmente. Passei a pesquisar a influência da mú-

sica portuguesa no Brasil para percorrer o meu futuro artístico com mais conhecimentos. Reparei que o folclore português era, de fato, a maior força no gosto dos brasileiros que o assistiam, e que para os mais esclarecidos o fado era muito apreciado e divulgado há muito mais tempo, mas parava por aí. Os cantores portugueses que moravam em Portugal e que por lá faziam sucesso eram completamente desconhecidos no Brasil, o que não acontecia na mão inversa, já que em Portugal a música e os cantores brasileiros eram e são bem divulgados. Refleti bastante sobre isto. O que marcou muito a minha vida foi conhecer e fazer uma enorme e sincera amizade com os dirigentes da Malta Editora, que tinham a *Revista Portugal 10 de Junho* e um programa de rádio, *O Show da Malta*, na Rádio Bandeirantes, além de *O Show da Malta* na TV. A Malta era incrível, com enormes conhecimentos e sentimentos luso-brasileiros, diferentes de tudo o que havia na Comunidade Portuguesa. Não eram pessoas abastadas, mas esbanjavam cultura, humildade e uma intensa alegria de viver a luso-brasilidade. A Malta Editora estava na Comunidade Portuguesa, mas só a frequentava para difundir a verdadeira cultura portuguesa. O "comandante-chefe" da saudosa editora era nosso queridíssimo jornalista Cândido Goja (o brasileiro mais português que conheci), que liderava com entusiasmo e cumplicidade os amados amigos Oliveira Nunes (locutor e apresentador); José Alberto de Araújo Braga, o Jaab (jornalista e escritor); Jorge Sereno (locutor e apresentador); Ana Maria Martins (apresentadora); e a filha de Cândido, Paula Goja (apresentadora e brasileira). Eu e o meu saudoso amigo Sá Morais, cantor angolano e luso-brasileiro, estávamos sempre juntos desta incrível malta, e as noites eram pequenas para os nossos bate-papos entre comes e bebes, diversão e muita, muita cultura. Quando voltava para casa, como eu agradecia a Deus por fazer parte desta malta e dos altos conhecimentos que deles adquiria! Todos se foram para minha enorme tristeza, menos a Ana Maria e a Paula Goja. Nesta época, tive a honra de conhecer o cantor e fadista português Manuel Monteiro, que, apesar de ter a sua carreira em Portugal, foi no Brasil que fez sucesso, tendo sido o pioneiro destas últimas dezenas de anos na divulgação da nossa música por-

tuguesa no Rio de Janeiro e partes do Brasil. O cantor Manuel Monteiro chegou ao Rio de Janeiro em 1923, juntando-se ao seu pai, que aqui já estava, mas que dois anos após voltou para Portugal, deixando o seu filho sozinho, tendo este que trabalhar no comércio para sua sobrevivência. Reiniciou a sua carreira artística no Brasil em 1933, exibindo-se na Rádio Educadora do Brasil, num programa luso-brasileiro. De imediato gravou discos de fado em 78 rotações, tendo voltado a Portugal para se apresentar em espetáculos na companhia do renomado cantor e compositor brasileiro Moreira da Silva. A discografia de Manuel Monteiro foi intensa, no entanto ele faleceu em 26 de novembro de 1990, com 81 anos, passando por necessidades na vida. O fadista Manuel Taveira, que morava em São Paulo, também gravou discos nessa altura e fez sucesso. Foi proprietário do famoso Restaurante Lisboa Antiga, em São Paulo. Cheguei a conhecê-lo pessoalmente. Além de Manuel Taveira, conseguiu sucesso e gravou discos nossa querida fadista Adélia Pedrosa, que mais tarde se tornaria proprietária do Restaurante Lisboa Antiga, assim como a fadista Terezinha Alves, com idêntico sucesso e também com gravação de discos. Excelentes fadistas que marcaram uma época. Um cantor português *top* no Brasil foi, sem dúvida, o Francisco José. Depois de ter sido revelado em Portugal pelo Centro de Preparação de Artistas da Rádio, sendo um dos grandes nomes da canção ligeira portuguesa. Fazendo sucesso com a canção "Olhos castanhos", no ano de 1951, chegou e ficou no Brasil em 1954, mesmo com esse sucesso em Portugal. Nessa altura o Brasil estava dando um excelente acesso aos artistas portugueses, e muito em função da abertura feita pelo pioneiro Manuel Monteiro. Francisco José foi fazendo apresentações na comunidade portuguesa, até que, em 1961, conseguiu gravar seu primeiro disco no Brasil, com uma nova versão de "Olhos castanhos", alcançando um estrondoso sucesso e chegando a vender por volta de 1 milhão de cópias, porém seu maior sucesso veio em 1973, numa das suas idas a Portugal, com "Guitarra toca baixinho". Só na década de 1980 é que ele foi em definitivamente para Portugal, gravando o seu último disco em 1983, com "As crianças não querem a guerra". Faleceu em

1988 e realmente deixou imensas saudades pela sua linda e inconfundível voz. Um ícone! Não posso deixar de mencionar o retumbante sucesso de uma portuguesa, Carmen Miranda — a Pequena Notável —, que chegou ao Brasil em 1910, com a sua mãe e sua irmã, juntando-se a seu pai que já morava no Rio de Janeiro, no bairro da Lapa. Até aos 15 anos de idade, estudou num colégio de freiras, largando os estudos para trabalhar numa confecção de chapéus, onde aprendeu a costurar, passando a ter um grande fascínio por turbantes, que acabou virando uma das suas marcas registradas. Sempre quis ser atriz, e com esse sonho dançava e cantava em pequenas festas, até que, em 1929, foi apresentada ao compositor Josué de Barros, que, vendo seu talento, a levou para se apresentar em clubes e teatros. Sua fama foi enorme, tendo seu primeiro sucesso em 1930, com "Pra você gostar de mim", que ficou conhecido como "Taí". Neste mesmo ano, Carmen Miranda iniciou a primeira turnê internacional. Gravou vários discos com imenso sucesso. Em 1936, Carmen Miranda estreou no cinema na comédia musical *Alô, alô, Carnaval*, quando cantou com sua irmã, Aurora Miranda. No ano de 1939, Carmen Miranda teve um brilho extraordinário na comédia musical *Banana da terra*, quando surgiu caracterizada de baiana, personagem que acabou levando até ao fim da sua vida. Carmen Miranda tornou-se um dos símbolos da América Latina, usando turbantes, brincos de argola, babados, saltos plataforma e balangandãs, com os seus 1,52 m de altura. Apresentou-se na Casa Branca, nos Estados Unidos, para o presidente Roosevelt. Fez 14 filmes nesse país e seis no Brasil, sendo a primeira sul-americana a receber uma estrela na Calçada da Fama em Hollywood. Depois de ter casado com o norte-americano David Sebastian, o seu funcionário e que com a união matrimonial passou a ser o seu empresário, tudo mudou na carreira de Carmen Miranda. Como o seu marido era dependente de álcool, acabou induzindo a esposa a este terrível vício. Foi um desastre. Viveu por cerca de 15 anos nos Estados Unidos, vindo a falecer em Beverly Hills, Califórnia, em 5 de agosto de 1955. Carmen Miranda só passou a ser conhecida como portuguesa depois que atingiu muita fama. Pela sua musicalidade ser absolutamente bra-

sileira, não houve qualquer conexão da nossa música portuguesa com o Brasil na sua carreira artística.

Jorginho Portugal reitera que

a verdadeira influência da música na conexão Brasil-Portugal existe, sim, e desde o tempo da descoberta do Brasil, em especial durante a Corte Imperial. Não sou *expert* na matéria, mas a minha vivência artística no Brasil durante estes quase 47 anos dão-me algum respaldo para poder posicionar-me sobre o assunto. O Brasil recebeu dos portugueses as formas poéticas e líricas, como a moda, o acalanto e o fado, que originalmente era dançado. Foi a música portuguesa, segundo Mário de Andrade, a mais influente e a mais vasta de todas, ao mencionar ainda outras contribuições portuguesas, como a fixação no Brasil do tonalismo harmônico e a quadratura estrófica, além dos seus instrumentos musicais básicos, flauta, cavaquinho e violão, que quatro séculos mais tarde vieram a desempenhar um papel importantíssimo na formação do choro e em toda a música instrumental brasileira executada por pequenos grupos. Das heranças portuguesas mais populares, o Brasil tem a viola caipira (oriunda e igual à viola braguesa), a sanfona (concertina), o triângulo (ferrinhos) e o pandeiro (com rodelas e soalhas duplas de metal enfiadas em intervalos ao redor de um aro de madeira, e que no Brasil passou a ter a pele). Nos muitos e variados estilos da música folclórica e popular brasileira, a influência da música portuguesa está presente, acrescentando-se a esta predominância a já presente cultura indígena e a africana, que veio com os escravos. A música brasileira é, sem dúvida, a mais rica e variada do mundo, até pelas vastas aculturações ao longo destes séculos. O Brasil tem frevo, maracatu, forró, baião, xote, xaxado, coco, lundu, maxixe, carimbó, o folclore, mas também tem o samba, o chorinho, a bossa nova, a seresta e outros ritmos derivados destes. É fantástico! Depois de múltiplas pesquisas sobre cada um dos ritmos brasileiros para conseguir a maior fidelidade possível, destaco alguns em que a influência musical e cultural portuguesa está realmente presente: maracatu (portugue-

sa, indígena e africana); forró (portuguesa, indígena e danças de salão europeias); baião (segundo Luiz Gonzaga, num depoimento, é de origem portuguesa, mais especificamente da chula); xote (é uma cadência musical que tem como ancestral uma dança de salão de origens portuguesa e alemã); xaxado (portuguesa e indígena); lundu (portuguesa e africana); maxixe (portuguesa, marrabenta moçambicana e tango argentino); carimbó (indígena, africana e portuguesa); e o folclore (muita influência portuguesa). No sul do Brasil, o folclore açoriano está tão ou mais conservado do que no próprio arquipélago dos Açores, segundo pesquisas efetuadas pelo professor e presidente da Federação do Folclore Português, o saudoso Augusto Gomes dos Santos, meu particular amigo. Para deixar bem claro o que aprendi na minha vivência artística nesta conexão musical Brasil-Portugal, necessito de voltar novamente à minha carreira de cantor e à essência da Comunidade Portuguesa, para que depois possam tirar as vossas próprias conclusões. Naquela época (1981/1982) em que o meu primeiro LP estava sendo bem tocado nas rádios e propagado nos grandes jornais e revistas em consequência da divulgação, pelo Brasil, realizadas pelas gravadoras K-Tel e, depois, Copacabana, senti o que era ser famoso! Fiz importantes programas de TVs brasileiras, com destaque para os programas do Chacrinha e da Xuxa. Por um surpreendente pedido da gravadora Copacabana, tive que alterar o meu projeto artístico quando esta gravadora me solicitou que gravássemos um LP no gênero do Roberto Leal, o que não concordei, e assim coloquei fim no meu contrato. Ou seria eu ou um mero imitador do meu amigo Roberto! Recebi o apoio incondicional do meu empresário, António Almeida dos Santos, e continuei gravando no meu estilo musical. Para a minha honra, em 1983 gravei um compacto duplo, *Rosas Vermelhas*, com o famoso conjunto brasileiro Roupa Nova, e isso só foi possível por conhecer um dos seus mais importantes componentes, o Cleberson Horst, quando de sua participação individual no meu primeiro LP, *Contagiante*. O sucesso voltou, e mais forte ainda. Em 1985, gravei com a minha banda, Águas Claras, o LP *Novos Tempos*, que foi lançado unicamente em Portugal através da gravadora Sasseti, com o apoio e o entusiasmo do meu já men-

cionado amigo da Malta Editora, José Alberto de Araújo Braga, que tinha ido morar em Portugal, vindo a ser, logo em seguida, o presidente do Sindicato dos Jornalistas Portugueses. O Jaab, além de jornalista, era um escritor de um humor tão fino e inteligente que só os leitores bem esclarecidos o entendiam. Os prefácios dos três livros que lançou foram assinados por dois monstros do humor brasileiro: Jô Soares e Millôr Fernandes. Ele gostava imenso do meu trabalho e cheguei a musicar um dos seus poemas. Ao divulgar este LP, *Novos Tempos*, no meu país, fiz vários programas nas melhores rádios, boas matérias em jornais e revistas e exibições em conhecidos programas da RTP (destacando o famoso programa *Arroz Doce*, de Júlio Isidro). No Brasil, fazia vários shows nas casas portuguesas, sempre com um excelente público, mas as casas não remuneravam o meu espetáculo de acordo com a produção, e, dessa forma, não pude investir nele, e nem tão pouco viver do meu canto. Com Roberto Leal aconteceu exatamente o mesmo — segundo ele me contou, certa vez, chorando, no Aeroporto de Sacavém, em Lisboa — informando-me que, só depois de ter-se apresentado no programa do Chacrinha e ter feito muito sucesso, é que as casas portuguesas o contrataram. Pagavam-lhe o valor que o Roberto cobrava, e as casas ganhando um bom dinheiro! Se as casas portuguesas não me davam apoio, mesmo com o sucesso que já estava fazendo, imaginem os meus colegas cantores que a duras penas tentavam divulgar a música portuguesa através das suas lindas vozes! Estão entendendo agora por que estou falando da minha trajetória artística? Dois anos depois, e de forma independente, voltei a gravar com o conjunto Roupa Nova o meu terceiro LP, *Identidade*, no melhor estúdio da América Latina — Estúdios Transamérica —, um trabalho de alta qualidade e com maravilhosos arranjos do Cleberson Horst, do Roupa Nova, patrocinado pelos meus grandes amigos, António Almeida dos Santos (meu empresário artístico e já falecido); comendador César Soares (empresário); Manuel Vilas Boas (empresário); e Artur Duarte Pereira Afonso (empresário); todos portugueses. Tão logo mostrei este meu LP, *Identidade*, para o paranaense Waltel Branco, um dos grandes maestros da TV Globo, ele se entusiasmou

tanto com o trabalho que o levou para a Som Livre. Foi aprovado de imediato por esta gravadora da Globo, e em seguida, duas faixas deste LP foram para a Itália fazendo parte da trilha internacional da novela *Dona Xepa*, também da TV Globo. Faltava apenas assinar o contrato com a gravadora, o que iria acontecer numa data bem próxima. Finalmente, tinha conseguido a minha maior probabilidade de fazer um enorme sucesso. "Só que não!"

A TV Globo, continua este músico,

nesse preciso momento, terminou com o contrato de todos os cantores da Som Livre, passando a trabalhar apenas com trilhas nacionais e internacionais de novela. Nem que eu tivesse assinado o contrato, de nada valeria. Resolvi parar com o meu sonho artístico, mas guardei o LP *Identidade* a sete chaves. Só será divulgado no momento certo, e se houver. Em 1988, fui chamado por um grande amigo de infância, José Gonçalves de Almeida, então presidente da Casa de Lafões — e que chegou a pegar-me no colo quando era criança —, para que eu fosse o diretor artístico do Grupo João Ramalho de Lafões. Não tive outra alternativa senão aceitar. Até hoje dirijo este Grupo, agora denominado Associação Grupo Etnográfico de Cantares e Dançares João Ramalho de Lafões. Pelo Grupo, fui até presidente desta nobre Casa de Lafões do Rio de Janeiro por dois mandatos seguidos; fiz, com a minha diretoria, a fusão desta nossa casa com a Casa das Beiras; e, por vários mandatos, tive que ser diretor artístico da Casa das Beiras. Essa atividade administrativa e associativa nunca foi o meu objetivo. O meu sonho sempre foi, e ainda é, musical. Mais tarde, o nosso grupo saiu da Casa das Beiras e se tornou independente, bancado por este que vos fala e pela vice-presidente, Nely Móras, que sempre me acompanhou em todos os momentos, desde a Casa de Lafões do Rio de Janeiro. O Grupo João Ramalho, fundado em 14 de agosto de 1966, dançava algumas regiões de Portugal, mas em especial, e praticamente 99%, a região do Alto Minho. Para que representasse de fato e de direito a sua Região de Lafões, fiz as devidas mudanças com muito esforço e enormes pesquisas, e antes de um

> ano, sob a minha liderança, o grupo estava dançando a sua região, interpretando os belíssimos cânticos da freguesia de Manhouce, apresentando-se depois com o Teatro de Campo, exibido enquanto os cantos eram interpretados a três e até quatro vozes. Só que o folclore me pegou de tal jeito que não parei de pesquisar para tornar o grupo completamente autêntico nos seus trajes e etnografia, nas danças com a maior fidelidade possível nos pés, nos braços, na postura, e na plena originalidade de seus cânticos. Tarefa árdua, gigante, onerosa, mas altamente gratificante. Gravamos um LP no Estúdio Transamérica em maio de 1991. Altos custos/maravilhoso trabalho. Como a música é o alimento da minha vida, passei a fazer arranjos e produzir trabalhos musicais. Em 2007, iniciei um dos meus maiores sonhos em nível de folclore, com a gravação do álbum duplo do nosso Grupo Etnográfico de Cantares e Danças João Ramalho de Lafões, que só terminaria em 2018, tais os altos custos de gravação e edição. Foram gravados 25 danças, no CD 1, e 34 cânticos no CD 2. A sua capa tem um livreto com 80 páginas e 278 fotos, contendo todas as letras das danças e cânticos e muita cultura folclórica. A festa de lançamento foi realizada no Arouca Barra Clube, no dia 17 de junho de 2018, com as presenças da nossa querida e famosa cantora lafonense Isabel Silvestre; o cantor, músico e produtor José Barros (estes vindos de Portugal); e a nossa querida fadista Maria Alcina.

Jorginho Portugal sublinhou a ajuda preciosa de nomes que o auxiliaram nessa fase da vida "musical".

> Os meus profundos agradecimentos ao meu bom e querido amigo cônego Abílio Soares de Vasconcelos que, depois de vários anos do Grupo João Ramalho ter-se tornado independente, nos acolheu na sua Igreja de São Tomé Apóstolo, em Bonsucesso. O cônego Abílio foi de fundamental importância nas gravações e na grande festa de lançamento do nosso álbum duplo, aproveitando até a data de comemoração dos seus 50 anos de Ordenação Sacerdotal, para dar mais impulso ao evento. Realizado o meu sonho folclórico, vida que segue. Não posso deixar de salientar que, na altura

da independência do Grupo João Ramalho, e antes da ajuda do cônego Abílio, a Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, nas gestões dos meus amigos e presidentes Hermenegildo Martins dos Santos e António Simões da Conceição, acolheu-nos por vários anos com todo o carinho e atenção, cedendo as suas instalações para os nossos ensaios e festividades. E o que falar agora dos meus colegas cantores com quem convivi e fiz amizade? Depois do Roberto Leal, temos uma jovem senhora que com uma linda e potente voz conseguiu fazer um enorme sucesso com o fado, que perdura até hoje: a minha amiga Maria Alcina, que sobreviveu perfeitamente nestes últimos anos por descobrir a tempo que não conseguiria viver só do fado. A Maria Alcina foi proprietária do famoso restaurante A Desgarrada, no bairro nobre de Ipanema, frequentado por grandes nomes da sociedade brasileira e portuguesa, além de famosos artistas, poetas, presidentes, embaixadores e muitos políticos. Eu e o nosso Grupo João Ramalho, a convite da Maria Alcina, fizemos vários shows no seu restaurante. Era encantador ouvir uma desgarrada cantada pela Maria Alcina e pelo António Campos. Quem viu e ouviu, jamais esquecerá. O António Campos, além de um grande fadista, era um excelente compositor. Tem músicas maravilhosas. Éramos muito amigos. Como outros artistas, pouco ganhou financeiramente com a música. Mais dois belos fadistas castiços e meus bons amigos, o saudoso Sebastião Robalinho e o inconfundível Ramiro da Maia. O Ramiro, que também era pescador, colocava-me lágrimas nos olhos todas as vezes que eu o ouvia cantar. A verdadeira alma fadista está em suas veias. Convivi muito também com as fadistas Lúcia dos Santos, Isaura Milhazes e Lina Cunha. Como se devotaram ao fado, à nossa música portuguesa! Pessoas adoráveis e que moram no meu coração. Falar da extraordinária fadista Maria Alice Ferreira é voltar aos bons tempos da Adega do Valentim e do seu queridíssimo proprietário e meu bom amigo Valentim e sua esposa, dos fados e guitarradas e do folclore português que se misturavam nesse ambiente ímpar e bem lusitano. A Maria Alice Ferreira me deliciava com a sua lindíssima voz e com uma alma fadista bem acima da média. Era perfeita. Normalmente era acompanhada pelo

grande guitarrista Lafaiete Ramalho e, na viola, pelo Silvino Pinheiro, seu marido. [...] Na Adega do Valentim, o nosso Grupo João Ramalho apresentava-se em duas temporadas por ano (um mês por cada). No mês de maio, mês de aniversário da Neide, esposa de Valentim, ela já chamava o nosso grupo com antecedência para estarmos presentes nesse período. Ó nordestina portuguesa, sô! Falarei agora da fadista Cláudia Ferreira, que também fez sucesso em terras brasileiras, mais no Rio de Janeiro, onde tinha um excelente programa, *Rapsódia Portuguesa*, na potente Rádio Tupi. Começou a cantar no programa *Astros*, de Joaquim Pimentel. Gravou discos e fez espetáculos em Portugal e na comunidade portuguesa no Brasil. Só passei a conviver com a Cláudia Ferreira faz poucos anos, mais até por redes sociais, mas parece que convivemos há um bom tempo, pelo carinho que temos entre nós. Também, mesmo com pouca convivência, não posso deixar de falar no cantor Mário Simões, com uma voz inconfundível na comunidade portuguesa, que, se fecharmos os olhos, ouviremos a voz do grande Francisco José. Por isso, e como não podia deixar de ser, ele canta Francisco José com muita frequência. Gravou vários discos independentes. Finalizarei falando dos meus colegas cantores, com o Sá Morais. O respeito, a admiração e o carinho que tenho por este meu saudoso amigo, é incomensurável. Era um angolano, formado em contabilidade no seu país, e que veio para o Rio de Janeiro na firme disposição de viver uma vida melhor. Mas não demorou nada para nos mostrar a sua capacidade artística, a sua linda voz, a sua humildade e os seus vastos conhecimentos. Cantava como poucos os ritmos de Angola, mas surpreendeu a todos nós cantando o fado com uma alma bem portuguesa. Nas suas exibições na comunidade portuguesa, depois de ouvirmos o seu repertório de fados, sempre lhe solicitávamos que cantasse as suas origens angolanas, e ele nos emocionava com a força e os sentimentos dos seus ritmos. Quem tem talento não é vaidoso. Sempre foi e assim será. A vaidade só esconde os defeitos. E pela sua humildade e talento, era muito querido na comunidade e pelos seus verdadeiros amigos. Por ser bom demais, fazia com imensa frequência shows gratuitos. Constatei este seu jeito de agir, e o

> alertei várias vezes para o que lhe poderia acontecer futuramente. Tinha que se dar ao valor. Acho que não me escutou! Fizemos muitos shows no mesmo palco e participamos de três concursos. Um dia, no último concurso, Canção Migrante, patrocinado pelo Governo Português, ele falou no meu ouvido: "Jorginho! Como estás neste concurso, já sei que serei o segundo classificado, como aconteceu nos outros dois." E começou a rir. Estupefato com esta sua espontânea e sincera declaração, dei-lhe um forte abraço, e lhe disse: "És uma pessoa incrível e um grande artista. Mereces ganhar tanto ou mais do que eu. Jamais esquecer-me-ei de gesto tão lindo." Vejam o nível de pessoa que era o meu queridíssimo amigo Sá Morais! Confesso que neste concurso torci contra mim mesmo, mas eu não era jurado. Ele realmente ficou em segundo lugar e eu em primeiro. O meu mais triste primeiro lugar. Sá Morais gravou um compacto duplo de forma independente, e eu adorei. Sá Morais faleceu em enormes dificuldades financeiras, mesmo com tanto potencial. Algumas casas portuguesas fizeram eventos com o fim de arrecadar dinheiro para a sua maravilhosa família. Foi muito amigo da famosa cantora brasileira Clara Nunes. [...] Quantos cantores lutaram pela conexão da música portuguesa no Brasil, e quão poucos conseguiram seus intentos! Quando entrei na comunidade portuguesa, pouco depois da minha chegada ao Rio de Janeiro, logo me apercebi do intenso bairrismo entre as casas e do potencial que teriam se tomassem rumos bem definidos, olhando para a divulgação da cultura portuguesa no Brasil.

Por fim, Jorginho Portugal juntou-se ao coro dos que defendem mudanças no movimento associativo no Brasil.

> Fui amigo do saudoso António Gomes da Costa, líder da nossa Comunidade, e um dia falei-lhe sobre a possibilidade de unir as instituições portuguesas num grande edifício, com um andar para cada casa, com todos os grupos/ranchos folclóricos portugueses permanecendo nas suas instituições, e com essa enorme quantidade de dinheiro arrecadado na venda das casas, adquirir uma sede campestre bem lusitana, construir uma poderosa emissora de rádio e TV com

> locutores de altíssimo nível de Portugal e brasileiros, fazendo com que a nossa verdadeira cultura fosse espalhada por este imenso Brasil, dando oportunidades únicas aos artistas e cantores portugueses, fazendo assim uma extraordinária conexão cultural Portugal-Brasil. Ele concordou comigo, mas disse-me que seria impossível. Não foi difícil descobrir o porquê desta sua contundente afirmação. Os eventos nas casas portuguesas eram idênticos na busca de matar as saudades de Portugal, com grandes sardinhadas, bacalhoadas, bailaricos, como nas nossas queridas aldeias, tudo perfeito para os nossos emigrantes, mas que se esqueciam do que os seus filhos gostavam na sua plena adolescência. O ideal, na minha opinião — posso estar completamente errado —, era levar os seus filhos para essas festas portuguesas, "com certeza", mas mais tarde dar-lhes a possibilidade de se divertirem com os seus colegas ali presentes, e dentro desse mesmo clube, de uma boa discoteca que estava muito em voga. Muitos filhos abandonaram a comunidade portuguesa por esta injeção de eventos bem alheios à sua juventude brasileira. Se agissem respeitando os gostos dos seus filhos, hoje teríamos muitos lusodescendentes tomando conta das nossas instituições. Um filho que fizesse parte do folclore português e, porque gostava, aí tudo passava a ser diferente. [...] O amor e o fascínio dos milhares de jovens brasileiros que foram cooptados para os nossos ranchos/grupos folclóricos portugueses no Brasil são tão marcantes que são eles que agora estão assumindo estes cargos. Aprendi a amar o folclore mais rico do mundo — o português —, embrenhei-me nos conhecimentos de sua essência, aprofundei-me nas suas múltiplas aculturações, constatei que o folclore representa a alma e a tradição de um povo, e que por isso o nosso Portugal é também muito maior do que o seu pequeno espaço continental. Penso ainda numa volta à minha carreira como cantor, apesar dos meus 73 anos de idade, mas, felizmente, com suposta boa saúde, mas confesso-vos, de coração, que o folclore é a minha incorrigível paixão, e que nunca o abandonarei até ao último dia da minha vida.

Martha Mesquita da Rocha é brasileira, com raízes portuguesas, e é frequentadora dos eventos promovidos pelas associações

portuguesas na Cidade Maravilhosa, e muito conhecida pelos portugueses e lusodescendentes no Rio. Ela afiança que

> as sociedades brasileira e portuguesa têm apresentando um entrelaçamento cada vez maior nas últimas décadas, seja por meio de políticas de aproximação, imigração ou intercâmbio artístico, científico e tecnológico. Esse vínculo parece ser reafirmado e ampliado a partir de parcerias musicais. O setor musical tem passado por um processo contínuo de reconfiguração nas últimas décadas, particularmente em razão da expansão da cultura digital, e isso também tem impactado essas conexões lusófonas. O escritor Pereira de Sá considera que parte significativa da experiência de fruição e articulação musical acontece na contemporaneidade por meio das plataformas digitais, fazendo com que as cenas musicais e seus atores estabeleçam novas formas de relacionamento por intermédio dos sites de redes sociais. Podemos apontar que o meio digital é o espaço pelo qual as relações musicais lusófonas são constituídas, por vezes primariamente, permitindo com que as distâncias e os territórios longínquos estejam mais próximos. Nesse sentido, tais fluxos culturais dinamizam as relações e facilitam sociabilidades, tanto entre músicos de diferentes nacionalidades — levando à formação de parcerias — quanto entre fãs/ouvintes, que utilizam as plataformas digitais para consumir os produtos lançados. Já o escritor La Barre discorre como a produção musical local traz um sentido de reinvenção da tradição, assim como ideias de autenticidade, e elas são conectadas por meio dessas parcerias entre músicos de diferentes nacionalidades, ampliando o sentimento de pertencimento para além de um entendimento territorial nacional, o que lhes confere uma sensação de integração a algo ainda maior. Levando em conta o entendimento de que a cultura perpassa todas as práticas sociais e se constitui como a soma da interação delas, a formação de uma comunidade a partir da reunião de indivíduos conectados mediante certas familiaridades reconfigura tradições e gera relações e dinâmicas de sociabilidades que dão origem a uma ligação àquele grupo social. Trata-se de um sentimento de pertencimento comunitário. O processo de

globalização e a constituição da cultura digital vêm colaborando nas últimas décadas para a intensificação dos fluxos mundiais que estimulam os países, inclusive aqueles que fazem parte da comunidade lusófona, a estabelecer trocas simbólicas, de experiências e de conhecimentos mais constantes.

Martha Rocha reforça que,

assim como ocorrera com artistas e intelectuais brasileiros, após a criação do rádio, o sucesso de programas voltados para os portugueses acabou abrindo um espaço muito importante para vários artistas e intelectuais portugueses no Brasil. Além do teatro e da imprensa, o rádio também foi um lugar que abrigou muitos imigrantes portugueses, o que mais tarde seria observado também na televisão, pois alguns programas de rádio que haviam feito sucesso em décadas anteriores vão ter, a partir dos anos 1960, o seu formato transferido para a TV. Nesse sentido, podemos afirmar que o rádio também se transformou em um espaço de reconhecimento dessa intelectualidade luso-brasileira, pois muitos portugueses saídos dos palcos e da mídia impressa vão ter as suas carreiras consagradas a partir de sua inserção na mídia falada. Assim como Joaquim Pimentel e José Augusto Correia Varella, outros artistas e jornalistas portugueses também circularam no Brasil pelas diferentes mídias existentes em sua época. Esse trânsito era muito comum, tal como ocorria entre os brasileiros, sendo que cada mídia ajudava a divulgar a outra, dando visibilidade a quem delas se utilizava. No caso de Varella, por exemplo, a sua atuação no rádio ajudava a popularizar o seu trabalho de jornalista nos periódicos da colônia, e estes, por sua vez, contribuíam para propagandear a sua carreira de comediógrafo no Brasil. A circulação desses artistas luso-brasileiros por diferentes atividades e pelos diversos espaços da mídia também contribuía para promover a cultura portuguesa e para propagar o nome de Portugal no Brasil, ainda mais quando uma mesma mensagem era divulgada em duas mídias diferentes, como ocorria com *Terras da Nossa Terra*, o que, provavelmente, fazia com que ela chegasse a um públi-

co mais amplo e variado. Nesses casos, geralmente, o que ocorria era o rádio alcançar, de imediato, um público muito maior; mas, como o programa era publicado no jornal, permitia-se o acesso posterior ao texto e, até mesmo, sua manutenção, caso o leitor se interessasse em guardá-lo. O texto escrito do jornal materializava a fala do rádio, rápida e atraente, dando a ela estabilidade e duração, mas sem perda da linguagem oral. Em Portugal, as músicas tradicionais do folclore, tanto na dança como na música, foram sempre do gosto popular. O fado, uma arte herdada dos mouros, com o seu lamento e o folclore tradicional em todos os cantos do Portugal. Com isso em seu dia a dia, os navegantes, os colonizadores e os emigrantes levaram esse dom para todas as partes do mundo; mormente, no Brasil, que, ao fazermos uma análise musical e folclórica, certamente encontraremos tudo emanado dessa arte antiga e moderna dos grandes compositores portugueses de todas as épocas. No Brasil, o Rio Grande do Sul guarda quase tudo o que os emigrantes açorianos trouxeram, com o folclore e as danças gaúchas. No Rio de Janeiro, desde os anos 1930, as composições dos sambas e das canções simples sempre tinham a marca das canções portuguesas. Os grandes cantores brasileiros dessa época colocavam a forma portuguesa de cantar, até no português original, e as canções traziam aquela beleza espetacular do cantar lusitano. Em São Paulo, em especial no interior paulista, a música sertaneja com certeza tem o tom musical da música portuguesa de outros séculos, como também em Minas Gerais o cantar lembra sempre as canções folclóricas portuguesas; tanto na música como na dança e a batida dos pés lembram sempre as músicas de Portugal. No Norte e no Nordeste, as músicas são emanadas da música portuguesa. O baião nada mais é do que uma música portuguesa e, levada ao estilo do Nordeste, com o seu rei Luiz Gonzaga, também no sapateado das danças, lembra muito o sapateado português, uma vez que foi no Norte e no Nordeste a maior vinda de colonizadores portugueses em eras distantes. Portanto, hoje no Brasil, as músicas portuguesas, evidentemente guardadas nas músicas interioranas, e muito bem cantadas e tocadas por esses conjuntos e cantores individuais ou em duplas, são verdadeiras

> obras-primas das músicas portuguesas dos séculos passados e que ficaram na memória dos imigrantes portugueses. Com a internet e a televisão, viva ainda fica na memória dos luso-descendentes. Assim, a música linda, romântica, cadenciada e folclórica do Portugal majestoso está presente no Brasil, na qual o Movimento Poético Nacional é exemplo em fazer esses espetáculos para gáudio dos portugueses e lusodescendentes, e para a glória do nosso querido e eterno Portugal.

Ela, que conta com fortes ligações familiares com o concelho de Alijó, na região de Trás-os-Montes, norte de Portugal, sugere que

> não é raro ouvir nas rádios, nos bares e nas ruas a música brasileira tocando em Portugal. É possível ouvir desde gêneros musicais como o funk até o sertanejo universitário, passando pela MPB, pelo pop e até mesmo pela música romântica de Roberto Carlos. Por esse motivo, os maiores artistas do Brasil são figuras frequentes nos maiores festivais de Portugal, cantando os seus maiores sucessos para uma multidão. A globalização e o sucesso das novelas brasileiras em Portugal foram um dos fatores preponderantes para que a música moderna brasileira chegasse a Portugal. Esse intercâmbio musical traz uma riqueza cultural a ambos os países, além de fortalecer o vínculo afetivo entre brasileiros e portugueses, ampliando o respeito e estreitando as fronteiras.

E a cultura portuguesa no Brasil é bastante relevante, prova disso é que uma lei promulgada em 2019 declarou "como patrimônio histórico e cultural, de natureza imaterial, do Estado do Rio de Janeiro, o folclore português e todas as suas manifestações artísticas, como o fandango, a dança de roda, a valsa de dois passos, a chotiça, o corridinho, o vira, o verde-gaio e todas as demais manifestações artísticas de domínio público, com a finalidade de preservar a cultura e a memória portuguesa, neste Estado".

Por sua vez, Fernando Veloso, delegado e ex-chefe da Polícia Civil do Rio, brasileiro de nascimento, com raízes nas regiões do Minho e de Viseu, ambas em Portugal, afirma que o fado português e o

chorinho brasileiro, entre outros, são estilos-irmãos no derramamento do coração em versos e prosa, retratados em melodias harmoniosas e de significado profundo na vida daqueles que se valem das suas notas para traduzir a alma de um povo. E nossas origens musicais estão, como não poderia deixar de ser, atravessadas por três grandes continentes, a Europa, a África e a América, cujos povos tiveram os seus caminhos cruzados e fundidos resultando de tudo isso expressões musicais como as modinhas e o lundu. O fado, derivado do lundu africano, sofre influência da modinha, que iria influir também na célebre canção portuguesa; e, apesar de o termo ter sido tão utilizado pelo poeta Bocage e por vários escritores dos séculos XVI e XVII, o fado brasileiro, segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo, já estaria divulgado no Brasil entre o povo quando a Corte portuguesa se estabeleceu no país em 1808. Em Lisboa, a introdução do fado só ocorreria a partir de 1822, "momento em que toma as feições de canções apaixonadas e melancólicas, por vezes irônica e mordaz, além de seu acompanhamento, passando a ser realizado pela bela sonoridade da guitarra portuguesa".

De acordo com o escritor lusitano Luís Moita: "O fado deve ter sido batido em Portugal, pela primeira vez, por bolieiros e fidalgos, por ciganos, arrieiros e marujos da rota do Brasil." Muitos são aqueles que atribuem e evidenciam as origens brasileiras do fado e, de acordo com o folclorista Renato Almeida, temos: "Que o fado nasceu no Brasil, parece já haver acordo definitivo por quantos estudaram o assunto, e não resta dúvida de que o lundu foi seu avô" (Almeida, 1942, p. 78). Temos muitas referências de fados praticados nos terreiros das festas coloniais no Brasil, onde o fado nasce não como música, mas, inicialmente, como dança. E, apesar de Rui Vieira Nery salientar que o "fado dança", praticado no Brasil colônia, "está longe ainda de ser o fado português", reconhece nele "[...] o núcleo duro da sua origem, de que emergem inúmeras facetas de uma persistência ininterrupta no seio da prática fadista portuguesa [...] e que tenderão depois a manter-se no gênero, em muitos casos até os nossos dias" (Nery, [2004] 2012, p. 23). Mas, como também adverte Vieira Nery, reivindicando a reconhecida "portugalidade" do fado: "A constatação — historicamente incontornável — de que as primeiras manifestações registadas

do Fado tiveram lugar no Brasil colonial não tornam 'menos português' o seu desenvolvimento ulterior em Portugal, até porque este se foi concretizando sob formas constantemente renovadas que em cada fase histórica sucessiva da evolução do género souberam traduzir realidades socioculturais cada vez mais identitárias do nosso País" (Nery, op. cit., p. 50)."

A nossa alma brasileira, continua Fernando Veloso,

> enraizada em nossas origens lusitanas, reverenciadas e rememoradas na Casa do Minho, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Casa das Beiras, na Casa dos Poveiros, na Casa de Viseu, na Casa dos Açores, no Rio, e em tantos outros grêmios e clubes no Brasil, que reúnem as famílias portuguesas migradas de Portugal e os seus filhos e netos brasileiros, deixa clara a forma alegre, inclusiva, integradora e porque não dizer, miscigenadora dos nossos pais fundadores. [...] O choro, o samba de raiz, o pagode, o sertanejo, a MPB, a bossa nova brasileira, o fado, a música pimba, o cante alentejano, todos temos muito a aprender, trocar, evoluir e construir uns com os outros, como filhos de uma mesma origem. Se temos Legião Urbana, os Sétima Legião representam Portugal. Se temos Pixinguinha nos lembrando as origens, Amália Rodrigues ainda remete à alma portuguesa, mesmo com Madredeus e outros grandes artistas que elevam o nome da cultura lusitana no mundo. Os meus irmãos luso-brasileiros, eu vos afirmo que não há música como as nossas no mundo, assim como não existem povos mais inclusivos, trabalhadores, dedicados, felizes e esperançosos do que os nossos. E tanto é assim que mesmo sem termos uma máquina feroz de propaganda nos impulsionando, os nossos artistas, os pregoeiros de nossas origens, raízes, histórias e de nossas almas nacionais, são aclamados, festejados e aplaudidos onde quer que se apresentem.

Ernesto Boaventura, presidente da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, sugere que as casas portuguesas, como a que administra, são verdadeiros palcos para artistas portugueses e luso-brasileiros, e ajudaram, e ain-

da ajudam, por meio do folclore, a perpetuar as tradições musicais e as danças de Portugal no Brasil.

> A Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria acredita que a música seja um fator de enorme importância na ligação Brasil-Portugal. A música tem a capacidade de expressar os sentimentos das pessoas. O idioma ser o mesmo é mais um fator de aproximação. A nossa casa recebeu, ao longo de seus 69 anos, inúmeros nomes da música portuguesa. Artistas como Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Francisco José, Roberto Leal, Quim Barreiros, Augusto Canário, entre outros, se apresentaram nela. Isso sem contar com os conjuntos que tocam nas festas, não só na Vila da Feira, mas também nas outras tantas casas regionais da enorme comunidade portuguesa no Rio de Janeiro, animando sempre o público presente com o melhor da música portuguesa, ajudando, assim, a aliviar as saudades da terra-mãe. Registramos também os fadistas, portugueses de nascimento, mas que vieram viver no Brasil, como Maria Alcina, António Campos, Sá Morais, Sebastião Robalinho, Hélia Costa, Lúcia dos Santos, Maria Alice Ferreira e Joaquim Pimentel, que, com a sua música, encantaram gerações. Hoje, nos chegam novos nomes, mas o encanto pela música portuguesa continua o mesmo. Temos Mariza, Carminho, Ana Moura, José Cid, João Pedro Pais etc. A Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria possui dois grupos folclóricos: o Grupo Folclórico Almeida Garrett e o Rancho Folclórico Infanto-juvenil Danças e Cantares das Terras da Feira, mais uma mostra da importância da música portuguesa no Brasil. Vindo do folclore e com um enorme talento musical, lançamos o fadista Camilo Leitão, que já cantava nos grupos folclóricos da casa e faz enorme sucesso também no fado. Ele se apresenta junto da sua talentosa filha, a jovem Ana Paula.

António dos Ramos, presidente da Casa de Portugal de São Paulo, valoriza a aproximação dos dois países em torno da música, mas confessa que o Brasil não consome tanto a música portuguesa.

> Os brasileiros gostam de fado. Não é divulgado como a música brasileira em Portugal. Se no Brasil houvesse 10% de divulgação,

já seria uma maravilha. A própria Amália Rodrigues fez sucesso no passado, o Francisco José, entre outros. E não é só de fado, também gostam de música ligeira, como é o caso de Roberto Leal, que foi um sucesso tremendo. Na Casa de Portugal, que eu assumi em 1985, até então, não tinha cantado ninguém vindo de Portugal. Eu mudei o programa, e acabamos com as jantaradas e passamos a trazer cantores com coquetel antes da apresentação. E foi um sucesso, mas estes eventos foram interrompidos pela pandemia, mas vamos voltar a crescer dentro de pouco tempo. A Casa de Portugal ficou com o caixa muito fraco! Então, eu vou dizer quem nós trouxemos de Portugal: uma apresentação, Amélia Muge, António Mourão, Cristina Branco, Fernando Girão, Lavadeiras, GNR, Pedro Moutinho, Rodrigo Costa, Félix e Sérgio Godinho. Duas apresentações de Cabaré, Carminho, Dulce Pontes, Cuca Roseta, Fausto, Madredeus, Rão Kyao, Ronda dos Quatro Caminhos. Três apresentações: Brigada Victor Jara, Paco Bandeira, Paulo de Carvalho, Rodrigo Pedro Barroso. Quatro apresentações: Filipa Pais, Janita Salomé e Vitorino. Doze apresentações: o grande Carlos do Carmo, mas ele não cantou só na casa. Nós vimos o Carlos do Carmo nas melhores casas de São Paulo. [...] Tínhamos em São Paulo várias casas de fado: Adega Lisboa Antiga, Adega da Mouraria, Alfama dos Marinheiros e Cais do Porto. Lamentavelmente, só resta o Cais do Porto. Os outros donos foram falecendo etc. Foram fechando. Sobre os cantores radicados em São Paulo e no Rio, que atuaram na nossa casa: Adélia Pedrosa, Dão Félix, Carla, Cissa Marinho, Glória de Lurdes e Diana Martins, Maria Alice Ferreira, Maria de Lurdes, Marly Gonçalves, Mário Rocha, Roberto Leal, Sebastião Manuel, Taveira, Tiago e Vinicius. Disso alguns já foram. Adélia Pedrosa mudou-se para Portugal há uns três anos, Dão Félix faleceu; Maria Alice Ferreira também. Mário Rocha, também, que era um grande cantor de fado castiço. E Roberto Leal também; Sebastião Manoel também; Taveira, também. Quer dizer, ainda resta um bocado de cantores, mas alguns ou algumas já envelhecidos, como é o caso da Maria de Lurdes. São cantoras que eram muito boas, mas que já estão com uma certa idade. Os brasileiros gostam muito de música portuguesa, gostam muito de

fado. Francisco José esteve nas paradas de sucesso em primeiro lugar. Tony de Matos também, no Rio de Janeiro. Não serve de consolo, mas não é só a música portuguesa. O Brasil está muito fechado. Hoje, se perguntarem a um brasileiro quais são os grandes cantores italianos, espanhóis, portugueses e outros... Ele não saberá dizer. O Brasil, em termos musicais, está, infelizmente para Portugal, fechadíssimo. Portugal, ao contrário, consome muito a música brasileira, da ruim, da péssima, da boa e da excelente. Consome de tudo.

A escassez da divulgação da música portuguesa no Brasil

António Davide, responsável pelo Conselho das Comunidades Portuguesas no Sul do Brasil, explica que

> o estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul deste país sul-americano, conta com emigração portuguesa desde que foi habitado este Estado, bem como outras tão importantes etnias, italianos, alemães, espanhóis, polacos, japoneses e tantas outras que habitaram e desenvolveram o Rio Grande do Sul. Especificamente sobre a comunidade portuguesa, com as suas associações sendo um elo junto às comunidades durante todos estes anos, foram desenvolvidas atividades culturais entre Portugal e Brasil, tendo no seu folclore o seu principal papel e agente. Dentro deste parâmetro, em que a troca de atividades culturais entre os dois países foi e é fundamental para a divulgação dessa atividade, em Porto Alegre, um grupo de jovens lusodescendentes divulga o fado com o seu grupo Alma Lusitana. O Centro Português Cultural de Ijuí, o Centro Português 1º de Dezembro de Pelotas, a Casa dos Açores de Gravataí, com o seu folclore que divulgam várias regiões de Portugal. Infelizmente, não está havendo, por parte do Brasil, uma maior divulgação da música portuguesa como existe em Portugal com a brasileira. Antes da pandemia, alguns grupos culturais portugueses estiveram presentes se apresentando nas nossas associações, e foi fundamental para o surgimento desses grupos apresentados acima.

António Davide faz questão de mostrar alguns grupos de música que estiveram se apresentando à comunidade portuguesa local: Grupo de Fados de Coimbra, Infantuna Cidade de Viseu, Orquestra Típica de Águeda, Cancioneiro de Águeda, Filarmônica 12 de Abril (Águeda), entre tantos outros, além de artistas portugueses que também passaram pelo nosso Estado e nas Comunidades: Pedro Abrunhosa, Mariza, Né Ladeiras, António Chainho, Mário Moita, Carminho, Carlos do Carmo, Rui Veloso, António Zambujo, Filipa Paes e outros tantos. Com

grupos culturais do Rio Grande do Sul que fizeram digressão em Portugal, citamos dois, a Casa dos Açores (com danças gaúchas) e o Centro Cultural Português 1º de Dezembro de Pelotas. Antes da pandemia no mês de novembro, havia o Encontro das Comunidades Portuguesas e Lusodescendentes do Cone Sul, reunindo as associações do Estado do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina em que o folclore de várias regiões de Portugal está sempre presente. [...] Poderia haver maior divulgação destas duas culturas, mas, como estamos no sul do Brasil, existe muita dificuldade na divulgação e, se tivermos mais apresentações de artistas portugueses, com certeza que aumentará o interesse em ter mais pessoas e grupos interessados em promover a cultura portuguesa no Estado do Rio Grande do Sul.

Carlos Páscoa, que durante muitos anos atuou no governo português como deputado eleito pela imigração para atuar na Assembleia da República de Portugal pelo círculo de fora da Europa, costuma frequentar o movimento associativo no Brasil, com mais intensidade no Rio de Janeiro. Esse ex-deputado tem uma opinião muito particular sobre a conexão entre os dois países através da musicalidade.

> A influência da música, da cultura e dos artistas portugueses na aproximação Brasil-Portugal, apesar de já ter sido muito mais intensa, ainda é, nos dias de hoje, muitíssimo importante. É claro que, com a diminuição da vinda de portugueses emigrantes para o Brasil, que praticamente parou na década de 1960, começou a ocorrer o fenômeno do envelhecimento dos portugueses de origem que, hoje, já são muito poucos e com idade avançada, o que teve uma forte influência no fluxo de artistas e cantores, uma vez que o volume de recursos para custear as apresentações de artistas não tem a mesma pujança com os lusodescendentes que teve com os portugueses de origem. De qualquer forma, quando olhamos para o mapa do Brasil, percebemos que de norte a sul existem provas concretas da importância da influência de músicas e de cultura e da obra de artistas portugueses. Quando visitamos cidades como Manaus, São Luís, Fortaleza, Salvador ou Recife, verificamos que, nas diversas comunidades, existem grupos folclóricos que cantam as canções de determinadas regiões

> de Portugal e notamos vestígios de registro de visitas de diversos artistas que vinham apresentar-se nesses locais mais voltados, obviamente, para os portugueses, mas, também, para os lusodescendentes e brasileiros. Quando nos concentramos na região Sudeste, é então que se nota que essa influência se fez mais visível, pois havia muitas visitas das principais estrelas da música e teatro de Portugal para se apresentar em casas de shows, associações e restaurantes muito famosos na época, o que, lamentavelmente, com a diminuição do tamanho da comunidade, deixou de ter essa grande influência.

Ele adicionou que

> vários programas de rádio e televisão divulgavam esses artistas e cantores, o que ajudava muito a enraizar a influência das músicas e dos costumes portugueses no Brasil, facilitando a integração dos recém-chegados e criando naturalmente um clima de grande influência, levando muitos jovens brasileiros a seguirem a carreira de artistas e cantores de obras e músicas de matriz portuguesa. A região Sudeste, por ser a mais rica, era onde esse fenômeno era mais evidente; no entanto, seguindo para o Centro-Oeste e o Sul do Brasil, deparamo-nos com o mesmo fenômeno, não só nas grandes capitais, mas também em cidades menores no interior. Podemos, ainda hoje, constatar essa presença e essa influência que ia da cultura à música e, obviamente, à gastronomia.

Carlos Páscoa considerou que, "até a década de 1950, praticamente todos os principais artistas e cantores de Portugal se apresentaram no Brasil, o que influenciou de forma determinante na aproximação Brasil-Portugal. No momento atual, ainda ocorrem movimentos pontuais, mas, com certeza, não têm mais a capacidade de influenciar que tinha em épocas passadas. Ainda assim, tivemos alguns bons exemplos, como o caso do Festival de Fado na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, há alguns anos, e que foi um enorme sucesso!".

David Seromenho é português e vive em São Paulo. Atua profissionalmente na área da comunicação entre Portugal e Brasil. Para David, "sim, a música influenciou muito a conexão entre os dois países".

Desde pequeno, vivo ao som da música brasileira, já que Portugal sempre foi um consumidor de todas as musicalidades deste lado do oceano. Nos chega de tudo, sem restrições. No passado, recebíamos mais cultura brasileira do que exportávamos. Portugal era um importante palco para os artistas brasileiros se apresentarem, e muitos deles com planos para carreiras internacionais. O sucesso de músicas e cantores sempre foi e continua a ser estrondoso em Portugal. Os artistas brasileiros enchem salas, atingem o topo das rádios e televisões. O português, com sotaque brasileiro, me acompanha sempre. Mas, nos últimos anos, tenho notado um importante intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal. Antes de pensar em morar no Brasil, em 2005, em plenas funções de assessor de imprensa, participei do projeto Open Air Lisboa. Foi quando comecei a trabalhar neste intercambio musical. No projeto, a banda do brasileiro Zé Ricardo era responsável pela programação musical do evento, em que, diariamente, tínhamos um palco em que os shows eram sempre com músicos portugueses e brasileiros. O conceito era de *jam sessions*,[9] um espetáculo em que um participava da música do outro. Era uma verdadeira celebração da música dos dois países. Este conceito foi, mais tarde, introduzido no Rock in Rio Lisboa e Rio de Janeiro. Anos depois, já vivendo no Brasil, tenho trabalhado em projetos que têm como objetivo promover o intercâmbio cultural entre os dois países, como é o caso do Portugal 360, do Experimenta Portugal ou mesmo da Virada Cultural, que, em 2015, escolheu Portugal para ser o primeiro país a ser homenageado pela Virada Cultural de São Paulo, uma iniciativa inédita até então. Como profissional da comunicação, tenho participado de projetos que utilizam a música na conexão Brasil-Portugal. Enquanto espectador, tenho visto as salas cheias de brasileiros para assistirem aos shows de Carminho, Mariza, António Zambujo ou mesmo outros cantores contemporâneos do meu país. É um orgulho ver Carminho gravar Tom Jobim e fazer sucesso nos dois lados do oceano ou a artista brasileira Valéria Carvalho, que cantou Rui Veloso — "Rui em jeito de bossa". Quando Chico Buarque cantou a Re-

[9] Reunião informal de músicos para tocar por prazer e diversão, em que o improviso é predominante. Disponível em: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$jam-session?uri=lingua-portuguesa/jam%20session. Acesso em: 13 jun. 2022.

> volução dos Cravos, nos anos 1970, em Portugal, cunhou um verso que retrata bem a situação entre brasileiros e portugueses: "Tantas léguas a nos separar, tanto mar, tanto mar." A duas vozes, mas no mesmo tom — que os nossos países sejam sempre irmãos e conectados.

Francisco Malheiro, ou, como mais conhecido, Xico Malheiro, trata-se de um músico que vive em Portugal, onde é responsável pelo Grupo Raízes. De acordo com ele,

> a chegada cada vez maior de brasileiros a Portugal veio de maneira a influenciar, cruzando formas e técnicas de execução musical, mesmo até criando uma nova onda de tocadores de violão (guitarra). Eu cruzo-me muitas vezes em Braga, numa loja de cordofones que há junto à Sé Catedral, com inúmeros brasileiros que costumam experimentar (tocar) violão e, de fato, os brasileiros têm no sangue, e na ponta dos dedos, música. Com estas experiências que eu tenho tido, e, como eu, muitas mais pessoas atentas sentem o mesmo, notamos que realmente tocam de forma diferente daquela que nós estávamos habituados. No meu entender, vamos (nós, os músicos) captando o estilo e os acordes feitos de uma forma que preenche muito mais os espaços musicais e vai ficando sempre aqui e ali, posições (acordes) que tentamos introduzir na nossa música. Depois do 25 de Abril de 1974,[10] com uma abertura maior para os estudos na área da música, e acesso aos conservatórios, começaram a formar-se músicos com muito mais qualidade, os músicos sem formação musical iniciaram a aproximar-se muito mais daqueles que, de alguma maneira, aprenderam a executar um instrumento da forma mais correta e assertiva.

---

[10] A Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos, Revolução de Abril ou apenas por 25 de Abril, refere-se a um evento da história de Portugal resultante do movimento político e social ocorrido a 25 de abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933, e que iniciou um processo que viria a terminar com a implantação de um regime democrático e com a entrada em vigor da nova Constituição a 25 de abril de 1976, marcada por forte orientação socialista. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_25_de_Abril_de_1974. Acesso em: 13 jun. 2022.

Xico Malheiro reiterou que "os músicos brasileiros que chegaram, e que continuam a chegar, a Portugal, executantes de bandolim, cavaquinho brasileiro, percussão e violão têm e terão sempre muita influência na música e nos músicos portugueses. Hoje, temos muitos grupos musicais com elementos brasileiros e nota-se tão bem a influência da música e desses músicos do outro lado do Atlântico".

Na década de 2000, acompanhamos uma das apresentações de José Barros, cantor, músico e compositor português, no Arouca Barra Clube, no Rio de Janeiro, durante um show da cantora, também portuguesa, Isabel Silvestre. Em conversa, nos dias de hoje, com José Barros, este músico reforçou que

> não é fácil saber por onde andaram e andam as influências da música no mundo ao longo dos tempos. Onde nasceu o quê? E quando e como nasceu? Não sei mesmo se, para além da questão histórica, isso seja relevante para justificar o que quer que seja. O que sabemos é que a arte se perpetua e influencia nos povos entre si. As nossas influências são quase sempre as nossas próprias escolhas dentro dessas boas ou más influências que nos chegam e que são a nossa própria identidade cultural. A admiração que a arte provoca, emociona e nos faz vibrar não é nunca pela via política ou de imposições várias; antes nos emociona e desperta ou não, ou nos faz ou não vibrar, ou nos deixa indiferentes, mas, quando nos toca, seguramente que nos deixa diferentes, e para melhor. São essas escolhas que nos identificam a nós e à nossa cultura. Quanto mais culturalmente ricos, mais despertos estamos para a vida enquanto pessoas de paz, de comunidade, de humanismo em contraponto a nacionalismos estéreis. Quem tem uma cultura forte e enraizada, a sua própria cultura, mais desperto está para as culturas dos outros.

José Barros defendeu que

> Portugal teve tanta influência na música brasileira quanto a música brasileira teve na música portuguesa, porque as influências não se medem em colcheias, mas, sim, em culturas ricas que se cruzaram e cruzam ao longo dos tempos dessa relação histórica: o Brasil tem uma cultura riquíssima e Portugal, também. A proximidade da língua, porque, como

diria o escritor português Vergílio Ferreira, "Da minha língua vê-se o mar", não pode nunca ser considerada uma casualidade porque ela existe; assim sendo, as influências musicais são tão próximas quanto podem ser distantes, mas são hoje resultado dessa história, da história da música portuguesa e da música brasileira. A relação que hoje existe entre as músicas do mundo, neste caso entre Portugal e Brasil, não é muito diferente de todas as relações musicais entre todos os povos do mundo, ou seja, é aquela que naturalmente é "ditada" pela indústria musical, mas não esquecendo nunca que também não se esgota nessa mesma indústria musical, porque as culturas ricas são influenciáveis, estão em constante movimento, mas o meio ambiente, o local, a terra, o tempo, não permite que esse filtro seja muito permeável e não é fácil alterar tudo e tanto ao mesmo tempo. Influências, sim, mas de lenta aculturação.

Esse profissional da música em Portugal disse ainda crer que

a música brasileira tem hoje, e desde há muito, uma visibilidade e uma aceitação mundial perfeitamente estabelecidas e conquistadas pela sua qualidade, pela sua alegria, pela sua autenticidade e riqueza melódica, harmônica e escrita poética. A música portuguesa tem hoje, e desde há muito (principalmente por via do sucesso de Amália Rodrigues), uma visibilidade e um reconhecimento mundial, através da riqueza da cultura tradicional portuguesa, tradição portuguesa no canto (há uma forma de cantar portuguesa que se distingue), nas violas tradicionais, porque sempre fomos e somos país e um povo de violas, tudo factos que o fado sintetiza e espelha pelo mundo todo. Os músicos portugueses e brasileiros vão-se descobrindo uns aos outros, tocando juntos ou individualmente cantando e tocando cantigas de lá e de cá, mas menos do que podem e gostariam, muito por via da distância entre nós. É aqui que entra a política e aquilo que os próprios Estados do Brasil e Portugal deveriam fazer um pouco mais: apoiar projetos que se pudessem cruzar, não permitindo que a distância que nos separa ("Tanto mar, tanto mar....") causasse tanto impedimento desta partilha. Eu tenho sido um felizardo, porque, por via das violas tradicionais de Portugal (a viola de arame braguesa, campaniça, beiroa, da terra, amarantina etc.) e do Brasil (a viola caipira, sertaneja, de coxo etc.), tenho participado em vários

> encontros com músicos brasileiros e portugueses. Cada encontro, e já foram vários, são uma partilha que no futuro darão frutos para outros encontros, novas partilhas, novas violas, mas, principalmente, uma partilha de música, de saberes, de cultura, tornando a cultura de cada um de nós, portugueses e brasileiros, aquilo que sempre tem sido ao longo da história: muito rica e próxima.

Maria Esther Paes Barreto Rodrigues é uma escritora brasileira. Segundo essa autora,

> além do nosso idioma, entre outras coisas mais, o povo português contribuiu musicalmente para a nossa cultura da seguinte forma". Em suas bagagens, trouxeram da Europa o sistema harmônico tonal, próprio fundamento de toda a música ocidental, assim como expõe Mário de Andrade quando disse que os portugueses "fixaram o nosso tonalismo harmônico" e "nos deram a quadratura estrófica". Nas viagens destinadas às terras brasileiras, os lusitanos trouxeram alguns instrumentos musicais como o piano, o violino, o violoncelo, o contrabaixo, o oficleide (instrumento musical de sopro), a clarineta, a sanfona, a flauta, o violão, o cavaquinho etc. Uma observação relevante é que esses três últimos citados, cavaquinho, violão e flauta, desempenharam quatro séculos mais tarde um papel importante na formação do choro e de toda música instrumental executada por pequenos grupos. O famoso berimbau também veio nas caravelas portuguesas, assim como relatou o padre Fernão Cardim (1549-1625) quando escreveu em *Tratados da terra e da gente* que, na Bahia durante os festejos natalinos de 1583, o berimbau estava presente: "Tivemos pelo Natal um devoto presépio na povoação, em que algumas vezes ajuntávamos com boa e devota música, e o irmão Barnabé Tello que nos alegrava com seu berimbau. Domingos Caldas Barbosa (1738-1800) foi um sacerdote, poeta e músico brasileiro, autor de lundus e criador da modinha. Foi membro da Nova Arcádia de Lisboa. Nascido no Rio de Janeiro, Caldas Barbosa se mudou para Portugal em 1779 e é considerado entre os historiadores como o responsável pela divulgação em Portugal e no Brasil tanto da modinha quanto do lundu (Sandroni, 2001)".

Maria Esther Rodrigues acrescentou que,

> certamente, também foi Portugal quem nos forneceu a síncopa, que em nossas terras foi aprimorada com a ajuda dos negros. A música no período joanino destacou-se como uma das alterações sociais provocadas na colônia brasileira com a chegada da Corte portuguesa. [...] Antes da chegada da Corte portuguesa, a prática de execução musical era tida como uma atividade subalterna, ligada aos ofícios manuais, não sendo praticada pela elite. Os músicos europeus entraram em contato com a música produzida pelos residentes na colônia, o que possivelmente os tenha influenciado em suas composições. [...] A chegada da Corte portuguesa ao Brasil, em 1808, não resultou apenas em mudanças econômicas e políticas, principalmente com a abertura dos portos às nações amigas e com a elevação do Brasil a vice-reino. A chegada de dona Maria I e dom João VI ao Brasil provocou também uma mudança cultural na sociedade do Rio de Janeiro. No que se refere à música no período joanino, é de se salientar a introdução da estética musical erudita em uma cidade acostumada com a sonoridade produzida pelas classes populares. [...] A vinda da Família Real para o Brasil, juntamente com alguns dos compositores e intérpretes portugueses que serviram à Corte em Portugal, influenciou o estilo e as práticas desses músicos coloniais, construindo uma nova percepção do gosto e uma nova maneira de observar o mundo das artes.

Maria Esther Rodrigues, que é também pesquisadora e poeta, frisou que

> diversas danças também vieram de Portugal, com destaque para o maracatu, o fandango e a caninha-verde, ritmo musical tradicional do Nordeste, especialmente nas cidades de Olinda e Recife, em Pernambuco. Acredita-se que o maracatu tenha chegado ao Brasil pela mão dos portugueses por volta de 1700. Já o fandango, dança em pares que tem raiz no Barroco, adentrou o país cerca de meia década depois e permanece popular até hoje no Sul do país. Outra modalidade de dança de pares, a caninha-verde, é mais antiga, tendo sido introdu-

zida durante o ciclo da cana-de-açúcar em regiões canavieiras por todo o país. Atualmente, é considerada típica do Ceará. Em Portugal, as músicas tradicionais do folclore, tanto na dança como na música, foram sempre do gosto popular; o "fado", uma arte herdada dos mouros, com o seu lamento e folclore tradicional em todos os cantos de Portugal. Com isso, em seu dia a dia, os navegantes, os colonizadores e os emigrantes levaram esse dom para todas as partes do mundo, mormente no Brasil, que, ao fazermos uma análise musical e folclórica, certamente encontraremos tudo emanado dessa arte antiga e moderna dos grandes compositores portugueses de todas as épocas. No Brasil, o Rio Grande do Sul guarda quase tudo que os imigrantes "açorianos" trouxeram, com o folclore e as danças gaúchas, como a "shula", escrita desse jeito pelos gaúchos e "chula" pelos portugueses, em que o sapateado é idêntico ao português; o ritmo salpicado com os pulinhos é o mesmo do original lusitano. Outro tipo de música é a "chamarrita", de origem "açoriana e madeirense" e sempre cantada e tocada em um tom diferente maior, como também o "fandango" lembra sempre a música tradicional de épocas passadas do Portugal distante. O "xote" gaúcho, a sua música é muito aconchegante para a dança; tem no acordeom, na guitarra e no violão o seu ponto alto e o gosto gauchesco de tocar. No Rio de Janeiro, desde os anos 1930, as composições dos sambas e das canções simples sempre tinham a marca das canções portuguesas. Os grandes cantores brasileiros dessa época fulgurante, Orlando Silva, Francisco Alves, Noel Rosa, Sílvio Caldas, Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, a portuguesa Carmen Miranda, nas suas cantorias colocavam a forma portuguesa de cantá-las. Mesmo a viola brasileira, símbolo das rodas de música do interior, também conhecida como viola sertaneja, viola cabocla e viola caipira, dependendo da região do país, é mais um instrumento derivado das violas portuguesas, que, por sua vez, remontam aos alaúdes de origem arábico-persa. [...] Outra grande herança portuguesa para a cultura brasileira são as cantigas de roda, que eram bastante comuns em Portugal na época do Descobrimento. Músicas clássicas como "Escravos de Jó", "Sapo-cururu" e "Roda pião", além das músicas populares "Atirei o pau no gato" e "Ciranda, cirandinha", são todas de origem lusitana.

Sobre a presença da música do Brasil em Portugal, e vice-versa, José Alpuim, português, vianense, que vive em Brasília, é professor de Gestão Financeira. Ele frequenta o movimento associativo português local e reitera que

> [...] havia muita música brasileira em Portugal, sempre houve, desde que me conheço. Penso que havia cotas nas rádios, de música em língua portuguesa e, para conseguirem completar as cotas, precisavam da música brasileira, pois não havia música portuguesa, não era suficiente para completar essas cotas. E eis senão que, aos 30 anos, decido morar no Brasil e, em menos de um mês, conheci a minha atual mulher, e, no dia que a conheci, ela cantou e pronto... Nunca mais daqui saí! E é impressionante como, ainda hoje, 18 anos depois, aparecem músicas que, aparentemente, todo mundo (brasileiros) conhece, recorrentemente aparecem músicas que eu nunca tinha ouvido... Uma coisa que reparei quando cheguei há 18 anos ao Brasil é que tem muito barzinho e um violão. A questão do *couvert* artístico[11] é uma coisa fantástica, que permite que muitos músicos sem fama ganhem não só o seu ganha pão, mas também os seus quilômetros de estrada, a sua tarimba, a sua cancha... Muito importante para que um artista consiga singrar. Claro que para um artista brasileiro é muito mais fácil do que para um músico português, pois qualquer cantor iniciante com um dom consegue fazer um *cover* de algum artista brasileiro famoso ao qual o seu tom de voz mais se assemelhe. Existem milhares ou milhões de músicas brasileiras às quais qualquer músico consegue se aproximar. [...] Bom, e falando da musicalidade da língua, aí a diferença é gigantesca. Realmente a língua portuguesa de Portugal não é musical, enquanto a língua no Brasil é totalmente, absolutamente, maravilhosamente musical. É uma coisa que consegue transpor aquela barreira intransponível da língua para fora dos países lusófonos. Ou seja, a bossa nova é um supersucesso em qualquer parte do mundo, o samba é ouvido e idolatrado por esse planeta e todos os

[11] *Couvert* artístico é uma taxa permitida se o restaurante, o bar ou a lanchonete oferecer alguma atração artística que seja ao vivo. Disponível em: https://saipos.com/couvert-artistico. Acesso em: 13 jun. 2022.

> novos artistas de axé do Carnaval de Salvador deixam louco qualquer estrangeiro que lá vai.

Sem desvios

Esta conexão "musical" foi tema de estudo também no livro *Portugal e Brasil:* partilha e despatrialização da música, de Susana Sardo, Sérgio Godinho e Pedro Faria de Almeida, que escreveram que

> a presença do Brasil no quotidiano português através da música expressa-se em contextos muito diversos. De entre eles, as festividades do Carnaval e da Passagem de Ano (Réveillon) constituem momentos privilegiados, em que parece ter sido construído um repertório central (Nettl, 1995) a partir da década de 1960, que todos os anos retoma o protagonismo, apesar de alterado no próprio país de origem. Mas a música do Brasil encontra-se também em espaços de fruição semiprivados — como bares e restaurantes com música ao vivo onde predomina um repertório associado à bossa nova —, em espaços de concerto com a presença de cantores como Adriana Calcanhotto, Ivete Sangalo ou Daniela Mercury e, ainda, nas parcerias que cantores portugueses estabelecem com os seus congêneres brasileiros, como é o caso de Eugénia Melo e Castro e de Sérgio Godinho, aqui invocando um universo mais associado à música popular brasileira (MPB), no qual sobressaem Caetano Veloso, Chico Buarque e Maria Bethânia. As novelas brasileiras adquirem ainda um papel singular ao fazerem aceder as bandas sonoras (trilhas sonoras) que as acompanham, editadas em disco, aos primeiros lugares no topo de vendas de música em Portugal, incluindo agora outro tipo de música mais localizada, como a sertaneja, ou caipira.

Esses mesmos autores relatam que,

> ao longo do século XX, o desenvolvimento da cultura de massas, potenciado pelo estabelecimento dos *media* e da indústria discográfica como importantes fatores de contato entre culturas, propiciou uma

aceleração dos processos de transculturação e diluiu definitivamente as fronteiras da geografia musical. No Brasil, em finais da década de 1950, definia-se a bossa nova, movimento que constituiria um fenômeno-chave no desenvolvimento do panorama cultural do Brasil, a partir do qual a disseminação da música popular brasileira a nível internacional conheceu um impulso decisivo. Embora nesse período o regime salazarista vigente em Portugal limitasse, em grande medida, a exposição dos portugueses ao exterior, as diretivas da "política do espírito" e do aparelho censório não impediram que a influência da música brasileira se fizesse sentir, ainda que timidamente, no cenário musical português. Os exemplos mais evidentes deste processo estão expressos no trabalho guitarrístico de Fernando Alvim com Carlos Paredes e Pedro Caldeira Cabral, no qual se podem discernir, sobretudo em termos harmônicos, recursos muito similares aos utilizados por João Gilberto, *ex-libris* da guitarra bossa nova. Por outro lado, durante parte das décadas de 1960 e 1970, a partilha de uma condição ditatorial entre os dois países contribuiu certamente para o estreitamento de afinidades, favorecendo assim uma maior abertura à receção da música do Brasil. Além das afinidades propiciadas pela resistência ao inimigo comum que de ambos os lados do oceano se designou por Estado Novo, também afinidades estéticas se tornavam evidentes. Por um lado, a eclosão da bossa nova, com o impacte dos trabalhos de João Gilberto em finais dos anos 1950, havia sugerido uma abertura de perspectivas que permitia o desenvolvimento de uma linguagem modernizada para a canção brasileira, permeável a múltiplos diálogos e influências que ultrapassavam os territórios (geográficos e estéticos) de consenso. Como consequência do exemplo da bossa nova, outras experiências de questionamento de fronteiras se consubstanciariam, por exemplo, no movimento da Tropicália e no trabalho de Hermeto Pascoal, que, como no caso da bossa nova, contribuíram para a construção do universo multifacetado e eclético chamado "música popular brasileira". Em Portugal, simultaneamente, o movimento da balada oferecia uma alternativa não só ao fado de Coimbra, como também à música promovida pelo regime e pelos *media* como "nacional", e sugeriu caminhos dela diversos, atentando às vizinhanças e com elas interagindo. O exemplo destes desenvol-

> vimentos, especialmente visível no papel de José Afonso, em breve inspiraria outros músicos que, como ele, dariam continuidade a uma procura de abordagens estilísticas e estéticas que acabariam por redefinir em grande medida os contornos da canção feita em Portugal. São exemplos, entre outros, os trabalhos de José Mário Branco, Sérgio Godinho e Fausto Bordalo Dias. Numa interessante coincidência com o caso brasileiro, uma parte significativamente heterogênea da produção musical em Portugal era, já em meados na década de 1980, frequentemente apelidada de "música popular portuguesa" no discurso de músicos, críticos e jornalistas (Correia, 1984), embora, como importa clarificar, não se trate de uma estrita adaptação da acepção brasileira ao caso português.

Caso mais conhecido da relação musical entre Brasil e Portugal no que toca aos regimes ditatórias é a composição, de 1975, de Chico Buarque, que gravou "Tanto mar" como uma saudação à Revolução dos Cravos em Portugal, que "derrubou" o governo de Salazar. No entanto, "a letra foi vetada pela censura, restando apenas o registro instrumental no disco gravado ao vivo, com Maria Bethânia, sendo lançada completa apenas em Portugal. Chico Buarque regravou a canção com letra modificada em 1978, que se tornou um sucesso no famoso 'disco da samambaia', soando como um libelo de esperança por tempos democráticos também por aqui (no Brasil)", escreveu Carlos Eduardo Lima[12], jornalista especializado em cultura pop, que acrescenta que, "o mesmo Chico havia sido censurado em Portugal em 1969, quando vivia exilado em Roma por conta da ditadura civil-militar brasileira, ou seja, os dois regimes eram plenamente sintonizados".

[12] Disponível em: https://celulapop.com.br/chico-buarque-e-a-revolucao-dos-cravos/.

"A música atravessou o Atlântico"

A música é um instrumento determinante da cooperação cultural. Sua linguagem universal motiva cumplicidades entre diferentes geografias. A histórica relação Açores-Brasil é disso um exemplo bem afinado.

O Brasil foi o primeiro destino emigratório do povo açoriano, desde há mais de 400 anos, e é a maior comunidade imigrada, com mais de 800 cidadãos brasileiros. A música atravessou o Atlântico, nos dois sentidos, em sucessivos movimentos migratórios. No Brasil, vamos encontrar a música tradicional açoriana, por exemplo, no Grupo Folclórico Padre Tomás de Borba, da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, desde 1954; no Grupo Folclórico da Casa dos Açores de São Paulo, desde 1981; no Grupo Folclórico Raízes Açorianas, da Casa dos Açores de Santa Catarina, desde 2010; ou no Grupo de Danças Açorianas de Gravataí, criado em 1992, que, ao contrário dos outros, originou a própria criação da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul.

Como diretor regional das Comunidades do Governo dos Açores, posso bem testemunhar a importância de nossa música tradicional, através desses grupos, para a afirmação da identidade cultural açoriana, que é tão prevalecente, especialmente no Sul do Brasil.

O inverso acontece também. Enquanto fui diretor-geral da Sociedade Coliseu Micaelense (2005-2010), trouxemos à maior casa de espetáculos dos Açores alguns dos nomes maiores da música popular brasileira, como Gal Costa, Gilberto Gil, Martinho da Vila e Simone, sempre todos com exemplar acolhimento do público açoriano.

A música vence distâncias, derruba barreiras, cria laços. A música vale a pena.

José Andrade
Diretor regional das Comunidades
Governo do Arquipélago dos Açores

Em defesa do fado

A fadista Maria Alcina durante evento voltado para a comunidade portuguesa nas instalações da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

No Brasil, Maria Alcina atuou com Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, António Mestre, Toni de Matos, Tristão da Silva, Beatriz da Conceição, Arminda da Conceição, Cidália Moreira, Maria da Fé, Maria da Nazaré, Paula Ribas, Luís N'gambi, Luís Piçarra etc.

"Trabalhamos juntos em casas noturnas de fado, como O Galo, O Fado, Corridinho, Lisboa à Noite, Lisboa Antiga, Abril em Portugal, Alfama dos Marinheiros, além de grandes casas de espetáculos, como o Canecão, programas de rádio e TV e todos os clubes portugueses, sempre no eixo Rio-São Paulo", conta Maria Alcina. Ela revela que "a classe de artistas lusos era muito protegida pelos senhores da comunidade portuguesa, que, como imigrantes, enriqueceram e nunca esqueceram as suas raízes, divulgando a música da sua amada pátria".

A fadista não esconde o amor pelo fado e pelo que o Brasil lhe deu. "Existiram vários programas de TV, como *Casa do Casimiro*, com Joaquim Pimentel e seus convidados; *Domingo em Portugal*, com Olivinha de Carvalho e convidados; além de Mário Simões, Adélia Pedrosa, Teresinha Alves, António Campos, Sebastião Robalinho, Cláudia Ferreira. Foi lá que eu e o António Campos fomos condecorados como os Reis da Desgarrada", recorda Alcina, que destaca que Joaquim Pimentel foi um grande compositor, autor de "Só nós dois", "Júlia florista" e "Vendaval", entre muitas outras composições. No programa de rádio de calouros do astro Joaquim Pimentel, surgiram Adélia Pedrosa, Lúcia dos Santos, Tininha Gomes, Cláudia Ferreira, Sebastião Robalinho, António Campos, Mário Simões etc. Após os calouros, cantavam os artistas profissionais, como Maria José Villar, Maria Girão, a própria Maria Alcina, Ester de Abreu e Gilda Valença, entre outros.

Maria Alcina revela ter muito respeito e grande admiração por parte da comunidade portuguesa no Brasil. A artista, que conheceu várias cidades brasileiras, de norte a sul do país, afirma que sempre houve "muita união entre os artistas portugueses e brasileiros".

As guitarras

Contudo, para que o fado ganhasse vida, era necessária, claro, a voz dos fadistas, mas também o poder das guitarras portuguesas, instrumento musical característico desse estilo musical lusitano. Segundo Maria Alcina, guitarristas como Manuel Caraméz, António Rodrigues, António Ferreira, António Maria, José Manuel Rocha, Victor Lopez, entre outros, além dos violas Silvino Pinheiro, Leonel Villar, Xavier Pinheiro, Armando Nunes, entre muitos outros, marcaram época e ajudaram os fadistas a ganharem vida nos palcos.

"Sobrei eu para contar a história"

"Os tempos áureos do fado foram dos anos 1950 aos anos 2000, quando veio a decadência, sem estímulo e dificuldades, no Rio de Janeiro, sobrei

eu para contar a história. Vivi os tempos áureos na A Desgarrada com António Campos, sucesso no Brasil inteiro", diz a fadista. "Fiz, durante quatro anos, o espetáculo *Navegar é preciso* com o ator português Toni Correia. Percorremos o Brasil todo, passando pela Academia Brasileira de Letras, além de várias embaixadas, Teatro Nacional de Brasília, realizando um espetáculo cultural com o suporte do fado e da poesia para falar sobre os descobrimentos. Foi realmente um grande sucesso. A nossa caravela navegou nos mares da esperança."

Estivemos numa dessas apresentações na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, quando vimos os contornos das histórias do legado marítimo português serem contados, e cantados, através da oratória e interpretação de Toni Correia e do fado de Maria Alcina, para alunos de escolas públicas do Estado fluminense. Certa vez, um português, que estava no meio do público, e se chamava Joaquim Pereira, não escondeu, durante todo o espetáculo, a emoção em ver os jovens brasileiros deslumbrados com o som da guitarra, com a voz da fadista Maria Alcina e com a entonação de Toni Correia, que narrava como as naus portuguesas desfilaram pelo Atlântico até chegarem ao território chamado hoje Brasil. Notaram-se as lágrimas e o orgulho desse lusitano na plateia. O fado é feito disto: de alma, de sentimento.

Alcina defende ter "muito afeto por quem canta o fado", especialmente por nomes como os amigos Carlos do Carmo e Amália Rodrigues, já falecidos, mas ainda ovacionados em Portugal e no mundo.

"Cantei nos grandes salões renomados, mas também subi as favelas para cantar o fado para o povo sofrido. O legado atual da música portuguesa no Brasil é a extinção de tudo que só ficou na memória dos saudosistas", mencionou Maria Alcina, que cantou também com Francisco José.

"Cantei com o Francisco José em Recife, Nordeste brasileiro, mas também em São Paulo. Era um colega maravilhoso, muito culto. Antes de voltar definitivamente para Portugal, Francisco José foi o meu contratado na A Desgarrada, o que muito me orgulhou. Eu, que sempre fui humilde e muito simples, jamais pensava que o nosso astro maior, o querido Chico, seria o meu contratado. Coisas do fado", recordou Maria Alcina.

A fadista, dona de uma voz inconfundível, remonta a tempos em que "Maria José Valério, cançonetista, sobrinha do grande compositor, maestro, Frederico Valério, fazia sucesso, bem como quando esta

saudosa cantora gravou o hino do Sporting e tornou-se a Diva dos Sportinguistas. Na sua temporada no Rio de Janeiro, cantou comigo, no restaurante Fado, do grande acordeonista António Mestre." Alcina recordou ainda que Simone de Oliveira concorreu no Rio de Janeiro no Festival da Canção, ganhando em sexto lugar, e que Maria de Lourdes Resende, cançonetista, trabalhou com ela no Fado e no Ginástico Português.

No romance *A voz da mulher*, da radialista Wylma Guimarães, publicado em 2019, uma das passagens mostra a importância da cultura portuguesa no Rio de Janeiro e da voz de Maria Alcina pelos olhos das famílias mais tradicionais na década de 1980.

"Nessa época, Jandira e Paulo costumavam sair à noite, e uma das casas noturnas que mais frequentavam era a famosa A Desgarrada, no Rio, gerida pela grande fadista portuguesa Maria Alcina, que cantava ao lado de António Campos e animava toda a clientela nos cantares ao desafio. Maria Alcina é popular até hoje na comunidade luso-brasileira e amada, especialmente, por Vó Isaura. Muitas vezes, o casal costumava assistir aos shows de fado, e o seu preferido era *Foi Deus*, de Alberto Janes."

Foi Deus, que deu luz aos olhos
Perfumou as rosas, deu ouro ao sol e prata ao luar
Foi Deus que me pôs no peito
Um rosário de penas que vou desfiando e choro a cantar

E pôs as estrelas no céu
E fez o espaço sem fim
Deu luto às andorinhas
Aí deu-me esta voz a mim

[...]

Foi Deus, que deu voz ao vento
Luz ao firmamento
E deu o azul às ondas do mar
Aí foi Deus, que me pôs no peito
Um rosário de penas que vou desfiando e choro a cantar

Fez poeta o rouxinol
Pôs no campo o alecrim
Deu flores à primavera aí
E deu-me esta voz a mim...

Quando canto, sinto, em cada música, em cada poema, que aquela história entra dentro de mim e eu a sinto assim muito fortemente na minha alma. Sinto o momento quando eu era criança e já cantava. Subia em cima da cerejeira e cantava muito alto. E, como era no alto de uma serra, o eco transmitia, fugia da minha voz e eu achava que eram os anjos cantando para mim. Depois, indo para Lisboa, ouvia o rádio, com 6 ou 7 anos, e conforme ouvia os fados eu já usufruía de todo aquele poema para a minha alma. Indo para o Brasil, levei a saudade infinita do meu país, da minha gente. Quando cantava o fado, sentia ao mesmo tempo no poema a alegria e a tristeza da saudade, do bem-querer e daquela letra às vezes muito triste e outras mais alegre. Por exemplo, cantava a Rosinha Moleira e eu me sentia então "a Rosinha do Moinho montada no seu burrinho...". Quando eu cantava "Lavava no rio, lavava...", sentia a presença da minha mãe, me beijando, me afagando, penteando meu cabelo. Então, aquela letra era todo o carinho de filho para mãe, de mãe para filho. Quando cantava a "Severa num beco da moraria... Onde a alegria do Sol não vem... Morreu Maria Severa. Sabem quem era? Talvez ninguém...", aí foi a primeira fadista que se tem memória porque dizem que o fado naquela altura era cantado por prostitutas que ficavam à meia-porta de noite em Alfama, esperando os seus amores agasalhadas com xaile. Era um agasalho que depois passou a ser sempre o símbolo do fado. Ainda sobre a nossa querida Severa, um fidalgo apaixonou-se por ela e a fadista ia cantar nos salões dos nobres. Certo dia foi cantar para o marquês de Marialva. Chegando ao local, viu-o namoriscando com uma nobre, não tendo mais nada em cima... Severa então retirou a chinela e deu com esse calçado na cabeça do conde de Marialva. Por isso, a chinela e o xaile são os símbolos do fado.

Em palco, Alcina não "nega fogo", "arrebita" o público com seu fado, com sua voz, com sua vontade e seu desejo de lembrar Portugal e

valorizar o Brasil. Pede sempre silêncio, e, ao mesmo tempo, arregaça as mangas e convida o público a participar nos momentos mais altos, nos refrões mais sinuosos. E que voz tem a fadista!

> Quando canto, mesmo hoje, digo sempre o poema de António Campos "De países em países jamais saímos daqui...", o poema de Joaquim Pimentel "Só nós dois é que sabemos o quanto nos queremos bem", o poema do nosso querido Alberto Janes "Não sei, não sabe ninguém por que canto o fado neste tom magoado de dor e de pranto..." e "Lisboa menina e moça, menina...", me lembro do meu querido Carlos do Carmo. O fado é isto. Quando a gente põe o sentimento nos fados, que era o que eu procurava sempre fazer, era viver aquela letra plenamente como se dentro da nossa alma estivesse vivendo a história do amor, a história de uma traição, a história do amor de mãe, a história dos anjos cantando para nós.

A história da fadista ficou perpetuada no livro *Maria Alcina* — a força infinita do fado,[13] lançado em 2015. No prefácio, o saudoso fadista Carlos do Carmo não escondeu a devoção e o carinho que tinha pela cantora.

> Nós, os fadistas, temos um museu em Lisboa que é um espaço vivo e ao mesmo tempo uma memória recolhida por grandes historiadores, sociólogos, musicólogos e etnomusicólogos com a ajuda da "tribo" do fado. Nós, os fadistas, vimos, depois de seis anos árduos de trabalho, o nosso fado ser reconhecido pela Unesco como patrimônio oral e imaterial da humanidade. Avançamos muito e deixamos a "casa bem arrumada" para as novas gerações. Há, contudo, uma grave lacuna que muito me tem atormentado e que gostaria ainda de deixar no nosso museu para enriquecimento da nossa memória: o fado e os fadistas no Brasil no século XX. Tive o privilégio de conhecer alguns deles, mesmo os da geração da minha mãe. Guardo na memória um deles que já foi para a longa viagem, o meu amigo Mário Rocha. Tudo o que antes escrevi tem a ver com o privilégio que me foi concedido

[13] De Ígor Lopes. Livro editado com o apoio da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas — Governo de Portugal. Lançado no Brasil e em Portugal.

> para escrever, à guisa de prefácio, algumas palavras sobre a minha querida Maria Alcina. O fado tem algumas e alguns (poucas e poucos) heroínas e heróis. No meu pedestal uma delas é a grande Maria Alcina. Insigne cantadeira e mulher que sempre lutou contra tantas adversidades e armadilhas que a vida lhe colocou, sempre com um bondoso sorriso nos lábios. Acompanhei nas últimas quatro décadas a sua perseverança na A Desgarrada, onde tive várias vezes o gosto e a honra de cantar. Pude aprender a conhecer a grande cidadã do nosso querido Portugal, a grande, enorme mãe e a boa amiga para todas as horas. Às vezes, dói-me que os portugueses, por falta de informação, não conheçam os seus melhores compatriotas.

Há quem defenda que Maria Alcina foi a voz que fez renascer o fado no Brasil. Nada mais justo, já que, com seu talento, Alcina encantou milhares de corações com o estilo musical mais emblemático de Portugal. Cantora, artista, atriz, ídolo, mulher. Difícil caracterizá-la. Dona de uma voz inconfundível, a fadista viveu sempre entre o sofrimento, as guitarras e o improviso. Talvez seja essa a fórmula e o segredo do seu sucesso.

Sua origem ajuda-nos a compreender a formação de sua personalidade. Alcina nasceu em 12 de março de 1939, em Cetos, aldeia localizada na Serra de Montemuro, pertencente à freguesia de Pinheiro, concelho de Castro Daire, no distrito de Viseu, ao norte de Portugal. Deixou sua terra natal nos anos 1950 e venceu no Brasil, conquistando o mundo, além de dezenas de prêmios e momentos maravilhosos em sua carreira.

Não se pode esperar menos de Alcina do que o sucesso que já acumula. E que os palcos não querem perder de vista.

Fado vivo em São Paulo

Ciça Marinho vive na maior cidade do Brasil, São Paulo, onde promove o fado e as tradições portuguesas. A cantora, conhecida no seio da comunidade portuguesa local, iniciou sua carreira em junho de 1997 quando foi convidada a integrar o elenco do restaurante português O Castiço, inaugurado nessa mesma ocasião.

> A decisão de cantar música portuguesa aconteceu pelo respeito e pelo amor que tenho pelas minhas raízes, sendo eu filha de portugueses. Também a paixão por Amália Rodrigues, a grande e eterna diva do fado, pois, desde os 4 anos de idade, quando ouvi a sua voz em um vinil, o fado entrou nas minhas entranhas e traduziu o meu sentimento e mostrou quem eu era. Naquela época, havia poucos espaços para a música portuguesa, principalmente o fado, diferente de épocas anteriores quando esta canção teve o seu auge no Brasil, que, além dos artistas radicados no país, vinham muitos artistas portugueses contratados para temporadas no Brasil. Vale ressaltar a importância de Roberto Leal, que foi um incansável divulgador da música portuguesa no Brasil. Durante a minha carreira, fui observando novamente um crescimento no número de filhos e netos de portugueses voltando a apreciar esse estilo de música, bem como pessoas descendentes de outras nacionalidades.

A fadista relata que, atualmente, há uma troca muito grande de artistas portugueses e brasileiros, com parcerias com Carminho, Milton Nascimento e Chico Buarque, António Zambujo com Roberta Sá, Ney Matogrosso e Yamandu Costa. Segundo ela, Fafá de Belém também é uma artista bem conhecida em Portugal, e Edson Cordeiro, que, embora viva hoje na Alemanha, fez um álbum de canções portuguesas, gravado em Portugal por músicos portugueses, e o seu lançamento no Brasil teve uma excelente aceitação. "Tive o privilégio de participar de um espetáculo ao lado de Edson Cordeiro, a convite dele. Tive também o privilégio de cantar ao lado de alguns nomes do fado, tanto em Portugal quanto no Brasil, entre eles Raquel Tavares, Jorge Fernando e Fábia Rebordão, que gravou comigo no meu quarto álbum uma canção da sua autoria que mistura fado e samba e cujo produtor desse álbum foi Jorge Fernando, com participação de músicos portugueses e brasileiros", diz ela. "A música é de suma importância para promover esse elo entre as duas nações que, mesmo diferentes, têm tanto em comum. Em junho de 2022, completei 25 anos de carreira e espero que essas parcerias continuem cada vez mais para unir e promover estes dois países que eu tanto amo", mencionou Ciça Marinho.

Já Fátima Fonseca, cantora e compositora luso-brasileira, aposta suas fichas numa carreira dedicada ao fado e à música romântica para

unir dois povos irmãos, Brasil e Portugal. Durante suas apresentações, a artista reúne sucessos dos dois países através do fado-canção, da bossa e do samba, além de alguns sucessos autorais em parceria com o músico David Pasqua, alguns dos quais indicados ao prêmio internacional da música portuguesa, o IPMA — Awards, nos Estados Unidos, com "A bossa e o fado" e "Samba português". Fátima Fonseca tem realizado turnês em Portugal e em outros países europeus, mantido estreito contato com artistas portugueses e divulgado seu projeto musical em rádios portuguesas pela Europa e na RTP em Portugal, recebendo o carinho do público português.

> Sinto-me feliz com o êxito do meu projeto musical e julgo que o Brasil tem uma dívida musical com Portugal, pois os artistas portugueses não têm recebido as mesmas oportunidades no Brasil. Nota-se uma grande valorização da música brasileira nas rádios portuguesas, mas o oposto não se aplica. Os artistas portugueses parecem não receber incentivos suficientes do setor cultural português. Além disso, o Brasil tem valorizado estilos musicais com baixa qualidade nas últimas décadas. Resultado do baixo investimento no setor cultural e educacional no país nos últimos 30 anos. Felizmente, vemos uma luz no fim do túnel, considerando que a atual administração federal é dominada por pessoas técnicas e focadas no cumprimento de metas no que tange a oportunidades aos novos talentos através das novas políticas da área cultural.

Um dos nomes que hoje está mais próximo à cultura portuguesa no Brasil é o do cantor romântico brasileiro Márcio Gomes, recordista de público do Imperator,[14] e que tem entoado canções de raiz portuguesa, homenageado artistas lusitanos e aberto espaço, a seu lado, sobre os palcos, a famosos no meio da comunidade portuguesa e luso-brasileira, maioritariamente no Rio de Janeiro.

---

[14] Imperator — Centro Cultural João Nogueira é um centro cultural público do Méier, na Zona Norte do Rio de Janeiro, nomeado em homenagem ao sambista João Nogueira. Foi inaugurado em 12 de junho de 2012 pela prefeitura do Rio de Janeiro após dois anos de reformas da antiga casa de espetáculos Imperator, que havia sido fechada em 1996. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_Jo%C3%A3o_Nogueira. Acesso em: 13 jun. 2022.

A música me ajudou totalmente. Apesar dos meus avós serem portugueses, de ter uma parte da família de ascendência portuguesa, foi através da Amália (Rodrigues) o meu primeiro contato com um espetáculo... Um grande espetáculo. Aquela voz me seduziu de tal ordem que eu descobri, não só Portugal, como a minha própria vida artística, a minha própria vida de cantor. Hoje, sou um cantor romântico de música brasileira, mas o fado corre na minha veia e foi realmente daquele primeiro impacto que me ligou diretamente, ainda me tornou mais apaixonado pela terra dos meus avós. Minha terra também! É difícil falar de artista brasileiro promovendo o Brasil em Portugal porque tem vários artistas, desde a época de Ivon Cury, que cantava em Portugal e fazia sucesso, casou com uma portuguesa... Foram muitos artistas brasileiros, então é difícil falar. Angela Maria fez muito sucesso, Fafá de Belém, Joana... Roberto Carlos também é muito conhecido e reconhecido em muitos lugares, na América Latina toda. Existem muitos artistas que ajudaram a música brasileira a se promover em Portugal e este país europeu abraçou muito mais a música brasileira do que o Brasil a portuguesa. Isso sem sombra de dúvida.

Márcio Gomes recordou, ainda, que

o artista que mais ajuda a promover a música no Brasil, sem sombra de dúvida, é Amália Rodrigues, conhecida do mundo inteiro, a minha rainha. Mas existem artistas muito importantes no Brasil e que realmente foram marcos de gerações: primeiro, que cantava para imigrante, que era o Manuel Monteiro, cantando músicas para os meus avós que estavam no Brasil, cantando a música da terra, a música de saudade da mãe... Ele comovia muito os imigrantes. Manuel Monteiro, que tocava nas rádios, foi um grande artista. Francisco José, que foi um ídolo, não só dos portugueses, mas dos brasileiros. Ídolo durante muitos anos no Brasil. Ídolo, ídolo mesmo da canção romântica portuguesa, e cantava também músicas brasileiras. Era um grande cantor que tinha uma voz lindíssima e, obviamente, Roberto Leal, que ficou mais brasileiro do que português, porque ele trouxe muito a canção do folclore com jeitinho mais brasileiro e foi uma paixão nacional. Temos também a Maria Alcina, uma querida

> que atua mais no Rio de Janeiro e que continua cantando, apesar da pandemia. Acho incrível, e ela tem também um papel muito importante nesse movimento de união Brasil-Portugal.

Esse cantor realça que acredita ele próprio ter

> um papel muito interessante porque, como já disse, a minha ascendência é toda portuguesa, principalmente do lado do meu pai, e eu tenho uma paixão louca por Portugal e pelo fado, principalmente através da Amália. Eu sempre incluí nos meus espetáculos de música brasileira romântica e até de música latina, que eu incluo no show *Boleros*, mas eu sempre tenho espaço para o fado porque é como se eu fosse assim... Tenho muitas influências da minha rainha Amália Rodrigues, a quem eu dediquei um show. Foi o primeiro show pós-pandemia que eu fiz, mas o primeiro show que eu realizei no consulado foi o centenário de Amália Rodrigues. Foi inteiramente de fado e músicas que ela gravou no Brasil, e fiz até um bloco de músicas brasileiras que ela gravou também.

"A troca cultural é totalmente necessária, pois a nossa língua é uma só e é uma língua lindíssima. Só aparece nos endereços diferentes, mas é uma coisa só. Às vezes a gente só muda a forma de falar, mas a língua é a mesma. Essa troca nunca pode deixar de existir porque entre pai e filho tem que sempre haver uma grande comunicação", diz ele. "No lamento nordestino, por exemplo, você encontra uma ligação forte como o sentimento do fado. Eu falo fado porque o fado é a canção nacional portuguesa, como o samba no Brasil. Até o próprio samba quando tem o tema triste, você tem uma ligação com o fado. Mas, até na música de Belém do Pará, o carimbó é totalmente português. A influência é muito grande. Realmente, acredito nessa conexão, acredito que ela vá acontecer", continua o artista. "A música portuguesa tem entrado ultimamente muito no Brasil, tem entrado mais do que nunca, mais do que em outro tempo, e nós temos também que mostrar para os portugueses outras coisas que não estão sendo divulgadas por lá. Como eu falei, a música romântica, a nossa verdadeira alma seresteira, que é pouco conhecida em Portugal, que tem tudo isso... e tem a influência da língua-mãe. Não só a língua, mas o espírito. Então, eu acho que essa conexão está havendo,

mas tem que haver mais e vai haver, porque se faz necessária essa junção: duas culturas que caminham lado a lado com diferenças, mas com o amor pela língua portuguesa", acredita. "Sei que sou altamente respeitado e querido pela comunidade portuguesa no Brasil. Eu quero agora levar os meus espetáculos para Portugal para mostrar o meu tipo de música no gênero que está pouquíssimo divulgado, a música romântica, para essa nova geração e mostrar que a gente canta o amor com força, com saudade, com dor de cotovelo, que também é muito do português. Fui muito abraçado pela colônia portuguesa no Rio de Janeiro porque me vê como descendente", finaliza Márcio Gomes.

Memórias de uma pesquisadora: pesquisas fadistas

Meu primeiro contato com a música portuguesa aconteceu na infância, pois a minha avó paterna é portuguesa. O meu bisavô já colecionava discos de 78 rotações, e a minha avó continuou essa tradição. Então, ela gostava de ouvir fados, marchas populares lusas e também muita música brasileira. Como ela residiu alguns anos na casa de meus pais, eu acabei sendo influenciada por esse ambiente sonoro. E assim foi se moldando o meu gosto musical.

Em 1999, aos 17 anos, decidi iniciar as minhas atividades de pesquisa em torno de personalidades da "era de ouro do rádio brasileiro" (1930-1960). Desde então, nunca mais parei. O meu foco de estudo sempre foi direcionado aos cantores e cantoras que não possuíam biografias em livros.

A minha primeira monografia, concluída em 2002, foi dedicada a Aurora Miranda, irmã de Carmen Miranda. A segunda cantora a gravar o maior número de discos no Brasil na década de 1930. Os seus pais eram portugueses imigrantes radicados no Rio de Janeiro.

O meu interesse pelos artistas portugueses que militaram no rádio brasileiro surgiu mais ou menos em 2005, quando fui visitar uma amiga, a Denise Duran, irmã da cantora e compositora Dolores Duran (1930-1959). Ela me mostrou um belo acervo discográfico que pertenceu a Dolores. A maioria dos discos tinha dedicatórias carinhosas de vários colegas. Entre esses discos, estava o LP *Adega da Cidália* (1957), da portuguesa Cidália Meireles, que eu "redescobri", pois a minha avó escutava muito as músicas da artista.

Sempre tive grande interesse e paixão pelos artistas que pertenceram ao *cast* da rádio e TV Record, e a Cidália Meireles durante largos anos foi contratada das Emissoras Unidas. Passei então a pesquisar tudo o que estava relacionado a essa artista.

Antes de estrear na carreira solo, Cidália integrou o Trio Irmãs Meireles com as suas irmãs Rosária e Milita. O trio alcançou êxito em Portugal através da Emissora Nacional de Lisboa, na década de 1940.

Acabei por registrar todo esse conteúdo na monografia intitulada *Cidália Meireles, a voz de Portugal.*

Costumo até hoje escutar, nos fins de semana, os programas de rádio dedicados à comunidade portuguesa. Eles são apresentados por portugueses ou descendentes.

Um desses programas foi o *Melodias Portuguesas*, de Irene Coelho. Permaneceu 66 anos ininterruptos no ar. Irene era paulista, mas desde cedo apaixonou-se pelo fado. Quando contou aos pais que desejava ser artista, eles apoiaram-na. Aos 15 anos, passou a estudar guitarra e canto com um professor na cidade de Santos. Ele também tinha um programa na Rádio Atlântica e costumava apresentar os seus alunos. Irene começou a despontar como fadista. Naquele momento, na década de 1930, a música lusitana encontrava destaque dentro da programação das emissoras, pois grande era o número de imigrantes portugueses residentes, principalmente, nas grandes capitais brasileiras e em cidades portuárias.

Além do rádio, a música popular portuguesa podia ser ouvida através dos discos de 78 rotações, assim como no cinema e no teatro. O teatro de revista foi outra grande plataforma de popularização da música popular lusa no Brasil. Grandes companhias de revista apresentavam-se em teatros renomados, e a comunidade aqui residente comparecia em peso, empresários patrícios eram sempre simpáticos em relação a patrocinar tais empreitadas artísticas. Entre os artistas mais populares estavam Beatriz Costa, Vasco Santana, António Silva, Adelina Fernandes, Dina Teresa e outras personalidades.

Regressando a Irene Coelho, era uma fã ardorosa de Beatriz Costa, que conhecia através do teatro, cinema e discos.

Melodias Portuguesas era transmitido aos domingos de manhã na Rádio Trianon, com estúdio na avenida Paulista, 900, 1º andar, na capital paulista. Lá estive muitas vezes a visitar a Irene Coelho, colher autógrafos nos discos que adquiria em sebos e saber um pouco mais sobre a sua carreira. A artista sempre foi muito simpática e atenciosa. Nos últimos anos, o programa ganhou o apoio de Irineu Coelho, filho da apresentadora. Ele vinha do Rio de Janeiro, onde residia com a família, para ficar com a mãe já idosa e doente. O último programa foi ao ar em janeiro de 2008. Os ouvintes ficaram tristes, mas Irene já não con-

tava com verba suficiente dos patrocinadores para dar continuidade ao projeto, somando-se também o fato de sua saúde estar debilitada. Veio a falecer poucos meses depois, aos 86 anos, em junho de 2008.

Somente após o seu passamento tive contato com seu portfólio artístico. Parte das fotografias, recortes de jornais, discos e troféus foram doados à biblioteca da Casa de Portugal de São Paulo. Como já era frequentadora daquele espaço, a notícia me foi dada pela bibliotecária Eliane Junqueira. Fiquei muito empolgada com o que vi. Fotografei quase todo o material; então, me veio a ideia de escrever uma biografia. Em seguida, consegui conversar através das redes sociais com o Irineu Coelho; ele me contou que possuía mais fotografias. Como ele vinha para São Paulo todos os meses, combinamos um encontro na rodoviária do Tietê. Aquele material que me foi cedido para copiar veio a complementar o conteúdo de que necessitava para escrever a biografia.

Foi também nessa ocasião, em 2009, que conheci uma importante colaboradora das minhas investigações históricas, a fadista Terezinha Alves.[15] Ela me acolheu e me ensinou muitas coisas no tocante às recordações do fado na cidade de São Paulo a partir da década de 1960. Falecida recentemente, foi dona de uma memória fabulosa; seu acervo de fotos e gravações é fantástico. Generosa, me colocou em contato com outros artistas e, sempre que eu tinha alguma dúvida, bastava ligar, Terezinha esclarecia.

Desde então, passei a participar de diversos programas de rádio para falar sobre as minhas pesquisas. Estive nos programas de Martins Araújo e Adriana Cambaúva, Fernando Lopes, Abílio Herlander, padre Arménio Nogueira Alves, comendador Teixeira e José Carlos Teixeira.

Por meio de Terezinha conheci a Cláudia Andrade, filha da fadista Adélia Pedrosa (ambas atualmente residentes em Portugal). Cláudia trabalhava num projeto de valorização da carreira dos fadistas no Brasil. Fez alguns sites para divulgar os trabalhos de Adélia, Terezinha e outros artistas. Em 2009 propôs-me parceria para a produção de um *podcast* com programas focalizando as biografias dos fadistas e a apresentação das suas gravações. Como já possuía bastante conteúdo recolhido em quatro anos de pesquisas, aceitei. Todo o nos-

[15] Ver anexo 1.

so trabalho foi voluntário. Nunca tivemos nenhum tipo de patrocínio. Durante um ano e meio produzimos várias edições do *Mundo Fado*. Cláudia gravava, editava e divulgava; eu realizava a escrita do programa e o roteiro.

Entre 2008 e 2012, desenvolvi um projeto paralelo, com a criação de conteúdo sobre o tema para um blogue e um *podcast*, o "Cardápio Cultural". Também apresentei em São Paulo e cidades do interior um bate-papo, com uma exposição denominada Memórias da Música Portuguesa no Rádio Brasileiro 1930-1960. Durante a apresentação do bate-papo, relembrei os grandes ídolos da música portuguesa do passado: Ester de Abreu, Manuel Monteiro, Beatriz Costa, Joaquim Pimentel, Irene Coelho, Arminda Falcão, Gilda Valença e Francisco José. Já a exposição conta com material do meu acervo pessoal: discos de 78 rotações e LPs, revistas da época e muitas fotografias. Em 2011 surgiu a oportunidade de lançar o meu primeiro livro e foi justamente a biografia de Irene Coelho, trabalho que havia concluído recentemente. Foi assim: em um sábado à noite fui participar do programa *Caravela do Fado*, na Rádio 9 de Julho, apresentado pelo padre Arménio Nogueira Rodrigues. Lá conheci o casal Albino e Verônica Vieira, auxiliadores do padre na produção do programa. Levei a biografia da Irene impressa no formato de apostila. O casal ficou curioso, pediu para "dar uma espiada". Foi nesse instante que se interessou em me auxiliar a publicar o livro. Eu não tinha compreensão do mercado literário nem de como funcionava editar uma obra. A minha única preocupação era realizar a pesquisa e registrar tudo o que eu colhia.

Albino me orientou a procurar uma editora para pedir um orçamento. Como não existe coincidência, naquela mesma semana um colega escritor me procurou e indicou a sua editora. Feito o contato inicial, consegui o orçamento. Em seguida, todo o restante foi feito pelo querido casal Vieira, que conseguiu levantar a verba necessária com empresários da comunidade para a publicação do livro. Foi tudo tão rápido: o pontapé inicial de que eu precisava para dar mais um passo na carreira literária.

Empolgada com o êxito de *Irene Coelho*, uma brasileira de coração português, interessei-me em ampliar os horizontes e escrever mais livros sobre o fado no Brasil, ou melhor, sobre as biografias dos artis-

tas, porque acredito que através do compartilhamento das memórias de cada informante é possível construir, através de fragmentos, partes do cenário macro do foco do seu estudo.

Desejo destacar que realizei diversas entrevistas com fadistas, músicos, ouvintes, portugueses imigrantes, lusodescendentes, radialistas e jornalistas.[16] Como nem tudo "são flores", como diz a expressão popular, ouvi com frequência queixas dos artistas de que na atualidade o espaço para trabalho é ínfimo. Diferentemente do cenário encontrado até o começo dos anos 1990, não é possível viver somente da arte. Quase todos exercem ou exerceram outras ocupações para obter uma renda fixa. Pagar as contas é necessário para sobreviver!

Um problema que enfrentei foi a recusa de alguns artistas em conceder-me entrevista ou ceder material acerca das suas carreiras artísticas. Alguns não acreditaram nos meus projetos, outros me pediram cachês ou não autorizaram a citação de seus nomes (em geral, com alguma mágoa do passado e por falta de reconhecimento da comunidade ou do público). Havia também artistas que estavam doentes. Isso também se deu com alguns descendentes de artistas já falecidos.

No tangente à música popular portuguesa no geral, observo que as crianças e os jovens luso-brasileiros interessam-se muito mais em participar de grupos folclóricos. O incentivo vem dos pais e avós. A dança, a possibilidade de viagens e apresentações são alguns dos atrativos para a nova geração. Já no fado, isso é mais complexo. Em São Paulo, surgiram alguns guitarristas, como o talentoso Ricardo Araújo, com carreira internacional. Ele foi pupilo do mestre Manuel Marques. Ministra aulas *on-line* de guitarra portuguesa. Outros nomes são Wallace Oliveira e Vinícius Rocha, também fadista.

Saraus

O fado amador também se faz presente nos saraus de escritores e poetas na cidade de São Paulo, nas bibliotecas públicas, na Casa do Poeta "Lampião de Gás" e no Movimento Poético Nacional.

---

[16] Ver anexos 2 e 3.

A maior parte dos frequentadores desses eventos é de pessoas com mais de 50 anos ou aposentadas. Aqueles que cantam o fado ou declamam poesias portuguesas são imigrantes e lusodescendentes.

Nos anos de 2009 e 2010, acompanhei alguns saraus realizados nos bairros da Liberdade e Vila Mariana. Como a entrada nesses locais é sempre gratuita, eu ia para assistir às apresentações da fadista Conceição de Freitas (1954–2017). Ela foi também compositora e poeta, gostava de estar entre os amadores. Trabalhou muitos anos como contratada no restaurante Alfama dos Marinheiros, em São Paulo. Gravou três CDs.

Conceição costumava postar os seus poemas e gravações nas redes sociais; por isso, eu sabia onde ela iria se apresentar. Cantava o fado castiço e era acompanhada por músicos brasileiros jovens, em início de carreira. Eu percebia que as pessoas que não conheciam o fado se emocionavam ao escutá-lo, passavam a querer saber mais.

Coletividades luso-paulistas

A Casa de Portugal de São Paulo costuma trazer, em datas comemorativas da comunidade, fadistas internacionais para pomposas apresentações.[17] Em outras datas, também apresenta os fadistas aqui residentes, geralmente quando são servidos os famosos almoços aos finais da semana. Em ambos os casos, as entradas aos eventos são pagas e o valor não é nada acessível.

Por vezes, a Casa de Portugal abre espaço para lançamento de livros, abertura de exposições, eventos similares ou quando um programa de rádio e TV da comunidade faz aniversário. Nesses casos, a entrada costuma ser gratuita ou é solicitada a doação de um quilo de alimento a ser encaminhado a alguma entidade filantrópica.

Eu mesma lancei vários dos meus livros na Casa de Portugal entre 2011 e 2015. Os artistas e músicos compareceram e realizaram pequenas apresentações graciosamente, colaborando com o meu projeto, uma vez que todos tinham as suas memórias e fotografias estampadas nos meus livros.

---

[17] Ver anexo 4.

Fado Vadio

Por desejo de velhos portugueses imigrantes estabelecidos no bairro da Freguesia do Ó e adjacências, surgiu, no fim de 2010, a Confraria do Fado. O objetivo do grupo é reunir uma vez por mês pessoas que gostam de cantar o fado, sem a presença de artistas profissionais, apenas de amadores, como ocorre em Lisboa.

Os primeiros encontros aconteceram na pastelaria Condessa Brasileira, na rua Bonifácio Cubas, na Freguesia do Ó. Houve muita empolgação.

Compareci à primeira reunião. Para celebrar a iniciativa, estiveram presentes jornalistas, radialistas, personalidades de destaque na comunidade e alguns fadistas profissionais. Muito vinho, comes e bebes.

O projeto seguiu em frente, enfrentando dificuldades e colecionando alegrias. Depois de dois ou três anos, a Confraria do Fado mudou o nome para Fado Vadio. A turma passou a reunir-se mensalmente em outro endereço da Zona Norte da cidade, no restaurante Barbatana, na avenida Casa Verde, 2.501. Acredito que um dos motivos da transferência é porque a Condessa não dispõe de um salão para eventos.

Estive em duas ocasiões no Barbatana. Foi naquele ambiente que observei maior número de jovens de ambos os sexos envolvidos com o fado amador, seja como cantadores, seja como músicos. Em geral cada pessoa interpreta um fado por rodada. Outro ritmo de música não é permitido tocar ou cantar.

O repertório dos amadores gira em torno de fados de sucesso lançados por Amália Rodrigues, Carlos do Carmo, Alfredo Marceneiro, Paco Bandeira, Francisco José e também de personalidades da atualidade, como Mariza, Carminho, Camané, Ana Moura e Joana Amendoeira.

O público do Fado Vadio envolve pessoas de todas as idades. Os cantadores e cantadeiras — como se intitulam — costumam ensaiar os seus números com os músicos antes das apresentações.

O acompanhamento à guitarra e à viola é feito por três músicos jovens, todos brasileiros. Cito o guitarrista e fadista Vinícius Rocha e o viola Marcos Sabo.

A entrada no restaurante é gratuita, mas todos acabam por consumir. O cardápio é diverso, com destaque para iguarias portuguesas, vinho e bagaceira. Nas duas ocasiões em que lá estive, gastei uma média de 100 reais.

Com a chegada da pandemia da covid-19, os encontros presenciais foram suspensos. Porém, o Fado Vadio seguiu de maneira virtual, retornando ao Barbatana recentemente para gáudio dos frequentadores.

Festas particulares

Dentro da comunidade luso-brasileira, músicos e fadistas encontram um campo de trabalho alternativo, apresentando-se em casamentos, bodas, aniversários e outras efemérides.

Restaurantes típicos

Atualmente, estes são os endereços na capital paulista em que se apresentam fadistas com música ao vivo, aos finais de semana, com shows quinzenais ou mensais: Taberna Cais do Porto, Restaurante Seu Manuel e Tasca do Brooklin (filial da Quinta do Olivardo em São Paulo). Na cidade de Guarulhos, temos o restaurante Ora Pois Pois. Em São Roque, a Quinta do Olivardo. A Quinta do Bacalhau em Caucaia do Alto, Cotia. No litoral, cito a Tasca do Porto, localizada no centro histórico de Santos.

Anexos

1 — Fadista Terezinha Alves (1938 -2022)[18]

Quinta-feira, 27 de janeiro de 2022. O sol castiga a cidade com tamanho calor. Recebo um recado pelo WhatsApp do padre Arménio Rodrigues, do programa *Caravela do Fado* (Rádio 9 de Julho). Ele me informa sobre o falecimento da fadista Terezinha Alves.

Rapidamente entrei nas redes sociais para saber mais detalhes. Soube, então, que ela havia nos deixado um dia antes. Fiquei muito triste!

Tenho profundo carinho, admiração e gratidão a Terezinha, pois, quando comecei a pesquisar sobre as memórias do fado e seus artistas no Brasil, ela foi a pessoa que mais me auxiliou com informações e materiais de pesquisa. Tive a oportunidade de consultar o seu rico acervo de fotografias e discos.

Foi ela quem me apresentou a outros artistas. Quando tinha qualquer dúvida sobre o tema, ligava para a Terezinha e prontamente me atendia. Que memória fabulosa!

Estive várias vezes em seu apartamento em Perdizes. Sempre fui recebida com muito carinho pela fadista e seu marido, José Luiz Marcondes. Terezinha estava sempre arrumada, de cabelo arranjado; era vaidosa. Ficávamos horas conversando e ouvindo fados. Ela cantarolava e fazia comentários sobre as gravações. Contava histórias engraçadíssimas acontecidas em shows e no restaurante Adega Lisboa Antiga, do qual foi coproprietária e atração artística. Ao final, servia um delicioso cafezinho com bolo.

Os fadistas Adélia Pedrosa e Sebastião Manuel estavam sempre em suas conversas. Foram amigos do peito!

Eu estudava em uma universidade na Barra Funda, próxima ao apartamento da Terezinha na avenida Francisco Matarazzo. Uma vez telefonei para avisar que deixaria alguns CDs na portaria do seu

---

[18] Disponível em: www.mundolusiada.com.br/colunas/fado-no-brasil/fadista-terezinha-alves-1938-2022/. Acesso em: 12 jul. 2022.

prédio. Ela me disse que não; eu precisava subir nem que fosse cinco minutinhos. Ela precisava me mostrar algo que tinha encontrado: um caderno de autógrafos. Foi presente de um amigo. Terezinha, em uma das viagens que fez a Portugal, conseguiu as dedicatórias de dois dos seus artistas portugueses preferidos, Amália Rodrigues e Raul Solnado. Ela tinha muito orgulho daquele caderninho e confessou que nunca mais pegou outros autógrafos. Guardava-o como um tesouro!

Quando iniciou sua carreira artística, no fim da década de 1950, com a ajuda dos fadistas e radialistas Manuel Monteiro e Irene Coelho, conheceu muitos artistas portugueses da velha guarda e teve contato com a nova geração. Essa fase intermediária fez com que Terezinha se tornasse um elo entre o passado e o futuro.

Lembro-me de que no seu acervo fotográfico guardava centenas de fotografias de carreira, de colegas (todas autografadas), do restaurante Adega Lisboa Antiga, das suas atuações e visitas às Casas de Fado em Lisboa, ao lado de grandes personalidades… Precisei de muito tempo para assimilar tamanho volume de informações.

Uma curiosidade é que ela também apreciava a música popular brasileira, sendo fã de Elizeth Cardoso e Nelson Gonçalves. Terezinha gravou um compacto com dois sambas nos anos 1960. Um deles é "Portuguesa no samba", escrito especialmente para a fadista. A gravação é ótima.

Por volta de 2011, percebi que Terezinha tinha alguns lapsos de memória quando conversávamos. Ela comentou comigo que achava estar com mal de Alzheimer. Respondi que não, que deveria ser algo pontual. Infelizmente, ela tinha razão. Em seguida, recebeu o diagnóstico médico.

Foi bem no período em que tive a chance de lançar o meu primeiro livro, a biografia da Irene Coelho, madrinha artística de Terezinha Alves. A artista, estando impossibilitada de se apresentar, retirou-se.

Pude homenageá-la através da literatura em três obras de minha autoria: *Fado no Brasil*: artistas & memórias (2013) e *O fado nas noites paulistanas* e *O fado que cantei e outras canções*, ambos de 2015.

Depois, voltei a revê-la em outras duas ou três ocasiões. Uma delas ocorreu em meados de 2014, no Clube Português, quando

Adélia Pedrosa, Humberto Fernandes e Bomfim apresentaram-se no projeto Domingo no Clube. Terezinha foi prestigiar a amiga-irmã, acompanhada pelo seu dedicado esposo.

Terezinha partiu no dia 26 de janeiro, aos 83 anos. O sepultamento ocorreu no Cemitério do Tremembé, em São Paulo.

Deixará saudades para os familiares, amigos e fãs.

O seu nome está marcado em nossos corações e memórias, na história do fado e nos registros discográficos que nos legou.

2 — Salúquia Rentini

Em 2009, conheci a artista portuguesa quando realizei uma visita ao Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Sabia que a Salúquia tinha trabalhado como atriz e vedete no teatro de revista. Também conhecia as suas gravações de marchas e canções populares lusas, registradas em discos de 78 rotações, na década de 1950.

Se não tivessem me dito que era a Salúquia, não acreditaria ao ver aquela senhora cheia de quietude a andar pelas ruas do Retiro. Pensei tratar-se de uma mulher expansiva e agitadíssima. Depois, ela me revelou que nos palcos, realmente, se transformava e era "uma moleca", mas na vida real sempre foi sossegada, caseira e reservada.

Amável e acessível, convidou-me para acompanhá-la até a sua casa. Aguardei na varanda enquanto Salúquia foi buscar um álbum de fotos. Contou que tinha bastante material guardado sobre a sua carreira, mas quando se mudou para o Retiro se desfez de quase tudo, pois não havia espaço para tratar tantas coisas. Guardou as fotografias mais representativas.

A primeira vez que esteve no Brasil foi em 1948. Integrava uma companhia de revistas. Gostou muito do nosso país e acreditou que aqui teria melhores condições de trabalho. Um ano depois voltou, com outra companhia, e decidiu que ficaria por aqui. Estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois mandou vir de Portugal o seu filho, a sua mãe e suas irmãs.

Trabalhou muitos anos no teatro de revista, em circos, no rádio e na televisão. Viajou por todo o Brasil. Além de atuar, também cantava, dançava e fazia números circenses.

Sempre sorridente, compartilhou comigo os melhores momentos da sua carreira artística. Aliás, Salúquia vem de uma família de artistas mambembes. A trupe viajava pela Península Ibérica. Nunca permanecia muito tempo em uma cidade ou em um vilarejo.

Desde pequenininha começou a trabalhar ao lado da mãe e dos outros parentes. Apresentavam peças teatrais entremeadas com números circenses. A sua mãe era quem administrava tudo, mulher forte e de pulso firme. Salúquia era a caçula; foi traquinas e, por isso, levou muitas "sovas" da mãe.

Não era cantora, mas se preciso fosse soltava a voz em melodias populares e folclóricas. Nunca foi fadista, mas como cômica fazia números caricatos nas revistas. O pessoal se fartava de rir.

Perguntei a Salúquia se seu filho, sua neta e seus bisnetos gostavam de música portuguesa. Ela respondeu que não. "Já são brasileiros!", afirmou.

Após esse primeiro encontro, pude estar com a artista em outras ocasiões, pois viajava com frequência ao Rio de Janeiro. Nunca deixava de ir visitar o Retiro.

Em 2012, recolhi mais algumas informações com Salúquia para a produção de um capítulo sobre a sua carreira para um livro que estava escrevendo, *Fado no Brasil:* artistas & memórias. No ano seguinte, a obra ficou pronta e fui até Jacarepaguá para entregar um exemplar a Salúquia. Ela ficou superfeliz. Foi a última vez que nos vimos.

A artista veio a falecer aos 92 anos, em 26 de julho 2015, no Rio de Janeiro.

3 — Maria Alcina

Outra personalidade do fado no Brasil que conheci no Rio de Janeiro foi a fadista Maria Alcina. O nosso primeiro contato deu-se pelas redes sociais.

Em 2012, tive a oportunidade de conhecê-la durante uma visita à sua casa no bairro do Méier, no Rio de Janeiro. Que encontro encantador!

Generosa e calorosa, recebeu-me com muito carinho e colocou à disposição o seu acervo de fotografias para que eu pudesse consultar. Maravilha!

Concedeu-me uma ótima entrevista. Falava com simplicidade sobre o passado e com muito orgulho do seu trabalho.

Num primeiro momento ponderei que o movimento fadista no Rio fosse maior do que em São Paulo. Sobretudo porque maioritariamente os imigrantes portugueses preferiram instalar-se na antiga capital do Brasil. Enganei-me. Maria Alcina é uma figura de proa e resistência do fado carioca.

Sempre manteve um excelente relacionamento com os membros da comunidade portuguesa no Rio. Por isso, é querida por todos.

Durante 23 anos foi proprietária do restaurante típico A Desgarrada, em Ipanema. Recebeu diversas personalidades do mundo do fado, como Amália Rodrigues e Carlos do Carmo. Para lá, a comunidade se dirigia para se divertir e ouvir a boa música de além-mar. Entretanto, segundo Alcina, 90% dos frequentadores da casa eram brasileiros.

Durante a nossa conversa, Maria Alcina falou com muito carinho de todos os seus colegas, não fazendo distinção de ninguém. É muito agradecida a todos que a ajudaram no início de carreira. Cantou muito em São Paulo, sendo uma amiga querida de Terezinha Alves.

A fadista também ganhou um capítulo inteiro em *Fado no Brasil:* artistas & memórias. A sua contribuição para as minhas pesquisas foi muito importante.

4 — Joana Amendoeira na Casa de Portugal[19]

Dia 1º de junho de 2019: aconteceu o concerto de Joana Amendoeira, Pedro Amendoeira (guitarra portuguesa) e João Filipe (viola de fado) na Casa de Portugal de São Paulo. Uma belíssima apresentação que envolveu música e poesia codificadas nos lindos fados inter-

[19] Crônica publicada anteriormente na revista *Escritores Brasileiros Contemporâneos*, n. 5, jul. 2019, da Editora Matarazzo.

pretados pela voz melodiosa e doce de Joana e os acompanhamentos dos seus músicos.

O dia nublado e o frio (tão típico do nosso outono) não espantaram as centenas de pessoas que compareceram e lotaram o salão de festas da Casa de Portugal. Joana Amendoeira prestou diversos tributos a poetas, fadistas e compositores, entre eles Maria da Fé, Fernanda Maria, Amália Rodrigues e Carlos do Carmo.

Os fados de Tiago Torres da Silva, temas do CD *Muito depois*, foram os destaques na apresentação. Lindas melodias e belas letras poéticas. O público ficou emocionado com a interpretação da fadista nascida em Santarém. O show faz parte da turnê *Tudo Muda* e da programação das festividades do "Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas" na capital paulista.

Gostei muito quando Joana anunciou que iria cantar "Lua branca" de nossa Chiquinha Gonzaga. Segundo a fadista, "'Lua branca' é um autêntico fado". Não sou musicóloga, mas acredito que esse ritmo luso pode ter influenciado a produção da maestrina brasileira, uma vez que ela residiu em Portugal durante vários anos no início do século XX. Eu amei!

A fadista também contou ao público que a nova turnê *Tudo Muda* era um reflexo das mudanças que aconteceram em sua vida pessoal e profissional. Joana apresentou em seu concerto outras músicas, como "Todo cambia" (Julio Numhauser), do repertório da cantora argentina Mercedes Sosa.

Acredito que, para os brasileiros presentes ao concerto, a ternura da interpretação de Joana e as ricas e vibrantes musicalidades de Pedro e João nos trouxeram a ancestralidade do fado e uma saudade infinita de Portugal e da sua cultura. Pelo menos foi o que eu senti!

Numa amálgama de passado e presente, os fados apresentados nos fizeram viajar no tempo e na sensibilidade. Ao terminar o show, o trio foi ovacionado pela plateia.

Estive presente ao concerto com meus queridíssimos amigos Jefferson Silveira e Marta Perin, do programa *Cantares de Além-mar*, padre Arménio Rodrigues Nogueira e Cipriano Gomes (acompanhado de sua senhora), do programa *Caravela do Fado*, ambos transmitidos pela Rádio 9 de Julho AM. Encontramos muitos amigos e

personalidades da comunidade luso-brasileira, em especial. Foi uma alegria rever a querida e talentosa fadista Maria de Lourdes, de quem eu também sou fã e costumo chamá-la de "Rouxinol fadista".

Para terminar, assim como muitos admiradores, no final da apresentação, nos dirigimos ao camarim para felicitar os músicos e a fadista. Muito atenciosa e simpática, Joana Amendoeira atendeu a todos com atenção e carinho e tirou diversas fotos e distribuiu autógrafos nos seus CDs.

A noite de 1º de junho foi muito especial para mim. Voltei para casa muito feliz e embalada pelo fado. A música, assim como todas as artes, possui esse poder de nos tocar e nos fazer sonhar: o concerto fez-me sentir mais perto do meu amado Portugal!

Parabéns aos organizadores e patrocinadores da *Noite de fados com Joana Amendoeira*.

Thais Matarazzo
Pesquisadora e escritora

É Leal, é musical, era Roberto!

Roberto Leal, durante apresentação na Casa do Distrito de Viseu do Rio de Janeiro, Brasil.

Roberto Leal foi um dos principais cantores portugueses no Brasil e no mundo. Com a sua irreverência, encantou brasileiros e portugueses, investiu, empreendeu, mostrou a alma luso-brasileira no seu ápice, lotou salões, deu notoriedade a casas portuguesas no Brasil e um pouco por todo o mundo encheu de orgulho os compatriotas e os "luso-amantes". Inventou modas, modinhas, foi tema de várias reportagens, ocupou muitas horas no ar em canais de televisão e em estações de rádio. Foi vital. Até morrer. Mas sua voz, seu timbre, seu método de conectar Brasil e Portugal perduram.

A ideia aqui não é apresentar a vida e obra, vastamente discutida e conhecida de Roberto Leal, mas, sim, abordar os bastidores das suas

vitórias e, por que não, das suas dores. Roberto Leal, nome artístico de António Joaquim Fernandes, era natural de Vale da Porca, uma freguesia portuguesa do município de Macedo de Cavaleiros, onde nasceu em 27 de novembro de 1951, mas radicou-se no Brasil. Considerado "embaixador da cultura portuguesa no Brasil", Roberto unia duas nações em torno de uma língua e das suas canções populares. Ao longo da carreira de mais de 45 anos, ganhou 30 discos de ouro, além de cinco de platina e 500 troféus e vendeu milhões de discos de vinil, fitas cassete e CDs.

Começamos pelo lamentável fim. Roberto Leal morreu no dia 15 de setembro de 2019, em São Paulo, aos 67 anos de idade. Era casado com a brasileira Márcia Lúcia Amaral Fernandes e tinha três filhos: Rodrigo Leal, que é hoje produtor musical, Manuela Fernandes Leal e Victor Diniz.

E foi com Márcia que conversamos. Segundo a viúva de um dos maiores ícones portugueses de todos os tempos, Roberto Leal tinha um papel bastante relevante na promoção da cultura, da música e das tradições de Portugal no Brasil.

"O Roberto Leal, como cantor, intérprete, mas muito mais como compositor e comunicador, surge numa fase em que a emigração portuguesa chegou a um pico, no final dos anos 1970. O Roberto, como imigrante, cantava os seus sentimentos como tal, cantava a sua trajetória, a sua saudade, a dificuldade de adaptação a uma nova terra e cultura e, obviamente, isto calava fundo nos imigrantes por todo o mundo que estavam a viver a mesma situação que ele", conta a viúva. "Havia uma identificação. Falavam a mesma língua. Em todos os sentidos: a língua portuguesa, a linguagem da imigração. Assim, ao cantar a sua própria trajetória, a sua recordação saudosa das canções da sua terra, ele fazia um trabalho múltiplo de divulgar a cultura de Portugal para os não portugueses que o ouviam, acalentar os portugueses imigrados, matar-lhes as saudades e, ao mesmo tempo, era uma luzinha vermelha no cenário da imigração para que eles não perdessem a sua identidade, não se esquecessem de onde vieram. A sua importância foi ter atingido todos esses objetivos", reiterou Márcia Fernandes, que não esquece a forma como o marido vivia o amor por Portugal no Brasil.

> Quando o Roberto chegou ao Brasil, aos 12 anos, e portanto, no início da adolescência, estava a se descobrir como pessoa, a adquirir amizades profundas, a criar raízes próprias. Ser retirado do seu ambiente, nesta fase da vida, criou uma situação que ele teve que lidar enquanto pessoa, dentro de uma família que vinha se separando aos poucos, durante anos, numa imigração faseada para o Brasil. Quando chegou a vez dele, o choque cultural e, obviamente, emocional, ao chegar ao Brasil, levaram-no a buscar o convívio de outros portugueses, levaram-no a se apegar com todas as forças às suas recordações e a tentar manter um mínimo do que era a sua vida, no novo quotidiano. Isto acaba por se passar com quase todos os imigrantes. No Brasil, esse choque é muito menor, por falarmos a mesma língua. As associações de imigrantes provam esta realidade. Então, o Roberto vivia esse amor por Portugal — primeiro, nas associações, a cantar em grupos portugueses, a estudar guitarra portuguesa, tentando de todas as maneiras manter viva a sua cultura. Mas ele não parou por aí, e a falta que ele sentia do seu país, onde ele fora tão feliz, na sua infância, fez com que ele mantivesse, por toda a sua vida, essa busca, esse voltar constante, que, na verdade, misturava a saudade de Portugal e a saudade da infância feliz. Viveu esse amor a cantar Portugal.

Márcia faz questão de recordar pontos importantes da carreira do cantor. "Eu conheci o Roberto, e começamos a namorar no início de 1971, e era um namoro diário. Nós nos tornamos próximos e descobrimos que éramos almas gêmeas imediatamente. Portanto, foram quase 50 anos de convivência estreita, que, para além da vida privada, a criação dos filhos, envolveu também trabalharmos juntos, compormos juntos, viajarmos juntos, gravar discos, termos reuniões com gravadoras, maestros, músicos, ensaios. Em 50 anos de convivência, é impossível selecionar recordações específicas, pois são milhares e milhares. Foi uma vida! Mas as que mais me marcaram foram as viagens que fizemos pelo mundo, da América do Sul à Austrália, da América do Norte à África, por toda a Europa, a cantar com os imigrantes", continua ela. "As belas recordações dessas viagens nos mostravam que os portugueses que iam aos shows do Roberto estavam empenhados em manter a sua identidade, e ele os incen-

tivava, dizendo, no encerramento dos seus espetáculos: 'Falem o inglês, o francês, o alemão, mas jamais se esqueçam do português!' Guardo recordações das confusões que eram essas viagens, com uma banda enorme, pelos aeroportos afora. De andarmos todos em shoppings e supermercados, em lugares que não falávamos a língua do país, a darmos gargalhadas das nossas próprias trapalhadas nas compras, a jogarmos cartas nos quartos de hotel, em dias entediantes de espera entre um show e outro", relata, com carinho, Márcia.

A viúva, que durante cerca de meia década acompanhou Roberto, contou que

> Roberto teve pontos altos na sua carreira, como encontros com presidentes da República e ministros de Portugal, teve honrarias do herdeiro da Coroa portuguesa, dom Duarte de Bragança, teve comendas significativas e mais de 500 troféus e Discos de Ouro; ganhou da Penco Records, nos Estados Unidos, o Microfone de Ouro por ter sido o artista português que mais público levava. Ganhou a chave da cidade de Providence, em Rhode Island, Estados Unidos, e ganhou o Roberto Leal's Day neste estado norte-americano. Ganhou título de Cidadão Paulistano, homenagens em vários estados brasileiros. Mas houve situações com o público que, com certeza, marcaram talvez até mais do que todo esse reconhecimento de grandes personalidades. Houve um show, em particular, que nos marcou muito, no Roy Thomson Hall, em Toronto, Canadá. A casa, em si, já é um assombro, uma das mais belas casas de espetáculo que já vi em minha vida. E foi o primeiro desafio que o Roberto lançou aos empresários da América do Norte, pois, até então, eles o levavam às associações portuguesas ou aos pequenos teatros dentro das escolas. O Roberto desafiou o Antunes, o empresário canadense, a fazer algo que orgulhasse a comunidade portuguesa. E lá foi o Antunes contratar a locação do Roy Thomson Hall. Anunciado o show, logo se vendeu uma quantidade razoável de ingressos, e depois parou a procura. O empresário ficou preocupado, pois a locação da casa era caríssima e o Roberto viu-se responsável, já que ele havia incentivado a ideia. Perguntou para o empresário: "Pode entrar criança no show?". Quando o empresário disse que não, o

> Roberto logo sentiu que estava ali o problema; as pessoas precisariam de uma motivação extra para correrem atrás de uma logística que pudesse ajudar, como arranjar com quem deixar os filhos, para ir a um show daqueles. Nas associações portuguesas, ia a família toda. Naquele, não dava. E isso fez o Roberto, num programa de TV local, desafiar toda a comunidade: os portugueses merecem se sentar nos mesmos lugares onde se sentam os canadenses! O público entendeu a mensagem. No dia do show, ficou muita gente para fora. Muita mesmo. E venderam até os lugares do coro, que ficava atrás do palco. O Roberto vibrava como uma criança. Para ele, pouca diferença faria se a casa estivesse mais cheia ou menos cheia; o cachê era o mesmo. A alegria, a realização, ali, era outra! Ver anunciado um show português naquela casa tão requintada e seletiva, ver os seus conterrâneos todos felizes e animados, com os seus melhores casacos, entrarem naquela casa elegante, para ele foi uma grande vitória! Uma vitória da comunidade. Não dele. Dos portugueses. Era aí a força do Roberto. Ele conhecia o imigrante como conhecia a si mesmo. Sabia o que os motivava. Do que gostavam, o que respiravam. Falava de coração para coração.

Márcia reconhece que, além de Roberto, outros nomes levaram o nome de Portugal às alturas no Brasil.

> Antes do Roberto, que eu me lembre, a música portuguesa no Brasil teve dois grandes nomes, que foram o Francisco José e a Amália Rodrigues. Muitos brasileiros ainda se lembram das músicas deles, mas eles atingiam um público mais específico. O Francisco José, por viver no Brasil, se aproximou um pouco mais do gosto do brasileiro, mas ele cantava o amor, e não Portugal. A Amália teve, no Brasil, o fulgor das grandes artistas internacionais, mas para um público muito específico, que é o amante do fado. O fado não é o gênero musical que atinge o povo brasileiro, mais afeito a músicas alegres. Quando o Roberto aparece com o folclore português, alegre, brejeiro, com arranjo e orquestração que faziam sucesso, na época mais para o rock do que para ranchos folclóricos, é claro que chamou a atenção do Brasil todo, levando-o a ser, durante anos seguidos, topo

> de vendas e aparições em programas de TV e shows. Acredito que, para uma imensa parcela da população brasileira, foi a primeira vez que se ouviu algo de Portugal. E, aqui, eu me refiro não só a um ritmo e uma musicalidade portugueses, mas a letras que falavam sobre Portugal. Roberto cantou Vale da Porca e Trás-os-Montes, cantou Lisboa e as suas marchas, cantou o Porto, as festas populares, as vindimas, as desfolhadas, cantou as sardinhas, o bacalhau, as couves, o vinho verde. Muita gente no Brasil conheceu o que sabe da cultura de Portugal através das nossas canções. E eu digo nossas com orgulho, porque todas as letras das canções que o Roberto gravou, e são perto de 500, as compus com ele.

Além de esposa, mãe e compositora, Roberto tinha ao seu lado uma mulher dedicada a "promover" o melhor do país de Camões no Brasil, onde Roberto era ovacionado. "O Roberto fez milhares de shows pelo Brasil. Houve um ano em que, só na cidade do Rio de Janeiro, foram feitos 52 shows, o que dava uma média de um show por semana. Isto era muito, se contarmos que o Roberto era um artista radicado em São Paulo. Ele se apresentava em todos os tipos de locais. Ia de forró a grandes e sofisticados clubes, e foram centenas as vezes em que ele se apresentava em circos, no início da sua carreira. Havia noites de fazer até cinco shows seguidos nestes circos", lembra Márcia. "Viajou em todo tipo de avião que se possa imaginar; aterrissou dentro d'água quando um avião não conseguiu frear; perdeu voo por ter confundido aqueles voos com horários logo após a meia-noite; derrapou na pista; desistiu de voo que depois o avião veio a sofrer um acidente; viajou de carro pelo interior do Nordeste, em estradas de poeira; ficou atolado na lama em estradas em construção; atravessou rios com correnteza que arrastavam a balsa; chegou a viajar horas e horas para onde não devia, por terem confundido os nomes das cidades; ajudou o piloto a achar um buraco nas nuvens, viajando sem instrumentos e acabando o combustível; cantou para debutantes da alta sociedade e cantou gratuitamente para velhinhos em asilos e doentes em hospitais. Tudo foi marcante. Tudo fez dele o ser fantástico que ele era", afirma, emocionada, Márcia, que revela, também, a particularidade das influências musicais no trabalho do marido.

Acredito que o que tornou a carreira do Roberto Leal única foi não ter se deixado influenciar por ninguém. Se gravava uma canção folclórica, no início da carreira, substituía os instrumentos tradicionais pelos instrumentos que reinavam na época, como a guitarra e o baixo elétricos, trocava os andamentos, criava solos inimagináveis para o folclore português. Misturava samba com temas portugueses, jogava com os ritmos brasileiros, como o carimbó, o sirimbó; visitava, portanto, o Norte e o Nordeste do Brasil, mas também o Sul e o sertanejo, combinava tudo isso com a brejeirice dos temas das aldeias portuguesas. Pegava a chula, o corridinho, o vira, e brincávamos com as letras mais ao estilo brasileiro. Fazíamos rock a falar de bacalhau. Não havia onde nos espelharmos para compor. Gravar canções de outros compositores portugueses era difícil, porque quando nos mandavam sugestões de músicas para gravar era uma repetição do que já havíamos feito. Muitas vezes, fazíamos um extenso trabalho de pesquisa para encontrar músicas que coubessem dentro do estilo dele, e houve grandes compositores que fizeram canções para ele, como foi o caso do Roberto Carlos, que compôs "Um grande amor" especialmente para o Roberto Leal. Mas, na maioria das vezes, cerca de 90% das canções eram nossas. E, quando o Roberto gravava músicas de outros compositores, fazia do jeito dele. Acho que isso garantiu e legitimou essa exclusividade da carreira dele. Construiu um estilo próprio, que outros artistas souberam entender, contribuindo, à sua maneira, para enriquecer esse jogo de mesclar que o Roberto criou. Foi assim que os Secos e Molhados contribuíram com "O vira"; o Padre Marcelo, com "O vira de Jesus"; e os Mamonas Assassinas, com o "Vira-vira".

O Roberto gostava de cantar. Não importava onde. [...] Toda arte aproxima, cria vínculos, porque expressa sentimentos, opiniões, posturas e fala de perto a quem comunga das mesmas. A música, assim como o cinema, é mais abrangente. Porque conta com as palavras, veículo direto na transmissão de ideias. Nós, no Brasil, temos um desvio emocional histórico com relação a Portugal. Nós fomos ensinados, desde a tenra infância, que Portugal era mau, que "roubava" o nosso ouro, que nos tirava a liberdade. Tive muita dificuldade para acalmar os meus filhos quando voltavam para casa arrasados com algumas aulas de história em que se desancava sobre

Portugal, sendo que em casa eles aprendiam a amar aquele país. Como conciliar as duas coisas? Um dia eu tive de dizer ao meu filho: "Olha, quando a gente vai ao nosso sítio, em fins de semana, e trazemos laranjas e coisas da horta, estamos roubando?" E ele disse: "Não, mãe... O sítio é nosso!" Então eu disse a ele: "Pois é..." O Brasil era de Portugal naquela época. Eles estavam levando o que sentiam que era deles, não estavam roubando. O que eu quero dizer com isso é que nunca tivemos orgulho da nossa origem portuguesa, chegando mesmo a não entender que nós somos os portugueses que foram para o Brasil, após os descobrimentos e a colonização. Quem não é indígena é português! Ou será descendente de alguma outra nacionalidade estrangeira... Não importa. Se você não é descendente indígena, você é português! Mas os tempos pró-Independência criaram uma animosidade que evoluiu para uma falta de boa vontade e evoluiu para a indiferença. Não tínhamos nada por que admirar Portugal. Tem muita coisa a se dizer sobre isso. Não será aqui. Mas, quando o Roberto Leal surgiu no cenário musical como um cantor português teve que lutar contra todo esse momento desfavorável, as pessoas não estavam minimamente interessadas em ouvir Portugal. Ele teve que fazer malabarismos na escolha da música ("Arrebita"), a sua própria figura era impensável, em termos de estereótipo português, com o seu cabelo muito longo e louro... Enfim, teve de quebrar barreiras até conseguir fazer com que as pessoas o ouvissem. Muita gente passou a conhecer Portugal verdadeiramente através dele. Muitas pessoas tiveram curiosidade sobre Portugal através dele. E, ao terem curiosidade e tentarem conhecer, apaixonaram-se. Assim como o brasileiro sempre foi apaixonado pelas coisas norte-americanas por causa da música, acredito que muitos brasileiros se aproximaram de Portugal e descobriram a sua própria ancestralidade através das canções do Roberto. Eu mesma me dei de presente mais 800 anos de história quando cheguei a Portugal e vi, nas couves nos quintais portugueses, a mesma couvinha que se comia em Minas Gerais, o mesmo fogão a lenha... A cada pequena descoberta, eu revia tradições muito brasileiras e senti quanto de mim pertencia a Portugal. A minha história cresceu. E, como brasileira, eu me havia negado isso a vida toda. Hoje, a relação entre os dois países é outra;

> o brasileiro descobriu que, na hora em que ele tiver que escolher um país, no caso de querer emigrar, Portugal estará no topo da lista para a maioria das pessoas. É claro, Portugal cresceu, deu-nos muitos e fortes motivos de orgulho, mas alguma coisa despertou em nós, brasileiros, aquela primeira canção, a "Arrebita", há 50 anos.

Márcia não esconde também o que pensa ter sido mais valioso no trabalho de Roberto Leal.

> Eu acredito que quase 50 anos de carreira bem-sucedida, milhares de shows em cerca de 20 países pelo mundo, um artista que teve o seu próprio programa de rádio no Brasil, o seu próprio programa de TV em Portugal e no Brasil, cerca de 500 músicas da sua própria autoria, tudo isso forma um legado para a música de Portugal. Já são muitos artistas e muitas bandas portuguesas pelo mundo a alimentar os bailaricos das associações com músicas dele. Acho que o que ele deixou de mais valioso foi esse acervo musical. E, dentro das suas músicas, o mais valioso foi a alma dele, que ficou ali impregnada, o seu grande amor por Portugal, que o viu nascer, e pelo Brasil que foi o país com quem ele se casou. Porque tudo foi feito com sinceridade, honestidade de sentimentos, ele cantou a verdade dele. O mais valioso dentro das suas músicas é o relato de uma geração, um pedacinho da história de Portugal. Mas, há um outro ponto que, para o Roberto, tinha tanto valor quanto cantar o seu país, que era cantar a fé. O Roberto era extremamente religioso, e não se pode falar de Roberto Leal sem mencionar o quanto a fé fazia parte da vida dele. O pai dele, o senhor Avelino, passou por uma cura milagrosa de uma cegueira que ele atribuiu a santo Ambrósio, e ainda hoje há uma grande celebração em torno desse santo, em Vale da Porca, aldeia onde o Roberto nasceu. É claro que um fato como este muda a postura filosófica de uma família, pois uma coisa é você ler sobre as experiências dos outros e ler relatos bíblicos ou de outros livros e notícias sobre milagres, outra coisa é viver a experiência pessoalmente, dentro da sua família. Então, não havia show em que o Roberto não tentasse passar para as pessoas o seu testemunho de fé, a sua palavra de esperança e otimismo. Foram incontáveis os

> relatos de fãs que testemunhavam uma mudança de atitude perante a vida ou perante os seus problemas; foram alguns casos em que o médico da família confirmou a cura espontânea da pessoa. Muitos relatos de pais que viram os seus filhos se curarem ou aceitarem tratamento ou comida após ouvirem as músicas do Roberto. Então, há aqui um componente que pouca gente vai compreender, mas os que compreenderam sabem que talvez seja o mais valioso de todos.

No livro *As minhas montanhas*, de Roberto Leal, publicado em 2011, uma das passagens comprova o sentimento deste cantor após uma grandiosa apresentação no programa do Chacrinha,[20] na TV Globo, quando Roberto percebeu que o caminho para dignificar a imagem de Portugal no Brasil estava iniciado e não havia mais como recuar:

> Era uma mistura de orgulho, de emoção, de alegria, de saudades de Portugal e de tantas outras coisas que somente quem passa pela dura experiência da imigração consegue entender. Eu era um deles. Um miúdo da aldeia, levado pelas circunstâncias da vida a deixar a sua terra natal e recomeçar do zero num país distante. Passamos pelas mesmas alegrias e dificuldades, partilhamos da mesma saudade sem fim, da mesma sede por tudo que nos recordasse nosso amado Portugal. Compreendi, então, que o meu sonho de um dia ver a música portuguesa contagiar os brasileiros não era apenas meu, mas de todos os imigrantes portugueses. A minha carreira, a partir desta perceção, foi dedicada inteiramente ao meu país. Onde estivesse o Roberto Leal, estaria uma bandeira portuguesa à minha frente. Era um sonho grande demais para ser só meu, um sentimento muito precioso para ter um dono, uma mensagem que jamais poderia ser só minha. No ônibus que me levava do Rio para São Paulo, eu ia pensando na vida, mas já não viajava da mesma maneira, sossegado, anônimo. Depois do Chacrinha, tudo mudou em minha vida. Eu era reconhecido nas ruas e as pessoas me paravam para pedir autógrafos. Um dos exercícios

[20] José Abelardo Barbosa de Medeiros, mais conhecido como Chacrinha, foi um comunicador de rádio e televisão do Brasil, apresentador de programas de auditório de grande sucesso das décadas de 1950 a 1980. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacrinha. Acesso em: 13 jun. 2022.

> mais difíceis para um ser humano é ter a exata noção do que se passa à sua volta, quando está num momento crucial, no centro de grandes acontecimentos, no olho do furacão. Tudo gira a uma velocidade alucinante, e não se consegue enxergar nada com nitidez.

Fontes consultadas para este livro atestam que "Roberto Leal, que aparecia com frequência em programas populares da TV brasileira, como Silvio Santos, Chacrinha, Bolinha e outros, conseguiu furar um bloqueio que o fado não conseguiu, a despeito do seu grande valor artístico. Particularmente, não vi no Brasil, nos meus círculos de conhecidos, pessoas que ouviam fado com frequência. Mas todos conheciam Roberto Leal. Anos mais tarde, a banda Mamonas Assassinas acabaria fazendo uma paródia de uma canção muito cantada pelo Roberto, inclusive com a participação dele em algumas aparições [...]".

Rei "coroado"

"Coroação" de Roberto Leal em Portugal.

Galdino Cocchiaro, presidente nacional da Sociedade Brasileira de Heráldica e Humanística, recordou fatos como o evento em que Roberto Leal foi aclamado o Rei da Música Luso-brasileira.

"No Brasil, o seu nome foi sempre associado à arte musical lusitana e, por essa razão, ele era considerado o embaixador da cultura portuguesa. Roberto Leal tinha um grande amor pela arte musical — bem como numa única e muito bem-sucedida incursão pelas

artes cênicas, protagonizando a si mesmo —, à qual se dedicava com fervor quase religioso e evocava, da parte dos seus familiares e colaboradores, um natural esforço conjunto, que logo se transformava em entusiasmo contagiante, principalmente quando se tratava das áreas da criação e produção, já que perseguia o objetivo de lançar gravações inéditas a cada ano, atuando em televisões e promovendo shows e turnês internacionais", disse Galdino Cocchiaro. Ele mencionou, ainda, que "um dos momentos mais marcantes da vida de Roberto foi quando, ao completar 30 anos de carreira, foi convidado pelo pretendente à Coroa de Portugal e ao título de duque de Bragança — dom Duarte Pio de Bragança, titular do Castelo de Ourém — para ser entronizado com o majestoso título de Rei da Música Luso-brasileira. Roberto Leal foi historicamente o segundo a merecer tamanha honra naquele régio e emblemático espaço, onde primeiro pontificou a diva Amália Rodrigues, aclamada como a voz de Portugal e mundialmente conhecida como a Rainha do Fado". Cocchiaro lembrou-se ainda do seguinte:

> "[...] Mas, a pomposa e circunstancial entronização de Roberto Leal com as Vestes reais e a Coroa de Rei da Música Luso Brasileira, na mesma cidade que também abriga o Santuário de Fátima, traz à lembrança a festa que se iniciou nos idos de 1971, quando ele, pela primeira vez, entoou o seu grande sucesso, "Arrebita", no programa *Discoteca do Chacrinha*, comandado pelo inesquecível comunicador popular, Abelardo Barbosa, o Chacrinha, na TV Globo. Mas, somente nos idos de 1977, faz a sua primeira excursão para Portugal, de onde fez o planejamento para levar o seu show a diversos países do globo, apresentando-se em várias cidades francesas e, a seguir, na Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Suíça, Espanha, Luxemburgo, Austrália, África do Sul, Argentina, Venezuela, Canadá e Estados Unidos, sempre em busca de plateias, preferencialmente lusófonas e, consequentemente, ampliando os seus regimes de conquistas, em Portugal e no Brasil.

Tocando juntos

> Mas o que somos mesmo é essa mistura. Uma mestiçagem de corpo e mestiçagem da cultura. Dentro de cada um de nós existem milhões de índios, de negros e de brancos!
> — Ariano Suassuna[21]

Podemos dizer que a relação entre Portugal e Brasil começou com música e alegria. Talvez por isso, passados mais de 500 anos, continuemos a dançar juntos. Nos idos de 1500, as naus e caravelas portuguesas aportaram em terras de Vera Cruz — como lhes chamou Pedro Álvares Cabral. Foi um choque de civilizações, entre os europeus e os habitantes daquele continente, que, por exemplo, não conheciam ainda o ferro. Cabral era um homem de estudos, um humanista. Durante aqueles dez dias que por ali permaneceu, não foi levantada uma arma contra os nativos. Pelo contrário, dá-nos conta a carta de Pero Vaz de Caminha[22] de que houve música e dança.

> Então tornou-se o capitão para baixo, para a boca do rio, onde desembarcámos. E além do rio andavam muitos deles, dançando e folgando uns ante outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-no bem. Passou-se então além do rio Diego Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer, e levou consigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos. E eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem, ao som da gaita. Despois de dançarem, fez-lhes ali, andando no

---

[21] Ariano Suassuna foi um dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta, professor, advogado e palestrante brasileiro. Idealizador do Movimento Armorial — uma iniciativa artística cujo objetivo seria criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste Brasileiro.

[22] Caminha, Pero Vaz de. A Carta de Caminha — escrita pelo escrivão da armada a el-rei dom Manuel I sobre o achamento das terras de Vera Cruz (Brasil) — 27 páginas de papel, com formato de 29,6 cm × 29,9 cm. É o primeiro documento escrito da História do Brasil, datado de 1º de maio de 1500. A carta conservou-se inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Foi descoberta, em 1773, por José de Seabra da Silva e publicada pelo historiador Manuel Aires de Casal em sua Corografia Brasílica (1817). Em 2005, foi inscrita no Programa Memória do Mundo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

> chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se eles espantavam e riam e folgavam muito.[23]

Também o rezar da Santa Missa naquelas terras deve ter sido um momento único, tanto mais que eram missas cantadas pelos frades que iam na armada, sob as ordens de frei Henrique de Coimbra. Certamente cânticos em latim com o objetivo de elevar a alma de quem escutava. Tomemos o caso do cântico gregoriano. A palavra cantada tem uma força comunicativa muito maior, ganhando expressividade e beleza, que toca as pessoas interiormente. Cria também uma ambiência festiva e de partilha. Podemos imaginar o efeito que essa sonoridade já erudita terá tido nos indígenas locais, e como os deve ter surpreendido e encantado.

> Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos em joelhos, assim como nós. E, quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco *e alçaram as mãos, estando assim até ser acabado. E então tornaram-se a assentar como nós. E, quando levantaram a Deus, que nos pusemos em joelhos, eles se puseram* todos assim como nós estávamos, com as mãos levantadas e em tal maneira assossegados, que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção...[24]

E não só os portugueses usavam a música para criar laços com aquele povo, como também eles respondiam de igual modo, dentro de seu saber. Diz-nos outra passagem: "Enquanto estivemos à missa e à pregação, seriam na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como

---

[23] "Peraaboca do rrio onde desenbarcamos e aalem do rrio amdauã mujtos deles damçando e folgando huu⁅n⁆s ante outros sem se tomarem pelas maãos e faziãno bem./pasouse emtam aalem do rrio diego dijz alxe que foy de sacauem que he home⁅m⁆ gracioso edeprazer e levou comsigo huu⁅m⁆ gayteiro noso cõ sua gaita e meteose cõ eles adançar tomandoos pelas maãos e eles folga uam e rriam e amdauam cõ ele muy bem ao soõ dagaita. despois de dançarem fezlhe aly amdando no chaão mujtas voltas ligeiras e salto rreal deque se eles espantauam e rriam e folgauã mujto".

[24] "Aly dise misa opadre frey amrique aqual foy camtada e ofeçiada per eses ja ditos./aly esteueram cõnosco aela obra de l ou lx deles asentados todos em giolhos asy coma nos e quãdo veo ao avanjelho que nos erguemos todos e⁅m⁆ pee cõ as maãos leuantadas. eles se leuantaram cõ nosco e alçarom as maãos. estando asy ataa seer acabado".

os d'ontem, com seus arcos e setas, os quais andavam folgando e olhando-nos, e assentaram-se. E, despois d'acabada a missa, assentados nós à pregação, alevantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço"[25].

Ainda que básicas, tinham suas próprias melodias. Isso mesmo nos relata Jean de Léry, um calvinista francês que andou pela região do atual Rio de Janeiro, em 1557 e, em seu livro *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*,[26] de pendor etnográfico, descreve as comunidades indígenas dos tupinambás e suas tradições. Ele dá exemplos musicais — seria mesmo a primeira documentação etnomusicológica americana. O estudioso italiano Giorgio Monari[27] faz referência a essa obra:

> O número total de transcrições no livro de Léry é muito baixo. Existem apenas cinco pequenos fragmentos localizados em diferentes capítulos. Duas transcrições, "Canide ioune" e "Piraouassou" [sic], estão nos capítulos XI e XII, sobre a fauna brasileira, e os cantos evocam, com letras muito simples, uma ave importante para os tupinambás por suas penas ornamentais — o canindé-arara — e um peixe fundamental na sua dieta. As outras três transcrições estão no capítulo XVI, sobre a religião dos tupinambás, incluídas em uma detalhada descrição de um ritual indígena; foram coletadas pelo próprio Léry durante a celebração — segundo ele escreve. Quase todas as músicas são curtas, silábicas, com muita repetição e usam apenas duas ou três notas. O segundo dos trechos inseridos na descrição do ritual religioso (cap. XVI) tem um desenvolvimento melódico mais elaborado e sua performance é descrita pormenorizadamente pelo autor — e ele mesmo realça a forte impressão que esta melodia deixou nele.

---

[25] "Quanto esteuemos aamisa e aapregacom seriã na praya outª tanta gente pouco mais ou menos como os domtem cõ seus arcos e seetas os quaaes amdauam folgando e olhandonos e asentaramse. e despois dacabada amisa asee[m] tados nos aapregaçom aleuantaranse mujtos deles e tanjeram corno ou vozina e começaram asaltar e dançar huu[m] pedaço".

[26] O texto da *Histoire* foi traduzido também para o português e publicado no século XX por Sérgio Milliet (1941) e recentemente por Maria Ignez Duque Estrada (2009). Heitor Villa-Lobos aproveitou três melodias da *Histoire* para compor uma peça para voz e piano em 1926 e uma versão dela para coro em 1933.

[27] Giorgio Monari (Sapienza Università di Roma), "Entre historiografia e etnografia musical latino-americana: a música indígena na obra de Jean de Léry (1536-1613)"; Atas do Congresso Internacional "Musicologia Transatlântica: um Momento para Reflexão". Alejandro Reyes Lucero & David Cranmer (coord.). Caravelas — Núcleo de Estudos da História da Música Luso-brasileira, Cesem, FCSH-UNL, Lisboa, 2018.

Os vilacetes populares

Durante os séculos seguintes, o território do Brasil foi povoado por portugueses que, além de coisas más evidenciadas pela história, levaram coisas boas, como as tradições culturais: música, cantos, danças, jogos... Os marinheiros chegaram com instrumentos simples. Tangiam cornetos e charamelas, trombetas, galubés, sinos, pandeiros e tamborins, a flauta, alguns alaúdes. Só mais tarde, com o andar dos tempos e a chegada de algumas classes mais abastadas, viriam instrumentos mais sofisticados.

Eram usados em contextos festivos, religiosos e também militares, como se pode comprovar nas crônicas medievais de Fernão Lopes, Eanes de Zurara ou Rui de Pina. Apesar da festa religiosa marcar o quotidiano medieval, um estudo de Ana Oliveira, de 2019[28] diz-nos que é a menção a festas profanas que prevalece nas crônicas da Corte. Assim como o aparecimento da folia nos relatos de Garcia de Resende, quando descreve as festas da Corte, e assinala também as fortes influências das danças mouriscas ou judaicas.[29] Dizem-nos as crônicas que, até o severo dom João II era um "singular bailador de todas as danças".[30]

Dançava o rei e dançava o povo, que aproveitava todos os pretextos para dar largas à sua alegria e ao gosto pelas danças, quer em festas ou romarias, quer nas festividades religiosas. Esses bailes populares acompanharam os marinheiros nas viagens, e mais tarde os povoadores

---

[28] Ana Maria Santos Oliveira em *Charamelas e trombetas*: em torno da música na cronística portuguesa dos finais da Idade Média, tese de mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, julho de 2019.

[29] Elisa Lessa cita José Sasportes, que alude ao fato de a dança no matrimônio do filho de dom João II ter sido utilizada como uma ligação dos diversos momos e entremezes, para além de constituir, por si só, um divertimento regular da Corte. Sublinhando que nessa boda existiram também as danças mouriscas. "Percebemos esse facto, porque tanto Rui de Pina como Garcia de Resende mencionam que o monarca mandou procurar mouros e mouras que soubessem bailar, para além da capacidade de tocar e cantar."

[30] Sasportes, José. História da dança em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 42, citado por Ana Maria Santos Oliveira em *Charamelas e trombetas*: em torno da música na cronística portuguesa dos finais da Idade Média. Tese de mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, julho de 2019.

que desaguaram em território brasileiro, como forma de esquecerem os tempos difíceis e árduos.

Formavam-se povoações em torno de praças militares e, mais tarde, escolas religiosas. Com a entrada nos territórios, as famílias estabeleciam-se nos lugares mais inóspitos de um Brasil que estava a ser descoberto palmo a palmo. Começaram a surgir os primeiros povoados dispersos e, aos poucos, as grandes propriedades rurais dedicadas ao cultivo da cana-de-açúcar e à produção dos seus derivados, açúcar e aguardente, ao cultivo da mandioca e à produção de farinha. A música surgia naturalmente como parte do viver social, do lazer, do trabalho e da religiosidade.

Em sua maioria, tratava-se de "chançonetas" ou "villoncicos" — "uma canção formada de pequenos textos poéticos (vilancetes) de frases curtas e de caráter estritamente popular e profano, musicados com melodias muito simples que o povo cantava nas ocasiões festivas e no seu quotidiano".[31] Ou, atendendo à origem etimológica da palavra, poderá vir de "vilhano"— "camponês", em castelhano. Assim, isso atirava para uma canção plebeia e profana. A canção tinha um refrão composto de dois ou três versos melódicos que entravam no ouvido do público e o levava a cantar também. Tais cançonetas não seguiram a estrutura formal da poesia trovadoresca, mas se orientam por algum lirismo amoroso e alargam para outros temas de pendor mais campesino. Em algumas festas populares, já existiam "cantores repentistas", numa tradição que remonta aos segréis ou jograis — indivíduos que, na Idade Média, deambulavam de corte em corte para, mediante pagamento, tocar instrumentos diversos e cantar versos seus ou alheios. Muitas vezes cantavam ao despique, fazendo lembrar o conhecido "repente", ou "cantoria", que se encontra no Brasil, uma arte baseada no improviso cantado, alternado por dois cantores.

Era uma canção popular que os povoadores cantavam e dançavam nas festas e romarias, algumas durante os trabalhos e nos tempos de lazer. Umas tinham um caráter mais corriqueiro, referente às labutas do dia a dia; outras avançavam para composições mais complexas. É o caso dos "romances": canções narrativas.

---

[31] Bessa, Rui. *O Vilancico*: um gênero musical de Santa Cruz de Coimbra. Texto policopiado da tese de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001.

Esses povoadores não tinham grande erudição nem encontravam por lá acesso a uma cultura que não fosse a oral. Acontecimentos históricos, dramas humanos ou histórias de amor eram contados ou cantados sobre melodias simples, de tradição oral. Existiram verdadeiros êxitos que perduraram por gerações, décadas e décadas. Alguns temas ficaram de tal forma enraizados na cultura popular que chegaram até nós — é possível encontrar exemplos no YouTube. É o caso do romance de "Bela infanta": "Estava a bela infanta/No seu jardim assentada,/Com o pente d'oiro fino/Seus cabelos penteava./Deitou os olhos ao mar/Viu vir uma nobre armada;/Capitão que nela vinha;/ Muito bem que a governava./— "Dize-me, ó capitão/Dessa tua nobre armada./Se encontraste meu marido/Na terra que Deus pisava..."/ [...]/— "Tantos anos que chorei,/Tantos sustos que tremi...!/ Deus te perdoe, marido,/Que me ias matando aqui."

De origem medieval, esta é uma das mais belas narrativas poéticas da tradição oral portuguesa. Do tempo das grandes navegações, século XVI, quando os homens eram chamados às aventuras do mar e dos novos mundos, e largavam as suas mulheres em terra sem a certeza do seu regresso. "'A bela infanta' é sem questão, a mais sabida e cantada de nossas xácaras populares", afirmou o escritor Almeida Garret.

Também chegaram outros "romances" com melodias de influência mais castelhana, como o caso de "Conde Claros en hábito de fraile" — uma dama corresponde ao amor de um fidalgo, que promete guardar segredo. Mas este conta sua aventura na Corte e a história chega aos ouvidos do pai da donzela. No arquivo dos "Estudos sobre o Romanceiro Português e a Tradição Oral Moderna", podem ser encontradas 151 variantes ou versões[32] — uma delas do próprio Garret. Há outras tantas em castelhano, o que atesta o sucesso dos romances nas classes populares, pelo que atravessaram o Atlântico com naturalidade. Houve também influências de algumas melodias sefarditas, já que a inconstância religiosa em Portugal e Castela e o posterior aparecimento da persecutória Santa Inquisição levaram os judeus a espalharem-se pelos novos mundos. No Brasil, apareceram muitas melodias de tradição sefardita ou versões de temas conhecidos, mas expurgadas de palavras

[32] Disponível em: https://arquivo.romanceiro.pt/collections/show/39. Acesso em: 14 jun. 2022.

como "Cristo", "vigário" ou "bispo" — que remetiam à tradição católica. Muitas surgiram em "ladino" — língua românica falada pelas comunidades judaicas da Península Ibérica e da diáspora, nomeadamente na Europa oriental, no médio Oriente e no norte de África. Talvez por isso — e refira-se por curiosidade —, chamava-se "ladino" ao escravo ou índio que sofria aculturação dos europeus. Segundo Gilda Salém Szklo[33] muitas histórias do romanceiro ibérico ainda circulam no Brasil, "mormente no Nordeste, nos Estados da Bahia, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará e do Maranhão, onde foram assimiladas, adaptadas e receberam versões sucessivas, como é o caso da 'História de Carlos Magno e os doze pares de França'".

A distinção entre os *romances* e as *cançonetas* reside no fato de os primeiros serem mais longos, mais rígidos na temática e na métrica, enquanto as segundas são melodias mais simples, de métricas mais variadas, versos curtos e uma temática livre. Estas não eram, portanto, tão eruditas.

[33] "A tradição lírica sefardita na literatura de cordel." Disponível em: https://amilat.online/. Acesso em: 14 jun. 2022.

A música sacroprofana

Com a chegada ao território de clérigos evangelizadores, estes consideraram aqueles conteúdos demasiado *lascivos* e escandalosos. Pelo que trataram de compor versões religiosas e doutrinais, com o intuito de aproximar mais o povo dos atos de fé.[34] No princípio, essa música popular passou a constar em algumas representações teatrais de índole litúrgica, como os autos religiosos, em que se encenavam os mistérios de Cristo e milagres de Deus. A religião marcava o ritmo da sociedade medieval e ditava os dias de trabalho, de festejo e repouso, para além das abstinências alimentares e sexuais. As músicas acompanhavam também tal ciclo litúrgico adaptando músicas e letras para as artes performativas nos adros das igrejas ou mosteiros, que acompanhavam o tempo do advento, da anunciação, do Natal, dos Reis Magos (reisados),[35] da Páscoa, da Assunção, do Dia de Todos os Santos. Por vezes, as procissões incorporavam músicas e danças, e mesmo coreografias de índios e negros, pois era uma forma de integração e de auxiliar na sua conversão e catequização.

Essas encenações, encarnadas por populares, difundiam danças e cantares, dando-lhes um conteúdo sacroprofano muito ao gosto do povo. No território brasileiro, sobretudo no interior, mais longe de hierarquias ortodoxas e conservadoras da Igreja de Roma, os religiosos, de uma maneira mais descontraída, introduziram os vilancetes nos serviços litúrgicos do ofício e da missa.

Essa espetacularidade e essa alegria foram uma motivação para que as igrejas se enchessem de devotos, em contraponto ao enfado das missas, ainda celebradas em latim e pouco atrativas para o povo que nada entendia. O caráter festivo atraía gente e acabou por marcar uma forma diferente de encarar os serviços religiosos. Com os conflitos no seio da Igreja Católica no século XVI e o aparecimento dos movimentos protestantes, essa introdução da música popular nos templos am-

[34] Um dos casos mais sublinhados na bibliografia do tema é o do jesuíta José de Anchieta, que além de cristianizar as letras das melodias não tinha pejo em utilizar o idioma tupi.

[35] Representação popular em honra dos Reis Magos ou Santos Reis.

pliou-se mais e mais. Até porque se tornavam cada vez mais complexas, mais melódicas e mais atrativas, pelas de outras culturas, como o *zéjel* árabe ou as *baladas* francesas e da Península Itálica.[36] Eram canções que entravam no ouvido, que as populações decoravam e que assim estavam ao serviço do culto e do louvor a Deus. Assim, entendem-se melhor alguns cultos ainda hoje existentes no Brasil, nos quais a música é parte fundamental de um espetáculo e um chamamento de fiéis.

Ainda assim, no Portugal europeu, a igreja mais conservadora não via isso com bons olhos e logo travou tal abertura: "Não é decente interromper o Santo Sacrifício da Missa [...] por intrometer nelle chançonetas e vilhancicos" (Constituições do Porto, 1585).[37]

Quando falamos na música e nos serviços religiosos, falamos nas comunidades portuguesas de povoadores, mas também no serviço das missões com os nativos e, mais tarde, com os escravos africanos. A cultura musical portuguesa também chegou a esses grupos culturais.

> A primeira missão organizada entre os índios no Brasil, a de Imbiaça, foi obra de franciscanos espanhóis. Segundo Fr. António de Santa Maria Jaboatão, historiador franciscano do séc. XVIII, a sua Ordem construiu em 1586, junto ao Convento de Olinda, uma casa para os filhos dos índios convertidos, uma espécie de seminário onde se instruíam os meninos para posteriormente pregarem aos seus familiares e comunidade em geral. O cronista relata a existência de uma prática musical vocal e instrumental constituída por cânticos sacros, ladainhas e missas, numa apropriação de elementos musicais primitivos com textos religiosos que os missionários haviam ensinado aos jovens índios, atraindo deste modo a população ao culto cristão.[38]

---

[36] *Zéjel* — forma tradicional de poesia estrófica oral declamada num dialeto coloquial com raízes antigas em várias culturas mediterrâneas. Balada — tipo de arranjo de poesia francesa em música, comum nos séculos XIV e XV. Consiste numa voz aguda em destaque, contendo o texto, e duas vozes mais graves que eram vocalizadas ou executadas com instrumentos.

[37] Vasconcelos, C. M. *Cancioneiro da ajuda.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1904.

[38] Lessa, Elisa. Música e missionação ao tempo do Padre António Vieira. In: Franco; José Eduardo; Pereira, Paulo Silva. *Revisitar Vieira no século XXI.* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2020.

Já o reconhecido padre António Vieira era um amante da música e defendia que os nativos do Brasil deviam também aprender a cantar e tanger instrumentos para benefício dos ofícios divinos. Segundo relato da Companhia de Jesus, tendo o religioso desembarcado em Ibiapaba, em 1660,[39] rezou-se um te-déum numa igreja que os nativos tinham construído com folhas de palmas e que, depois da celebração da missa, ter-se-iam ouvido manifestações de júbilo ao som de "trombetas, *businas*, tambores e outros bárbaros *instromentos*". O padre António Vieira e mais três sacerdotes foram acompanhados nessa viagem por nativos pernambucanos que sabiam o canto de órgão, dando "à terra nova ternura, e ao céo alegria". No relatório de missão na serra de Ibiapaba o padre Vieira daria razão ao padre Nóbrega, que defendia que "com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América".

Os missionários ensinavam a tocar tambores, pandeiros, pífaros e charamelas, cornetas, sacabuxas, trompas e ainda gaitas de fole. Ensinavam o canto a diferentes vozes. Havia até uma certa disputa entre congregações para ter a mais afamada capela — conjunto de músicos e cantores. Algumas congregações mandavam os mais virtuosos para estudos superiores em Lisboa. Para além dos requisitados pela Corte ou por meios eclesiásticos, nos séculos XVI e XVII, ser músico não era socialmente prestigiante, nem uma profissão fundamental, pelo que se encontravam muitos indígenas e negros nas classes musicais. Ora, eles traziam também suas raízes ancestrais, suas influências, pelo que cedo trataram de encontrar seus próprios ritmos. Se nos momentos solenes e sociais para que eram pagos tinham de tocar as músicas tradicionais, já em seus momentos de lazer, entre família e amigos, começaram a ganhar corpo outras melodias e uma diversidade de correntes musicais.

[39] Segundo o relato da Fundação das Igrejas e Conventos dos Padres da Companhia de Jesus (Biblioteca Pública de Évora, DCCCXLI, s. d., posterior a 1777), citado por Elisa Lessa (2020).

A Corte portuguesa e a explosão musical em vários ritmos

Então, temos que os povoadores lusitanos trouxeram uma matriz, consolidada pela língua portuguesa (e pelo latim), os costumes, a religião e a instrução,[40] que apresentaram no vasto território a portugueses e indígenas. No campo musical, introduziram instrumentos musicais, o trabalhar da voz como instrumento complexo, as primeiras formas melódicas, novos ritmos e tonalidades. Trouxeram cantigas de roda, chulas, rufadas de tambores, danças figurativas que ainda hoje são a semente de muito folclore popular brasileiro. Os musicólogos consideram que expressões regionalistas, como as cavalhadas, o bumba meu boi, o fandango e a farra do boi, denotam grande influência portuguesa.

"Não diremos que entre as duas músicas existam laços tão íntimos como entre as duas línguas; mas é um fenômeno conhecido e estudado que, no campo do folclore musical, a música popular portuguesa constitui um dos sedimentos fundamentais da riquíssima música popular brasileira", disse Lopes-Graça. E o compositor e musicólogo acrescentou: "Não sendo por outro lado menos certo que naquela, na música popular portuguesa, ou em certos dos seus aspectos, a influência brasileira é na realidade um factor a considerar".[41]

Quando, em 1808, a Corte portuguesa se transferiu para o Brasil num processo histórico bem conhecido, não foi unicamente um processo político. Veio também potenciar a dimensão cultural, no campo literário, na pintura e na música. A Capela Real foi uma instituição fundada no Rio de Janeiro pelo príncipe regente de Portugal, dom João, com o encargo de abrilhantar celebrações religiosas a que assistiam a família real, e que se notabilizou pela suntuosidade e pela qualidade musical. Esses músicos lecionavam também em colégios e casas senhoriais, o que deu grande incremento ao ensino musical. Quando em 1822 o Brasil obteve a sua

---

[40] Dependente dos pontos de vista, essa instrução é encarada como um bem civilizacional ou uma inadmissível aculturação forçada.

[41] Lopes-Graça, Fernando. *A música portuguesa e os seus problemas* (III). Lisboa: Edições Cosmos, 1973. Apêndices, I — Relações musicais luso-brasileiras [1955], p. 285. (Obras literárias de Fernando Lopes-Graça, v. 8.)

Independência política de Portugal, ainda assim conservou a maioria de seus cantores e instrumentistas. Contratou mais músicos portugueses e italianos, integrou mais brasileiros e, em seu auge, manteve cerca de 50 cantores e cerca de 100 instrumentistas, numa programação regular que marcava a cultura no continente americano. A permanência no território dos músicos estrangeiros, após a Independência, mostrou-se fundamental para elevar o nível artístico da nova nação, pois o Brasil não dispunha de estruturas de ensino consolidadas. E o acesso ao vasto espólio musical da biblioteca de dom João também ajudou a alargar em quantidade e qualidade o panorama musical erudito. Alguns virtuosos do reino de Portugal não hesitaram em se instalar no Brasil, levando novas correntes que floresciam pela Europa. Essa pujança da arte musical fez com que, por exemplo, *Carmen*, de Bizet — umas das obras mais populares de todos os tempos —, chegasse ao Brasil antes de ser apresentada em Portugal. Em 1881, estreou no Rio de Janeiro e em São Paulo, em francês, pela companhia de Maurice Grau. Só quatro anos mais tarde chegaria aos palcos portugueses de Lisboa e do Porto, em versão italiana.

Mas a Corte portuguesa trouxera também um conceito mais popular, desde logo, a Charanga da Brigada Real da Marinha, que se impôs publicamente com suas paradas militares, sonoras e impactantes. De tal forma que esse modelo de agrupamentos musicais se disseminou por todo o território e terá estado na explosão criativa das atuais bandas filarmónicas. Essas sociedades musicais foram importantíssimas na divulgação de correntes musicais entre o erudito e o popular, e, sobretudo, foram-se afirmando como verdadeiras escolas de música. Daqui vão sair mais tarde os "chorões" grupos mais pequenos, de base mais urbana, que virão a alimentar o universo da música popular brasileira.

Entendemos, assim, que nem tudo são canais lineares, que partem de algo para dar origem a outra coisa, mas são processos complexos, arrastados no tempo, em que linhas de força que se misturam, se aproximam ou se afastam esteticamente, se mesclam por diálogos culturais. Por vezes, o caminho não é claro e pode até gerar controvérsia. Como é o caso do samba...

De alguma forma, também os portugueses trouxeram o lundu (*landum*, ou *lundum*), uma dança e canto com origem africana que chega pelos portugueses ao Brasil via escravatura. Apesar da origem, há um arranjo musical europeu na melodia, na harmonia e na inclusão de novos

instrumentos. Segundo alguns musicólogos, está na origem do *samba* pela mistura com o *maxixe* — conhecido como *tango brasileiro*. Uma dança de salão gerada por afrodescendentes, que marcou o Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e o início do século XX. "Um dos significados mais antigos de *tango* é o de 'um lugar onde pessoas de cor negra se encontram para dançar', o que dá conta das origens étnicas desta dança".[42]

De maneira geral, a cultura portuguesa foi responsável pela introdução no Brasil dos grandes movimentos artísticos europeus (Renascimento, Maneirismo, Barroco, Rococó e Neoclassicismo), enriquecendo um caldo cultural que depois despoletou movimentos e estilos de raiz própria. E, hoje, a música brasileira está nos escaparates do mundo por mérito próprio, por sua riqueza e sua variedade, por sua qualidade nos diferentes géneros, do popular ao erudito. Ainda assim, escreveu Fernando Lopes-Graça:

> Nas nossas correspondências com músicos brasileiros, ou nas nossas conversas com os seus colegas aqui de passagem, com frequência abordamos a questão das relações musicais entre as duas pátrias-irmãs para chegarmos à lamentável conclusão de que nem os portugueses conhecem nada da música brasileira, nem os brasileiros têm notícia alguma da música portuguesa, ou pior do que isso: que o que nós conhecemos da música do Brasil se reduz ao samba, e que o que eles, os nossos irmãos de além Atlântico conhecem da música de Portugal, se limita ao fado.[43]

Apesar dessa cumplicidade histórica, há ainda muito a fazer para podermos continuar a tocar juntos!

João Morgado
Escritor, investigador e presidente
da Casa do Brasil — Terras de Cabral

---

[42] Os ritmos trazidos para Buenos Aires, primeiro pelos escravizados africanos, como o cadombe, e mais tarde pelos negros cubanos, como a habanera, misturaram-se com os sons da polka e da mazurka levados pelos emigrantes europeus, resultando naquela altura na milonga, que é um termo que hoje designa tanto uma espécie de tango como uma dança de salão. In: Tango Argentino (*on-line*), Porto Editor.

[43] Lopes-Graça, Fernando. A música portuguesa e os seus problemas (III). Lisboa: Edições Cosmos, 1973. Apêndices, I — Relações musicais luso-brasileiras [1955], p. 285. (Obras literárias de Fernando Lopes-Graça, v. 8.)

Alcino Correia: o homem do "Coração em desalinho"

Alcino Correia, durante entrevista no Rio de Janeiro.

Com centenas de músicas gravadas e cerca de 600 que ficaram por gravar, Alcino Correia é considerado um dos maiores compositores de samba do Brasil. Português de nascença, natural de uma aldeia em Armamar, na região do Douro, Ratinho, como era conhecido no Brasil, falava e compunha com "sotaque brasileiro", ou, para ser mais preciso, carioca.

O compositor somou dezenas de prémios na carreira, um deles um Estandarte de Ouro, uma espécie de Oscar da música mais característica do Brasil. "Coração em desalinho" e "Vai vadiar" foram as músicas que levaram o letrista ao topo da tradição do samba, tendo

conquistado o respeito de todos os "bambas brasileiros". Todo esse passado quase lhe rendeu uma homenagem da Câmara Municipal de Armamar. Sua morte prematura interrompeu o processo.

Não é demais afirmar que Alcino Correia ajudou, quase que inconscientemente, a promover um grande intercâmbio cultural e musical entre Brasil e Portugal. Seu coração latejava as tradições dos dois países.

Para saber mais sobre sua vida, sua obra e suas influências, passamos uma temporada de quase três meses com Alcino Correia Ferreira no Rio de Janeiro, a pedido dos responsáveis pelo governo de Armamar. O artista nos recebeu em sua casa no bairro de Todos os Santos, na Zona Norte do Rio de Janeiro, ainda em 2009.

O compositor morava numa casa simples, agradável e acolhedora. Seu quintal fora transformado em um espaço que, apesar de caseiro, estava sempre reservado para levar a cabo a arte do samba, onde se encontrava com amigos e músicos, num ato de valorização do samba de raiz.

Ratinho vestia-se comumente, de forma despojada, corriqueira, sem grandes preocupações com a imagem. O rosto ficava meio que escondido pela barba crescida, que servia quase como que a sua assinatura pessoal e profissional.

A vida corria-lhe bem. Era conhecido pelos amigos pelo talento nas composições, pela honestidade e pelo trato com o ser humano. Por vezes, apostava num formato pacato de viver, estremecido apenas pelos ares dos clubes onde atuava, à noite, exibindo as rimas que o tornaram uma referência no samba brasileiro. Em seu estilo arrebatador, confessava que cantar não era seu forte, embora seja, ainda hoje, muito respeitado na categoria dos compositores de samba, um dom que descobriu quando tinha 14 anos.

Uma das suas marcas era seu local de nascença. Ratinho era natural de Lumiares, uma povoação da freguesia de São Martinho das Chãs, no município de Armamar. Esse local foi, até ao início do século XIX, vila e sede do concelho de Lumiares. O pequeno município teve foral em 1514 e era constituído pelas freguesias de Santa Cruz e São Martinho das Chãs.

Sim, Ratinho nasceu no Velho Mundo. Veio para o Brasil muito jovem e nunca retornou a Portugal. Nada fazia prever, pelo menos du-

rante as semanas em que passamos juntos e conversamos arduamente entre 2008 e 2009, que sua vida terminaria de forma tão rápida, não dando tempo de realizar alguns de seus sonhos. O compositor faleceu em 2010, aos 62 anos, de acidente vascular cerebral (AVC), de modo inesperado. Seu corpo está sepultado no Cemitério de Inhaúma, também na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Num dos últimos diálogos que tivemos, Ratinho reforçou sua personalidade. "Sou muito respeitado, pois todas as músicas que faço, por sorte minha, são sempre qualificadas como boas. Assim, o respeito cresce. Se você faz uma música que todos ouvem e cantam, você vai ser respeitado. Eu sou português, mas canto e faço samba como os brasileiros. Se eu estivesse em Portugal, faria música portuguesa", enfatizou.

Sem papas na língua, Ratinho era do tipo que dizia o que lhe vinha à cabeça. Não guardava rancor, mas odiava ser traído. Era notória a forma como se relacionava com os amigos e ajudava todos quando era preciso. O dinheiro não era abundante em sua conta bancária, mas levava a vida com leveza. Sem muitos luxos, mas com muita alegria.

Entre uma composição e outra, surgiam novas ideias. E a gaveta onde guardava os rascunhos ia ficando cheia de pedaços de papel com anotações de rimas e estrofes, à espera de que alguém se lembrasse de dar voz às letras mais recentes. Em casa, tinha uma boa relação com a esposa, Denize, brasileira, e com a filha mais nova, Priscila. O filho mais velho, Paulo Afonso, vivia em São Paulo, mas atualmente está em Manaus. Paulo, sempre que possível, contava com a visita do pai coruja. Os dois filhos de Ratinho nasceram no Brasil.

Na alma, Ratinho mantinha a dinâmica não só de um grande compositor, mas também de um fabuloso poeta. Nessa época, Ratinho estava escrevendo um livro, praticamente pronto: *Duas faces — fases*, que valorizava poemas, pensamentos, sonetos e crônicas de sua autoria. Enquanto o livro não virava realidade, ele trabalhava também em sua autobiografia e em dois livros de crônicas intitulados *Quintais do meu subúrbio* e *Causos do samba*. Infelizmente, nenhum dos livros chegou a ser lançado.

Foi muito importante perceber que, mesmo depois de viver no Brasil por anos, Ratinho guardava em si um amor leal à sua pátria-mãe, cujas cores não estavam assim mais tão claras em sua cabeça. Para

conversar com Ratinho, e valorizar seu trabalho, viajamos de Portugal para o Brasil com várias perguntas, com um roteiro, ou guião, como se diz em terras lusas, mas nada disso foi preciso. Ratinho sabia o que representava, a importância de seu legado, e sabia o que queria mostrar: a força de seu samba e que Portugal deveria conhecer esse filho que estava auxiliando na realização, manutenção e evolução de uma das maiores festas populares do mundo, no outro lado do Atlântico. Levamos na bagagem algumas homenagens do município de Armamar, que repousa nas belas paisagens do Douro, primeira região demarcada do mundo, conhecida por suas quintas, ou fazendas, e pela produção vitivinícola de qualidade reconhecida internacionalmente. A vila de Armamar é conhecida por ser a Capital da Maçã de Montanha.

Mas um dos momentos em que os olhos de Ratinho brilharam foi quando lhe entregamos um pequeno galhardete de Armamar. Ao receber este "brinde", Alcino recordou o passado. Num vulto quase que instantâneo, chamou Denize e mostrou com orgulho o que a pequena vila que o viu nascer lhe tinha presenteado.

O processo criativo de Ratinho era intenso, interessante. E bem luso-brasileiro no sentido das expressões. Bastava uma ideia e um pequeno gravador que sempre levava consigo quando saía de casa. Estava feita a missão de criar, ou fazer nascer, uma nova composição. Surgiam, assim, verdadeiras obras de arte da música brasileira, através da inspiração desse compositor. O carinho pela música foi sempre uma marca característica de Alcino Correia.

O "encontro com o Brasil"

Antes de se dedicar a tempo inteiro à composição, Ratinho trabalhou como boy, ou estafeta, como se diz em Portugal, num banco e foi vendedor. Exerceu profissão também numa ótica e numa empresa de ônibus, ou de autocarros, conforme falam os portugueses. Mas foi no samba que encontrou sua vocação. Mesmo assim, garantia: "A música nunca me deu o suficiente para viver."

No dia 5 de março de 1948, nascia Alcino Correia, em Portugal. Ainda pequeno, corria livre, leve e solto pela aldeia de Lumiares, sendo

o mais novo dos filhos de Afonso e Maria dos Santos. Alcino tinha poucas recordações de Portugal.

"Lembro-me muito pouco de Portugal. Tenho algumas imagens de momentos da minha infância. Uma das recordações é que às vezes íamos pegar castanhas e machucávamos o pé no ouriço. Uma vez me recordo da minha irmã Odete, que me levava pela mão, e eu vi alguns bois soltos pela aldeia. Eles vieram na nossa direção. Ela se escondeu atrás de um poste, e eu caí e machuquei os dentes. Sei que devo ter bastantes parentes em Portugal, pois a minha família era muito grande", recordava Ratinho com um ar de nostalgia.

Pouco tempo depois, seu destino estaria ligado ao Brasil e à cultura popular brasileira. Em 1953, ainda aos 4 anos de idade, Alcino chegou ao Brasil com os pais e com mais quatro irmãos. A decisão de se mudar para terras de Vera Cruz prendeu-se com a necessidade de a família Ferreira encontrar uma vida melhor. A viagem de Portugal para o Rio de Janeiro foi feita ainda a bordo de um navio e "muito enjoada".

Ratinho nunca teve a oportunidade de voltar a Portugal, mas sonhava com esse dia. "Estou ansioso para que isso aconteça. Alguns dos meus irmãos voltaram, e os meus pais foram para lá muitas vezes." Do regresso das férias dos pais, que já haviam falecido, Ratinho recordava, com água na boca, as guloseimas que eles traziam.

"Tenho boas recordações dos meus pais. Os nossos almoços eram todos baseados na culinária portuguesa, com muito bacalhau, além do famoso cozido. Lembro-me de que, sempre que os meus pais iam a Portugal, eles traziam azeite e enchidos deliciosos", mencionou Ratinho, que confessava manter pouco contato com os irmãos, por imposição da rotina e da vida numa grande cidade. A história da sua família era um eterno vaivém entre os dois países-irmãos.

"O meu pai veio para o Brasil com 1 ano de idade, com os meus avós. Aos 19 anos, o meu pai voltou para Portugal, devido a uma doença pulmonar. Em terras lusas, conheceu a minha mãe, que era prima dele. Casaram-se. Mais tarde, viemos para o Brasil", rematou.

Já no Brasil, Alcino conheceu as batucadas e a alegria do samba. Seguiu carreira. Mesmo assim, e por querer entender a lei de direitos autorais, formou-se em Direito, mas nunca pretendeu exercer a profissão.

Alcino acumulou dezenas de anos de carreira, cerca de 40. Era um sucesso no mundo do samba. Tinha cerca de 300 músicas gravadas e um historial de 600 canções ainda por gravar.

"Nunca me preocupei em gravar. Nem tudo conseguimos gravar. As coisas vão acontecendo. Às vezes, temos trabalhos mais importantes dos que os que foram gravados", observava Ratinho, que lamentava que, durante todos os anos de carreira, nunca havia recebido nenhum apoio por parte das autoridades portuguesas no Rio de Janeiro. Acabou por se naturalizar brasileiro.

Alcino não foi nem é o único português de sucesso no samba no Brasil. A história dá conta também de Carlos Teixeira Martins, ou Carlinhos Maracanã, e Alfredo Lourenço. Mas as letras de Ratinho entraram para a história. Com uma sensibilidade ímpar, Alcino cativou os corações de uma camada considerável de brasileiros e não só. Suas músicas transmitem muita alegria e atitude, sem que ninguém se deixe ficar indiferente a seu ritmo.

Criado no bairro de Pilares, também na Zona Norte do Rio, Alcino cedo ganhou o apelido, ou a alcunha, de "Ratinho". O nome surgiu quando tinha 9 anos de idade. O menino costumava mexer "e roubar" algumas das frutas da quitanda vizinha ao bar de seu pai. Sempre que era flagrado, gritavam: "Sai daí, Ratinho." Surgiu, assim, o Ratinho de Pilares.

Esse compositor de mão cheia tinha o coração dividido entre as escolas de samba Mangueira, Salgueiro e Portela e a equipe de futebol do Clube de Regatas do Flamengo. "Na Portela sou muito bem recebido. Mas sinto um impulso muito forte pela Mangueira", confessava.

Profundo conhecedor do passado do samba, Ratinho insistia em explicar que esse estilo veio do "batuque africano, mas teve influência do português em termos de instrumentos. O ritmo começou na Bahia. Mais tarde, veio para o Rio de Janeiro e ganhou outra roupagem". Autor de várias músicas de sucesso, Ratinho ainda hoje é recordado quando tocam as canções de sua autoria nas casas de espetáculo da cidade do Rio. Tal foi o sucesso de uma das suas letras, compostas em parceria com outro grande nome, Monarco, que Ratinho batizou sua fazenda, ou sua quinta, no município de Magé, no Estado do Rio, como Coração

em Desalinho, uma das músicas mais tocadas e conhecidas no Brasil. Mas, por motivos financeiros, o local, que tinha piscina, área dedicada à agricultura, campo de futebol e muitos cômodos, acabou por ter de ser vendido para suprir as necessidades de sua família.

Talvez por essa razão, Ratinho estivesse, de certa forma, desencantado com o mundo do samba. Mesmo assim, mantinha o rumo das composições. Ratinho reconhecia que o compositor quase sempre vive à margem de sua criação, sem ter direito ao valor merecido por suas letras e que os méritos ficam sempre com o cantor ou com o intérprete de suas criações.

"O samba tem o lado bom e o lado ruim. Não é uma coisa valorizada. Chega a ser descartado da cultura popular. Vivemos da felicidade de compor, e não de ganhar dinheiro. Ser compositor é difícil. Quase não se fala do compositor, mas, sim, do cantor. Muita gente que sabe cantar não tem gravadora ou não tem divulgação. O mercado é fechado. Ninguém vive de samba. As coisas acontecem como amador. Até hoje, não sei se posso ser considerado profissional. Por vezes, o samba é muito mais valorizado fora do Brasil", garantia Ratinho.

A estreia no samba

Quando tinha apenas 5 anos de idade, Ratinho já escutava samba. Tinha um tio que fazia parte de um bloco que parava constantemente na rua Djalma Dutra, em Pilares. Nessa casa, Ratinho vivia com a avó. Assim, escutava a batucada. Aquilo começou a soar bem em seu ouvido. Quando se mudou daquela casa, aos 9 anos de idade, começou a frequentar a escola de samba Caprichosos de Pilares, que fazia os ensaios em um clube na rua Soares Meireles, onde ele passou a morar. Ainda muito jovem, Ratinho contou com a ajuda de alguns amigos de seu pai para ter o aval para frequentar os ensaios.

"Alguns amigos que frequentavam o bar do meu pai pediram-lhe para me deixar ir com eles. Mesmo contra a sua vontade, o meu pai deixou. Assim, comecei a gostar de samba e a sambar", relatou Ratinho. Mais tarde, a música viria a se tornar uma constante na vida desse compositor.

"Com 14 anos de idade comecei a fazer umas rimas. Mostrava para os meus colegas e eles gostavam dos sambas que eu fazia. Quando completei 16 anos, fugi de casa. Fui para o morro do Salgueiro, onde o samba fervilhava com mais intensidade. A escola de samba do Salgueiro era grande. Dessa forma, comecei a viver no meio dos grandes nomes do samba", explicou.

Encontros de peso

Ratinho teve muitos parceiros ao longo da carreira. Compôs com Zeca Pagodinho, Mauro Diniz, Arlindo Cruz, Wilson Moreira, Walter Rosa, Guilherme de Brito e Claudionor Santana, entre outros, além de uma parceria póstuma com Nelson Cavaquinho. Nos últimos anos de vida, "o rei das letras de samba" fazia nascer canções com outros parceiros, entre eles Aldir Blanc e Riko Dorilêo, que viveu em Lisboa por dez anos, sempre a compor.

Mas foi com Monarco que Ratinho encontrou o tom certo para o sucesso. Ao todo, durante essa parceria, foram criadas 180 músicas, das quais 60 foram gravadas. A história do encontro desses dois sambistas é longa. Em 1967, Ratinho conheceu Monarco, na Portela. Dois anos mais tarde, Monarco gostou de um samba feito por Ratinho e acabou por completar a canção. "Assim começamos a nossa parceria. E deu certo", lembrou Ratinho.

Muitas das suas canções, num total de 19, ganharam vida na voz de Zeca Pagodinho, um dos intérpretes de samba mais aclamados do Brasil, com uma extensa discografia e com milhares de cópias vendidas. "O intérprete dá mais ênfase ao que se está contando na música. O cantor geralmente tem uma voz bonita, melódica", elucidava Ratinho.

As letras de Alcino também foram interpretadas por Emílio Santiago, Leila Pinheiro, Beth Carvalho, Alcione, Ivete Sangalo, Jorge Aragão e o grupo Fundo de Quintal. Por motivos pessoais, Ratinho ficou afastado de seus dois principais parceiros: Zeca Pagodinho e Monarco.

O segredo de uma boa parceria

Com a experiência e depois de muitas músicas compostas, Ratinho descobriu o segredo para uma parceria dar certo. "A música é um casamento. Às vezes me chamam para fazer uma letra e eu digo o seguinte: primeiro, temos que namorar. Depois, noivar e casar. Às vezes querem de qualquer maneira fazer parceria comigo, mas assim não funciona. Se a parceria não tiver um elo, pode até sair uma música bonita, mas depois cada um vai para o seu lado, não sobra mais a convivência e o lado gostoso do samba. Um parceiro é um amigo que queremos ter do nosso lado, mesmo sem ser para fazer samba. Ser parceiro não é só fazer música, é conviver no dia a dia, é conversar", relatou Ratinho durante uma de nossas entrevistas.

O compositor admitia que fazer música era um dom e que, geralmente, não havia intenções comerciais na criação de uma "obra-prima". "Não faço música para ninguém gravar. Faço música sem intenções, pois sinto vontade de compor. Sinto no meu coração e tenho uma inspiração. Por eu ter o nome que tenho hoje, é que muitos cantores se interessam por gravar as minhas músicas. Os intérpretes gostam das letras e decidem gravá-las. O público nem sempre conhece o compositor, mas nós existimos e criamos as canções", explicou.

Mesmo a crise mundial que afetava o mercado discográfico em 2009 não lhe retirou inspiração, nem nos piores momentos. Mas, segundo Ratinho, a internet já começava a ser "uma grande vilã" no cenário musical. "O mercado de discos está falindo no mundo inteiro. Isso está acontecendo depois que a internet surgiu, acabando com as vendas de disco em lojas. Os compositores estão sentindo muita dificuldade para sobreviver", adiantou.

A saudade aumentava quando fazíamos o compositor recordar a interpretação da sua música que mais lhe agradou. Entretanto, Ratinho aceitava a renovação e os novos nomes que davam sucesso ao seu samba.

"Temos grandes cantores no Brasil. Mas tenho saudades de um que já faleceu e que cantava muito bem o samba. Ele se chamava Roberto Ribeiro. Na voz feminina temos a Alcione, que é uma excelente cantora. Mas, certamente, o mais famoso hoje em dia é o Zeca Pagodi-

nho, pela forma como ele canta o samba. Gosto muito quando ele grava as minhas letras", disse, saudoso, Ratinho.

A carreira

No fim de 1972, Ratinho gravou o seu primeiro samba-enredo, que falava da coroação de dom Pedro, para a escola de samba Caprichosos de Pilares. Na mesma escola, foi campeão por sete vezes consecutivas. Em 1983, fez a última música para a Caprichosos.

"Frequentei a escola nos anos 1960 e 1970. São sambas que se faz para concorrer na avenida, na altura do Carnaval, de acordo com o tema que a escola apresenta. Um dos sambas que fiz foi campeão na avenida do samba, no Rio de Janeiro. Chamava-se 'Lili', ou 'Samba da feira'", comentou.

Com esse samba-enredo de 1982, que se tornou um clássico, Ratinho foi homenageado pelos feirantes da cidade. A composição foi eleita um dos melhores sambas daquele ano e um dos mais lembrados até hoje. Na época, a letra foi uma novidade, já que a canção contava com três refrãos seguidos.

Em 1978, Ratinho foi o vencedor do Estandarte de Ouro do jornal *O Globo* em relação a um samba que falava sobre a "Festa da Uva", no Rio Grande do Sul. "Com os prêmios, o astral se revitaliza. O compositor vive da emoção que passam para ele", sustentou.

Alcino foi três vezes campeão de samba-enredo dos blocos Embalo do Morro do Urubu, Difícil é o Nome e Boêmios de Inhaúma. Em 2005, foi o vencedor do samba de terreiro na escola de samba Portela, com a canção "Voltei pra Portela". Com Noca da Portela, dividiu a autoria do samba "Não me venha com indiretas", que foi utilizado como hino na época em que o Brasil lutava pelo voto direto, nas eleições.

Segundo Alcino, não foi difícil conquistar seu espaço no samba, mesmo sendo português.

"Sinto-me totalmente integrado no Brasil. Pode até acontecer de um dia eu voltar a Portugal e querer por lá permanecer. Isso seria muito bonito, pois foi a terra onde eu nasci. O meu pai me trouxe para o Brasil, onde aprendi os costumes, a música, e me tornei um compo-

sitor de samba. Se eu estivesse em Portugal, talvez fosse um fadista ou cantasse desgarrada", salientou.

Sobre a música portuguesa, Ratinho garantia que o fado e o folclore eram os estilos que mais admirava. "Conheço muito pouco a música portuguesa. Às vezes, recebia uma fita cassete vinda de Portugal, com cantares bem regionais. Um marco para mim foram os fados que ouvi pela voz de Amália Rodrigues. Gosto também de folclore", mencionou Alcino, que sublinhava que, "se não fosse no Brasil, em qualquer lugar do mundo estaria fazendo músicas".

Os maiores sucessos

Entre 1986 e 1987, Monarco mostrou uma melodia para Ratinho. Nascia, assim, a canção "Coração em desalinho", uma das mais emblemáticas da dupla de compositores e que é cantada por todo o Brasil e bastante conhecida em Portugal.

"O Monarco fez a primeira parte da canção e eu fiz a segunda. O samba foi um sucesso em 1987. O Zeca Pagodinho vendeu 700 mil cópias sem tocar no rádio, só na promoção boca a boca. Em todo os shows do Zeca, ele é obrigado a cantá-la", explicou Ratinho.

A segunda parte de Ratinho tem poucas rimas, mas a melodia nos envolve. Na mesma linha, está "Vai vadiar". A letra foi finalizada em 1999, após 17 anos "esquecida".

"Eu cantava, o pessoal ria e gostava. O Zeca adorava. Mas ninguém gravava. Fui então incentivado por um amigo a terminar o samba. Um dia, na rua, nasceu a parte final do 'Vai vadiar'. Nessa música, o Monarco botou o verso do meio", mencionou Ratinho. A canção "Vai vadiar" foi eleita um dos 12 melhores sambas de todos os tempos, numa votação da TV Globo.

Outros sucessos que ficaram na boca do povo foram "Parabéns para você", eternizada na voz do grupo Fundo de Quintal, "A vaca", "Meiguice descarada", "Termina aqui", "Água-benta", "O dia se zangou", "A feira", "Loucuras de uma paixão", "Tempo de amar" e "Sua presença". "São sambas que eu canto, e todo mundo sabe a letra", dizia, orgulhoso.

Antes de falecer, Ratinho chegou a gravar seu primeiro CD com músicas inéditas. "Quis gravar algumas músicas para dar para o Zeca, mas o trabalho estava tão bom que fui incentivado a fazer o meu próprio CD", contou.

O rato sai da toca tem 16 músicas inéditas, sendo dez de Ratinho com Zeca Pagodinho. "As vozes foram consertadas digitalmente. Não é preciso hoje em dia ter grande voz para cantar", ironizou.

A "Toca do Rato"

Nos fundos da casa número 101, na rua Conselheiro Agostinho, onde vivia Ratinho, muitos cantores e compositores se reuniam para dar vida ao samba de raiz. Para ter acesso ao local, era preciso passar pela garagem, onde está um porteiro que cobrava 10 reais (pouco mais de 1,80 euro) por pessoa. Logo na entrada, há um quadro com recortes de jornais que falam sobre o compositor. Mais à frente, numa pequena prateleira, encontram-se dezenas de troféus ganhos por Ratinho durante a carreira.

Uma rampa dava acesso à chamada Toca do Rato. Os dois primeiros domingos de cada mês eram destinados ao encontro de amigos, sendo eles artistas ou apenas amantes do samba. O local contava com algumas mesas e cadeiras de ferro. Havia um pequeno bar que servia bebidas e aperitivos. A cerveja era o produto mais consumido. Praticamente em frente ao bar estavam expostos alguns quadros na galeria Bartolomeu Júnior, onde estavam pintados rostos conhecidos do meio do samba. Também na parede podiam-se ver várias fotografias coladas a uma moldura de cortiça de momentos e encontros importantes na vida de Alcino Correia.

Mais adiante, havia uma mesa com cerca de dois metros de comprimento, na qual se posicionam os músicos. No centro da mesa, estava sempre uma imagem de são Jorge, um dos santos mais populares do Brasil. No microfone, apresentava-se a "estrela maior", aquele compositor que não teve a oportunidade de estar nos programas de televisão, sendo ovacionado e valorizado tal qual os intérpretes de suas músicas. A Toca do Rato sempre foi considerada uma das principais rodas de samba do Rio de Janeiro.

"O objetivo é mostrar o lado cultural do samba. Quero mostrar ao povo a forma de fazer samba, a forma de cantar samba e, geralmente, falar de quem faz o samba. Pretendo dar a conhecer quem faz as letras e não quem as canta. Estamos sempre ao lado do compositor, de quem criou aquela obra", acentuava Ratinho.

A Toca do Rato funcionou por anos. "Os vizinhos reclamam. Eles dizem que o nosso encontro faz muito barulho", gargalhava Ratinho ao contar. A música começava às 16h e terminava às 20h30. Na Toca, cantava-se "um samba que não era barulhento, um samba feito com coração, autêntico".

O samba em Portugal

O trabalho de portugueses como Roberto Leal, Carmen Miranda, Maria Alcina, Amália Rodrigues e Carlos do Carmo fez sucesso no cenário musical no Brasil e ajudou na promoção e na aproximação dos dois países. "Vejo isso com importância. Muitos portugueses vieram para o Brasil e fizeram sucesso", afirmava Ratinho.

Em relação ao samba em terras lusitanas, Ratinho era impiedoso: "Acho que poderia haver mais representação do samba em Portugal. O samba é um batuque, mas a harmonia é portuguesa. Deveria haver uma harmonia melhor entre música portuguesa e brasileira. Espero que isso mude num futuro bem próximo", desabafou.

O cenário, hoje, não é muito diferente, mas há evoluções, como grupos que se dedicam a cultuar o samba brasileiro em terras lusitanas, com desfiles, fantasias, sambas-enredo e até mesmo carros alegóricos em diferentes cidades.

O regresso que nunca aconteceu

Durante os nossos encontros, Alcino não escondia a alegria de ter a oportunidade de um dia poder pisar de novo o chão da terra onde nasceu, oportunidade que estava a ser estudada pelo governo municipal de Armamar.

"Hoje em dia, eu amo o Brasil, pois é a terra onde vivo há 57 anos. Gostaria de poder conhecer mais a história e a realidade do Portugal contemporâneo. O que me ligava a Portugal eram os meus pais. Sou mais brasileiro do que português. Mesmo assim, tenho vontade de voltar a Portugal, até por que foi lá onde eu nasci. O valor emotivo nessas horas é muito grande. Voltando a Portugal, gostaria de ter uma boa acolhida e de dar um pouco de mim para o povo de lá. Eu também faço parte de Lumiares", alegava Ratinho, que infelizmente não viveu esses momentos descritos.

A família e os amigos

Em Portugal, procuramos vestígios da família de Ratinho em Lumiares. Encontramos Floripes Amélia Santos, prima de terceiro grau de Ratinho. Seu pai é padrinho de um dos irmãos do compositor. Floripes não se recordava muito do familiar, mas conhecia seu trabalho.

"Sei que ele tem vários prêmios no ramo da música. Em Lumiares, as pessoas conhecem pouco ou quase nada do seu trabalho. Por isso, teria sido muito bom poder trazê-lo cá e fazer-lhe uma homenagem", sugeriu Floripes, que recorda que, quando era criança, costumava brincar com os irmãos mais velhos do seu conterrâneo. "O Alcino ainda era muito novo, mas os irmãos dele viviam na minha casa", lembrou Floripes.

Falamos também com Aldir Blanc, falecido em 2020, então um dos mais novos parceiros de Ratinho em 2009. Apesar de ser formado em Medicina, Aldir atuava como compositor e escritor, sendo um dos mais conceituados e reconhecidos do Brasil. Em relação ao novo companheiro de samba, Aldir era irredutível.

"Acho que o Ratinho representa um fenômeno único na música popular brasileira. Ele é inteiramente intuitivo. Ele é quase 100% inspiração. Usa um pequeno gravador nos transportes públicos, onde grava as suas impressões. E agora me traz para eu colocar a letra, já que sou um dos seus mais novos parceiros", contou Aldir, que reconhecia o talento de Ratinho e a qualidade das suas letras. "Ele ainda compõe sem a utilização de instrumentos. Mesmo eu, como letrista, toco um pouco

de violão enquanto componho. Ninguém sabe como nascem coisas tão bonitas e tão ricas. Me impressiona muito essa tendência que é antiga no Rio de Janeiro e que o Ratinho talvez seja um dos últimos seguidores", adiantava Aldir. Este contou que "trabalhar com Ratinho é muito fácil", já que ele "se adapta rapidamente à letra que você entrega, assim como é capaz de receber a letra que você escreveu para a música dele, ajeitá-la e ficar mais bonita".

O compositor brasileiro garantia que era "raríssimo encontrar um parceiro dessa qualidade e dessa simplicidade". Aldir complementou dizendo que Ratinho mudou algumas coisas no samba brasileiro.

"Ele trouxe para o samba uma qualidade nova. Ele trouxe a intuição, trouxe a inspiração, trouxe uma forma nova de compor, em que o coração do compositor se sobrepõe a qualquer outra coisa. Eu não conheço ninguém na música popular brasileira de hoje que faça os sambas da forma, pureza e alegria como ele faz", sublinhava Aldir Blanc.

Na época em que entrevistamos Ratinho, e quando tivemos a oportunidade de visitar a casa de Aldir para saber mais sobre essa parceria, a dupla contava com seis músicas prontas. Eram sambas de meio de ano, gravados entre um Carnaval e outro. "Muito me alegra encontrar um parceiro muito semelhante ao que sinto no íntimo. Acho que vamos fazer músicas que vão alegrar brasileiros e portugueses", finalizou Aldir, que faleceu sem comentar o resultado desse seu desejo.

Ircéa Gomes é irmã de Zeca Pagodinho. Fã de Ratinho, gravou uma de suas músicas, que se chama "Coração criança". Há muitos anos que convivia, conhecia e admirava o trabalho do letrista.

"Conheço o Ratinho há muitos anos no meio do samba. É um compositor conceituado. Faz um samba sério, de raiz. Quem sabe valorizar o samba genuíno está na Toca do Rato", comentou Ircéa durante um dos dias de show no quintal do compositor.

Para a cantora, a forma de compor de Ratinho servia de modelo. "O trabalho do Ratinho como compositor é excelente. É uma linguagem bem aberta. Ele é romântico. As letras são inteligentes e não corriqueiras. Ele continua no bom caminho das composições", completou.

Lan foi um caricaturista italiano famoso, que trabalhou por mais de 60 anos nas imprensas uruguaia, argentina e brasileira. Falecido em 2020, era amigo pessoal de Ratinho. Por meio do samba, conheceu a

identidade do povo brasileiro. Foi assim que teve contato com Alcino Correia. Uma de suas novas funções em 2009 era fazer a ilustração do livro de Ratinho, que nunca chegou a ser publicado.

"Tive a sorte de conhecer os maiores nomes do samba do Brasil. Considero o Ratinho um fenômeno excepcional no campo da cultura popular. Além de sambista, é poeta. Eu admiro muito o Ratinho. O samba é a grande expressão nacional e marca do Brasil. Antes de mais nada, ele é um poeta que conhece a cidade como poucas pessoas", assinalava Lan.

Já a viúva de Ratinho, Denize, prefere lembrar as dificuldades que rondavam a carreira de Ratinho. "O Ratinho tem uma carreira que foi muito sofrida, com muitas dificuldades, mas o resultado é muito bonito e gratificante. As pessoas cantam as músicas dele com muito carinho. Em termos de finanças, ele não é valorizado como deveria. Ele tem muitos sucessos e luta com dificuldades. A ideia da Toca do Rato foi mais minha do que dele. Foi a forma que encontrei de demonstrar o meu amor pelo seu trabalho", argumentou Denize, que ficou casada com o compositor por cerca de 30 anos.

Priscila é a filha mais nova do compositor. Quando ouvia falar no talento do pai, esboçava um sorriso sem fim. "A música faz parte da nossa vida. Gosto muito das canções dele. Não só ele, mas a maioria dos compositores não tem o valor que deveria ter. Gosto de várias músicas dele, mas a minha preferida é "Vai vadiar". Fico toda boba quando alguém descobre que o meu pai é compositor de uma música de sucesso", afirma Priscila, que recorda que quando era pequena também gostava de escrever músicas e gravava para mostrar ao pai. Mas hoje deixou a composição de lado. Sobre Alcino, acredita que ele tem muita música bonita guardada. "Ele só gravou um CD, mas deveria ter gravado mais", lamenta.

Já seu irmão Paulo Afonso, militar do Exército brasileiro, vive numa luta constante para tentar perceber por que o pai não tem o reconhecimento merecido para além da fama. "A valorização da nossa arte se perdeu. Há uma inversão de valores. Qualquer música, qualquer rima, faz sucesso. Quando vejo uma música que o meu pai compôs há 20 anos fazendo sucesso, é sinal de que é um trabalho bom que vem durando décadas. Pode ser que a obra se torne imortal. Ele tem uma capa-

cidade artística e criativa muito boa. Ele está dando a sua contribuição para que não se perca o bom samba de raiz, o bom pagode", considerou Paulo ainda em 2009.

Paulo mostrava-se orgulhoso do pai e sublinhava que uma das coisas que mais admirava em Ratinho era a sua capacidade criativa. "No meio de uma conversa, pode acontecer de ele assobiar uma melodia, fazer uma rima e daí brotar um grande sucesso", revelou.

Nossa reportagem ouviu ainda Sérgio da Silva, então presidente da Junta de Freguesia de São Martinho das Chãs, à qual pertence Lumiares, em Portugal. Sérgio era uma espécie de subprefeito dessa localidade portuguesa. O responsável diz que já ouviu falar sobre o trabalho de Ratinho no Brasil, mas não o conheceu. "Gostaria de o ter conhecido. Não sei se ele ainda tem familiares vivos aqui em Lumiares, mas vou procurar", adiantou Sérgio, que se diz contente em saber que há um filho da terra que fazia sucesso fora de Portugal. "Queria vê-lo em Portugal, fazer-lhe uma homenagem e mostrar-lhe a sua terra natal", terminou Sérgio, que não teve essa oportunidade.

Por sua vez, o então presidente da Câmara Municipal de Armamar, Hernâni Almeida, em 2009, defendia que "o mínimo que o concelho poderia fazer em relação ao compositor era trazê-lo a Portugal para rever Lumiares. Conheço mais a história do Ratinho agora. Sei que é um compositor famoso ligado à música tradicional brasileira. Sei que já ganhou alguns prêmios nessa área. E continua a desenvolver o seu trabalho com bastante qualidade", realçou Hernâni Almeida.

Ele chegou a destacar que "gostaria de levar Ratinho a Armamar para que o povo do concelho pudesse conhecer o seu trabalho e a sua pessoa e que nos pudesse mostrar o que ele tem feito pela música brasileira, o que é um grande orgulho para o nosso município". O ex-presidente da Câmara Municipal de Armamar dizia também que "ter um português, ainda por cima de Lumiares, que tem valorizado a cultura e a língua portuguesa, era uma alegria".

"Penso que ele pode levar a imagem do município, os nossos usos e costumes, para o Rio de Janeiro. Seria interessante fazer um protocolo de colaboração com a Casa do Distrito de Viseu da cidade do Rio de Janeiro. Era fundamental apoiá-lo. Ele poderia nos transmitir o seu trabalho e o seu conhecimento sobre a cultura brasileira. O Rati-

nho merece o nosso carinho. Ter alguém de Armamar que chegou a um patamar de projeção e de qualidade bastante grande é extremamente positivo para todos nós", concluiu Hernâni Almeida naquela época. No entanto, tais projetos não tiveram tempo de sair do papel, em virtude da morte de Ratinho.

A vida de Ratinho certamente daria um livro. Ou melhor, uma bela música, e em ritmo de samba. Alcino Correia viveu muitos desafios na sua vida. Foi escoteiro e estudou em colégio interno por dois anos. Seu espírito era criativo, versátil e irrequieto. Outra das suas facetas era ser inventor. Sim, Ratinho criava peças como uma escova de dentes que vinha com pasta, fio dental e espelho, além de um barbeador com espaço para pincel, entre outras invenções. Mas seu passatempo preferido era compor, criar músicas que deixam em desalinho milhares de corações brasileiros.

"Desalinho" total

No âmbito da obra *Zeca* — deixa o samba me levar, escrito por Jane Barbosa e Leonardo Bruno, editado pela Sonora e lançado em 2014, uma das passagens exemplifica a relevância do trabalho de Ratinho nas conquistas e nos sucessos de Zeca Pagodinho, sobretudo em relação à canção "Coração em desalinho", bastante conhecida, acarinhada e tocada no Brasil: "Se a primeira música desse disco ('Deixa o samba me levar') foi emblemática, a segunda não fica atrás. 'Coração em desalinho', de Monarco e Ratinho, se mantém por mais de três décadas como um dos momentos de maior euforia dos shows de Zeca. Mas a canção quase foi parar no repertório de Martinho da Vila. Certo dia, o produtor Milton Manhães foi ao Banerj da rua México, no Centro, que era uma espécie de 'banco dos sambistas'".

A responsável por isso era Marildinha, a gerente que demonstrava seu amor ao samba através da generosidade com que socorria os compositores nos momentos de aperto, com empréstimos e adiantamentos. Manhães encontrou Monarco e perguntou se ele tinha algo guardado, já que estava gravando o disco do "garoto". O portelense respondeu que tinha uma música na cabeça, mas que estava prometida para Martinho da Vila. Quando Manhães ouviu "Coração em desalinho", ficou apaixonado

e pediu a canção. No dia seguinte, Monarco já estava no estúdio ajudando a tirar o tom para a gravação de Zeca.

"Coração em desalinho", uma história de um amor mal resolvido, nasceu como samba-enredo, feito por Monarco para a Unidos do Jacarezinho, no Carnaval de 1981. O desfile era sobre Paulo da Portela, um dos maiores sambistas de todos os tempos, fundador da azul e branco de Madureira, que teve grande papel na aceitação do samba no início do século passado. A letra começava assim (a melodia era exatamente a mesma): "Nossa escola vem cantando/Com ternura e emoção/Homenageando um bamba/Que fez do samba/Sua oração."

Nas vésperas da disputa na quadra do Jacarezinho, Monarco achou que havia outro samba melhor que o seu e resolveu tirar sua composição do páreo, em prol dos adversários. Mas a música não saiu de sua cabeça e, anos depois, colocou outra letra naquela melodia: "Numa estrada dessa vida/Eu te conheci, ó flor/Vinhas tão desiludida/Malsucedida/Por um falso amor."

Monarco fez a primeira parte e mostrou para Alcino Correia, o Ratinho, que emendou com a segunda: "Tamanha desilusão/Me deste, ó flor/Me enganei redondamente/Pensando em te fazer um bem/Eu me apaixonei/Foi meu mal."

Monarco, claro, estranhou uma segunda parte inteira sem uma rima sequer... Mas, quando Ratinho trouxe a continuação, com o momento de maior explosão da música, não teve dúvidas — tinha tudo para ser sucesso: "Agora, uma enorme paixão me devora/Alegria partiu, foi embora/Não sei viver sem teu amor/Sozinho curto a minha dor."

Zeca é que não ficou muito feliz quando Manhães apresentou-lhe "Coração em desalinho". Ele queria que Monarco entrasse no disco com músicas "da Velha Guarda", as canções antigas que o compositor portelense costuma resgatar. Mas o produtor insistiu, ela foi gravada e o resto virou história. O curioso é que a música, no LP original, não é creditada a Monarco, e, sim, a Mauro Diniz (filho do poeta portelense), em parceria com Ratinho. Foi uma jogada na época, já que Monarco estava com uma conta muito alta na editora, com dificuldade para receber todos os direitos autorais. Ele então colocou o nome do filho, que repassava ao pai o que era arrecadado".[44]

---

[44] *Zeca* — deixa o samba me levar, escrito por Jane Barbosa e Leonardo Bruno.

Recortes

No livro *As primas sapecas do samba: alegria, crítica e irreverência na avenida*, organizado por Fábio Fabato e publicado em 2015, o jornalista Vicente Dattoli comentou sobre Ratinho, afirmando que seu trabalho de sucesso no Grêmio Recreativo Escola de Samba Caprichosos de Pilares, do Rio de Janeiro, traduzia-se numa espécie de "tinha português no samba", considerando Ratinho como "o mais carioca dos portugueses [...] ou o menos português dos cariocas. Sei lá".

> O que sei é que Alcino Correia Ferreira, ou simplesmente Ratinho, foi um dos compositores que deixou a sua marca na história da Caprichosos de Pilares. E para que não digam que sou injusto com o pessoal da Velha Guarda, ou melhor, dos primórdios da nossa Escola, tenho de citar também Claudionor Santana, o Nonô. E curiosamente os dois andaram fazendo sucesso também lá pelos lados da Unidos do Jacarezinho.
>
> Saindo do seu Portugal, Ratinho desembarcou no Brasil com uns 4 anos de vida. O seu destino? Morar com o avô, em Pilares. E, logo cedo, para desespero do responsável por aquele pequeno gajo, o puto (é a forma como os meninos são tratados em Portugal; não é palavrão) mostrou que o seu negócio não seria, jamais, ficar atrás de um balcão ou encarar alguma labuta, digamos, mais pesada. Nas suas veias, corria poesia. E lá foi ele, meio marrento, muito difícil de lidar, ser compositor na vida. Compositor, só, não. Foi compositor, poeta, cantor, cronista... Para falar a verdade, cantor é um pouco de exagero. A voz não era lá essas coisas. [...].

Reconhecimento

Fernando Correia vive no Brasil e é primo de Ratinho. Além da saudade, resta o orgulho das raízes familiares e o "peso" positivo de ter acompanhado, de perto e a distância, o sucesso do artista.

> O meu saudoso primo Alcino Correia Ferreira, mais conhecido nas rodas de sambas cariocas como Ratinho, natural de Lumiares, Arma-

mar, nascido em 5 de março de 1948, filho de Afonso Correia Ferreira e Maria dos Santos Ferreira, chegou ao Brasil em 1953, com 5 anos de idade. A Maria, mãe de Ratinho, era irmã da minha mãe, Fernanda. O meu primeiro contato com Ratinho foi em fevereiro de 1967, quando cheguei ao Brasil. Conhecemo-nos ainda no Aeroporto Internacional do Rio, o Galeão, que hoje se chama Aeroporto Antônio Carlos Jobim, onde a família aguardava a nossa chegada. Fui morar no bairro de Pilares, mesmo bairro que Alcino morava com os pais e os irmãos. Assim, nos víamos com frequência e passávamos bons tempos nos entretendo com a televisão. Durante a década de 1970, Alcino ingressou no mundo da música, particularmente nos terreiros de samba. Em Pilares, foi diversas vezes campeão de samba de enredo na Escola de Samba Caprichosos de Pilares, nos blocos Embalo do Morro do Urubu, Difícil é o Nome e Boêmios de Inhaúma. No fim desta década, conquistou o Estandarte de Ouro, ofertado pelo jornal *O Globo*, na categoria Melhor Samba do Segundo Grupo, levando a Escola de Samba Caprichosos de Pilares ao Primeiro Grupo. Na década de 1980, Alcino casou-se com Denize e se mudou de Pilares, indo residir em Bangu, na Zona Oeste do Rio. Passamos a nos ver com menos frequência, mais especificamente em datas festivas, mas nunca perdemos o carinho um pelo outro. Ele estava constituindo a sua família e eu, a minha. Nesse novo local, Ratinho foi pai de dois filhos: Paulo e Priscila. Naquela época, o apelido Ratinho já era um nome conhecido nas rodas de samba e eu começava a trabalhar no restaurante Garota da Penha. No fim da década de 1990, Alcino e a sua família foram morar no bairro de Pilares, em uma casa ao lado da minha, na rua Djalma Dutra. A casa, que tinha um quintal bem limitado, logo se transformou em um pequeno terreiro de samba, onde, nos finais de semana, o meu primo se reunia com outros compositores, acompanhados de um bom churrasco, para cantarolar os mais variados sambas e pagodes até altas madrugadas. Na década de 2000, o seu nome já estava consagrado por composições famosas interpretadas por Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e Beth Carvalho. Cheguei a entrevistá-lo em 2003, no programa *Portugal Show* na Rádio Rio de Janeiro. Nesta oportunidade, Alcino ainda falou com uma ouvinte muito especial, diretamente de Portugal: Floripes Santos, moradora

> de Lumiares e sua parente de terceiro grau. Após o programa, Floripes passou a cogitar a possibilidade de Alcino voltar a Portugal para receber uma homenagem no concelho onde nasceu. No ano seguinte, Alcino participou do projeto Compositores do Brasil, onde falou um pouco sobre o seu trabalho na música popular brasileira a alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Afonso Várzea, a convite da minha esposa Regina, professora daquela escola.

Ele destacou, ainda, que a "carreira musical de Ratinho reúne mais de 300 composições gravadas". Em 2004, inaugurou no quintal da sua casa a roda de samba Toca do Rato, onde deu espaço para grandes compositores, como Guilherme de Brito, Monarco, Wilson Moreira e outras lendas, além de também dar oportunidade para divulgar novos talentos. "O meu primo faleceu após mais de 35 anos de dedicação à música, deixando a sua esposa Denize, os seus filhos Paulo e Priscila e uma coleção de canções inesquecíveis para a nossa música popular brasileira", finalizou, entristecido. Fernando disse que gostaria que houvesse uma maior "aproximação entre artistas portugueses e brasileiros. Ainda é muito pouco. Precisamos de mais oportunidades para matar saudades e divulgar a nossa cultura, que é muito rica".

De profissional para profissional

Estudiosos e especialistas consultados para este trabalho literário e jornalístico sugerem que o ritmo ou estilo defendido por Ratinho durante seu percurso não destoava totalmente da ligação entre seu país natal e seu país de acolhimento, o Brasil, já que "a primeira contribuição que vem à mente quando se pensa na relação dos dois países é o Carnaval. Isso porque, pelo que consta, foram os portugueses que introduziram o entrudo no Brasil, que sofreria modificações através dos anos e daria origem a um Carnaval com o feitio brasileiro". Muito ligado a esse tema também está a contribuição para o samba, um ritmo nascido no Brasil, oriundo da contribuição coletiva dos mesmos povos que deram origem ao miscigenado povo brasileiro, sobretudo africanos e portugueses. Basta lembrar, por exemplo, do cavaquinho, que é uma criação portuguesa. Qualquer composição de samba-enredo começa com o enredo, a letra, a música e um cavaquinho para acompanhar a composição que está nascendo. Não é necessário nenhum instrumento de percussão; o cavaquinho sustenta a harmonia, a melodia e o ritmo do samba-enredo com total independência. Não há como apartar esse instrumento do samba, especialmente do samba-enredo.

O músico brasileiro Abel Luiz conheceu de perto o trabalho de Ratinho, com quem atuou e ajudou a motivar novas conjugações entre música e cultura. Ele auxiliou nessa aproximação tão íntima entre Brasil e Portugal, apostando no fomento da língua portuguesa, no formato musical.

> Uma imagem que muito me diz sobre o ser e o fazer musical se encontra na expressão "artesão do som". Nesta perspectiva, "o som", por assim dizer, assume o posto de matéria-prima; "o músico" (instrumentista, compositor, arranjador etc.), o posto de instrumento; e o "instrumento" — seja ele de canto, sopro, corda, madeiras e/ou percussão — torna-se a ferramenta de trabalho, moldagem e modelagem dos acúmulos, sonhos, memórias, lutas, aprendizados e trocas presentes na trajetória de pessoas dedicadas ao artesanato sonoro. Seguindo o rumo dessa prosa, cabe dizer que, sob essa ótica, poderia ser possível representar a música como uma espécie de re-

> gistro (organização, apresentação e representação) de uma expressão sonora comum, consolidada e universal, presente em — e que expressa! — diferentes culturas e povos do mundo. E, ao pensar em música como uma das mais consolidadas e populares manifestações socioculturais do som em diferentes partes da Terra, os artesãos do som, ao longo do tempo e da história, têm apresentado um território sonoro múltiplo, abrangente e original que, entre as verticalidades e horizontalidades[3] presentes em diferentes contextos, cenários, estruturas e trajetórias, são capazes de convidar e interagir com o mundo do outro de forma objetiva e/ou subjetiva. Este breve preâmbulo foi pensado como ponto de partida para um convite à conversa e auto(reflexão) sobre a presença e a influência de sons portugueses na música brasileira a partir de lembranças, acontecere*s* e causos presentes na minha formação, trajetória, vocação e ofício como artesão do som ao longo de meus 25 anos como músico e dos meus modestos 40 anos de existência como suburbano, carioca e brasileiro nato.

Além de realçar tal ideia, Abel Luiz explicou o que pensa sobre o conceito histórico entre os dois países, citando Santos (2002, p. 65).

> Já que termos como território, trajetória, história e memória se fazem presentes — e necessários! — enquanto cultura, é importante que não fique de fora a relevância de experiências, seja no campo da (re)criação e da esperança, seja no campo da (r)existência e sobrevivência, relacionadas aos impactos da colonização e da escravização e tráfico, em terras brasileiras, de pessoas indígenas e negras empreendida e promovida por Portugal. Por fim, som-música, também, é processo, e, assim sendo, tem de lidar com o contraditório e com as complexidades que os integram e marcam ao longo da sua construção/desconstrução/reconstrução, em que: "O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das relações profundas do homem com seu meio, sendo

por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que possam ser vítimas."

Abel Luiz frisou também o seguinte:

A música sempre foi presente na minha vida e no meu lar. Muito disso se deve ao fato de eu ter crescido e morado com meu avô, Luiz Gonzaga, que, além de me ensinar a tocar o meu primeiro instrumento (cavaquinho), me apresentou a possibilidade de ser encantado e encantar através dos sons em rodas de choro, sambas, serestas, batuques e bailes da cidade do Rio de Janeiro. Com ele, ora na nossa casa, ora nos mais diversos lugares da cidade, pude ter contato com grandes músicos profissionais e amadores — artesãos do som e da vida. Na sua companhia, entre choros, polcas, maxixes, valsas e baiões, nas rodas de choro, nos bailes e nos LPs que ouvíamos na nossa casa, tive o meu primeiro contato com a música portuguesa. Nas décadas de 1980 e 1990, ainda havia bailes nos subúrbios do Rio de Janeiro, onde "fados" e "viras" faziam parte efetiva do repertório das noites de música — ora interpretados por cantores; ora interpretados por instrumentistas, ao som de cavaquinho, bandolim, violões, pandeiro e flauta. Por coincidência ou por destino, o meu primeiro cavaquinho pertenceu ao pai deste meu já citado avô, o senhor Joaquim. Ele — diz a minha mãe — falava o português de Portugal, porém, devido à trajetória humilde da nossa família, nunca soubemos precisar se ele veio de Portugal ou se era um filho de portugueses nascido no Brasil. Menciono o meu bisavô por ser a pessoa que fez pelo meu avô o que meu avô fez por mim em termos de apresentação do mundo a partir do som. Fora que, assim como eu e o meu avô fizemos diversas vezes, era ele quem reunia os amigos músicos para rodas de choro, regadas por muito som, boas amizades, bebida e boa comida — alegrias simples e transformadoras que atravessam gerações da nossa família produzindo, trocando e compartilhando leituras de mundo através da música, do som. Neste ponto, o choro e a roda de choro assumem um papel fundamental na minha formação — e de muitos brasileiros — pelo fato de ser um gênero que, ao se consolidar e se

> definir como tal, mantém no seu repertório, a sua formação e a sua roda, os gêneros e sonoridades que, preexistentes, servem como base da sua formação, como a polca, a valsa, o maxixe, o lundu, por exemplo. Após o seu nascimento, e com a sua expansão pelo Brasil, outros gêneros instrumentais e populares são gerados por instrumentistas/compositores que têm o choro como base ou parte da sua formação, como Luiz Gonzaga (baião) e Mestre Vieira (guitarrada paraense), para citar alguns casos.

O músico, experiente e com profundas raízes musicais, ainda sublinha outras histórias:

> Mobilizado pelos encontros e deslocamentos com o meu avô, e pelo desejo de fazer parte do dia a dia daqueles músicos, Encantados Brasileiros, com fascínio, acuidade e curiosidade perguntei, ao ouvir sonoridades portuguesas: "Que música é essa?" Ao encontrar um lugar para elas na minha percepção e no meu coração, além de Amália Rodrigues e, posteriormente, Roberto Leal, pude reconhecê-las nas canções de Chico Buarque e Caetano Veloso, Guilherme de Brito, Fagner, assim como nas interpretações de Jacob do Bandolim, Nelson Gonçalves, Angela Maria, Clara Nunes, Maria Bethânia, Fafá de Belém. Tal descoberta me revelou que estes sons, direta e indiretamente, já faziam parte destas rodas, destes músicos, e de mim também.

E o caminho musical foi aumentando, segundo relatos de Abel Luiz. Ele explica que,

> com a acolhida proporcionada pelos músicos mais velhos e experientes, as trocas e aprendizados foram se multiplicando, revelando mais rodas de choro, batuques, sambas etc. Os deslocamentos aumentaram também, pela cidade, pelo estado, pelo Brasil. E, com isso, a partir da produção de cultura e da solidariedade estabelecidas a cada (re)encontro, novos sons passaram a se juntar formando um extenso e diversificado fio de contas e contos de lugares de obediência e revolta, de um Brasil que se revela em toda a sua potência através da música, seja pela sua originalidade, seja pela sua resiliên-

cia, em meio a produção de inúmeras, criativas e surpreendentes pedagogias de (re)existência. Com o tempo, outros sons foram se somando, passando pela música erudita, música popular, música regional, urbana, eletrônica, contemporânea e por aí vai... E novas fagulhas de descobertas, questionamentos e curiosidades, assuntos e associações — com ou sem resoluções — passam a fazer parte do meu artesanato sonoro, tipo: a relação entre o cavaquinho e a braguinha; o estilo interpretativo e a formatação física do bandolim proposta e consolidada por Jacob do Bandolim, com base na guitarra portuguesa; as festas populares, como Carnaval, Folia de Reis, Fandango, Bumba Meu Boi, Festas Juninas, Festa do Divino, Festa de São Gonçalo; as manifestações culturais e folclóricas oriundas do mito do Sebastianismo; o diálogo entre a viola de arame e a viola caipira presente na nossa literatura, canção e pesquisa, a partir de nomes como Gregório de Matos (poeta barroco chamado de Boca do Inferno), Domingos Caldas Barbosa (pai do primeiro gênero de canção popular e urbana brasileira — a modinha) e José Ramos Tinhorão (jornalista e icônico pesquisador brasileiro do campo da cultura popular); as festas de vizinhos e familiares, regadas a música e acompanhadas por comidas e doces típicos portugueses; a saudação à lendária figura do Zé Pereira nos dias de Carnaval. Estes são alguns exemplos diretamente relacionados ao acontecer sonoro. Porém, tais exemplos também apontam para a interligação do som com outras plataformas, formas de expressão, como a palavra, a dança, o vocabulário, a culinária, e, na minha trajetória, se expressam na convivência com os portugueses que há uns 20 anos habitavam os subúrbios e periferias da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com os seus pequenos comércios, aluguéis de casa e histórias sobre a saudade e a vida na terrinha. Outro aspecto interessante está representado na alternância de marés pelas quais passam diferentes expressões e manifestações sonoras, assim como ocorre com os gêneros musicais. Seguindo com a descrição de aconteceres que presenciei e, em alguns casos, tive a oportunidade de participar, na transição do século XX para o século XIX, ao mesmo tempo que um novo recorte geracional estabelece novos fazeres musicais e fazedores musicais. Tal movimentação concorre

> para que, por morte ou por um simples distanciamento por conta de avançada idade, os músicos mais antigos, como os contemporâneos do meu avô (nascidos nos anos 1930), não estivessem no momento mais pulsante das suas atividades sonoras no campo profissional (shows, apresentações) e no campo sociocultural (com rodas de música em quintais, bares, feiras ou casa de família) impactando diretamente drasticamente na redução de oferta e demanda por músicos e locais de apresentação com inserções ou voltados integralmente para música portuguesa. Paralelamente, tais sonoridades são (re) apresentadas a partir de registros produzidos por artistas contemporâneos, como Madredeus, Carminho, Cuca Roseta, Mariza, Dulce Pontes e Teresa Salgueiro — canções presentes nas rádios FM e demais produções brasileiras, como trilha sonora de filmes e novelas, que, em alguns momentos, conta com performances ao lado e em conjunto com artistas brasileiros. Assim, entre as altas e baixas das marés, ao longo do século XX — e adentrando o século XXI —, a canção urbana, popular e instrumental brasileira tem se retroalimentado, direta e indiretamente, no seu cotidiano, com melodias, cadências, harmonizações, versos e interpretações que, de forma direta e indireta, objetiva e subjetiva, ora mais presente, ora mais sutil, colocam e recolocam estes sons à disposição da formação na construção de trajetórias possíveis de artesãos e artesanatos sonoros, a partir experiências e experimentações sonoras nascidas no Brasil.

Abel Luiz, que é também estudioso dos "destinos da música no Brasil", afirma que houve situações em que, ao bandolim — exercendo a função de guitarra portuguesa —, participou da gravação de um fado composto por um compositor brasileiro. Momentos em que, ao cavaquinho, participou como músico de base e solista, acompanhando intérpretes de canções portuguesas em bailes e saraus. "Com o decorrer do tempo, entrei em contato com o universo da viola caipira, através de uma viola projetada e construída pelo instrumentista Josemen Mansur Honaine que, com base na sua atuação como instrumentista, e na sua experiência e contato com a música portuguesa, colocou o seu artesanato e conhecimento na pesquisa e construção de um instrumento

que tem como base as relações de afinações entre a guitarra portuguesa e a viola caipira/viola de arame", conta ele. "E, com este instrumento, além de gravações e apresentações com diferentes artistas, tive a oportunidade de apresentar diferentes abordagens tendo a viola caipira como fio condutor de diferentes faces de um brasil sonoro, no espetáculo *Ponteio urbano*, realizado na Casa do Choro (RJ), em 2018", continuou. "No repertório, havia o fado 'Nem às paredes confesso' (Ferrer Trindade/Artur Ribeiro/Max). Foi a partir de uma encruzilhada que conheci um dos maiores sambistas e compositores de samba de todos os tempos, Alcino Correia — popularmente conhecido como Ratinho. As suas obras estão eternizadas em grandes vozes da música brasileira, como Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Jovelina Pérola Negra, Alcione, Fundo de Quintal, Almir Guineto, Maria Rita e Jorge Aragão, para citar alguns. Na escola de samba Caprichoso de Pilares, se sagrou campeão de samba-enredo inúmeras vezes, gravando o seu nome na história do Carnaval. Fora a extensa galeria de renomados parceiros, como Arlindo Cruz, Zeca Pagodinho, Mauro Diniz, David Corrêa, Wilson Moreira, Sombrinha, Aldir Blanc e o seu mais constante parceiro de vida e música: Monarco, da Velha Guarda da Portela."

Abel Luiz recorda o trabalho realizado por Ratinho, que, até mesmo inconscientemente, aproximava os dois países, através dos afetos.

> Alcino Correia, além de compositor, vizinho, padrinho de casamento e referência, foi um grande mestre no fino e sensível artesanato sonoro realizado na composição. E, em nossa constante e estreita convivência, tive a oportunidade de ouvir as histórias, impressões, reflexões, angústias e esperanças que habitavam a vida e obra deste grande artesão. Os seus profundos encantamento, respeito e admiração pelo samba, ao mesmo tempo que exaltavam toda perspicácia e sagacidade oriundas das periferias, morros e favelas cariocas, nunca o impediram de afirmar a sua origem portuguesa, pois foi a partir da vinda da sua família de Portugal para o Brasil que este compositor passou a viver e a conviver com toda resiliência, criatividade, sobrevivência e (r)existência presentes no dia a dia dos lares pobres e humildes do Brasil. Recentemente, em meio à pandemia que assola o mundo e ao caos sanitário no Brasil, foi publicado

> e lançado o livro *Rotas do Atlântico*: músicas para braguinha da Madeira e cavaquinho do Brasil, organizado por Paulo Esteireiro (Portugal) e Pedro Cantalice (Brasil). Neste livro de peças solo para estes instrumentos, encontra-se uma composição minha feita para cavaquinho solo, "Carrossel".

O músico enalteceu o fato de que, "ao longo dessas escutas e trocas, novas encruzas se formam, conduzindo e reconduzindo por novos e velhos caminhos, assim como por velhos novos caminhos e novos velhos caminhos. Afinal, a encruzilhada nunca é o fim; pelo contrário, ela é o contínuo onde caminhantes e caminhos se alinham e realinham e — por que não? —, como diz uma das canções do meu amigo e mestre, desalinham...".

"Saudades do Brasil em Portugal" — relações musicais luso-brasileiras na opinião de Lopes-Graça e na análise de Castagna

O fado "Saudades do Brasil em Portugal", que Vinicius de Moraes (1913-1980) escreveu para Amália Rodrigues (1920-1999), é o exemplo da interculturalidade musical entre os dois países. Fado esse que muitos intérpretes têm cantado, como Carminho, Katia Guerreiro, Cuca Roseta, Joana Amendoeira, Pedro Moutinho e Marisa Monte. Isso para não citar o casamento entre Rio de Janeiro e Lisboa que Amália cantava — "Amigo brasileiro" —, "não havendo mar que os/nos separe", ou o álbum *Vinicius e Amália*, gravado em Lisboa em 1978.

Quem não se lembra do "Fado tropical", de Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra? Muito se fala e estuda sobre a influência da música portuguesa no Brasil e da brasileira em Portugal. Tal aspecto, de certa forma contemporâneo, não tem grande relevo, sendo que o importante é continuar a valorizar a junção da música quente do Brasil com a música saudosista de Portugal. Todavia, é crucial não deixar que ambas sejam aniquiladas pelas máquinas trituradoras que alimentam o consumo monopolista.

Paradigma dessa união entre os dois países é o trabalho discográfico *Fados brasileiros*, da fadista e atriz algarvia Paula Ribas, apresentado em 1974 no Brasil, com temas dos músicos e dos poetas Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso, Dorival Caymmi (1914-2008), Eduardo Gudin, Cecília Meireles (1901-1964), Chico Alves (1898-1952), Marcus Calazans, Carlos Pena Filho (1929-1960), Caco Velho (1920-1971) e Walter Marques.

Contudo, não foi apenas essa contemporaneidade afetiva, principalmente no último quartel do século XX, que enalteceu a música entre Brasil e Portugal. O fator mais importante é e tem sido a língua portuguesa que une os dois países, com especial destaque a partir do século XIX após a "Independência" do Brasil — 7 de setembro de 1822.

E, independentemente do rótulo que se queira colocar nos mais variados estilos musicais, não se pode ignorar a influência dos poetas e suas letras na música de ambos os países. Nesse aspecto, Portugal e Brasil têm poetas grandiosos que se destacaram do século XVII ao XX. Muito deles têm seus poemas cantados por colossais nomes da música, sejam eles portugueses ou brasileiros, além dos já citados: Acácio de Paiva (1863-1944), Afonso Lopes Vieira (1878-1946), Alexandre O'Neill (1924-1986), Almada Negreiros (1893-1970), Antero de Quental (1842-1891), António Botto (1897-1959), António Nobre (1867-1900), Ariano Suassuna (1927-2014), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Castro Alves (1847-1871), Cesário Verde (1855-1886), Cora Coralina (1889-1985), Cruz e Sousa (1861-1898), Fernando Pessoa (1888-1935), Ferreira Gullar (1930-2016), Florbela Espanca (1894-1930), Francisco Rodrigues Lobo (1580?-1621), Gonçalves Dias (1823-1864), Gregório de Matos (1636-1696), Hilda Hilst (1930-2004), João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Jorge de Sena (1919-1978), José Régio (1901-1969), Luís de Camões (1524?-1580?), Machado de Assis (1839-1908), Manoel de Barros (1916-2014), Manuel Bandeira (1886-1968), Mário de Andrade (1893-1945), Mário de Sá Carneiro (1890-1916), Mário Quintana (1906-1994), Miguel Torga (1907-1995), Murilo Mendes (1901-1975), Natália Correia (1923-1993), Olavo Bilac (1865-1918), Paulo Leminski (1944-1989), Ruy Belo (1933-1978), Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), Vitorino Nemésio (1901-1978) e muitos outros…

É nesse sentido que não podemos separar os poetas da música, sejam eles mais eruditos ou populares, como acontece com os autores anônimos que os grupos de folclore, em Portugal, demonstram através das suas representações etnográficas, cantando, dançando e tocando. O pesquisador de música brasileira Paulo Castagna sublinhou, em seu trabalho *Musicologia portuguesa e brasileira: a inevitável integração* (1995), quase todo o texto "I — relações musicais luso-brasileira", do musicólogo português Fernando Lopes-Graça (1973), relatando que este "pressentia a importância do estabelecimento de intercâmbios luso-brasileiros no campo da música, mas sem encontrar ainda qualquer tipo de solução". É um texto escrito em 1955, numa época em que as ligações entre Portugal e Brasil eram poucas e minimamente conhecidas da população em geral.

Certo é que Lopes-Graça, no primeiro apêndice de seu livro *A música portuguesa e os seus problemas* (1973), no referido capítulo, salientou esse desconhecimento. Contudo, não deixou de relatar a necessidade de se aprofundar nas relações musicais entre as duas pátrias-irmãs, porque, em sua opinião, na década de 1950, nem os portugueses conheciam a música brasileira, nem os brasileiros tinham notícia da música portuguesa. Salientou que, em Portugal, apenas se conhecia o samba, e o que nossos irmãos de além-Atlântico conhecem da música de Portugal se limita ao fado.

Lopes-Graça apontava o dedo tanto ao público em geral como aos intelectuais e aos impulsionadores do movimento artístico. Reconhecia a existência da falta de informação sobre a criação musical nos dois países, sublinhando que o nome mais sonante era o do compositor, maestro e músico brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959), um excelente violonista, violoncelista e pianista. Mas tal vulto, sem dúvida, importante da arte musical brasileira estaria longe de a representar na sua totalidade.

Quanto ao sucesso dos compositores portugueses no Brasil, na referida década de 1950, a situação era "ainda menos afortunada, pois que, ao que nos consta, nome nenhum da nossa música ali obtém qualquer espécie de ressonância".

O musicólogo português, em sua análise, defendia que entre as duas músicas, de Portugal e Brasil, não existiam "laços tão íntimos como entre as duas línguas", mas que o fenômeno, amplamente estudado, no campo do folclore musical, "a música popular portuguesa constitui um dos sedimentos fundamentais da riquíssima música popular brasileira, não sendo por outro lado menos certo que naquela, na música popular portuguesa, ou em certos dos seus aspectos, a influência brasileira é na realidade um fator a considerar".

Só esse fator seria mais do que suficiente para se estudar e aprofundar o conhecimento musical de ambas as nações, até porque, no início da segunda metade do século XX, boa parte da criação musical brasileira "vai precisamente buscar na música popular a matéria da sua inspiração e dos seus métodos". Lopes-Graça, em seu apontamento, acrescentou outros nomes de compositores brasileiros de relevo além de Villa-Lobos, como Camargo Guarnieri (1907-1993), Francisco

Mignone (1897-1986), Radamés Gnattali (1906-1988), José Siqueira (1907-1985), Cláudio Santoro (1919-1989), Guerra-Peixe (1914-1993) e Eunice Catunda (1915-1990).

A obra de todos eles deveria ter sido divulgada com mais ênfase em Portugal e "decerto que o melhor acolhimento lhes seria reservado, reconhecendo o público português nelas algo da sua própria alma". Já os compositores portugueses, não sendo em número equivalente aos do Brasil, mereciam igual destaque no país-irmão e quiçá o mesmo sentimento de fraternidade a despertar no público de tal país.

Perante esse desconhecimento, impunha-se encontrar soluções, métodos e parceiros para ultimar o desejado intercâmbio musical luso-brasileiro. Lopes-Graça entendia que as respostas eram "fáceis" e "difíceis". Fáceis, porque se não tratava de nenhuma utopia "e porque não seria impossível nem complicado assentar-se num plano concertado de realizações". Por outro lado, "difíceis, porque haveria que pôr em ação, de parte a parte, boas-vontades, inteligências, o quanto de entusiasmo e de cabedal necessário para que se chegasse a algum resultado positivo, e isto não se consegue apenas por meio de artigos jornalísticos nem de discursos oficiais".

Em sua opinião, o melhor seria que os músicos portugueses e brasileiros "tomassem em suas próprias mãos a tarefa de estreitarem as suas relações artísticas e de promoverem nos respectivos países o conhecimento e divulgação das suas obras". O musicólogo sugeria uma comissão de músicos de ambas as partes que trocando ideias seria o "primeiro e mais eficiente passo para a solução do problema". Contudo, questionava: "Quem poderá ou quem estará em condições de o fazer? Por estas bandas, reina grande confusão e desentendimento nas hostes musicais. Sucederá o mesmo no Brasil?"

Contrariando Lopes-Graça, Castagna (1995) fez questão de sublinhar que, "mais tarde, surgiria na musicologia um fato capaz de impor a necessidade de integração das duas culturas como condição *sine qua non* para o desenvolvimento musical dos dois países". Acrescentou que a análise de Lopes-Graça deixou de ser válida porque a cantora portuguesa Raquel Bastos (1903-1984) já afirmava, em 1933, que "as músicas nacionais brasileira e portuguesa estão bem próximas uma da outra". Ao que Mário Andrade (1893-1945) terá respondido: "Sim, nós temos cantores brasilei-

ros de valor... Mas sempre dá um bocado de inveja ouvir assim uma artista que escapa de tradições emprestadas de terra alheia, como é o caso de Raquel Bastos," Mário Andrade entendia que Raquel Bastos, por exemplo, não teria que "importar coisa nenhuma, felizmente" (Castagna, 1995).

O trabalho *Musicologia portuguesa e brasileira: a inevitável integração*, de Castagna, musicólogo, professor da Unesp, colaborador do Museu da Música de Mariana, é um excelente levantamento sobre a música luso-brasileira e as respectivas tendências e influências de/em ambos os países. Um trabalho de análise que destaca o século XX, passando pela música colonial brasileira em Portugal no século XVIII. Castagna apresenta um trabalho rigoroso, cheio de referências e citações que comprovam sua análise e validam sua pesquisa.

Os interessados em saber algo mais ou estudar as relações musicais entre os dois países têm que ler o texto de Castagna. Este é um autêntico manancial de pistas para um estudo mais profundo.

Contudo, entre os brilhantes musicólogos, poderia citar imensos, tanto portugueses como brasileiros (muitos são referidos por Castagna), gostava de deixar a referência de um dos maiores estudiosos da música tradicional portuguesa, do fado e da música luso-brasileira: José Alberto Sardinha, autor de grandiosas obras, frutos do levantamento no terreno, que fez de norte a sul de Portugal. São exemplos *Tradições musicais da Estremadura* (2000), *Viola campaniça, o outro Alentejo* (2001), *Tunas do Marão* (2005), *A origem do fado* (2010), *Danças populares do Corpus Christi de Penafiel* (2011) e *Fado, patrimônio da humanidade* (2011), entre outras.

Por outro lado, temos imensas referências ao Brasil nos cancioneiros portugueses, tanto do século XIX como do século XX, muitas referenciadas por Teófilo de Braga (1843-1924)... Mas isso levar-nos-ia a um estudo de maior profundidade e numa publicação mais incisiva sobre essa temática...

Adélio Amaro
Escritor e presidente do Centro do Patrimônio da Estremadura
Presidente da Biblioruralis — Associação Cultural
Diretor do jornal *Gazeta Lusófona* — Suíça

Por Carmen, um turbante e as canções

Casa em Marco de Canaveses, Portugal, onde vivia a família de Carmen Miranda quando ela nasceu.

Carmen Miranda tinha uma alma extremamente brasileira, mas tinha origens em Portugal, mais concretamente na freguesia de Várzea da Ovelha e Aliviada, no município de Marco de Canaveses, que pertence à Região do Norte e ao distrito do Porto. Nasceu em 9 de fevereiro de 1909 e faleceu em 5 de agosto de 1955, em Beverly Hills, Califórnia, nos Estados Unidos. Fazia parte da imensa comunidade portuguesa que decidiu viver no Brasil, mas alcançou o estrelato inclusive nos Estados Unidos.

Os líderes políticos e culturais em Marco de Canaveses promovem projetos em torno do nome da artista e de seu legado. Existe um

museu local, e as escolas do município realizam ações nas quais os estudantes são envolvidos em atividades que recordam seu passado e discutem os passos dados por alguém que saiu daquela terra, promoveu sua cultura, enveredou pelas artes musicais e venceu como imigrante.

Um pouco de história

Documento de identificação do registro consular da cidadã portuguesa Maria do Carmo no Rio de Janeiro.

Em 1906, José Maria Pinto da Cunha, de 18 anos de idade, barbeiro de profissão, casou-se com Maria Emília Barros de Miranda. Muito cedo chegaram os filhos. A primogênita, Olinda, nasceu em 1907 e, em 9 de fevereiro de 1909, veio ao mundo Maria do Carmo Miranda da Cunha, que logo começou a ser chamada de Carmen, "nome dado por um dos seus tios que lhe achava um certo ar espanholado". Foi batizada em 14 de fevereiro de 1909 na Igreja de São Martinho de Aliviada.

Após poucos meses de vida em Portugal, embarcou no Porto rumo ao Rio de Janeiro. Seus pais haviam decidido emigrar para o Brasil.

Maria do Carmo estudou no Colégio de Santa Teresa, na região da Lapa, no Rio de Janeiro. Começou a trabalhar aos 14 anos de idade fazendo gravatas e, em seguida, numa famosa loja de moda carioca, La Femme Chic, em plena rua do Ouvidor, na qual modelava chapéus.

Em 1928, um encontro com o deputado baiano Aníbal Duarte, que a apresentou ao músico e compositor Josué de Barros, mudou radical-

mente sua vida. Aníbal Duarte almoçava com regularidade na pensão que a mãe de Carmen Miranda dirigia. Tendo-a ouvido cantar, falou com Josué de Barros pedindo-lhe que a ouvisse. Desse encontro nasceria um disco editado em 1929 pela Brunswich, com duas faixas. No lado A, o samba "Não vá simbora" e, no lado B, o choro "Se o samba é moda", ambos compostos por Josué de Barros e interpretados por Carmen Miranda.

Aos 20 anos de idade, nascia o chamado "fenômeno" daquela época, que ficou conhecida para sempre como "a pequena notável". Em 1930, gravou mais de 15 discos na editora RCA Victor, tendo o tema "P'ra você gostar de mim", marcha-canção popularizada pelo refrão "Taí", vendido mais de 35 mil exemplares, batendo todos os recordes da época. No ano seguinte, a Rádio Tupi contrataria Carmen Miranda, que se torna a "cantora de rádio mais bem paga do Brasil".

Em 1933, Carmen Miranda estreou no cinema, em *A voz do Carnaval*. Em 1936, protagonizou como atriz *Alô, alô, Brasil*, ao lado de sua irmã Aurora Miranda. Todos esses sucessos no cinema "contribuíram para que assinasse um contrato milionário com a editora Odeon e fizesse a primeira digressão internacional à Argentina. Sua popularidade junto ao público brasileiro foi imensa. A pequena portuguesa de baixa estatura (1,53m) tinha se tornado numa grande estrela".[45]

Um dia após Carmen completar 30 anos, em 10 de fevereiro de 1939, estreou no Rio de Janeiro o filme de João de Barro *Banana da terra*. Este que foi seu sexto filme brasileiro, que iria marcar para sempre a carreira da estrela. É no filme que interpreta o famoso tema de Dorival Caymmi "O que é que a baiana tem?" e usa pela primeira vez o traje de baiana que a imortalizaria.

> Pouco tempo depois, a 4 de maio de 1939, aquela pequena menina que se tornou uma grande embaixatriz da língua portuguesa e da música brasileira embarca no transatlântico *Uruguay* rumo aos Estados Unidos, na companhia do conjunto Bando da Lua. O empresário da Broadway Lee Shubert contrata-a por oito semanas para o

[45] Disponível em: "100 anos de Carmem Miranda. Exposição Fotobiográfica. Do Marco de Canaveses para Hollywood: vida e obra de Carmen Miranda". Acesso em: 13 jun. 2022.

musical *Streets of Paris*. A 29 de maio faz o primeiro contato com o público americano. Foi um sucesso! Em pouco tempo a "Pequena Notável" surgia em todos os jornais e revistas dos Estados Unidos da América. O sucesso foi tão grande que em seis meses enviou o equivalente a 40 mil dólares para a sua família no Rio de Janeiro. Carmen Miranda, graças à sua popularidade, torna-se uma figura pública apetecível para a projeção internacional do Brasil. O presidente Getúlio Vargas é o principal impulsionador da ligação da imagem de Carmen Miranda na promoção dos produtos brasileiros, desde o café até ao turismo. Carmen Miranda, a portuguesa que singrou no mundo do espetáculo, tornava-se, assim, uma verdadeira embaixatriz, não apenas do "samba" como ficou conhecida, mas também como referência incontornável e imagem do Brasil, junto da comunidade internacional. A famosa política de boa vizinhança que o presidente norte-americano Roosevelt implementou durante a Segunda Guerra Mundial para com os países da América do Sul, que maioritariamente apoiavam as forças do Eixo, levou a que o governo norte-americano juntasse Carmen Miranda e Walt Disney. Desta colaboração nasceu o personagem Zé Carioca — um papagaio de chapéu de palha e bengalinha — que se passeava pelas calçadas de Copacabana, contracenando com atores em carne e osso no filme *Los 3 Caballeros* (*Caixinha de surpresas* — 1944), que deu a oportunidade de trabalhar nos Estados Unidos à sua irmã Aurora Miranda. Depois de *Serenata no Rio*, muda-se para Hollywood. [...] Com um ritmo de vida estonteante, entre shows, digressões e filmes, Carmen Miranda entra numa dependência de barbitúricos — calmantes e estimulantes — para poder descansar e recuperar da depressão de um aborto, que a conduziria ao ataque cardíaco que a vitimou na sua mansão de Hollywood na trágica noite de 5 de agosto de 1955. Poucas horas antes, no show televisivo de Jimmy Durante, tinha já desfalecido em directo. A 12 de agosto seu corpo voltou vestido com o mesmo *tailleur* vermelho que usava da anterior vez que regressara ao Brasil, numa derradeira viagem, ao Rio de Janeiro. O seu funeral para o cemitério de São João Baptista teve a participação de uma imensidão de gente anônima nunca antes vista na capital carioca. O Brasil prestava a sua última homenagem à "pequena notável", a

> cidadã portuguesa, grande divulgadora da língua portuguesa e da música popular brasileira em todo o mundo![46]

Nessa mesma obra, há relatos da presença da "Pequena Notável nos Carnavais", quando o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, do Rio, homenageou a cantora e atriz em 1972 com o tema "Alô, alô, taí Carmen Miranda" e saiu vencedora.

Carmen era portuguesa, mas viveu no Brasil e conquistou fama mundial com a sua imagem muito ligada aos trópicos, à América Latina, ao Brasil.

---

[46] Disponível em: "100 anos de Carmem Miranda. Exposição Fotobiográfica. Do Marco de Canaveses para Hollywood: vida e obra de Carmen Miranda". Acesso em: 13 jun. 2022.

Quando achamos que está tudo explicado...

Segundo trabalhos consultados, e depois de muitas pesquisas e entrevistas, é seguro dizer que

> a música, e a arte de um modo geral, têm esse poder mágico de agregar, de romper fronteiras (físicas, idiomáticas, e tantas outras), entre países, pessoas, crenças. [...] De todas as artes, a música tem ainda mais facilidade, porque se propaga no ar, por meio sonoro. Com o advento da internet, é possível também assistir a uma exposição de pinturas, por exemplo, via celular ou computador, mas não é o mesmo que ver ao vivo. Isso não acontece com a música, que pode ser apreciada de modo cristalino, com a ajuda de um simples fone de ouvido.
>
> Não podemos esquecer o poder das novelas que levaram a cultura brasileira, em todos os aspectos, a Portugal, com uma força avassaladora, transformando atores e músicos em celebridades na Europa. É preciso pensar também na música pelo seu viés profissional. Na medida em que o artista percebe que em outro país vai encontrar maior aceitação para a sua música, melhores condições, ele vai migrar. Em Portugal, há muitos artistas brasileiros radicados,

> tocando, cantando, enfim, sustentando a vida com o que ganha com a música. Podemos citar músicos excelentes, que são muito celebrados em Portugal.

Mas é preciso qualificar e ressignificar esse cenário com o intuito de "aumentar o intercâmbio entre os artistas dos dois países, criar festivais em que artistas brasileiros e portugueses se apresentem juntos e separados", talvez a possibilidade de "os dois países criarem leis de incentivo e proteção a artistas brasileiros (cantores, músicos, produtores, etc.) que desejassem se radicar em Portugal e, claro, o inverso também, artistas portugueses (cantores, músicos, produtores etc.) que desejassem fazer carreira no Brasil".

Nas páginas anteriores, vimos os principais nomes nessa "luta" constante, ou permanente, na afirmação de Portugal no Brasil e do Brasil em solo português. Assim, é possível afirmar, depois destas "faixas tocadas" ao longo deste trabalho, que Brasil e Portugal têm muita conexão musical, inclusive historicamente, apesar de ser necessário apostar em mais mecanismos para promover um intercâmbio ainda maior de ideias no campo musical, não só para matar as saudades, mas também para reforçar uma união que se quer rica e valorosa.

Hoje, muitas bandas, conjuntos e artistas independentes trilham esse caminho no início da carreira ou no final dela, com amor pela luso-brasilidade. Muitas festas populares no Brasil são celebradas com concertinas, sanfonas e outros instrumentos que distribuem a sonoridade lusitana por vários cantos.

Em Portugal, a Fundação Santoinho, responsável pela Quinta de Santoinho, é conhecida por defender a cultura do folclore e dos trajes do Alto Minho, com grandes eventos na época do verão. Seus responsáveis realizam um intercâmbio quase que permanente com o Brasil, numa troca musical riquíssima, apostando no folclore, nas danças regionais.

No Rio de Janeiro, ao passarmos na porta de um barzinho, certa vez, ouvimos o "sambinha" entoado em português europeu, por uma jovem portuguesa, chamada Ana Filipa. Ela decidiu viver no Brasil e estava utilizando a música para dar vida à sua arte e ainda obter alguma renda extra.

Mara Pedro, uma jovem fadista da região de Viseu, em Portugal, cantou na Casa do Minho do Rio de Janeiro e no Arouca Barra Clube. Arrancou aplausos na Cidade Maravilhosa e, também, em São Paulo.

A própria Casa do Minho do Rio, até bem pouco tempo, e antes da pandemia, lotava o salão de seu restaurante Costa Verde com amantes do "fado vadio", em que fadistas, cantores, poetas e curiosos deixam o fado ou alguma música romântica ou de época, ou até mesmo canções populares, saltar da boca para fora, num exercício frenético e genético de amizade entre brasileiros e portugueses. Muitas vezes, Maria Alcina cantou. E encantou nesse evento promovido para "principiantes".

Poderíamos aqui listar mais e mais exemplos, infinitos, dessa partilha. Mas, ao chegar ao fim deste livro, recordamos que, em maio de 2022, a Agência Incomparáveis, que conecta Brasil-Portugal e União Europeia e Mercosul, noticiou que o brasileiro Milton Nascimento havia se despedido dos palcos em Portugal, com o sentimento de que "este país é parte de mim". Este artista promoveu em terras lusas, e em outros países europeus, *A última sessão de música.*

> Uma digressão do coração. Assim pode ser chamada *A última sessão de música*, série de concertos que marcaram a despedida de Milton Nascimento dos palcos. Após 60 anos de carreira, o músico escolheu Portugal, Itália, Inglaterra e Espanha, na Europa, para a digressão internacional, por terem sentido na sua vida e na sua carreira. Milton Nascimento apresentou-se em Lisboa (dia 23 de junho, no Coliseu dos Recreios), Castelo Branco (dia 26, no Cineteatro Avenida) e Porto (dia 29, na Casa da Música).[47]

Brasil e Portugal, duas nações que, a um só ritmo, podem conquistar ainda mais espaço no mundo, como se fosse uma marca, uma constância. Viva a luso-brasilidade! Viva a nossa musicalidade!

---

[47] Disponível em: https://agenciaincomparaveis.com/milton-nascimento-despediu-se-dos-palcos-em-portugal/. Acesso em: 15 jun. 2022.

Luso-afetividades musicais

"Talvez nunca tenha pensado em Portugal para concretizar este sonho de viajar através da música"

A música é uma linguagem universal. Ela está presente nos mais importantes momentos de nossas vidas. Funciona como uma pausa para nos reconectarmos com quem nós somos e com os nossos sonhos. Antes de pronunciarmos a primeira palavra, já nos conectamos através de sons e até arriscamos danças quando ouvimos uma nota. A música é entretenimento, serve para acalmar, relaxar e até curar.

A música é também uma boa desculpa para viajar! Ela nos traz novas experiências, novos lugares, novas pessoas, novas inspirações. Talvez nunca tenha pensado em Portugal para concretizar este sonho de viajar através da música, mas é, provavelmente, o país com melhor oferta de festivais de música nacionais e internacionais.

Portugal é um país bastante eclético, há festivais em diversos locais, cenários, horários e tipos de música. Através dessa linguagem universal, percorrermos os mais diversos estilos musicais. Nas diferentes regiões de Portugal, conseguimos experienciar eventos de música clássica, folk, reggae, jazz, tango, blues, hip-hop, R&B, jazz, soul, samba, eletrônica, rock, fado, música árabe, músicas do mundo...

Os festivais são ótimas desculpas para viajar. São, igualmente, momentos únicos de expressões artísticas diferenciadas, como dança, cinema de animação, *grafittis* e artes plásticas, bem como skate, surfe, stand up paddle, windsurfe, bodyboard e muito mais.

A música faz milagres para a alma e provoca as mais variáveis emoções. É um elo de aproximação entre os povos. Através da música, nos conectamos.

Viva a música!

Bernardo Barreiros Cardoso
Diretor do Turismo de Portugal para o Brasil

A música como elemento de integração e relações entre Brasil e Portugal

Nos mais de 500 anos de história das relações entre Brasil e Portugal, utilizou-se quase sempre uma abordagem voltada para as relações políticas, econômicas e, mais recentemente, sociais. Primeiro como partes de um único território português, com a metrópole no que chamamos hoje de Portugal continental e que exercia um papel colonizador sobre o território brasileiro, e que aos poucos adquiriu tanta ou mais importância do que a própria metrópole, sede do Império.

Esse longo processo de "construção" do que conhecemos como Brasil foi gerado e alimentado com milhares de "almas", gentes da terra, escravos, colonos e migrantes que deixavam as mais diversas regiões do "Portugal Continental" e das ilhas levando consigo suas crenças, costumes, medos, sonhos e também alegria, muitas vezes traduzidas em ritmos, sons e poesia.

Nesse processo, sem dúvida, a "musicalidade portuguesa" exerceu um importante papel na integração entre os povos, acompanhando a formação cultural humana desde suas formas mais básicas, traduzidas em folclore, versos e cantigas populares, até as mais restritas às elites dominantes. Tornou-se assim uma dimensão indispensável e parte intrínseca do que são os povos de Portugal e do Brasil nos dias atuais.

Esta linguagem universal, a música, que vem desde os mais remotos povos humanos até a atualidade, em território brasileiro, mesclou-se com uma infinidade de povos nativos ou exóticos, levados por opção ou a contragosto para a nova terra, formando o incrível mosaico musical que conhecemos hoje nas mais diversas manifestações em ambos os países de Ibero-América.

Sem uma pesquisa mais aprofundada sobre a história da musicalidade nas relações entre Brasil e Portugal, não é possível afirmar categoricamente o indispensável papel que essa dimensão cultural exerceu nas relações entre os dois países. No entanto, numa rápida observação

na atualidade, pode-se perceber o quão grandiosa e indispensável é essa dimensão nas relações culturais, nos mais diversos níveis, entre os dois lados do Atlântico.

Rimas, parlendas e versos, de cantigas infantis até os dizeres dionisíacos presentes, sobretudo, na musicalidade do folclore luso-brasileiro, uma infinidade de informações históricas, culturais e éticas transmitidas de geração a geração e de um território a outro de forma prática e, muitas vezes, imperceptível. Um processo intergeracional e multidirecional que segue em franca atividade ainda hoje.

Se, no passado até mais recente, eram os povos portugueses "transplantados" em território brasileiro que levavam consigo suas crenças, costumes e cosmovisão, hoje, no mundo globalizado e "sem fronteiras", são os brasileiros que atravessam o Atlântico em busca de uma nova vida e que retribuem com uma musicalidade carregada de influências multiculturais, desde os povos nativos até as mais significativas influências africanas ou das diversas partes do mundo ocidental e oriental.

Para além da influência que a música brasileira exerce através de ritmos cada vez mais globais, há ainda a dimensão econômica que faz com que muitos brasileiros, mesmo os menos talentosos, atuem como embaixadores da música brasileira, fomentando ainda mais as relações culturais entre os dois lados do Atlântico. Se Carmen Miranda levou a musicalidade e a identidade luso-brasileira a todo o mundo, mais recentemente Roberto Leal foi um verdadeiro embaixador da música portuguesa no Brasil, marcando de forma clara e objetiva o papel que a música teve, e tem, nessas relações entre o mundo de influência luso-tropical.

Hoje, são centenas os brasileiros que encontram na música (brasileira) o seu ganha-pão em território português. Em bares, restaurantes, festas e espetáculos, é possível ouvir o sotaque do português latino-americano acompanhado de percussão e guitarra, dos mais variados ritmos. A cultura brasileira é apresentada através da música e de muitos representantes que, muitas vezes, não fazem a mínima ideia do papel que exercem como embaixadores dessa relação que já tem mais de 500 anos.

E, se não bastasse esse claro papel da música na manutenção das relações entre os dois lados do Atlântico, podemos ainda lembrar dos

inúmeros ranchos folclóricos, da saudade tão portuguesa, dos versos e instrumentos que formaram uma base hoje tão forte nas relações culturais desses dois países.

A música, com sua linguagem universal, tem sido, por vezes, relegada a mero coadjuvante nesse processo cultural de múltiplas vias. No entanto, jamais poderá ser negada, quando se percebe, de rápido relance, que talvez seja umas das principais dimensões das relações luso-brasileiras, integrando, identificando, educando e reconhecendo o papel individual e coletivo na formação cultural de ambos os países.

Luiz Nilton Corrêa
Antropólogo e historiador luso-brasileiro
Professor do Programa de Máster em Antropologia de Ibero-América da Universidade de Salamanca — Espanha

"Além de nossa irmandade"

O encontro lusófono não é uma novidade, porém é um casamento em constante negociação. Da colonização até à ressignificação e o surgimento de costumes culturais, a atualização desse eterno encontro e desse encontro torna cada símbolo cultural uma descoberta constante.

O espelho dessa união é a cultura. É ela a mãe que une e fortalece esse laço que emociona além dos mares através de cada identidade. Pela música, pelo festejo, pelos santos, por todo um calendário cultural, que constrói, por meio da língua pátria portuguesa, a ponte sob o hiato continental.

Falar de são João também é festejar santo Antônio. Pular o Carnaval é reconhecer a alegria binária do encontro também com o continente africano. Crenças, arte, leis, moral e tantos outros hábitos de uma sociedade fazem desse encontro intercontinental um paraíso cada vez mais unido pela cultura plural entre os povos. Uma riqueza vasta atemporal, recheada de histórias, apresenta a cada capítulo um mergulho e reconhecimento ao DNA que representa além de nossa irmandade.

Úrsula Corona
Atriz luso-brasileira
Ativista e embaixadora da ONU — *World Food Programme*
Responsável pelo projeto Fome de Tudo

Tornando nosso mundo um pouco mais alegre

Desde há muito tempo que a música portuguesa, por seus mais variados intérpretes, tem influenciado, no melhor sentido da palavra, as relações entre Brasil e Portugal. Os emigrantes que nestas terras aportaram trouxeram consigo suas músicas, suas canções, suas danças, suas raízes, e nunca as esqueceram. Muito pelo contrário, uniram-se em associações para congraçamento de sua gente, para celebrar, cantar, dançar e, assim, aplacar um pouquinho a saudade que, teimosamente, insiste em habitar seus corações. Desse modo, comunidades portuguesas passaram a convidar os artistas nacionais a se apresentar no Brasil, onde estiveram muitas vezes alguns ícones da música portuguesa, como Carlos do Carmo — talvez o que mais vezes fez apresentações neste país — Ana Moura, Jorge Fernando (que cantou e tocou com Amália Rodrigues) e Fábia Rebordão, além de Camané, Marisa, Cuca Roseta e Carminho, para ficar nos mais conhecidos. Aqui se apresentaram sempre em grandes produções, nas mais renomadas casas e sempre com lotação máxima, fruto do reconhecimento de nossa comunidade.

Ciente da importância dessa ligação, também o Consulado Geral de Portugal em São Paulo, nas comemorações de nossas datas máximas, promoveu a vinda de alguns desses artistas para apresentações no Brasil. O fado é a melhor música a definir Portugal. É ele que mais representa o espírito português, naturalmente ao lado de sua história e de suas raízes culturais, cuja figura maior e que melhor o representou foi, sem dúvida, Amália Rodrigues.

Mas nem tudo se resume a artistas vindos do lado de lá do Atlântico. No Brasil, especialmente em São Paulo, tivemos e temos grandes fadistas que se apresentam em várias casas todas as semanas, sejam casas de shows, sejam grandes restaurantes ou, mesmo, nos eventos das nossas casas regionais durante suas festas tradicionais. Dessa maneira, levam nossa música não só aos emigrantes, mas também aos luso-brasileiros e brasileiros que aprenderam a gostar do fado e de seu folclore.

A música ultrapassa fronteiras e, nela, todos se unem a cantar a uma só voz, quando se canta o fado.

Em São Paulo, temos grandes artistas que a todos encantam com sua voz e com suas interpretações. Alguns já foram cantar com os anjos, mas deixaram um legado maravilhoso — Sebastião Manoel, Mário Rocha e, mais recentemente, Terezinha Alves. Perde o fado, perde nossa comunidade. Entretanto, outros artistas da velha guarda permanecem por aqui cantando e encantando a todos e, mais do que isso, dando exemplos que vêm sendo seguidos por artistas lusodescendentes e brasileiros que, ao se encantarem com nossa música, começam a trilhar o caminho do fado. Entre muitos, podemos citar Ciça Marinho, Glória de Lourdes, António Carlos e Maria Alice Ferreira. Dos muitos lusodescendentes e brasileiros que despontam para a nossa música, temos, entre outros, Thiago Martins, Elyana e Vinícius Rocha.

Naturalmente, não posso deixar de falar sobre Roberto Leal, nosso ícone maior nos últimos 15 ou 20 anos e que nos deixou em setembro de 2019. Tive o imenso prazer e a imensa honra de desfrutar de sua amizade até seus últimos dias. Creio ser ele o mais legítimo responsável, nas duas últimas décadas, pela grande divulgação da música portuguesa em vários países no mundo, pois, onde quer que fosse se apresentar, levava multidões a seus shows. No Brasil, especialmente em São Paulo, suas apresentações eram muito concorridas, sempre com ingressos esgotados com muita antecedência, numa prova de que a música portuguesa unia tanto portugueses quanto lusodescendentes e brasileiros.

Esses artistas merecem nosso mais profundo respeito, pois são eles que, com sua música, divulgam, aproximam e unem nosso país a muitos outros. Claro está que a música, seja qual for, é uma linguagem universal que aproxima os povos e contribui significativamente para a divulgação de culturas que, ao fim e ao cabo, basta fecharmos nossos olhos para viajarmos por lugares distantes, tornando nosso mundo um pouco mais alegre.

Manuel Magno
Presidente do Conselho da Comunidade Luso-brasileira
do Estado de São Paulo

Ígor Lopes: o jornalista que utiliza as palavras para unir portugueses e brasileiros

Usar palavras todos nós usamos, uns melhor que outros, mas utilizá-las para unir povos é o que mais me seduz. Seja pela literatura ou pelo jornalismo, é exatamente isso que Ígor Lopes faz diariamente como jornalista e escritor.

Conheci Ígor há alguns anos, quando o jornal *on-line* www.9idazoresnews.com nos uniu. Esse é um jornal que tem os Açores, onde resido, como base, mas que cria raízes pelo mundo todo, por meio de colaboradores como Ígor. Então, ele começou, primeiramente, a enviar conteúdos sobre o Brasil, para esse periódico, do qual somos os dois editores atualmente, mas, depois, o leque foi aumentando e também recebemos peças jornalísticas que nos falavam de Portugal, América ou mesmo Canadá.

Reconhecemos de imediato, eu e o meu colega e amigo Filipe Carneiro, seu profissionalismo e sua paixão pela profissão, assim como percebemos que Ígor era um membro fundamental para o projeto 9idazoresnews. Além disso, Ígor mostrou-se uma pessoa afável, atenciosa e disponível; um amigo que foi ficando cada vez mais presente em minha vida e que, inclusive, me enviou uma oferta, diretamente do Brasil, quando nasceu minha filha; sem me conhecer pessoalmente, sequer, e muito menos, a ela! Quem se dá a este trabalho, estando do outro lado do mundo, só pode ser dono e senhor de um coração muito nobre.

E foi não há muito tempo que conheci Ígor presencialmente, ao final de 2021, quando da apresentação de seu último livro, *Açores em cores*, em Ponta Delgada, primeiramente na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e, depois, na Livraria Letras Lavadas, no Largo da Matriz, a qual dirijo desde seu início. O encontro foi tão natural que senti que já conhecia o Ígor desde sempre, e sua personalidade ganhou, para mim, outra dimensão e outra consistência. Conheci o Ígor fisicamente, mas senti que era apenas isso que faltava.

Agora ele nos traz um novo livro, do qual me orgulho em participar, e este trata de algo que também para mim significa muito: a música. Ou não fosse eu filha e esposa de dois amantes das cantigas ao desafio e antigo membro da Tuna Acadêmica da Universidade dos Açores (Taua). Ouço música todos os dias, seja esta mais regional ou comercial, porque me sinto mais viva ao fazê-lo; mais viva e mais completa.

Por isso, sinto que este novo livro de Ígor só pode ser, novamente, um sucesso. Abordando "o papel da música na aproximação entre Brasil e Portugal e traçando um paralelo sobre a forma como a música promoveu e promove a imagem de Portugal no Brasil, certamente que vamos perceber como se reafirmam os laços de amizade entre os dois países", como me escreveu o autor.

As casas regionais portuguesas no Brasil nunca poderiam ser esquecidas por esse jornalista, pois "serviram de palco para muitos artistas portugueses iniciarem as suas carreiras internacionais e se apresentarem no Brasil. Não esquecendo, ainda, os grandes palcos que receberam os artistas portugueses", continua Ígor. Mas, além de conhecer o Ígor pessoalmente em 2021, tive a honra de conhecer também sua mãe, Ana Lopes, a qual demonstrou, naturalmente, um orgulho maior pelo percurso do filho e pelo investimento que fez nos estudos dele, para que conseguisse alcançar a excelência profissional tão desejada por ele e por toda a sua família. Estão de parabéns, toda a família e Ígor Lopes, porque — brilhantemente — ele alcança todos os dias tal objetivo.

Além de ser jornalista, escritor e *social media* entre Brasil e Portugal, Ígor é CEO da Agência Incomparáveis, doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, especialista em Gestão de Redes Sociais e Comunidades para Jornalistas pela Universidade de Guadalajara, especialista em Comunicação Midiática Contemporânea pela Universidade de Santiago de Compostela e graduado em Comunicação Social, na habilitação Jornalismo, pela FACHA.

Como se não bastasse, é ainda o responsável pelo conteúdo do *Gazeta Lusófona*, da Suíça, e da agência *e-Global*, de Lisboa. Correspondente do programa *Assim é Portugal*, do Brasil, Ígor é autor dos livros-reportagem *Maria Alcina*, a força infinita do fado (2016), *Casa do Distrito de Viseu:* 50 anos de dedicação à cultura portuguesa no Rio

de Janeiro (2016), *Rancho Folclórico Maria da Fonte da Casa do Minho do Rio de Janeiro* — a jornada do grupo português que valoriza a cultura minhota no Brasil desde 1954 (2019) e *Açores em cores* — belezas, contornos e potencialidades (2020).

Sendo reconhecido por diversas entidades brasileiras, como a Sociedade Brasileira de Heráldica e Humanística e o Governo da República do Brasil, Ígor demonstra que trabalha para o bem da informação com qualidade e disponível a todos. Só assim faz sentido ser jornalista e/ou escritor. Não existe jornalista sem humanismo nem escritor sem vivências profundas e interessantes para contar. Prova disso são as condecorações já recebidas por Ígor no Brasil e em Portugal, com medalhas, diplomas e comendas por diversas instituições.

Prestem atenção nesse nome, e não se esqueçam de que a distância entre o Brasil e Portugal não é mesmo assim tão grande — pelo menos pela caneta do Ígor Lopes! Um abraço dos Açores a todos os que irão ler mais este poderoso livro!

Patrícia Carreiro
Editora do 9idazoresnews.com

Neste sexto livro autoral, procurei mostrar como Brasil e Portugal estão conectados também pela musicalidade, pelo trabalho dos músicos e artistas que viajam entre os dois países promovendo sua arte e suas raízes, levando o nome dessas duas grandes nações aos ouvidos do mundo.

Não poderia deixar de dedicar a obra aos brasileiros, portugueses, lusodescendentes e luso-brasileiros.

Agradeço a Deus, ao universo, por esta oportunidade. Agradeço ainda à Funarte pela confiança em meu trabalho e por apoiar a execução deste projeto em todos os momentos. É importante também frisar a ajuda recebida de amigos importantes que, caso a caso, auxiliaram na concretização deste projeto, como José Luis Figueiredo, pela decupagem do material e por ser o mais novo luso-brasileiro na área; os escritores Adélio Amaro e João Morgado, pelo auxílio nas pesquisas e por serem companheiros de jornada; Mariana Ribeiro, ilustradora e *designer* de mão cheia; Maria Alcina, a fadista portuguesa mais brasileira que eu conheço e com muitas histórias por contar; e a equipe da Agência Incomparáveis, além de todos os entrevistados — pela disponibilidade e pela abnegação.

Faço também, em sinal de respeito e profundo agradecimento, uma homenagem póstuma ao amigo Agostinho dos Santos, falecido em janeiro de 2022, quando exercia a presidência da Casa do Minho do Rio de Janeiro e da Obra Portuguesa de Assistência. Foi um membro e gestor ativo da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro e que celebrava a união Brasil-Portugal por meio do folclore minhoto.

De igual forma, nada disto seria possível sem o apoio de minha família, em especial da minha mãe, doutora Ana Lopes, e de minha avó, Maria de Lourdes Pereira, que aguardam para conhecer mais este novo trabalho.

Bibliografia

Albin, Ricardo Cravo. *MPB mulher*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2006.

Almeida, Renato. *História da música brasileira*. 2. ed. corrigida e aumentada. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1942 [1926].

Alves, L. A. M. O brasileiro: ausência e presença no Portugal oitocentista. *In*: *Os brasileiros de tornaviagem no noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP, 2000.

Baltar, Anderson; Dattoli, Vicente; Leal, Eugênio; Fabato, Fábio (org). Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015.

Barbosa, Jane; Bruno, Leonardo. Zeca: deixa o samba me levar. Rio de Janeiro: Sonora, 2014.

Barth, Fredrik; Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference, 1. ed. Oslo: Scandinavian University Press, 1969.

Basaglia, Franco. Saúde/doença. *In*: Amarante, Paulo; Cruz, Leandro Brasil da. *Saúde mental, formação e crítica*. Rio de Janeiro: Laps, 2008.

Bauman, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Bauman, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Binder, Fernando Pereira. *Bandas militares no Brasil:* difusão e organização entre 1808 e 1889. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2006.

Castagna, Paulo. Musicologia portuguesa e brasileira: a inevitável integração. *Revista da Sociedade Brasileira de Musicologia*. São Paulo, n. 1, p. 64-79, 1995.

Cidra, Rui; Tilly, António; Moreira, Pedro. Música do Brasil em Portugal. *In*: Castelo-Branco, S. (org.). *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, v. 1., 2010. p. 173-181.

Coletânea; 7 olhares sobre Viseu. Viseu: Confraria de Saberes e Sabores da Beira Grão Vasco, 2018.

Correia, Mário. *Música popular portuguesa:* um ponto de partida. Coimbra: Centelha-MC/Mundo da Canção, 1984.

Cortesão, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

Costa, Jorge Paixão da. *Telenovela, um modo de produção:* o caso português. Lisboa:Lusófonas, 2003.

Cunha, Eneida Leal. O Brasil no imaginário português. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 143-156, 2002.

Cunha, I. F. *A revolução de Gabriela: o ano de 1977 em Portugal*, 2003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644609. Acesso em: 15 jun. 2022.

Cunha, I. F.; Santos, C. A. (coord.). *Media, imigração e minorias étnicas*. Lisboa: Observatório da Imigração, 2004.

Drummond, Carlos Eduardo; Nolasco, Márcio. *Caetano — uma biografia:* a vida de Caetano Veloso, o mais doce bárbaro dos trópicos. São Paulo: Seoman, 2017.

Facina, Adriana. *O que é cultura?* Disponível em: http://culturanauff.blogspot.com/2009/05/o-que-e-cultura.html. Acesso em: 19 fev. 2022.

Ferin, Isabel; Santos, Clara Almeida. Media, Imigração e Minorias Étnicas. II. Lisboa: Observatório da Imigração, 2006.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Guimarães, Wylma. *A voz da mulher*. Rio de Janeiro: Kelps, 2019.

Igrejas, Manuel Félix. *Rancho Folclórico Maria da Fonte da Casa do Minho*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1974.

Le Goff, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

Lopes, Ígor. *Maria Alcina:* A força infinita do fado. Rio de Janeiro: Gráfica Nova Brasileira, 2015.

Lopes, Ígor. *Açores em cores:* belezas, contornos e potencialidades. Rio de Janeiro: Present Celebration, 2020.

Lopes, Ígor. *Casa do Distrito de Viseu* — cinquenta anos de dedicação à cultura portuguesa no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Gráfica Nova Brasileira, 2016.

Lopes, Ígor. *Rancho Folclórico Maria da Fonte da Casa do Minho do Rio de Janeiro:* a jornada do grupo português que valoriza a cultura minhota no Brasil desde 1954. Rio de Janeiro: COP, 2019.

Lopes-Graça, Fernando. *A música portuguesa e os seus problemas.* Lisboa: Edições Cosmos, 1973.

Malheiros, Jorge Macaísta (org.). *Imigração brasileira em Portugal.* Lisboa: Acidi, 2007.

Moita, Luís. *Rituais de apaziguamento, escritos sobre relações internacionais.* Lisboa: Ediual, 2008.

Morgado, João. *Índias.* Lisboa: Clube do Autor, 2016.

Nery, Rui Vieira. *Para uma história do fado.* Edição revista e ampliada. Lisboa: Público/Corda Seca/Edições de Arte, 2012 [2004].

Nettl; Bruno. *Heartland Excursions: Ethnomusicological Reflections on Schools of Music.* Chicago: University of Illinois Press, 1995.

Nico, Magda; Gomes, Natália; Rosado, Rita; Duarte, Sara. *Licença para criar:* imigrantes nas artes em Portugal. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.

Nunes, Elisabete. *Laços que nos unem.* Viseu: Acrep, 2017.

Peixoto, Rocha. *Etnografia portuguesa.* Lisboa: Dom Quixote, 1990.

Pereira, Vera. *Música e poder simbólico*: a Banda da Armada como paradigma nacional. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha, 2010.

Portugal, Dyandreia. *Sem fronteiras pelo mundo.* Rio de Janeiro: Sem Fronteiras, 2020. v. 5.

Ribeiro, M. C.; Ferreira, A. P. (org.). *Fantasmas e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo.* Porto: Campo das Letras, 2003.

Rodrigues Júnior, Luiz Rufino. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas.* 2017. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), Rio de Janeiro, 2017.

Sandroni; Carlos. *Feitiço decente.* Transformações do Samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Santos, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban. *In*: Ramalho, M. I.; Ribeiro, A. S. (org.). *Entre ser e estar*: raízes, percursos e discursos da identidade. Porto: Afrontamento, 2001. p. 97-156.

Santos, Milton. *A natureza do espaço* — técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

Santos, Milton. *A natureza do espaço* — técnica e tempo. Razão e emoção, 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

Santos, Milton. Da cultura à indústria cultural. *In*: *O país distorcido*. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 65-68.

Santos, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Santos, Milton. *Território e sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

Sardo, Susana; Almeida, Pedro; Godinho, Sérgio. *Portugal e Brasil:* partilha e despatrialização da música.

Sardo, Susana. *Guerras de Jasmim e Mogarim. Música, identidade e emoções em Goa*. Alfragide: Texto Editora, 2011.

Seeger, Anthony. Etnomusicologia/antropologia da Música — disciplinas distintas? *In*: Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo. *Música em debate:* perspectivas interdisciplinares. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 19-24.

Serra, M. V.; Rabaça, Carlos Alberto (org.). *De pai para filho:* imigrantes portugueses no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2010.

Souza, Carlos Eduardo de Azevedo. *Dimensões da vida musical no Rio de Janeiro*: de José Maurício a Gottschalk e além (1808-1889). 2003. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói. 2003.

Tinhorão, José Ramos. *Fado — dança do Brasil, cantar de Lisboa*: o fim de um mito. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

Vitório, Beatriz da S. *Imigração brasileira em Portugal*: a identidade cultural nas margens do dizer. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005.

Xavier, Leonor. *Portugueses do Brasil & brasileiros de Portugal*. São Paulo: Oficina do Livro, 2016.

Páginas consultadas na internet

http://manueltaveira.blogspot.com/

https://celulapop.com.br/chico-buarque-e-a-revolucao-dos-cravos/

https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Jos%C3%A9_(cantor)

https://www.ctac.gov.br//centrohistorico/teatroXperiodo.asp?cod=134&cdP=5&tipo=Identificacao

https://www.mundolusiada.com.br/cultura/com-influencia-do-fado-chorinho-brasileiro-agrada-portugueses-e-e-recebido-com-entusiasmo/

https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_de_Portugal
https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$jam-session?uri=lingua-portuguesa/jam%20session. Acesso em: 13 jun. 2022.
https://www.mundolusiada.com.br/colunas/fado-no-brasil/fadista-terezinha--alves-1938-2022/
https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_25_de_Abril_de_1974. Acesso em: 13 jun. 2022.
https://saipos.com/couvert-artistico. Acesso em: 13 jun. 2022.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_Jo%C3%A3o_Nogueira
https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacrinha. Acesso em: 13 jun. 2022.
https://arquivo.romanceiro.pt/collections/show/39. Acesso em: 14 jun. 2022.
https://amilat.online/. Acesso em: 14 jun. 2022.
http://culturanauff.blogspot.com/2009/05/o-que-e-cultura.html

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte –
e impresso na Triunfal Gráfica e Editora,
no segundo semestre de 2022.

O livro *Luso-brasilidade musical — a influência da música na ligação entre Brasil e Portugal* surge como forma de se perceber como estas duas nações utilizam o meio musical, a potência da musicalidade, para se conectar e promover a união de suas comunidades, tanto os portugueses que vivem no Brasil quanto os brasileiros que vivem em Portugal.

Em 2022, o Brasil comemora 200 anos de Independência. No entanto, este ponto na história não anula a aproximação bastante forte de Portugal com o país da América do Sul. Estes e outros pontos poderão ser encontrados nas páginas desta obra, escrita no formato livro-reportagem, com entrevistas a nomes de vulto da comunidade portuguesa no Brasil e da comunidade brasileira em Portugal. Além disso, são oferecidas conversas e pesquisas com profissionais do ramo da música, da cultura em geral e do entretenimento de ambos os países.

Não se trata de uma avaliação acadêmica, mas, sim, de um trabalho elaborado com o desejo profundo de que Brasil e Portugal se mantenham diplomáticos e sintonizados nessa busca constante pela valorização dos luso-brasileiros, dos brasileiros, dos portugueses, dos lusodescendentes e da luso-brasilidade, uma cultura própria que nasceu há mais de 500 anos.

ISBN 978-65-5845-011-5

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte